

Novos Etnógrafos:

Experiências Iniciais em Pesquisa por estudantes da Universidade Federal do Pampa - Unipampa



Orgs:

Daniel Angel B. Etcheverry Cássio Eduardo Tondolo Gislaine Martins Moreira

Orgs: Daniel Angel Burgueno Etcheverry Cássio Eduardo Tondolo Gislaine Martins Moreira

Novos Etnógrafos:

Experiência Iniciais em Pesquisa por estudantes da Universidade Federal do Pampa – Unipampa

1a. Edição

São Borja Editora Faith 2013 **Título:** Novos Etnógrafos: Experiência Iniciais em Pesquisa por estudantes da Universidade Federal do Pampa – Unipampa.

Organizadores: Daniel Angel B. Etcheverry, Cássio Eduardo Tondolo,

Gislaine Martins Moreira

Foto: Juan Muzzi, artista plástico uruguaio

Diagramação: Editora Faith

1a. Edição, ©2013, todos os direitos reservados aos autores dos artigos e organizadores.

ISBN: 978-85-98131-48-1

Disponível para Download gratuito em: http://www.editorafaith.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N935 Novos etnógrafos: experiência iniciais em pesquisa por estudantes da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA / Daniel Angel Burgueno Etcheverry, Cássio Eduardo Tondolo, Gislaine Martins Moreira; (orgs.).- São Borja, RS: Faith, 2013. 241p.

Nota: Vários autores ISBN:978859813148-1

- 1. Etnografia 2. Pesquisa 3. Antropologia
- 4. Etcheverry, Daniel Angel Burgueno
- 5. Tondolo, Cásssio Eduardo
- 6.Moreira, Gislaine Martins
- I. Título

CDU:39/394

Ficha catalográfica elaborada por Dayse Pestana - CRB10/1100

Sumário

Apresentação 6
Pesquisar para Conhecer - Conhecer para Compreender 12
Pesquisa em Serviço Social: por um Olhar Crítico da Realidade 16
1 - Trabalho Voluntário na Pastoral da Criança 20
2 - Casamento Árabe: Palco de Tradições Perpassadas no Município de
São Borja
3 - Saúde Pública
4 - Gravidez na Adolescência no Município de São Borja 48
5 - O Processo de Integração à Sociedade São-Borjense das Famílias do Assentamento São Marcos desde Seu Retorno à Terra
6 - Evasão Escolar no Município de São Borja
7 - A União Estável Homossexual Direcionada aos Relacionamentos em
São Borja
8 - O Grande Número de Homens no Serviço Social: um Fenômeno
Particular da Unipampa/ Campus São Borja1
9 - A Inclusão do Deficiente na Instituição Apae 112
10 - A Presença Muçulmana em São Borja1 118
11 - Alcoólicos Anônimos de São Luiz Gonzaga: Uma Perspectiva Antropológica sobre o Assujeitamento1
12 - Museu de Estância e Grupo Amador de Artes os Angueras 141
13 - Centro Espirita Dr. Ferreira de Morais e o Grupo de Apoio Familiar "Amor e Vida"
14 - A História da Procissão de São Joãozinho Batista, Sua Influência na Comunidade Onde se Realiza e os Motivos de sua Visível Decadên-
cia
15 - Qual a Dificuldade do Índio no Mercado de Trabalho em São Borja?
16 - Enart 2011: Minha Incursão no Tradicionalismo Gaúcho 180
17 - Enart 2012: Acampando com o Tradicionalismo

18 - Maria do Carmo: Crença e Devoção na Fro	nteira Oeste
Riograndense	
19 - Asilo São-Borjense: uma Análise Funcionalista	
20 - Música: uma Construção Social	223
21 - Adolescentes que cumprem medidas sócio educativas	do município
de São Borja	231
Corpo Editorial	241

Apresentação

Daniel Etcheverry¹

Quando ingressei como docente ao curso de Ciências Sociais – Ciência Política da Unipampa, fiquei responsável pelas disciplinas de Antropologia I e Antropologia II; porém, como o regime de distribuição dos professores nesta universidade multicampi é por campus e não por curso, logo recebi o convite para ministrar a disciplina de Antropologioa Social no curso de Serviço Social também.

Logo percebi quais seriam os desafios: desconstruir as ideias de que a "antropologia estuda índio" e de que a cultura era aquele conjunto de itens que encontramos nos panfletos de agências de turismo e que os tradicionalistas nos apresentam com tal. Sabia que compartilhava esse desafio com a maioria dos professores de antropologia, independentemente da universidade e do contexto em que estejam inseridos. No entanto, o desafio que particularizava a situação com a qual me deparava estava dado pelos currículos dos cursos. O curso de Ciências Sociais - Ciência política reserva dois semestres para o estudo da Antropologia e o de Serviço Social um semestre. Isso significava que teria pouco tempo e poucas oportunidades de transformar a antropologia, de um requisito curricular um tanto liminar, numa "disciplina", ou seja, numa forma de olhar a sociedade que meus alunos pudessem articular a outras percepções e em igualdade de patamares.

Logo percebi também que muitos alunos e professores se referiam a mim como "o antropólogo"; suspeito que isso se devia não somente ao fato de eu ser o único antropólogo do campus e um dos únicos dois de toda a Unipampa, senão também à forma um tanto aguerrida com que encarei a tarefa de criar um espaço para a antropologia.

Mas, o que é que tudo isso tem a ver com as pesquisas realizadas pelos alunos das disciplinas que ministrei, e que são o motivo desta pu-

Doutor em Antropologia Social e professor adjunto da UNIPAMPA São Borja, nos cursos de Ciências Sociais – Ciência Política e Serviço Social.

blicação? Como iria abordar minhas aulas?; Como seriam meus planos de ensino? De nada servirá, pensei, falar e fazer meus alunos lerem sobre a cultura, estudar teorias antropológicas, relativismos, estruturalismos e tudo mais se eles não percebessem como isso pode ajudá-los entender a sociedade de que fazemos parte. Parecia-me necessário que meus alunos saíssem de cada aula se sentindo envolvidos, comprometidos, não com uma disciplina chamada antropologia, senão com o desafio de olhar para o cotidiano, o pequeno, o entorno próximo, e ressignificá-lo. Considero a antropologia como uma possibilidade de entender as sociedades ou, mais do que isso, uma forma privilegiada de olhar e de nos olharmos dentro de um contexto. Se, num passado nem tão remoto, o objeto de estudo da antropologia estava geográfica e/ou temporalmente distante, há algumas décadas já que a antropologia privilegia o estudo das sociedades que inicialmente foram seu berço. Por sermos herdeiros das tradições antropológicas francesa, britânica e americana e das transformações que elas sofreram ao longo do século XX e, principalmente, perante a necessidade de entender as desigualdades e injustiças que marcam os nossos povos, uma boa parte dos antropólogos latino-americanos cada vez mais temos desenvolvido olhares minuciosos e críticos sobre as nossas próprias sociedades e estados; fomos nos afastando da lógica simbólica interna impermeável das culturas, para abordarmos esses universos simbólicos como estruturas estruturantes das e estruturadas pelas relações de poder que envolvem atores sociais com diversas amplitudes de ação e influência.

Entre as antropologias possíveis e atualmente disponíveis, essa é na qual acredito e a que me parece mais adequada aos cursos de Ciências Sociais - Ciência Política e Serviço Social, numa instituição que faz parte de um programa de extensão universitária às regiões menos favorecidos do Brasil. A questão que se colocava era, então, como semear, nos meus alunos, esse entendimento de que o cotidiano, a cultura vivida no dia a dia, é também algo político; que nos pequenos grupos, nas igrejas e nos terreiros, nas associações de bairro e de trabalhadores, nas clínicas de recuperação de usuários de drogas e nos centros de Alcoólicos Anônimos, nos postos de saúde e clínicas de repouso, nos centros tradiciona-

listas, nos quartéis do exército e em todo lugar onde duas ou mais pessoas estiverem reunidas em torno de algo que as excede enquanto indivíduos há relações de poder que produzem, incorporam e refletem significados. Se a cultura é essa teia de significados de que Geertz e Weber nos falam, ela leva implícita também a capacidade de recriação: significados são criados e reproduzidos constantemente, na medida em que, enquanto sujeitos individuais e enquanto coletivos, estamos inseridos em campos de tensões dos quais somos agentes e multiplicadores e que nos levam diariamente a interagir e a nos defrontarmos com o outro; uma alteridade plena de representações, diversas ou não, e de perigosos vazios intersticiais.

Estava claro para mim que para entender os assuntos que são normalmente tratados em ambos os cursos era necessário entender os contextos que lhes serviam de palco. Não há como entender a distribuição geográfica do voto, a participação nos sindicatos, a incidência das legislações ou o desenvolvimento de um partido político sem reconhecer que cada coletivo tem e produz lógicas internas particulares sem deixar de referir-se a, ou às vezes sendo atropelado por, forças econômicas e políticas frequentemente com intenções esmagadoras. Mas é na apropriação que cada coletivo faz desse encontro que podemos percewber sua capacidade de autodefinição, sua "agência" e assim saber como abordálos. Será dificilmente produtivo qualquer esforço por elaborar ou avaliar políticas públicas ou de intervenção; será ineficaz qualquer tentativa de pôr em prática programas de aprimoramento dos seviços de saúde ou educação, será inútil tentar legislar sobre práticas sociais - sejam elas vinculadas a rituais religiosos, ao uso de substâncias psicoativas, a formas de lidar com o lixo ou ao que for- se não reconhecermos nas pessoas aos quais todos esses esforços estão destinados agentes que produzem e reproduzem os universos simbólicos dos quais participam, sempre dentro de contextos de significado mais amplos.

Portanto, a antropologia que pretendia passar para meus alunos estava longe de parar na observação da forma das aldeias dos índios ou dos itens dos folclores locais. E isso significava tensionar constantemente os saberes sobre a antropologia, muitos deles resultado dos processos

históricos e de transformação da própria disciplina. Semear essa ideia do que é a antropologia latinoamericana atual implicava também ajudar meus alunos se perceberem envolvidos não somente na disciplina curricular, senão também na produção de algum tipo de conhecimento sobre a sociedade onde vivem. Só assim faria sentido para eles dedicar um turno por semana a uma disciplina que mal conheciam de que se trata. As alteridades produzidas nos processos de conhecimento nunca são totais nem excluem o pesquisador do universo de atuação do "outro"; reconhecer os distanciamentos, dar nome e forma às alteridades sem, com isso, torná-las impermeáveis aos contextos mais e menos amplos em que estão inseridas era parte do processo. Enfatizar tudo isso era necessário para ajudar meus alunos se sentirem implicados na construção do conhecimento.

A questão que permancia então era como, onde começar; e foi ai que o antropólogo brasileiro Roberto Cardoso de Oliveira entrou em cena. O primeiro texto a ser trabalhado, na segunda aula, seria "O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever". Alem de descrever o que o antropólogo faz, o autor nos leva a refletir sobre as formas de observar, escutar e escrever particulares de antropologia. "Etnografia", "trabalho de campo", "diários de campo" e 'observação participante" são conceitos que desde aquele dia e aos poucos foram se tornando parte do vocabulário manejado em cada aula.

Junto com isso, levei à sala de aula as publicações das programações de alguns congressos de antropologia, para que, depois de alguma discussão sobre as possibilidades temáticas, pudessem eles ver a diversidade de temas de estudo possíveis. Sugeri, então, que, juntando-se em grupos de três pessoas, elencassem alguns dos temas que gostariam de pesquisar. Decidimos que em três semanas aproximadamente cada grupo teria definido um tema e um universo de pesquisa, para logo depois fazerem o primeiro contato com as pessoas que seriam seus interlocutores; alguns coletivos ou grupos gostam que pesquisadores se aproximem deles e outros colocam algumas restrições ou rejeitam a proposta, e isso devia ser levado em conta.

As propostas de pesquisa que foram elencadas e levadas adiante

variavam muito dentro das possibilidades do contexto são-borjense; entre elas, os terreiros de umbanda e quimbanda da cidade, os centros espíritas, as fazendas terapêuticas para usuários de drogas injetáveis, os assentamentos do MST, o posto de saúde, algumas ONGs da cidade, um grupo de apoio a gays e lésbicas, o túmulo de Maria do Carmo² e as pessoas que o frequentam, um festival tradicionalista, as escolas públicas de segundo grau e a evasão escolar, a associação de moradores do bairro Passo, entre várias outras.

O leitor encontrará, então, nesta obra, alguns dos artigos que resultaram das pesquisas realizadas por alunos iniciantes dos cursos de Ciências Sociais - Ciência Política e Serviço Social da Unipampa, ao longo do segundo semestre de 2011 uns e do primeiro semestre de 2012 outros. Esses audaciosos, corajosos, etnógrafos contaram com meu apoio na medida em que foi possível atender às necessidades de um número significativo de pequenos grupos de pesquisa. Alguns dos alunos que participaram da disciplina de Antropologia I e posteriormente da disciplina de antropologia II apresentaram os artigos de ambas as disciplinas. Entretanto, não todos os alunos e grupos quiseram fazer parte desta publicação.

A decisão de publicar estes artigos tem a ver com uma valorização da pesquisa na graduação. Mais do que um requisito da disciplina, a pesquisa realizada por alunos de graduação é pensada como uma forma de produção de conhecimento tendo os estudantes como protagonistas. Esse engajamento pode também ser importante tanto na luta contra a evasão de alunos dos cursos quanto para a consolidação dos próprios cursos, tendo como base as noções de universidade como lugar de produção de conhecimento e de interação com a sociedade. Porém, sobretudo, a publicação dos artigos é uma forma de permitir a concretude e visibilidade desse engajamento.

² Reza a lenda que Maria do Carmo foi uma moça moradora da região de São Borja, de grande beleza e que vivia da prostituição. No lugar onde fora assassinada por um de seus amantes foi construído um túmulo onde pessoas de várias regiões do Rio Grande do Sul e da Argentina vão pedir todo tipo de favores. Não reconhecida pela Igreja, Maria do Carmo tornou-se uma santa popular.

Os textos foram publicados como me foram enviados; não foram feitas modificações nem na escrita nem nos conteúdos. Foram sim feitas algumas modificações na formatação, a fim de manter um padrão estético. A ordem em que eles aparecem neste livro não responde a nenhum critério em particular. Antes de entrar de cheio na leitura das monografias, os co-organizadores desta coletânea, Gisliane Moreira, acadêmica do curso de Ciências Sociais - Ciência Política e Cassio Tôndolo, do curso de Serviço Social, discorrem sobre seus respetivos cursos e sobre suas experiências como "Novos Etnógrafos".

Deixo então vocês leitores com os autores desta obra. Boa leitura!

Pesquisar para Conhecer Conhecer para Compreender

Gislaine Martins Moreira1

Ainda me lembro de que nos anos 80 quando ingressei na Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, frequentar uma universidade, principalmente federal, era privilégio de uns poucos. Filhos de famílias humildes como a minha eram forçados a adiar esse sonho por muitos anos para trabalharem a fim de juntarem parcos recursos para se mudarem para um campus mais próximo, ou pagarem altíssimas mensalidades em cursos de licenciaturas por aqui mesmo, ou seus pais (como os meus) se sacrificavam ao máximo para custear nossa permanência em uma cidade universitária.

Algumas décadas depois, esse cenário começa a mudar. Em 2005, a Universidade Regional da Campanha (URCAMP) mergulha numa profunda crise financeira, o que levou a manifestações coletivas pela sua federalização. Essa era uma oportunidade para promover o ensino superior gratuito para todos.

Contudo, o processo foi tumultuado e o resultado foi a criação da Universidade Federal do Pampa – a nossa UNIPAMPA. Em novembro de 2005, nasce o Consórcio Universitário da Metade Sul visando a implantação de uma nova universidade, reivindicação antiga da comunidade da região que foi, finalmente apoiada pelo governo federal através da política de expansão e renovação das instituições federais de educação superior. No início, o projeto teve o suporte da UFSM e da UFPel (Universidade Federal de Pelotas) com a assinatura de um Acordo de Cooperação Técnica dessas instituições com o Ministério da Educação. Os campis de São Borja, Itaqui, Alegrete, Uruguaiana e São Gabriel foram apadrinhadas UFSM. Aqui em São Borja as atividades se iniciaram com os cursos de jornalismo, publicidade e propaganda e serviço social.

¹ Alunas da disciplina de Antropologia II, do quarto semestre do curso de Ciências Sociais: Ciência Política.

Dessa maneira, surge nossa universidade pública gratuita com o grande compromisso de alavancar o crescimento econômico e cultural de uma região com graves problemas de desenvolvimento sócio-econômico. A vinda da Universidade seria uma contribuição inestimável para o progresso e integração da fronteira brasileira, com a Argentina e o Uruguai, proporcionando enorme salto na qualidade de vida de seus habitantes.

Em janeiro de 2008, a partir da Lei 11.640, a UNIPAMPA passa a existir formal e autonomamente, independente das instituições que auxiliaram na sua implantação. Novos cursos foram oferecidos entre eles o de Ciências Sociais – Ciência Política que logo chamou a atenção de todas as regiões do país pela sua dinâmica e qualidade.

Levando em consideração a realidade local e regional envolvida pelo grande distanciamento entre ricos e pobres, pela dependência econômica, injustiças sociais favorecendo a exclusão de um número cada vez maior de indivíduos, além da manipulação dos meios de comunicação que promovem a alienação e a pobreza cultural e política da sociedade, este curso encontrou terreno fértil para realizar seu trabalho de conscientização e inclusão da comunidade e da região no cenário nacional. Os profissionais desta área, apesar da falta de estrutura adequada para sua atuação, encontram um campo de trabalho repleto de desafios em instituições públicas e privadas, nos quais o exercício ético e eficiente da Ciência Política pode contribuir para melhor análise e compreensão da sociedade e dos indivíduos na construção da cidadania.

Segundo a professora doutora, Ângela Quintanilha Gomes, atual coordenadora do Curso de Ciências Sociais – Ciência Política, a opção por esse curso na cidade de São Borja vem ao encontro de buscar uma maior compreensão sobre a história local e o quanto esta temática se encontra ligada à própria construção da identidade do município, ou seja, em como a cidade é pensada e apresentada para as demais. Prosseguindo, salienta que a possibilidade de ter um profissional formado nessa área aqui traz a chance de desenvolver estudos e análises locais e da região; e, sobretudo, ter pessoas aptas ao trabalho de assessoria tanto às instituições, como governo, poderes e partidos, como a movimentos e grupos que necessitam de tal trabalho.

De acordo com a professora, cabe ressaltar que a opção pela Ciência Política não se dá excluindo as demais áreas, porque tem que se ter uma boa base para depois poder trabalhar na Ciência Política. Por isso, o nome do curso e sua proposta diferenciada (grifo meu).

Sendo a Universidade um centro por excelência de construção do conhecimento, a implantação da UNIPAMPA abre caminho para o desenvolvimento de talentos criadores, capazes de transformar a realidade negativa desta região estagnada pela pobreza material e cultural, vinculada ao clientelismo e privilégio de poucos em detrimento da carência da grande maioria. Mas, qual o lugar da pesquisa nesse contexto? A pesquisa começa a exercer seu papel descortinando novas perspectivas, possibilidades de se vislumbrar um futuro mais promissor.

Pesquisar significa investigar de forma metódica com objetivo de compreender melhor a sociedade e os sujeitos. Sob esse ponto de vista, pesquisar faz parte da necessidade humana de entender a sua realidade e o mundo ao seu redor para viver melhor.

Toda a produção de conhecimento se inicia pela pesquisa. É através dela que se aprende a pensar, questionar, a ser construtor do conhecimento e não apenas em observador passivo do mundo e suas transformações. Assim, pesquisar trata-se de um fundamento essencial para a compreensão dos fatos, da realidade e das ações humanas.

No entanto, não basta apenas observar, mas procurar entender as ações dos indivíduos dentro de suas perspectivas culturais, tornando-as familiar justamente para não incorrermos no erro de juízos equivocados e distorções da realidade em questão. Nesse ponto, é que a etnografia se investe de grande importância.

É função dos estudos etnográficos tornar familiar tudo o que nos é estranho e, ao mesmo tempo, estranhar um fato que nos é familiar de forma que o possamos descrever e problematizar de modo o mais isento possível de qualquer juízo de valor.

Esse comportamento, contribui para explicar de forma convincente os acontecimentos e as situações sob a perspectiva do outro. Tratase da alteridade, a capacidade de colocar-se no lugar do outro numa relação interpessoal baseada na consideração, valorização e diálogo.

Assim, quem pratica a alteridade é um pesquisador de campo que

se integra à comunidade analisada em seus mínimos detalhes com a finalidade de entender o grupo na totalidade das relações sociais e dos elementos que fazem parte dele. Nesse sentido, o trabalho de Malinowski (1884-1942) foi a inspiração de muitos outros trabalhos de pesquisa que têm como método a observação participante, sendo essa uma das poucas formas de conhecer profundamente um contexto social particular e a forma de inserções dos sujeitos nele.

Porém, a pesquisa não se esgota em si mesma. Ela não somente leva os estudantes para os contextos sociais investigados como traz a Universidade para dentro desses contextos e esses contextos para dentro da Universidade, passando de alguma maneira a formar uma comunidade universitária extensa. Isto quer dizer formar vínculos entre Universidade e os contextos sociais. É, portanto, uma via de mão dupla.

No que tange a minha experiência pessoal como acadêmica, esta foi a visão construída nos dois semestres de antropologia, nos encontros com o professor Daniel Etcheverry, no curso de Ciências Sociais - Ciência Política, da UNIPAMPA. É importante salientar que antes dos conhecimentos estabelecidos e compartilhados com o professor e os colegas, minha compreensão da nossa sociedade e sua realidade era bastante limitada e tendenciosa. Foi através da prática da alteridade e do despojamento quase total (não existe neutralidade completa) dos preconceitos que pude compreender determinados comportamentos, aceitar pontos de vistas diferentes dos meus e, com isso, abrir-me para um leque de opções culturais antes desconhecidos.

O estudo da antropologia, embora superficial e rápido, foi fundamental para meu crescimento pessoal e, certamente, será de grande valia no exercício da profissão de cientista política. Os conhecimentos adquiridos acrescentaram uma nova maneira, mais ampla e clara, de vislumbrar a sociedade e compreendê-la.

Daí nasceram muitas ideias, muitas pesquisas que transformamos em artigos que, hoje, apresentamos aos leitores. Esperamos contribuir com nossos trabalhos para despertar sua curiosidade e aguçar o espírito investigativo que vive em cada um de nós.

Pesquisa em Serviço Social: por um Olhar Crítico da Realidade

Cássio Tôndolo¹

Há de considerar-se que em face das condições sócio-históricas da metade sul do estado do Rio Grande do Sul, se justifica a presença interventiva de uma Universidade Federal. Com vista a esta afirmação, que se retroalimenta frente às desigualdades sociais expressas nas cidades da fronteira oeste, sendo uma delas a cidade de São Borja interior do Estado, a protagonista de nossos estudos, no ano de 2006 junto à criação da *Universidade Federal do Pampa* é instituído o Curso de *Serviço Social*, o primeiro ofertado por uma instituição de ensino superior pública no estado.

O Serviço Social historicamente constitui-se como uma profissão de grande relevância diante das diversas problemáticas que permeiam a sociedade, como a desigualdade, a pobreza, a fome, a miséria, a violência estrutural, o desemprego, etc. Essas problemáticas são denominadas como expressões da Questão Social, e esta, que também se materializa por meio de diversas formas de resistência, expressas através dos movimentos sociais e grupos minoritários.

A questão social é o objeto de intervenção do Assistente Social, "Os assistentes sociais trabalham com a questão social nas suas mais variadas expressões quotidianas, tais como os indivíduos as experimentam no trabalho, na família, na área habitacional, na saúde, na assistência social pública etc." (IAMAMOTO, 2012, P.28)

A profissão na atualidade se configura como uma profissão de caráter interventiva, inserida na divisão social e técnica do trabalho e assegurada pela *Lei nº* 8.662/93 de 07 de junho de 1993, que regula a atividade profissional do *Assistente Social*. O profissional busca atuar e intervir frente a estas expressões, para isso compactua e busca em sua formação

¹ Acadêmico do II semestre do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Pampa campus São Borja.

profissional o aporte de diversas áreas e saberes do conhecimento, como filosofia, sociologia, psicologia, economia, ciência política, antropologia etc.

Condescendendo com os valores da profissão, e em consonância com o projeto ético-político do Serviço Social o qual se dirige à ampliação da cidadania, autonomia e a emancipação dos indivíduos sociais, tendo a liberdade como valor ético central, o curso de Serviço Social da Universidade Federal do Pampa, visa formar profissionais críticos e propositivos que façam o enfrentamento das expressões da Questão Social, como afirma o projeto pedagógico do curso "o projeto do curso de Serviço Social tem como finalidade formar profissionais com uma postura crítica, reflexiva e propositiva, com capacitação teórico-metodológica, técnico-operativa e ético-política para ingressarem no mercado de trabalho, visando a atender com qualidade as demandas postas à profissão".

O curso de Serviço Social é instituído em São Borja em decorrência das demandas econômicas, políticas e sociais do município e da região, que como se sabe historicamente possui déficits que se manifestam através das inúmeras expressões da questão social. Esses déficits geraram a necessidade de novos profissionais, preparados para o enfrentamento destas demandas.

Cabe ressaltar que está expansão do número de assistentes sociais, se deu também através da aprovação da Lei Orgânica da Assistência Social (8.742/93 de 07 de dezembro de 1993), como afirma o projeto pedagógico do curso de Serviço Social da Universidade: "A partir da Constituição Federal de 1988 e da aprovação da Lei Orgânica – LOAS, surgem a Norma Operacional Básica – NOB/99 que normatiza a implantação da Política de Assistência Social dos municípios do RS, com a obrigatoriedade da contratação do profissional Assistente Social. Essa normatização define o número de profissionais por município com um percentual mínimo de um profissional a cada 20 mil habitantes".

A lei que regulamenta e dispõe sobre a profissão, no Art. 4º trás a pesquisa como uma das competências do profissional assistente social, "VI - planejar, executar e avaliar pesquisas que possam contribuir para a análise da realidade social e para subsidiar ações profissionais" (8.662/93). Desse modo, o profissional tem a pesquisa como um mecanismo

que contribui na formulação de ações para processos interventivos.

Partindo deste pressuposto, também temos a dimensão investigativa do Assistente Social, pautada na óptica da pesquisa como ferramenta de investigação da realidade social, bem como componente do processo de trabalho do profissional, que vê na mesma, uma forma de desvelar, mensurar e investigar os problemas decorrentes da Questão Social, ou seja, através da pesquisa é possível conhecer a fundo o obejeto de intervenção, dando alicerces para construção de ações profissionais combatentes e niveladas com as demandas apresentadas.

O curso de Serviço Social da Universidade Federal do Pampa em seu processo de reflexão teórica da formação profissional pactua a ideia da pesquisa como aliada, desenvolvendo-a incessantemente em diversas disciplinas, como a de Pesquisa em Serviço Social, Antropologia, Estatística etc. Essa valorativa também está expressa na Lei de Diretrizes curriculares do Serviço Social estabelecida em 1996, a qual trás o princípio da pesquisa como meio de produção de conhecimento e mensuração da realidade social.

A partir da Lei de Diretrizes curriculares do Serviço Social estabelecida pela Associação de ensino e pesquisa em Serviço Social no ano de 1996, a disciplina de Antropologia passou a ser obrigatória no ensino em Serviço Social, a qual deveria atingir "A relação dialética entre o material e o simbólico na construção das identidades sociais e da subjetividade. Imaginário, representações sociais e expressões culturais dos diferentes segmentos sociais com ênfase na realidade brasileira e suas particularidades regionais" (ABEPSS, 1996)

A antropologia social no contexto do Serviço Social trás diversas contribuições ao processo da formação acadêmico-profissional. Uma delas é a pesquisa de campo, a qual proporciona através dos pressupostos antropológicos, instigar a observação, a escuta e a escrita, possibilitando aos futuros profissionais, entender as variadas visões de mundo que englobam as diversas culturas, o que direta ou indiretamente influenciam nas relações sociais.

Esta contribuição da Antropologia e do Método Etnográfico, compreende a ampliação das formas de como interpretar os diferentes fenô-

menos sociais, os quais muitas vezes estão ligados à simbologia e a cultura dos indivíduos. É com esses indivíduos, o qual carregam diversos valores e sentidos, que os assistentes sociais irão intervir em seu cotidiano de trabalho, seja qual espaço sócio-ocupacional.

A pesquisa antropológica de campo permite então no contexto da Universidade desvendar o regionalismo e a cultura fronteiriça, maximizando o conhecimento e os valores que permeiam e manifestam-se nas demandas dos profissionais, exigindo dos mesmos, ações e mecanismos combatentes ao enfrentamento a estas demandas e/ou expressões da questão social.

Neste contexto, é de estimada relevância a disciplina e da pesquisa de campo para a formação profissional dos assistentes sociais, assomando-se conhecimentos para que os mesmos possam fortalecer a luta do Serviço Social, que esta comprometida na ampliação dos direitos sociais.

Partindo das afirmações supracitadas a cima, dedica-se este final para explicitar a importância que o processo de participação em pesquisas antropológicas de campo trás aos futuros assistentes sociais, que a partir dos conhecimentos vivenciados carregarão em sua bagagem acadêmica aportes riquíssimos para suas futuras ações profissionais.

Estas vastas experiências não se findam apenas no meio acadêmico, o processo também contribui para o enriquecimento do meio pessoal do sujeito pesquisador, proporcionando ao mesmo um novo olhar, ou uma visão de homem e de mundo crítica. É nesse sentido que se pode elucidar a participação, o qual destaca o enriquecimento acadêmico-pessoal aos sujeitos, futuros assistentes sociais como processo que pode ser chamado de produção de conhecimento.

Por fim, a universidade cumpre com seu papel social, rompendo com as amarras de uma universidade fechada, indo ao encontro da comunidade para dar visibilidade aos fenômenos sociais do cotidiano de vida das pessoas, que diretamente fazem parte de todo o processo de implantação da UNIPAMPA, além de serem fontes das diversidades culturais que devem ser elucidadas, respeitadas e preservadas.

1 - Trabalho Voluntário na Pastoral da Criança¹

Caroline Molina Hardt FláviaVezzosi Bianchi Luisiane Ribas Liscano²

RESUMO

O voluntariado possui papel importante dentro da sociedade e tem crescido significativamente, por isso a importância de abordarmos este assunto em nossa pesquisa antropológica, utilizando como fonte a Pastoral da Criança na cidade de São Borja, inserida na Diocese de Uruguaiana, que ha mais de 25 anos desenvolve trabalho em prol do desenvolvimento da criança. Nossa pesquisa foi realizada com as lideres pertencentes a Paróquia São Francisco de Borja, subdivididas em pequenas comunidades intituladas Centros de Pastoral.

Palavras- chave: Voluntariado. Pastoral da Criança. Trabalho.

ABSTRACT

Volunteeringplays an important rolewithin societyand has grownsignificantly, so the importance of approaching this subject in our anthropological research, using as sourcethe Pastoral Careof the Childin the Cityof SãoBorja, inserted in the Diocese of Uruguaiana, which more than 25 work for years developing the child's development. Our researchwas conducted with the leaders belonging to St. Francisco de Borja Parish, subdivided into small communities entitled Pastoral Care Centers.

Keywords: Volunteering, Pastoral of the Child, Work.

INTRODUÇÃO

O surgimento de organizações e instituições comunitárias é um fato que vem se intensificando na atualidade devido ao crescente número de desigualdades sociais, precarização do trabalho, falta de oportuni-

¹Artigo apresentado na disciplina de Antropologia Social, ministrada pelo Professor Antropólogo Daniel Etcheverry, com o objetivo de aprovação na mesma.

² Alunas do segundo semestre do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Pampa

dades, e principalmente a ausência de incentivo do governo em politicas de assistência social e população carente. Essas organizações que visam o bem estar da população têm por características, profissionais que trabalham de forma voluntaria, devido à importância que possuem atualmente que julgamos ser essencial traçar contornos do trabalho voluntário e, principalmente, saber quais os motivos que levam o indivíduo à adesão.

Obras literais que falam a respeito trazem como principais motivos o interesse individual em contribuir com a sociabilidade, além de razões religiosas e sentimentos de culpa. Com base nisto o nosso artigo dá ênfase a Pastoral da Criança, que surgiu por motivos religiosos, criada por Zilda Arns e posteriormente vinculada à CNBB (Conferencia Nacional de Bispos do Brasil); porém, atualmente é um movimento ecumênico que agrega o maior número de trabalhadores voluntários do Brasil.

A Pastoral da Criança é uma organização comunitária com abrangência nacional e tem seus princípios baseados na solidariedade e na partilha do saber. Seu objetivo é odesenvolvimento integral da criança (da concepção aos seis anos de idade) e porconsequência, suas famílias e a comunidade em que está inserida; agindo no combate à mortalidade infantil, àdesnutrição, à violência doméstica, e salientando sobre o direito das crianças.

Sendo exemplo para mais quinze nações em três continentes, sob incentivo da Organização das NaçõesUnidas.Instituída há mais de 23 anos, a Pastoral conta com um corpo de voluntários que supera os 270.000, atendendo mais de 2.000.000 de crianças, em 41.542 comunidades de 4.040municípios (Idéia Social, 2007).

Esses números indicam a relevância da organização napromoção do desenvolvimento infantil no país e, por isso, é ótimo ambiente para nosso estudo antropológico sobre os motivos que levam uma pessoa a exercer o trabalho voluntário.

O QUE É O VOLUNTARIADO?

O trabalho já teve vários significados para o homem ao longo do tempo, variação esta que tem relação com o contexto da época. Segundo

Castro (2003) "o trabalho já foi considerado umcastigo, um meio de sobrevivência, de criação de valor e utilidade, uma vocação, uminstrumento de dignificação do homem".

Podemos considerar o trabalho voluntário como uma atividade realizada pelo indivíduo, por prazere pela sensação de estar fazendo algo de útil em favor do outro, não pela necessidade de trabalhar, já que este não é remunerado.

No Brasil, há uma regulamentação à intensificação do trabalho voluntário que se deu mediante a Lei 9.608/98, que foi sancionada pelo então presidente da República Fernando Henrique Cardoso, em fevereiro de 1998. Apesar de já ter sido regulamentada, o incentivo ao Trabalho Voluntário se deu apenas no ano de 2001, quando a ONU designou como Ano Internacional do Voluntariado. A lei define o serviço voluntário como "a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza, ou a instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade".

Segundo Barroco(2007), no cenário de construção do socialismo, o trabalho voluntário tem um sentido ético-político prático: trata-se de contribuir para a construção de uma nova sociedade, o que pressupõe o reconhecimento do trabalho como atividade social e auto reconhecimento dos trabalhadores como coletivo autoconsciente. Nesse sentido, a responsabilidade social dos indivíduos é pressuposto para a liberdade a ser conquistada: "trata-se, precisamente, de que, o indivíduo se sinta mais pleno, com muito mais riqueza interior e com muito mais responsabilidade" (Guevara, 1989.p. 35).

No Brasil, o voluntariado vem crescendo cada vez mais, assim como no mundo inteiro, pois existe nas pessoas a vontade de ajudar na diminuição das mazelas sociais gerada pela sociedade, como por exemplo, problemas econômicos.

A PASTORAL DA CRIANÇA

A Pastoral da Criança é um órgão de ação social da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), e tem como objetivo promover o

desenvolvimento de crianças de 0 a 6 anos de idade, tanto em seu ambiente familiar como na comunidade em que vive. Surgiu no ano de 1982, durante uma reunião entre o cardeal de São Paulo eo diretor executivo da UNICEF, onde este sugeriu ao cardeal uma ação da Igreja Católica brasileirapara reduzir a mortalidade infantil. Para auxiliá-lo no projeto, o cardeal convocou sua irmã, Zilda Arns, que iniciou o trabalho em setembro de 1983 numa pequena cidade do estado do Paraná, que foi eleito por apresentar maior taxa de mortalidade infantil, totalizando 127 crianças a cada mil nascidas, e, em apenas um ano, esse número foi reduzido para 28 crianças para cada mil nascidas. Com o sucesso do projeto, a Pastoral da Criança se expandiu para outras regiões do país, tendo apoio de todos os bispos.

A Pastoral é uma rede que se comunica de cima para baixo, de baixo para cima e lateralmente. As famílias pobres migram muito dentro do Brasil e muitas vezes as pessoas passam a viver distantes de seus parentes. Por isso, somos procurados por aqueles que precisam de um apoio qualquer. E nós estamos à disposição de todos. (ARNS, Zilda. 2003)

Além deste projeto, a Pastoral da criança desenvolve outros, e um deles é o de geração de renda, que repassa recursos a famílias sem opção de trabalho, promovendo a capacitação dessas pessoas na atividade por elas escolhidas. Além desse trabalho, é realizado também um de alfabetização de jovens e adultos, curso este que édestinado à agentes e líderes comunitários; entre outros trabalhos.

Os dois principais parceiros da Pastoral da Criança são o Ministério da Saúde, que arca com cerca de 59% dos recursos utilizados pela entidade, e o programa Criança Esperança (Rede Globo / Unesco), que repassa anualmente à Pastoral da Criança uma porcentagem do total arrecadado pelo projeto.

A PASTORAL EM SÃO BORJA

Em São Borja, a Pastoral da Criança conta com mais ou menos 18

líderes, pertencentes a paróquia do centro, sendo um total de 6 comunidades. Seu trabalho esta dividido emquatro etapas: a missão, a visita domiciliar, a celebração da vida, e a reunião para reflexão e avaliação.

· A missão: O líder da Pastoral da Criança vai de casa em casa, aonde tenha gestantes e/ou crianças de famílias próximas à sua casa, as convidando a participar da pastoral, mostrando-lhe o trabalho realizado e os benefícios de terem seus filhos inseridos neste projeto.

· A visita domiciliar: Na visita domiciliar o líder tem a oportunidade de conversar sem pressa com a gestante, os pais e familiares da criança. Com isso ele pode conhecer melhor a situação de vida e as necessidades das famílias, para poder ajuda-las. Desse modo, ele também ajuda a reforçar laços de confiança e amizade entre eles.

· Celebração da vida: Mensalmente o líder realiza o dia da celebração da vida, quando as famílias se reúnem para celebrar o desenvolvimento de suas crianças. É nesse momento que as crianças são pesadas, a fim de acompanhar se estão se desenvolvendo.

· Reunião para reflexão e avaliação: nessa reunião mensal os lideres avaliam o trabalho realizado e também conversam sobre o que pode ser melhorado. Aproveitando a oportunidade para preencher a Folha de Acompanhamento das Ações Básicas de Saúde, ela se encontra todos os dados da criança e/ou gestante, como por exemplo, se ela esta sendo atendida pelo serviço publico de saúde, se esta com as vacinas em dia, se a gestante esta sendo acompanhada no pré-natal, caso não esteja sendo acompanhada, acompanhara esses casos a órgãos competentes.

MOTIVOS DO VOLUNTARIADO

Vários autores trazem diversificados motivos que levam uma pessoa a praticar o voluntariado.McCurley& Lynch (1998), classificam, de uma forma mais objetiva, classificaram os motivos do trabalho voluntário em três categorias:

1) Altruísta- ajudar aos outros, obrigação de retribuir por algo rece-

bido, devercívico, convicção religiosa, fazer uma diferença no mundo, crença na causa;

- 2) Interesse próprio adquirir experiência, desenvolver novas habilidades, constituir amizades, causar boa impressão a alguém, sentir-se importante e útil, exibir capacidade de liderança, experimentar novos estilos de vida e culturas, prazer e alegria;
- 3) Familiar aproximar a família, servir de exemplo, benefício e retornopróprios, retribuir algo recebido por membro da família.

Os motivos variam desde graus mais elevados como o altruísmo até graus mais baixoscomo o egoísmo. Assim sendo, pode-se afirmar que as ações são movidas tanto pela racionalidade substantiva como pela instrumental. Serva (1997), baseado na obra de Guerreiro Ramos e Habermas, definiu esses dois conceitos como: "A ação racional substantiva é orientada para duas dimensões: uma individual, que se refere à auto realização, compreendida como concretização de potencialidades e satisfação; uma grupal, que se refere ao entendimento, nas direções das responsabilidades e satisfação sociais.

Em nosso trabalho de campo, foi questionada as líderes o porquê de optarem pelo voluntariado, das dezoito lideres entrevistadas 55,55% alegam motivo altruísta, sendo a religião o critério predominante, 34,35% são por motivos familiares e 10,11% por motivos de interesse próprio.

AS VOLUNTÁRIAS DA PASTORAL

O trabalho realizado pelos voluntários é um tanto diferentes das demais. Qualquer pessoa pode ser um voluntario, porém para realizar a capacitação é necessário ter 18 anos ou mais necessitando apenas de horário disponível para participar de todas as etapas do trabalho.

Dos 18 voluntários da Pastoral da Criança de São Borja, que colaboraram para este artigo, 22,22% é aposentado ou pensionista; 66,68 % trabalha ou exerce atividade remunerada; 5,55% estudante e 5,55% do lar. Dos entrevistados, 88,89% são mulheres e 11,11% são homens, com faixa etária de 20 a 77.

O primeiro passo, ao entrar na pastoral da criança é ser equipe de

apoio, lá o voluntário ajudara na infraestrutura do local, arrumando cadeiras, auxiliando na preparação de lanche para o dia da celebração da vida.

A brinquedista é aquela que brinca com as crianças, a fim de entretêlas, no dia da celebração da vida, para que os pais possam conversar tranquilamente com as lideres, e também e a brinquedista que integra as crianças, para que além de um espaço de diversão, criem amizades e de desenvolvam o seu lado lúdico.

O segundo tipo de voluntário é o líder, que precisara passar por uma capacitação gratuita de 40 horas, por meio de um guia do líder, guia este com 300 paginas que contem informações necessárias para o bom desenvolvimento da criança, deste o primeiro mês de gestação até os seis anos da criança para que possam melhorar seus conhecimentos, trocar experiências e depois compartilhar com as famílias que acompanham, informações sobre seus direitos.

OS COORDENADORES

Dentre desse trabalho há os coordenadores, separados em seis tipos, o primeiro é a coordenação comunitária, cargo esse exercido por uma das líderes da comunidade, tendo por objetivo coordenar os dias da celebração da vida, acompra de equipamentos, gás, alimento e demais recursos necessários ao bom andamento do trabalho, assim como preencher as FABS'.

A coordenação de ramoela é responsável por diversas comunidades de uma paroquia, é ela quem vai se certificar se o trabalho esta sendo bem realizado, bem como conferir as FABS, marcar as futuras capacitações, encaminhar lideres para serem brinquedistas, assim como conseguir apoio com empresas locais para a realização de camisetas, bonés, pastas, canetas, bem como repassar o dinheiro as comunidades.

A coordenação de setor, responsável por diversos ramos, sendo ela quem encaminha os problemas ocorridos com as crianças para a coordenação Estadual, é ela também quem perpassa os novos projetos da pastoral para os lideres.

Coordenação Estadual, responsável por diversos setores da pastoral de todo estado, já a Coordenação Nacional, é a representação máxima da pastoral, auxiliado por um bispo denominado Diretor Pastoral.

Os coordenadores em cada nível e o Diretor Pastoral são selecionados de uma lista com três nomes. A pessoa responsável pela Pastoral da Criança, em cada nível de coordenação, escolhe um dos nomes dessa tríplice para ser o coordenador.

Os coordenadores de comunidade indicam a lista para coordenador de ramo; os coordenadores de ramo indicam a lista para coordenador de setor; os coordenadores de setor indicam a lista para coordenador estadual; estes formam parte da Assembleia Geral da Pastoral da Criança, que escolhe o Conselho Diretor da Pastoral da Criança. É o presidente do Conselho Diretor que escolhe o coordenador nacional.

Ou seja, é um trabalho bem claro, onde todos podem escolher de forma democrática quem venha a ser seu superior direto.

CONCLUSÃO

Com a elaboração deste artigo, podemos perceber que, geralmentea pessoa que decide por realizar o trabalho voluntário, está procurando fazer algo para seu bem estar, e, ao mesmo tempo, fazer um bem à comunidade, ajudando as pessoas que nela vivem.

No caso da Pastoral da Criança, o trabalho é realizado em benefício às famílias mais pobres da comunidade, onde são feitas atividades em prol do desenvolvimento das crianças.

Durante a realização deste trabalho, tivemos facilidade para entrar em contato com as voluntárias, assim como fomos bem recebidas por todas, que nos fizeram por algumas semanas parte integrantedesse grupo. Nos foi fornecido vários materiais para apoio na realização do trabalho e nos responderam a todas perguntas feitas.

O fato que prejudicou nossas pesquisas foram os nossos horários disponíveis que não coincidiam com os horários das reuniões, o dia que tivemos disponível para participar de uma das reuniões, estava chovendo, então tivemos mais uma dificuldade, que foi nos deslocar até a casa

da pastoral, inserida na Paróquia, que é o local onde são realizadas as reuniões.

Com a realização deste artigo, levantamos dados importantes e alcançamoso objetivo inicial de traçar os contornos do trabalho voluntário na Pastoral da Criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Pastoral da Criança, **Guia do líder da Pastoral da Criança.** 10. Ed. Revista- Curitiba, 2007.

McCurley, S.; Lynch, R.Essencial volunteer management. 2. ed. Londres: TheDirectory of Social Change, 1998.

__.Reportagem: Lições da Pastoral da Criança. Entrevista com Zilda Arns Neumann. Estudos Avançados Mai/ago, 2003 disponível em http: <//www.scielo.br> acesso em 24 de out. 2011.

2 - Casamento Árabe: Palco de Tradições Perpassadas no Município de São Borja.

Marilaine Fenner Storch Renata Nardes Dorneles Simone da Silva Pires¹

RESUMO

O presente trabalho propõe apresentar a importância do casamento árabe no contexto desta cultura, assim contextualizando aspectos que venham a apontar elementos agregadores, através de informações reunidas em pesquisa realizada entre a comunidade árabe palestina em São Borja, onde se constata a relevância da manutenção de tais festas como forma de garantia de preservação cultural e da tradição árabe muçulmana, e assim com estabelece-se um verdadeiro palco de negócios, resgate de identidade e coesão social.

Palavras Chaves: casamento árabe, tradição e cultura.

ABSTRAT

En este trabajo se propone presentar la importancia del matrimonio en el contexto de la cultura árabe, y la contextualización de los aspectos que pueden señalar los agregadores de los elementos, la información obtenida a través de una encuesta realizada entre la comunidad árabe palestina en San Borja, donde vemos la importancia de mantener tales partes, como garantía de la preservación culturales musulmanes y la tradición árabe, y por lo tanto se establece con una empresa de escenario real, el rescate de la identidad y la cohesión social.

Palabras clave: el matrimonio árabe, tradición y la cultura

CASAMENTO ÁRABE: PALCO DE TRADIÇÕES PERPASSADAS

O casamento árabe tem uma grande importância na cultura dos imigrantes palestinos, onde envolve vários aspectos relevantes para a sus-

¹ Alunas do II semestre do curso de Serviço Social.

tentação desta tradição que é passada de geração a geração, sendo que o casamento não é somente a festa, ele implica também deixar a família para morar em outro país, aprender outra língua, não sendo isto um empecilho, pois é através do casamento uma forma de resgatar sua identidade e preservação cultural.

Para o desenvolvimento do mesmo, além da pesquisa de campo observada entre a comunidade em questão, foi realizadas entrevistas informais com os imigrantes mais antigos e também os jovens de famílias árabes no município, foram também utilizados recursos bibliográficos relativo ao tema.

Espera-se que este trabalho venha a agregar uma fundamentação teórica e contribuir na documentação desta cultura e sua influência no contexto social e econômico, na busca de sua identidade, que passa despercebida ao olhar cotidiano da comunidade inserida, assim como discutir a influência da cultura árabe na região de fronteira oeste.

O CASAMENTO ÁRABE

Em relação ao casamento árabe, durante a pesquisa de campo pode se observar o deslocamento que ocorre entre as famílias árabes, onde as mulheres passam a ir conviver com os parentes do noivo, sendo que estas práticas são também consideradas como uma forma de ritual de despedida de seus pais e sua família, resultando em uma mudança de local, de residência, cidade e até país.

Segundo Jardim (2009) "resulta de uma experiência "transnacional" pode revelar não só os "efeitos" dos deslocamentos forçados, mas as reelaborações simbólicas que a experiência identitária nos revela e que pode ser extremamente originais ou deveras relacionadas com as noções de continuidade e resistência que o grupo em questão vem re-elaborando sobre novos constrangimentos". Pode se entender que muitas vezes esta experiência migratória é vista como algo que é forçado, mas através de relatos de mulheres que passaram por estes acontecimentos nota-se que apesar das dolorosas lembranças de despedidas, deixando para trás toda sua família, que seria um recomeço para uma vida nova, a família

queria o melhor para as mulheres, como relata Miasra:

Quando, no início dos anos 50, deixou a Palestina, deixando para trás pai, mãe, irmãos, tios, tias, primos e primas, além dos amigos e vizinhos. Foi difícil entrar naquele navio. Não conseguia parar de chorar. Meus pais me mandaram para o Brasil com alguns tios, para me casar aqui, quando chegasse e começasse uma nova vida. Eles queriam o melhor para mim. Lá não se tinha segurança para viver. Muitos dos parentes já haviam morrido assassinados pelo exército de Israel. Estávamos perdendo tudo o que tínhamos...as casas e nosso trabalho. Eles acharam melhor assim. Eu ficaria amparada, num casamento com uma pessoa conhecida, que me protegeria para sempre. Mas sofri muito aqui, quando cheguei. Era só uma menina. Não falava nada do português. Nunca mais vi meus pais. Aqui tive meus 5 filhos, e fui feliz. Embora, sempre me lembrasse da vida lá na terra. (Miasra)

Na preservação cultural e da tradição árabe, observa-se a necessidade e o valor que se dá a manutenção de tais festas, como elemento agregador e de vital importância para a preservação da cultura e da tradição árabe muçulmana. Para a autora é através dos casamentos, o que parece inicialmente ser uma viagem de separação da família de origem pode ser relido como uma nova ligação, uma nova configuração familiar no lugar de destino, um encontro (JARDIM, 2009). Onde na maioria são as mães e tias que organizam essas idas e vindas, percorrendo as regiões e até em locais bem distantes, visitando as outras famílias mediando às comunicações entre elas, para assim arranjar os casamentos entre os jovens.

Segundo relatos de Sálua, chegou ao Brasil em 1985, veio para casar da Jordânia, onde morava com a família desde os 2 anos. Nasceu na Palestina (Israel), mas junto com a família, teve que sair de lá, não agüentaram mais as pressões e a instabilidade. Os casamentos são arranjados, as famílias decidem o que é melhor para os noivos, ao homem, é proveitoso que case com uma mulher muçulmana, que vá dar seguimento às tradições árabes também. Como pode ser visto no depoimento:

Meu marido é um bom homem. Segue a religião e cuida de sua família. Nossos filhos, tentamos que sigam nossos costumes e religião.

Em casa, sempre falamos árabe, para que isso não se perca. Um deles já teve namorada brasileira, mas não acreditava que daria certo mesmo...é muito difícil uma brasileira aceitar nossas regras, nossos pilares da religião. Agora torço que encontre uma boa moça muçulmana, pois será a mãe dos nossos netos. A mãe é uma figura sagrada, nela está à base da família, do respeito, da manutenção dos costumes. O pai também, mas a mulher tem o poder de acolher o marido e conduzir a família (Sálua).

O casamento tem uma grande importância nesta cultura, onde são palco de negócios, resgate de identidade e coesão social. As festas tão apreciadas vem a fornecer um palco para negócios, uma vez que as diversas famílias transitam com seus filhos e filhas, ostentando o que de melhor construíram, pondo-se numa espécie de vitrine de valores. É momento também de assegurar sua identidade árabe palestina, manifestada nas músicas, danças, culinária e no próprio rito muçulmano. Resgate e manutenção nas primeiras gerações e gerações seguintes.

Já a coesão social, pois representa e explicita a necessidade de pertencimento àquela comunidade. Em se falando em pertencimento, fato altamente facilitador às pesquisas, ocorreu já em sua fase inicial, quando tivemos o prazer de ser convidados à uma festa de casamento dentro da comunidade em questão.

O ritual uniu um jovem casal, ele brasileiro, filho de palestinos e residentes em São Borja e ela, uma jovem jordaniana de origem palestina. O noivado ocorreu na Jordânia, no mês de abril, após o acordo ter sido selado entre as famílias, que tem sua proximidade por serem os pais dos noivos, irmãos (fato que surge como bastante comum entre a comunidade árabe).

No mês de junho, Duu'a, a noiva, chegou ao Brasil, na companhia de seu tio e futuro sogro, deixando para trás toda sua restante família e passando a fazer parte de uma nova realidade, da construção de uma nova identidade para si e para esta nova família. O elemento simbólico que se manifesta a seguir, em setembro, com todo o ritual estabelecido entre a comunidade árabe e alguns convidados, comprova-se explícita e verdadeiramente.

O significado de tal rito expressa-se na alegria contagiante de praticamente todos que o compõem. Exceto na noiva, cujo olhar manteve-se triste e distante durante quase toda a cerimônia... Talvez pela estranheza do lugar, das pessoas, por ainda não conseguir expressar-se nem entender bem o novo idioma, e até mesmo pela saudade de seus pais, que acompanharam todo ritual e festa do casamento, via internet, em tempo real, da Jordânia.

Ela sabe que sua vida, seu pertencimento, migra a partir de então, para nova realidade. Mas aceita e regozija-se de tal mudança, o que se expressa em revelador olhar iluminado, atrás do constante véu que lhe cobre a cabeça e parte do rosto, e que surge lânguida e suavemente, nas semanas que se seguem ao casamento.

"As mulheres voam com seus maridos" é um ditado árabe, título de importante artigo da antropóloga Denise Jardim, que retrata a importância da mulher na realidade árabe, e que se comprova na presente pesquisa de campo, pois expressa com muita propriedade, os deslocamentos das mulheres, noivas, de um país a outro, de uma cidade à outra, sempre se despedindo de sua família e incorporando-se à do marido.

Neste momento, comprova-se a importância do papel feminino que vai muito além da aparente submissão. Desconstruía a aparente e até presente submissão, está além do que encobre seus véus, mas não ao que aparentemente nosso olhar cotidiano percebe.

A presença da mulher está expressa nos momentos cruciais e decisivos aos rumos que seus filhos tomarão, pois muito embora sejam seus maridos e sogros que decidam quem casa com quem, bem antes, mães, tias e avós, articulam e fazem a mediação que de fato definirá o resultado final desta negociação. Embora sejam arranjados, tais casamentos são desejados, uma vez que na concepção muçulmana, a mulher estaria protegida, amparada. Há grande trânsito destas mulheres pelo mundo, mediando e assegurando o pertencimento a seu grupo social.

CONTEXTO SOCIAL E ECONÔMICO

Através de casamentos, estabelece-se forte vínculo assegurando a

identidade árabe, em contexto diverso. Mantém-se os costumes próprios nessas famílias, como o idioma e a religião. Influenciam positivamente na economia local, pois ao vincular-se ao casamento, estão quase que instantaneamente vinculando-se à criação de novas empresas, geralmente no comércio.

Para Fátima em seu depoimento, filha de Libanês com brasileira, foi criada dentro dos costumes árabes e muçulmanos, mas sempre sofreu os conflitos desta contradição estabelecida entre o que pregava seu pai e a realidade do cotidiano. Estudo filosofia, mas se viu obrigada a retornar à cidade, em função da saúde precária de seu pai, tendo assim, assumido a direção dos negócios, frente á loja de tecidos, juntamente com seu irmão. Percebe-se nas observações de campo, que os casamentos não são vistos somente como uma submissão das mulheres, mas muitas vezes pensado por parte das mães e também pelas próprias filhas como uma possibilidade emancipatória para elas, visando o matrimônio para atingir um caminho de sucessos como mulher, podendo conseguir uma formação acadêmica.

Relatos a cerca da religião, para Murad que está estudando a fundo o Islamismo, tendo a orientação dos Cher, ou sheiks, que pretendem transformá-lo,

futuramente num outro sheik, espécie de conselheiro espiritual e religioso da comunidade muçulmana de São Borja. Casou-se recentemente e se vê feliz pela escolha que seus pais fizeram na noiva, como ele mesmo relata: "Já namorei algumas meninas não muçulmanas e acho que o casamento com uma muçulmana, foi à decisão mais acertada na sua vida, pois sabe que ela lhe acompanhará nesta jornada e educará os filhos que certamente terão".

BUSCA DE IDENTIDADE

Nesta busca de identidade, desconstrói-se a imagem de total submissão feminina, assim como a do imigrante dissociado de sua realidade contextual. Apresentam-se indivíduos determinados a buscar seus espaços, num ambiente muitas vezes hostil, devido ao preconceito que a estranheza e desconhecimento à sua cultura causam.

Surgem indivíduos que se reconhecem enquanto árabes palestinos, embora descomprometidos de sua condição, uma vez imigrando. Mais vale a estes indivíduos o bom e seguro exílio, do que uma traumática e impraticável vivência em sua antiga pátria. A estes bravos, resta a manutenção e do que lhe é mais sagrado e próprio, como por exemplo, o casamento, como forma de sobrevivência no ainda desconhecido mundo ocidental.

Em relatos do Sr Fahime, que quando veio para o Brasil, há 26 anos, veio para casar-se, que morava na Jordânia, depois de terem desistido de tentar permanecer na Palestina onde trabalhava com a família no comércio de tecidos. Para ele a vida era difícil, e mesmo na Jordânia, sofriam a pressão de Israel e de sentirem-se fora de casa. Então, perguntou-se a ele se foi difícil deixar sua terra para trás? Respondeu que:

Deixar o quê? Não tínhamos mais nada...Israel já tinha nos tomado tudo! Destas famílias que aqui moram, só uma, ainda tem casa e uma pequena propriedade lá na terra (Palestina), os outros, vieram por que, além de terem seus parentes mortos e perseguidos, já não tinham nada mais...então foi bom vir para o Brasil. Tinham já alguns parentes morando em São Borja, e se sabia da vida tranqüila e que era bom para ganhar algum dinheiro. Não tinha nada a perder. Melhor morar noutro lugar, do que ficar na sua terra sem nada!(Fahime)

De acordo com os depoimentos pode se perceber que a imigração não é precisamente uma questão de escolha, ou causas de uma crise no país do qual fazem parte, em relação aos palestinos se dá como o único destino que lhes resta, sendo na dimensão política como nas questões econômicas e também no esforço que realizam as famílias em começarem tudo de novo em outra terra, sem esquecer-se de suas origens mantendo seus costumes, passando de pai para filho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade que envolve tais ações, como aquelas em que noi-

vas migram de cidades, países e até continentes, a fim de selarem acordos feitos por suas famílias, enfrentando e superando as adversidades que tal ato lhes impõe, tem um significado altamente expressivo no que tange a importância da manutenção do simbólico. O fator cultura manifestado nas festas de casamento, surge ainda como elemento decisivo enquanto fomentador de coesão social.

E derradeiramente, a constatação da importância do exercício de alteridade, de tentar olhar com o olhar do outro, de esmiuçar o aparente, chegando assim, ao que mais próximo poderia ser a essência e que na maioria das vezes, foge ao nosso olhar cotidiano.

REFERÊNCIAS

JARDIM, Denise Fagundes, "As mulheres voam com seus maridos": A experiência da Diáspora palestina e as relações de Gênero. 2009. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n31/a08v1531.pdf Acesso em: 26 de Dez de 2011.

PETERS, Roberta. Imigrantes palestinos, famílias árabes: um estudo antropológico sobre a recriação de tradições através dos rituais de casamento. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 2006

Depoimentos de imigrantes árabes: Coletados na pesquisa de campo: Realizado no período de setembro a novembro de 2011.

ANEXO I



FOTO 1: CELEBRANDO O TRATO DA NOIVA



FOTO 2: FAMÍLIAS ACERTANDO O NOIVADO.



FOTO 3: REALIZAÇÃO DO CASAMENTO ÁRABE



FOTO 4: SIMONE PIRES E A NOIVA DUU'A NO CASAMENTO.

3 - Saúde Pública

Roberta Miranda do Amaral Jéssica Pereira Casali¹

RESUMO

Este artigo tem como finalidade de apresentar o percorrer do desenvolvimento da saúde pública no Brasil, mostrando suas transformações e inovações até os dias atuais. Sendo este também o resultado de uma pesquisa de campo sobre as formas com que usuários desse sistema e a população em si, entendem e representam a saúde pública como espaço de intervenção e assistência na área da saúde. Tendo como objetivo; analisar e entender esta área e ver como está sendo realizado este serviço, interagindo com os usuários que são o resultado desse processo. Refletindo, portanto, as maneiras de como os indivíduos pensam e avaliam os serviços prestados na área da saúde.

Palavras -chave: SUS, saúde pública, usuários.

ABSTRACT

This article aims to present the range from the development of public health in Brazil, showing their changes and innovations to the present day. Since this is also the result of a field research on the ways in which users of the system and the population itself, understand and represent public health as a space for intervention and assistance in health. Aiming to analyze and understand this area and see how it is being performed this service, interacting with users that are the result of this process. Reflecting, therefore, the ways that individuals think and evaluate the services provided in health.

Keywords: SUS; public health; users.

INTRODUÇÃO

Este presente artigo tem como objetivo de fazer uma analise da saúde pública, com ênfase no sistema Único de Saúde (SUS). Analisan-

¹Alunas do segundo semestre do curso de Serviço Social

do o inicio e o desenvolver dessa política no decorrer dos anos até os dias atuais, salientando suas transformações, seus avanços, a acessibilidade e também as dificuldades. Fazendo um panorama de como está se procedendo as políticas adotadas nesta área e também fazer uma analise em relação aos desafios e perspectivas postos ao Sistema Único de Saúde.

E também este artigo tem como premissa de apresentar à pesquisa de campo com os usuários deste sistema, entendo assim, o que eles realmente pensam desse sistema que é de extrema importância para a população na qual o utiliza.

A saúde pública tem sido utilizada com mais abrangência na atualidade, justificada pela necessidade de dar conta da freqüência das ações postas em prática para fazer frente à complexidade e diversidade desse campo de saberes e práticas da saúde. Portanto, acredita-se que é no conceito de saúde pública que se enraízam as compreensões e significados do sistema de políticas e ações assistenciais públicas de saúde.

"A terminologia de saúde pública traz consigo a base lingüística, comunicacional, das representações sobre esses serviços, sendo a denominação mais comumente usada e de maior domínio da população. Dessa forma, é nela que se assentam as concepções de senso comum e que constituem o que as pessoas entendem sobre esse campo específico da saúde". (LOPES E BUENO. 2007, p.92).

A partir dessa compreensão, buscamos elementos teóricos que nos fornecessem sustentação para discutir sobre as formas com que os usuários da área da saúde pública representam essas práticas e, portanto, como as entendem e pensam sobre essa política.

HISTÓRIA DA SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL

A Saúde Pública no Brasil vem sendo marcada por frequentes reorganizações administrativas e edições de várias normas. A partir da instalação da colônia até meados de 1930, as ações eram desenvolvidas sem significativa organização institucional. Através disso iniciou-se uma série de mudanças, onde foram criados e concluídos diversos órgãos de prevenção e controle de doenças, culminando, em 1991, com a criação da Fundação de Saúde.

Em relação à saúde preventiva, ao longo de toda a existência, o Brasil enfrentou diversas dificuldades institucionais e administrativas resultantes do limitado desenvolvimento científico, tecnológico e industrial, bem como pela expansão da assistência médica, dominada à lógica do mercado. Mas, também, principalmente, pelo tímido processo de formação de uma consciência dos direitos de cidadania.

Desde a década de 1960, ocorreu intensa publicação de normas para acompanhar o desenvolvimento da produção e consumo de bens e serviços, surgindo conceitos e concepções de controle. Sanitaristas tomaram postos importantes no aparelho de estado. A democratização na saúde fortaleceu-se no movimento pela Reforma Sanitária, avançando e executando suas propostas na VIII Conferência Nacional de Saúde, de 1986, que verificou as vertentes para a criação do Sistema Único de Saúde.

Além do SUS, outros sujeitos de direito que solicitam proteção específica também foram reconhecidos, bem como os povos indígenas, crianças e adolescentes, deficientes físicos. Aparentemente a sociedade brasileira deu um passo significativo em direção à cidadania. É necessário, porém, reconhecer que a proteção e a promoção à saúde são de responsabilidade pública, ou seja, de competência de todos os cidadãos do país, o que implica participação e controle social permanentes.

Foi promulgada, em 30 de agosto de 1828, a lei de Municipalização dos Serviços de Saúde, que conferiu às Juntas Municipais. No mesmo ano, houve a criação da Inspeção de Saúde Pública do Porto do Rio de Janeiro, submetido ao Senado da Câmara e ficou estabelecida a imunização compulsória das crianças contra a varíola e obedecendo o mesma sensatez de luta contra as epidemias.

A Revolução Industrial proporcionou uma vasta repercussão na estrutura social da humanidade e sobre a saúde pública. Porém, a revolução trouxe conseqüências serias, pois as populações foram deslocadas das pequenas comunidades rurais e trazidas em grandes quantidades para os centros urbanos em formação, o que ocasionou condições propí-

cias aos graves surtos de doenças epidêmicas.

A História da Saúde Pública no Brasil é marcada por continuas transformações, desde a colônia até a década de 1930, as ações eram desenvolvidas sem terem significativa de organização institucional. Através disso iniciou-se uma série de transformações onde foram criados e extintos diversos órgãos de prevenção e controle de doenças, gerando em 1991, a criação da Fundação Nacional de Saúde.

SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (SUS)

O Sistema Único de Saúde (SUS) é um dos maiores sistemas públicos de saúde do mundo. Ele engloba desde o simples atendimento ambulatorial até o transplante de órgãos, garantindo acesso integral, gratuito universal e para toda a sociedade.

O Sistema Único de Saúde foi criado, em 1988 pela Constituição Federal Brasileira, para ser o sistema de saúde dos mais de 180 milhões de brasileiros. Apesar de oferecer consultas, internações e exames, o SUS também promove campanhas de vacinação e prevenções e de vigilância sanitária como fiscalização de alimentos e registro de medicamentos, atingindo, assim, a vida de cada um dos brasileiros.

Anteriormente à criação do SUS, a saúde não era considerada um direito social. O padrão de saúde adotado dividia os brasileiros em três grupos: os que podiam pagar por serviços de saúde privados; os que tinham direito à saúde pública por serem segurados pela previdência social; e os que não tinham direito algum.

O Sistema constitui um projeto social único que se materializa por meio de ações de promoção, prevenção e assistência à saúde dos brasileiros.

O Sistema Único de Saúde teve seus princípios estabelecidos na Lei Orgânica de Saúde, em 1990, com base no artigo 198 da Constituição Federal de 1988. Os princípios da universalidade, integralidade e da equidade são às vezes chamados de princípios ideológicos ou doutrinários, e os princípios da descentralização, da regionalização e da hierarquização de princípios organizacionais.

ÁREAS DE ATUAÇÃO

Segundo o artigo 200 da Constituição Federal, compete ao SUS:

- Controlar e fiscalizar procedimentos, produtos e substâncias de interesse para a saúde e participar da produção de medicamentos, equipamentos, imunobiológicos, hemoderivados e outros insumos;
- Executar as ações de vigilância sanitária e epidemiológica, bem como as de saúde do trabalhador;
 - Ordenar a formação de recursos humanos na área de saúde;
- * Participar da formulação da política e da execução das ações de saneamento básico;
- Incrementar em sua área de atuação o desenvolvimento científico e tecnológico;
- -Fiscalizar e inspecionar alimentos, compreendido o controle de seu teor nutricional, bem como bebidas e águas para consumo humano;
- Participar do controle e fiscalização da produção, transporte, guarda e utilização de substâncias e produtos psicoativos, tóxicos e radioativos;
- Colaborar na proteção do meio ambiente, nele compreendido o do trabalho.

PERSPECTIVAS E MUDANÇAS A SEREM REALIZADAS NA SAÚDE PÚBLICA

Para obter sucesso em seus objetivos, uma referida política de saúde precisa de leis e dispositivos de gestão adequados. A maneira como as organizações estabelecimentos são instruídos e organizam suas práticas influenciam irreversivelmente na satisfação dos usuários e no impacto das ações sobre a saúde dos indivíduos. Sem mudanças nos pressupostos e paradigmas que norteiam o padrão assistencial brasileiro, não é possível esperar resposta satisfatória as dificuldades que se aparecem no dia-adia da interação da população com os serviços de saúde.

A forma como se organiza a sociedade e suas práticas sociais é por si só, determinante para a definição dos problemas de saúde e do modo de solucioná-los. Não é nenhuma novidade, no entanto, estabelece-se a hegemonia de um sistema voltado para intervir exclusivamente, demandas individuais, sendo a assistência médica o principal recurso tecnológico posto à condição dos indivíduos.

É necessário entender que melhorar a qualidade de vida, promover a saúde de um indivíduo implica agir no contexto em que ele se insere no espaço em que ele vive. (CAMPOS, 2003). Qualquer atividade na saúde que se pretenda efetuar deverá incidir sobre este conjunto. Pois um indivíduo não existe sozinho, todo ser é decorrente das relações que estabelece.

É necessário que se debatam novos aspectos de relações sociais, de organizações e instituições que visam melhorar às necessidades de saúde e de qualidade de vida das crianças, dos idosos, dos portadores de deficiência, e aos trabalhadores e não somente a assistência às suas doenças.

Como ponto principal esta forma de organizar o sistema de saúde depende da vontade política, ao se definirem prioridades, e também de mudanças organizacionais e da forma de gestão do sistema de atenção. Em suma, os sistemas integrais de saúde deveriam atender a algumas premissas básicas, quais sejam a primazia das ações de promoção e prevenção; a garantia de atenção nos três níveis de complexidade da assistência médica; a articulação da ações de promoção, prevenção, cura e recuperação; a abordagem integral do indivíduo e famílias.

"A promoção da saúde implica o estabelecimento de agendas públicas com a participação de diversos atores, envolvendo pessoas e comunidades para se alcançar mais saúde e uma melhor qualidade de vida" (CAMPOS, 2003, p.578).

PESQUISA DE CAMPO SOBRE SAÚDE PÚBLICA

A nossa pesquisa de campo teve como objetivo de entrevistar os usuários do Sistema Único de Saúde, para ver o que eles realmente pensavam e achavam de como era realizado o atendimento, e também ter um novo olhar sobre o mesmo.

A pesquisa foi realizada em 2 ESF's. Aonde procuramos entrevistar os usuários que estavam utilizando os serviços dos mesmos. Em geral

foram entrevistados 10 usuários, 1 médico, e 2 enfermeiras, dos dois postos de saúde.

A nossa proposta era de chegar nesses locais e ter uma conversa informal, na qual queríamos escutar de ambos o que eles realmente pensavam desse sistema, na qual eles utilizavam, questionando- os de como esse serviço era efetivado e qual a importância desse sistema na suas vidas.

90% dos usuários nos responderam que:

- Há muitos problemas no qual evidencia- se a ausência de treinamento dos profissionais para trabalhar mediante os princípios da atenção primária à saúde. Ao invés do espaço comunitário em que se visa à integração da ação curativa com as prevenções e promoções à saúde, é comum a existência de filas de pacientes, desde muito cedo, muitas vezes madrugando em busca de "uma ficha" para serem atendidos com um médico especialista.

-Além disso, as dificuldades em se dotar cada um dos postos de saúde de recursos adequados é evidente neste contexto. De tal forma que, por exemplo, postos possuem atendimento de pediatria, às segundas e sextas pela manhã, de clínica médica; às terças e quintas, de ginecologia e pré-natal; às quartas.

- Auxiliando ainda para aprofundar a desintegração, às medidas sempre urgentes de estender a cobertura assistencial, lotando- se e profissionais para realizar, nas unidades básicas, consultas médicas ambulatoriais sem nenhum planejamento ou estudo para adequá- las às necessidades locais.
- As dificuldades com a ineficiência e a falta de pessoal, bem como sua qualificação, e especialização.
- No Brasil, se paga muito imposto e, não necessariamente, existe o retorno em forma de benefícios para os mais necessitados.

No que diz respeito às primeiras palavras associadas em usuário, por exemplo, tem-se a conotação de serviço precário, desvalorizado, sem recursos, de difícil acesso, dirigido a populações pobres e mal atendido, o que está expresso nas longas filas de espera para obtê-lo e no "caos" da sua organização.

E o restante, que evidencia-se em 10 % relatam:

- com caráter positivo, correspondem às características dos servidores ou trabalhadores, que, embora atuando em um espaço desvalorizado e precário, evidenciam a necessidade de "fazer milagres" sendo inventivos e mostrando compromisso com o trabalho que desenvolvem e com a população assistida.
- Acreditam nas potencialidades do Sistema Único de Saúde e na atenção básica em particular, mantendo certo otimismo que se alicerça na dedicação e no trabalho de equipe multiprofissional preconizada.
- As características dos serviços nesse caso, estariam em concordância com serviços capazes de proporcionar uma boa qualidade assistencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste artigo, podemos ter uma visão de como se dá o processo dos indivíduos na área da saúde pública, As representações sociais possibilitam o acesso a um campo vasto de investigação no sentido de compreender as diversas relações que se estabelecem nessa área.

O processo saúde e a busca de cuidados nas representações sociais são vistos como processos dinâmicos, históricos e sociais. O cuidado proporcionado nos serviços, nesse aspecto, está em constante transformação, aberto às inúmeras influências cotidianas, exigindo constante repensar do seu conteúdo e expressão nas práticas sociais.

Portanto, por meio da obtenção de elementos levantados sobre determinados usuários em situações especificas, nos auxiliam na compreensão das representações sociais como elementos de entendimento, e podendo assim entender como é o dia- dia dessas pessoas que necessitam desse sistema para efetivação de suas necessidades.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICAS:

CAMPOS, Carlos Eduardo Aguilera. **O desafio da integralidade** segundo as perspectivas da vigilância da saúde e da saúde da família. 2003. disponível em < http://www.scielosp.org/pdf/csc/v8n2/

<u>a18v08n2.pdf</u>>. Acesso em: 20 de Dez. 2011.

BRASIL, Lei 8.080 de 19 de setembro de 1990. Lei orgânica da saúde.

COELHO, Bernadete Perez. **Gestão e subjetividade**: A dupla tarefa na produção de saúde e da produção de sujeitos no sistema único de saúde- SUS.

ELIAS, Paulo Eduardo. **Estado e saúde**: os desafios do Brasil contemporâneo. 2004. disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392004000300005&script=sci-arttext Acesso em: 03 de Jan. 2012.

NUNES, Everaldo Duarte. **Sobre a história da saúde pública**: idéias de autores. Ciência e saúde coletiva. 2000

4 - Gravidez na Adolescência no Município de São Borja¹

Bárbara Cruz Dos Reis Luísa Righi Fonseca²

RESUMO

O presente artigo pretende tratar da questão da gravidez na adolescência no município de São Borja. Tem como objetivo mostrar as estatísticas e as consequências de uma gestação precoce. Em um primeiro momento abordará os conceitos e aspectos gerais sobre o tema em estudo, demonstrando as dificuldades de uma gravidez, a maioria indesejada, no período da adolescência, considerando as informações obtidas por intermédio dos principais institutos e órgãos de saúde pública do nosso país. Em um segundo momento será dado ênfase à pesquisa realizada no município de São Borja-RS, que mostrará o número de adolescentes grávidas nos bairros que possuem Centro de Referência de Assistência Social (CRAS).

Palavras-chave: gravidez; adolescência; São Borja.

ABSTRACT

This article seeks to address the issue of teenage pregnancy in São Borja. Aims to show the statistics and the consequences of an early pregnancy. At first discuss the concepts and general aspects on the topic under study, showing the difficulties of pregnancy, most unwanted, during adolescence, considering the information obtained through the main institutes and public health agencies of our country. In a second stage will be given emphasis on research in São Borja, RS, which will show the number of pregnant teenagers in neighborhoods that have Reference Center for Social Assistance (CRAS).

Keywords: pregnancy, adolescence, Sao Borja.

Trabalho de conclusão da disciplina de Antropologia Social para obtenção de nota final. Universidade Federal do Pampa. Professor: Daniel Etcheverry.

² Alunas do segundo semestre do curso de Serviço Social.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como tema a gravidez na adolescência no munícipio de São Borja. Esta temática foi escolhida por ser, para alguns especialistas, considerado um problema de saúde pública na cidade e no nosso país. O estudo tem como objetivo demostrar os índices de gravidez precoce e suas principais consequências.

Serão abordados, em um primeiro momento, os conceitos e aspectos gerais sobre o tema, demonstrando as típicas mudanças que ocorrem nesta etapa da vida (adolescência), bem como as consequências e dificuldades enfrentadas pela adolescente ao se deparar com uma gravidez indesejada ou não planejada. Nesse contexto, serão demonstrados os resultados dos estudos estatísticos, com informações obtidas por meio dos principais institutos e órgãos de saúde pública do nosso país.

Em um segundo momento, foram entrevistadas meninas gestantes de diferentes bairros do município de São Borja-RS. A pesquisa mostrará o número de adolescentes grávidas nos bairros que possuem um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), assim como outros itens que foram postos a questionamentos às gestantes, observados durante o período da pesquisa.

CONCEITUAÇÃO E ASPECTOS GERAIS

A adolescência é uma fase de transição entre a infância e a fase adulta. Para alguns especialistas é tida como uma época conturbada em que os hormônios afloram, influenciando no comportamento social e psicológico do indivíduo. Assim, "a crise da adolescência é expressiva do crescimento que nele se dá, crescimento marcado por desorganizações físicas, hormonais, psíquicas e emocionais e consequentes reorganizações" (GUIMARÃES; ALVES; VIEIRA, 2004, s.p.).

Segundo dicionário virtual Michaelis (2011), adolescência é uma palavra originada do latim (*adolescere*) que significa crescer, desenvolverse. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS) é o período da vida entre os 10 e 20 anos, sendo dividida em duas partes: adolescência inici-

al, que abrange dos 10 aos 14 anos e adolescência final, dos 15 aos 20 anos de idade. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera a adolescência o período entre 12 e 18 anos de idade.

Na sociedade atual com a interferência ativa da mídia, com a maior liberdade adquirida pelos jovens e o maior convívio social, os adolescentes vem iniciando a vida sexual cada vez mais cedo, e, como consequência disto, a gravidez na adolescência.

Em uma pesquisa realizada em 2007, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), constatou que aumentou o número de adolescentes grávidas no Brasil entre os anos de 1996 e 2007. No ano de 1996, 6,9% dos partos realizados eram em adolescentes, em 2000 esse número cresceu para 30% e em 2007 foram realizados cerca de 700 mil partos em jovens, sendo 1,3% em adolescentes entre 10 e 14 anos.

A Síntese de Indicadores Sociais, também realizada pelo IBGE no ano de 2002, apontou que 7,3% das adolescentes em idade entre 15 e 17 anos têm, pelo menos, um filho. A gravidez na adolescência representa um grande problema para os jovens pais, para família e para sociedade, além de colocar em risco à saúde da mãe devido à imaturidade do organismo da gestante.

Segundo uma cartilha publicada no site do IBGE:

Quando uma adolescente engravida, geralmente ela se vê numa situação não planejada e até mesmo indesejada. Na maioria das vezes a gravidez na adolescência ocorre entre a primeira e a quinta relação sexual. E quando a jovem tem menos de 16 anos, por sua imaturidade física, funcional e emocional, crescem os riscos de complicações como o aborto espontâneo, parto prematuro, maior incidência de cesárea, ruptura dos tecidos da vagina durante o parto, dificuldades na amamentação e depressão. Por tudo isso, a maternidade antes dos 16 anos é desaconselhável (2011, s.p.).

Assim, a gravidez indesejada ou não planejada, geralmente, gera problemas não só para a mãe, mas como também para o bebê, por não haver certos cuidados essenciais para o perfeito desenvolvimento do feto na gestação.

De acordo com o Ministério da Saúde, foi criado no ano de 1989,

pela Portaria do Ministério da Saúde nº 980/GM de 21/12/1989, o Programa de Saúde do Adolescente (PROSAD), garantindo aos adolescentes, acesso à saúde com enfoque educativo e preventivo atuando juntamente com o Sistema Único de Saúde (SUS). Este programa dispõe profissionais da saúde específicos para a área de saúde sexual e reprodução (SILVA; BARBIERI; APERIBENSE; SANTOS, 2010). Segundo as mesmas autoras (2010), uma pesquisa realizada pelo PROSAD, em conjunto com o Ministério da Saúde, concluiu que a taxa de fecundidade entre os adolescentes cresceu 26% de 1990 até 2010. A Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher (PNDS) realizada em 2006 com jovens entre 15 e 19 anos apontou que, "23% estavam grávidas no momento da pesquisa e 12% já estiveram grávidas, mas não tiveram filhos nascidos vivos" (PNDS, 2006, s.p.).

Conforme informações expostas no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) o índice de gravidez na adolescência no Brasil é de 27,84%.

Para Ministério da Saúde (MS),

os índices de atendimento do SUS demonstram o crescimento do número de internações para atendimento obstétrico nas faixas etárias de 10 a 14, 15 a 19 e 20 a 24 anos. As internações por gravidez, parto e puerpério correspondem a 37% das internações entre mulheres de 10 a 19 anos no SUS (2011, s.p).

Essas informações obtidas por meio do SUS demonstram que há certo crescimento em relação às internações, e só vem aumento ano após ano. Observa-se que os dados colhidos pelo SUS, e pelos serviços de saúde pública, provam a veracidade dos fatos sobre o crescimento desenfreado de gestantes adolescentes.

A assistência básica dada à mulher durante a gestação, em qualquer lugar do nosso país, por maiores que sejam os esforços na busca pelo efetivo controle desse problema de saúde pública (a gravidez na adolescência) a cada dia os serviços de saúde se deparam com um novo caso de adolescentes grávidas que precisam de amparo (APERIBENSE; BARBIERI; SANTOS; SILVA, 2010).

EXPOSIÇÃO DO ESTUDO SOBRE GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA NO MUNICÍPIO DE SÃO BORJA

A pesquisa foi realizada no município de São Borja, no Estado do Rio Grande do Sul. Segundo consta no site oficial da cidade,

o município de São Borja está localizado no Oeste do Rio Grande do Sul. Limita-se ao Norte com as cidades de Garruchos e Santo Antônio das Missões, ao Sul, faz divisa com as cidades de Maçambará e Itaqui; a Leste com as cidades de Itacurubi e Unistalda. Já a Oeste faz fronteira com a cidade argentina de Santo Tomé (demarcada pelo Rio Uruguai), estando distante 600 km da capital do Estado. A população atual é de 61.433 habitantes, conforme o Censo 2010 (SÃO BORJA, 2011, s.p.).

O estudo foi realizado no período de outubro a dezembro de 2011, com adolescentes gestantes que residem nos bairros onde há instalações de CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), sendo eles: Centro, Passo, Arneldo Matter, Leonel Brizola, e Paraboi.

O método utilizado na presente pesquisa foi do tipo qualitativo e descritivo. Os itens considerados para o estudo foram: idade biológica, da gestação e da primeira relação sexual, renda da família, escolaridade, conhecimento sobre os métodos contraceptivos, sentimentos em relação à gestação, as principais mudanças sentidas pela jovem após o descobrimento da gravidez e as expectativas sobre o futuro do filho. A pesquisa deu-se por meio de entrevistas juntamente com a observação detalhada e anotação de tudo o que era considerado importante. Os dados foram coletados nas reuniões para gestantes proporcionadas pelo CRAS de cada bairro e durante as visitas aos domicílios das jovens. Toda e qualquer entrevista, observação, anotação foi mediante autorização das jovens. Quando citados, os nomes foram eventualmente trocados para a preservação da identidade.

Foram entrevistadas 13 adolescentes, sendo a mais nova com 13 anos e a mais velha com 19 anos de idade. Separando-as por bairro, tem-se a tabela abaixo:

Bairro	N.º de adolescentes grávidas
Centro	2
Passo	3
Arneldo Matter	2
Leonel Brizola	3
Centro	3

Entre as 13 meninas avaliadas no estudo em questão, apenas 4 (30,7% das entrevistadas) estavam, até o momento da entrevista, em um relacionamento sério com o pai do bebê ou com outro companheiro. Isto representa que, praticamente, 70% das jovens em estudo não terão o apoio do companheiro durante o parto, e, quem sabe, na criação do filho. O apoio do companheiro é de suma importância para que a jovem mãe possa superar as dificuldades psíquicas e sociais que resultam de uma gravidez não planejada e precoce (COLLI; GUIMARÃES, 1998).

No que tange as relações sexuais das adolescentes, 9 delas iniciaram a vida sexual antes de completarem 16 anos, e 4 tiveram a primeira relação sexual entre os 16 e 19 anos de idade. Todas engravidaram com menos de 2 anos de vida sexual ativa e afirmaram conhecer os métodos utilizados para a prevenção de gravidez e de doenças sexualmente transmissíveis. Segundo Desser (1993), na adolescência o ser humano ainda não mede as consequências do seu comportamento sexual, podendo isto resultar em uma gravidez indesejada ou na transmissão de doenças. Dentre as 13, apenas uma diz ter planejado a gravidez.

Quando questionadas sobre a renda familiar, todas responderam que suas famílias vivem com renda entre um e dois salários mínimos (sendo o salário mínimo fixado em torno de R\$ 510,00 reais) e dependem de programas sociais como o Bolsa Família. Seis delas responderam que um dos seus genitores (pai ou mãe) estão desempregados no momento, e nenhuma das garotas trabalham. Onze delas frequentam a escola no ensino fundamental, e duas saíram da escola quando completa-

ram o ensino fundamental, antes de engravidarem. Entre as que estudam, todas afirmaram que pretendem "dar um jeito" de não parar de estudar. Conforme cita Dadoorian (2000), a função de ser mãe seria a mais importante para as jovens de baixo poder aquisitivo.

Em relação às atividades de lazer, 8 relataram que preferem ficar em casa assistindo televisão a sair para brincar/passear, e que o município não dispõe de atividades gratuitas direcionadas para o público jovem. Neste contexto, nota-se que este pode ser um dos fatores que ainda levam jovens do município a uma gravidez precoce.

Informações mais precisas sobre os sentimentos em relação à gravidez foram coletadas em forma de relatos. Nesses relatos pode-se perceber de forma mais clara o que pensam as adolescentes sobre a gestação e sobre a vida sexual. Todos os nomes aqui expostos foram alterados para maior preservação da identidade.

"Quando? Ah, eu tinha 12 anos e ela era meu vizinho. Eu saía com outro guri, mas daí um dia ele ficou sozinho em casa e me chamou pra mim ir lá e eu fui. Daí aconteceu... Eu sempre me cuidava pra não engravidar, porque uma vizinha minha teve filho bem nova e eu sabia que era ruim. Agora eu fiz 15 anos e tô grávida, a gente vai morar junto ano que vem quando ele entrar pro quartel. A gente tá feliz e vai criar a Manuela juntos." (Ana)

"Foi quando eu tinha 14 anos e já namorava um guri da Igreja fazia uns três mês (sic)aí a gente fez e continuamos namorando, depois de mais um tempo eu descobri que tava grávida. A gente ainda tá junto e quando o nenê nascer vamos apresentar ele pro pessoal da Igreja." (Joana)

"Quando eu fiz 16 eu comecei a sair de noite, aí eu conheci um cara e a gente ficou um mês, depois ele me pediu em namoro e aconteceu a primeira vez. Quando eu completei 17 anos descobri que tava grávida, contei pra ele, ele aceitou mas teve que ir embora pra Santa Catarina por causa do serviço. A mãe dele tá me ajudando que me ajuda com fralda e roupinha. Ele diz que vai vir pra cá nas férias. É ruim ficar sozinha com um filho, mas eu quero me casar um dia." (Alana)

"Fazia tempo já que eu tinha relação, eu sabia que tinha que usar camisinha, mas nesse dia eu não usei e engravidei. Quando eu descobri tive

vontade de tirar a criança, mas agora eu já me acostumei. É legal sentir o nenê mexendo. Eu não vou deixar o Mário ver o nenê porque ele diz que não é dele." (Fabiana)

Conforme exposto nos relatos, as meninas que não possuem um laço afetivo estável com o pai do seu filho vivenciam a situação de uma forma ainda mais complexa. Sentimentos de raiva, rejeição e medo estiveram presentes na maioria dos relatos das mães solteiras, apenas as meninas que possuem uma relação estável expuseram que ficaram felizes com a gravidez. No quadro abaixo se pode ver as principais mudanças relatadas pelas jovens gestantes.

Mudança	N.º de jovens que responderam
Diminuição do lazer	10
Abandono escolar	0
Exclusão social	2
Diminuição das relações sexuais	9
Agressão por parte da família ³	3
Nenhuma mudança	1

Pode-se constatar, conforme o quadro, que houve algum tipo de mudança social ou emocional para todas as jovens, com a descoberta da gravidez. A maioria respondeu diminuição do lazer e diminuição das relações sexuais como sendo as principais mudanças. Isto pode ser entendido como uma forma de ambiguidade, pois ao mesmo tempo em que querem retornar à infância, querer manter uma vida sexual ativa.

Com o relato das três meninas que sofreram agressão por parte da família, pode-se perceber o grande impacto que uma gravidez precoce traz para o interior da família, causando desajustes estruturais. A observação feita nos domicílios das gestantes mostra que apenas 3meninas

³ As adolescentes relataram que sofreram algum tipo de agressão física ou verbal por parte dos genitores no momento da descoberta da gravidez.

(cerca de 23%) viviam em uma família bem estruturada, o restante delas (76,9%) apontou que sente uma grande carência afetiva por parte dos genitores por viverem apenas com um deles. Apenas 2 relataram receberem algum tipo de educação sexual por parte da família.

CONCLUSÃO

Realizar este estudo sobre gravidez na adolescência no município de São Borja foi um momento de muita aprendizagem. Considerando a área de estudo, pôde-se perceber que a intervenção faz parte da prática de trabalho do assistente social.

Perante os resultados da pesquisa, constatou-se que os motivos pelos quais as jovens engravidam de forma tão precoce partem da falta de uma educação sexual efetiva, do desuso dos métodos contraceptivos adequados, da ausência de uma visão ampla do futuro e, por concluírem de forma equivocada que ter um filho trará liberdade e antecipação da fase adulta.

Viu-se que a falta de amor, cuidado e respeito, por parte daqueles que são referência para as jovens, a família, exercem grande influência na gravidez. A família desempenha um papel importante no amadurecimento sexual dos jovens, ocorre que elas (as adolescentes), afirmaram não possuir um momento de diálogo franco. com os pais, e consequentemente ficam mais vulneráveis a uma gravidez indesejada ou não planejada.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. F. C.; GUIMARÃES, E. M. B.; VIEIRA, M. A. S. Saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes – um desafio para os profissionais de saúde no município de Goiânia-GO. Revista da UFG, Vol. 6, No. 1, jun 2004. Disponível em: http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/juventude/reprodutiva.html Acesso em: 16 nov 2011.

APERIBENSE, Pacita Geovana Gama de Souza; BARBIERI, Márcia;

SANTOS, Cláudia Regima Gonçalves Couto dos; SILVA, Verônica Caé da. Gravidez na adolescência em unidades de saúde pública no Brasil: revisão integrativa da literatura. Adolesc. Saude, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, p. 60-67, out/dez 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. **DATASUS**. Disponível em: http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?ibge/cnv/popuf.def. Acesso em: 16 nov 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Marco teórico e referencial: saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher**. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/pnds/ >. Acesso em: 15 nov 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. PROSAD - Programa Saúde do Adolescente. Bases Programáticas. 2 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 1996

BRASIL. República Federativa do. Estatuto da Criança e do Adolescente. (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990). Brasília, Diário Oficial da União, 1990. ed. Reformulada.

DADOORIAN, D. Pronta para voar: Um novo olhar sobre a gravidez na adolescência. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2000.

DESSER, N. A. Adolescência, sexualidade e culpa. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

GUIMARÃES, E.M.B; COLLI, A.S. Gravidez na adolescência. Goiânia: CEGRAF, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<a href="http://www.ibge.gov.br Acesso em: 16 nov 2011. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cartilha teen. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/saude/jovensmaes.html Acesso em: 16 nov 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Síntese de indicadores sociais. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/12062003indic2002.shtm Acesso em: 16 nov 2011.

MICHAELIS. **Dicionário virtual**. Disponível em: http://michaelis.uol.com.br> Acesso em: 28 nov 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Disponível em: http://www.who.int/es/index.html Acesso em: 16 nov 2011

5 - O Processo de Integração à Sociedade São-Borjense das Famílias do Assentamento São Marcos desde Seu Retorno à Terra

Gionei Carlos Neis Joseine Curtis Reinaço Dalenogare Paula De Oliveira Sant'ana¹

RESUMO

O Movimento Sem Terra busca em suas ações, como veremos em suas políticas, reintegrar as famílias à sociedade, bem como unir todos os pequenos produtores rurais por melhores condições de vida. Nesta perspectiva, buscamos nesse artigo identificar as políticas ligadas a integração das famílias do assentamento São Marcos, bem como a questão da identidade, dentro do movimento e na comunidade local e como a migração se relaciona com isso, já que a grande maioria das dezesseis famílias alocadas no assentamento, são de outras regiões do estado do Rio Grande do Sul.

Palavras-chaves: Sem-terra. Integração. Identidade. Inserção Social.

ABSTRACT

The Landless Movement seeks in its actions, as we will see in their policies, reintegration of families to society, as well as unite all small farmers for better living conditions. In this perspective, we seek in this article to identify the policies linked to integration of the families of the settlement Are landmarks, as well as the question of identity, within the movement and in the local community and how the migration relates to this, since the vast majority of sixteen families allocated in the settlement, are from other regions of the State of Rio Grande do Sul.

Keywords: Sem-terra. Integration. Identity. Social Inclusion.

¹ Alunos da disciplina de Antropologia II, do curso de Ciências Sociais-Ciência Política.

INTRODUÇÃO

"A grande coisa que o Movimento Sem Terra faz hoje, no Brasil, não é a luta pela reforma agrária, porque ela existe antes, durante e vai existir depois. O grande feito do Movimento Sem Terra é recuperar o sentido da cidadania de pessoas que estavam a um milímetro de virar párias da sociedade" (Lula, Caros Amigos, outubro, n.5, p.15).

A difícil batalha pela reintegração das famílias sem terra na sociedade marcada por preconceitos e exclusão foi o principal motivo do nosso estudo antropológico sobre os integrantes do assentamento São Marcos no município de São Borja. As famílias que ali vivem, há doze anos, trazem uma bagagem cultural que torna difícil a inserção no meio devido ao impacto dos novos valores no modelo cultural originário do migrante. Também percebemos na trajetória do movimento, desde sua origem nos anos 80, traços de luta não apenas pela terra, mas pelo reconhecimento da sociedade, da cidadania de um povo que volta a integrar-se a ela.

Nosso objetivo nesse artigo busca primeiramente descrever o Movimento Sem Terra (MST) quanto as suas origens, formação e objetivos. Num segundo momento, buscaremos identificar especificamente os assentados, ou seja, as famílias que já estão alocadas em uma área de terra, mas que ainda estão fortemente ligadas ao movimento. No terceiro subtítulo, entramos na parte principal do artigo que é aquela em que tratamos da luta pela integração das famílias do Assentamento São Marcos à sociedade são-borjense. Nesta parte buscamos entender como se dá a migração e a questão da identidade dentro do movimento e o que isso tem a ver com a inserção das famílias na sociedade.

MST: ORIGENS, FORMAÇÃO E OBJETIVOS

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra nasceu das lutas concretas que os trabalhadores rurais foram desenvolvendo de forma isolada, na região Sul, pela conquista da terra, no final da década de 70. O Brasil vivia a abertura política, pós-regime militar. O capitalismo na-

cional não conseguia mais aliviar as contradições existentes no avanço em direção ao campo. A concentração da terra, a expulsão dos pobres da área rural e a modernização da agricultura persistiam, enquanto o êxodo para a cidade e a política de colonização entravam em aguda crise. Nesse contexto surgem várias lutas que, aos poucos, se articulam. Dessa articulação se delineia e se estrutura o Movimento Sem Terra, tendo como matriz o acampamento da Encruzilhada Natalino, em Ronda Alta-RS, e o Movimento dos Agricultores Sem Terra do Oeste do Paraná (Mastro).

O MST não é algo novo na história do Brasil. É a continuidade das lutas camponesas, em uma nova fase. Durante a Colônia (até o final de 1800), os índios e negros protagonizavam essa luta, defendendo territórios invadidos pelos bandeirantes e colonizadores, ou unindo a luta pela liberdade com a da terra própria e construindo os quilombos. No final do século 19 e início do nosso século, surgiram movimentos camponeses messiânicos, que seguiam um líder carismático. São exemplares os movimentos dos Canudos, com Antônio Conselheiro; do Contestado, com Monge José Maria; o Cangaço, com Lampião, e diversas lutas regionalizadas.

Nas décadas de 30 e 40 ocorreram conflitos violentos, em diversas regiões, com posseiros defendendo suas áreas, individualmente, com armas nas mãos. Entre 1950 e 1964, o movimento camponês organizouse enquanto classe, surgindo as Ligas Camponesas, a União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTABs) e o Movimento dos Agricultores Sem Terra (Master). Esses movimentos foram esmagados pela ditadura militar, após 1964, e seus líderes foram assassinados, presos ou exilados. O latifúndio derrotou a reforma agrária. Mas entre 1979 e 1980, no auge da luta pela redemocratização, surge uma nova forma de pressão dos camponeses: as ocupações organizadas por dezenas ou centenas de famílias. No início de 1984, os participantes dessas ocupações realizaram o primeiro encontro, dando nome e articulação própria ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

O MST luta pela justiça aos Sem-Terra. O Movimento visa três grandes objetivos: a terra, a reforma agrária e uma sociedade mais justa. Quer a expropriação das grandes áreas nas mãos de multinacionais, o

fim dos latifúndios improdutivos, com a definição de uma área máxima de hectares para a propriedade rural. É contra os projetos de colonização, que resultaram em fracasso nos últimos trinta anos e quer uma política agrícola, voltada para o pequeno produtor. O MST defende autonomia para as áreas indígenas e é contra a revisão da terra desses povos, ameaçados pelos latifundiários. Visa a democratização da água nas áreas de irrigação no Nordeste, assegurando a manutenção dos agricultores na própria região. Entre outras propostas, o MST luta pela punição de assassinos de trabalhadores rurais e defende a cobrança do pagamento do Imposto Territorial Rural (ITR), com a destinação dos tributos à reforma agrária.

Com esta dimensão nacional, as famílias assentadas e acampadas organizam-se numa estrutura participativa e democrática para tomar as decisões no MST, ou seja, e na luta que se identificam. Nos assentamentos e acampamentos, as famílias organizam-se em núcleos que discutem a produção, a escola, as necessidades de cada área. Destes núcleos, saem os coordenadores e coordenadoras do assentamento ou do acampamento. A mesma estrutura se repete em nível regional, estadual e nacional. Um aspecto importante é que as instâncias de decisão são orientadas para garantir a participação das mulheres, sempre com dois coordenadores, um homem e uma mulher. E nas assembleias de acampamentos e assentamentos, todos têm direito a voto: adultos, jovens, homens e mulheres.

Da mesma forma nas instâncias nacionais. O maior espaço de decisões do MST é o Congresso que ocorre a cada cinco anos. No mais recente, o V Congresso, participaram mais de quinze mil pessoas. É no Congresso que são definidas as linhas políticas do Movimento para o próximo período e avaliado o período anterior. Estas definições são sintetizadas nas palavras de ordem de cada Congresso e que se estendem para o período seguinte. O V Congresso Nacional definiu como linha para este próximo período: "Reforma Agrária, por Justiça Social e Soberania Popular". Foi aprovado ainda o novo programa de Reforma Agrária defendido pelo Movimento, após dois anos de debates e estudos nos assentamentos e acampamentos. Além do Congresso, a cada dois anos,

o MST realiza seu encontro nacional, onde são avaliadas e atualizadas as definições deliberadas no Congresso.

Além dos Congressos, Encontros e Coordenações, as famílias também se organizam por setores para encaminharem tarefas específicas. Setores como Produção, Saúde, Gênero, Comunicação, Educação, Juventude, Finanças, Direitos Humanos, Relações Internacionais, entre outros, são organizados desde o nível local até nacionalmente, de acordo com a necessidade e a demanda de cada assentamento, acampamento ou estado.

O MST está organizado em vinte e três estados da Federação. Em treze anos de existência, quase cento e cinquenta mil famílias já conquistaram terra. Grande parte dos assentados se organiza em torno de cooperativas de produção, que já somam cinquenta e cinco associadas às centrais ligadas à Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil (Concrab). A elevação da renda das famílias assentadas é realidade em muitos dos assentamentos, principalmente onde as agroindústrias são desenvolvidas. Além da preocupação com o aumento do poder aquisitivo, o MST investe na formação técnica e política dos assentados. O setor de educação é um dos mais atuantes, propondo ampliar o conceito de educação, para não ser sinônimo apenas de escolaridade. São mais de 38 mil estudantes e cerca de mil e quinhentos professores diretamente envolvidos nesse projeto de uma nova educação, pela Unicef. Além dos cursos regulares, o MST promove cursos e atividades de capacitação beneficiando cerca de três mil pessoas todo ano. Entre eles estão os cursos de magistério e o técnico em administração de cooperativas, em nível de segundo grau.

FAMÍLIAS ASSENTADAS

"Mesmo depois de assentadas, estas famílias permanecem organizadas no MST, pois a conquista da terra é apenas o primeiro passo para a realização da Reforma Agrária. Os latifúndios desapropriados para assentamentos normalmente possuem poucas benfeitorias e infraestrutura, como saneamento, energia elétrica, acesso à cultura e lazer. Por isso, as

famílias assentadas seguem organizadas e realizam novas lutas para conquistarem estes direitos básicos." (Site do MST)

Podemos perceber que uma vez identificadas com o movimento, as pessoas permanecem ligadas a ele para melhorar a situação de todos os pequenos agricultores. Vejamos algumas políticas em relação ao assunto: A reforma agrária necessária: por um projeto popular para a agricultura brasileira. Essa política tem por objetivo: inserir como parte dos anseios da classe trabalhadora brasileira a construção de uma nova sociedade: igualitária, solidária, humanista e ecologicamente sustentável. Desta forma, as propostas de medidas necessárias fazem parte de um amplo processo de mudanças na sociedade e, fundamentalmente, da alteração da atual estrutura de organização da produção e da relação do ser humano e natureza. De maneira que, todo processo de organização e desenvolvimento da produção no campo aponte para a superação da exploração, da dominação política e da alienação ideológica e da destruição da natureza. Buscando valorizar e garantir trabalho a todas as pessoas como condição à emancipação humana e à construção da dignidade e da igualdade entre as pessoas e no restabelecimento de relações harmônicas do ser humano com a natureza.

Mas, para isso são necessárias algumas mudanças, tais como: A terra e os bens da natureza são acima de tudo, um patrimônio dos povos que habitam cada território, e devem estar a serviço do desenvolvimento da humanidade. Democratizar o acesso a terra, aos bens da natureza e aos meios de produção na agricultura a todos os que querem nela viver e trabalhar. A propriedade, posse e uso da terra e dos bens da natureza devem estar subordinados aos interesses gerais do povo brasileiro, para atender as necessidades de toda população. As medidas fundamentais seriam então: Estabelecer um tamanho máximo da propriedade rural, para cada agricultor, estabelecido de acordo com cada região; Garantir acesso à terra a toda família que quiser viver e trabalhar nela; Desapropriar todas as propriedades rurais de empresas estrangeiras, bancos, indústrias, empresas construtoras e igrejas, que não dependem da agricultura para suas atividades; e, desapropriar todas as grandes propriedades que não cumprem com a função social.

Os meios de produção no meio rural também sofreriam algumas mudanças, principalmente no que diz respeito à produção agrícola ser orientada com prioridade absoluta para a produção de alimentos saudáveis para todo o povo brasileiro, garantindo-se assim o princípio da soberania alimentar e com base no desenvolvimento de todas as formas de cooperação agrícola, como: mutirões, formas tradicionais de organização comunitária, associações, cooperativas, empresas públicas, empresas de prestação de serviços, entre outras.

Outra questão se encontra no fato de que a água deveria estar subordinada aos interesses sociais. Não poderia haver propriedade privada da água, seja para consumo humano ou para agricultura. Será considerado de domínio público todos os reservatórios de água, das barragens existentes. Todo abastecimento de água potável nas comunidades rurais e nas cidades deve ser um dever do estado, e por tanto organizado por empresas públicas.

A agricultura moderna e a produção agrícola nas mais diferentes regiões de nosso país, enfrenta cada vez mais dificuldades relacionadas com a instabilidade do clima e das chuvas. Essa instabilidade afeta a produtividade, inviabiliza a produção e prejudica preponderantemente a renda dos pequenos agricultores. Assim, é necessário combinar a democratização da terra, a reorganização da produção agrícola, com os meios necessários para garantir acesso e o manejo sustentável da água, de forma a orientar sua conservação e uso no abastecimento humano e na produção agropecuária a todos os agricultores e assentados.

A política agrícola deveria estar voltada para os interesses do povo, ou seja, o estado deve usar todos os instrumentos de política agrícola, como garantia de preços, crédito, fomento à transição e consolidação da produção agroecológica, seguro, assistência técnica, armazenagem, prioritariamente para o cumprimento desse programa de reforma agrária.

Além dessas políticas já expostas, o MST defende o acesso à educação, tanto no sentido da escolarização ampla como de bens e valores culturais, pois é condição necessária para uma Reforma Agrária e para a democratização de nossa sociedade bem como uma reintegração.

Mas essa educação vai além da escola e está vinculada a um novo projeto de desenvolvimento econômico, social e ecológico, para o campo que tem como sujeito as próprias pessoas que vivem nas comunidades rurais organizadas.

A principal mudança nesse contexto e que é de relevância significativa neste artigo, diz respeito ao desenvolvimento da infraestrutura social no meio rural. O programa de reforma agrária para um novo projeto de agricultura popular deverá ser acompanhado por um amplo programa social, por parte do Estado, que garanta a toda a população do campo, as mesmas oportunidades de todos brasileiros. E a reforma agrária deve ter como prioridade, a busca em todas as suas medidas, para gerar oportunidades iguais para toda a juventude e as mulheres, que vivem no campo. Garantindo-lhes trabalho, renda, educação e cultura e combatendo assim o êxodo rural e a migração. Para isso são necessárias algumas medidas: Implementação de um amplo programa de construção e melhoria das moradias no meio rural, conjugado com garantia de acesso a energia elétrica, de fontes renováveis e alternativas, água potável, transporte publico, informática, e atividades culturais em todas as comunidades rurais. Bem como desenvolver nessas comunidades programas de saúde familiar preventiva; Desenvolver um programa de democratização dos meios de comunicação de massa, para que as comunidades possam ter suas rádios comunitárias, acesso aos programas de TV comunitária, etc.; Orientar para que as moradias das famílias que vivem no interior, sejam aglutinadas, em povoados, comunidades, núcleos de moradias, agrovilas, etc. de acordo com a realidade regional e as cultura, de modo a facilitar o atendimento dos serviços públicos de luz elétrica, saúde, educação e a melhoria das condições de vida; Desenvolver programas de valorização da cultura do povo de cada região. E incentivo a pratica de esportes, de todas as modalidades, em especial entre crianças e jovens. Desenvolver programas especiais que representem geração de renda para as mulheres do campo. Bem como estruturais sociais coletivas, centros de educação infantil e refeitórios coletivos, que viabilizem a participação das mulheres em igualdade de condições em atividades produtivas; Garantir a implementação de um programa preventivo de saúde pública para todas as comunidades rurais. Valorizando os conhecimentos populares, e as estruturas curativas necessárias. Bem como um programa massivo de formação de antes de saúde, que vivam nas comunidades.

A proposta de mudanças no campo, defendidas pelo MST, que atendem os interesses da ampla maioria da população brasileira, e a todos os trabalhadores brasileiros, dependem de um processo de luta permanente do povo, no campo e nas cidades, para conseguirem acumular forças suficientes, para impor essas mudanças, que as classes dominantes, os latifundiários, e os grandes capitalistas jamais aceitarão, pois terminaria com seu processo de exploração, acumulação e exclusão. Neste sentido o próprio movimento afirma:

"Para que possamos alimentar esse programa e torná-Io realidade, depende de dois fatores básicos:

1. Mobilização popular

O Povo deve ser o sujeito de todo processo de mudanças no campo. E as mudanças somente acontecerão com a pressão popular.

Somente a construção de um amplo movimento popular que reúna os milhões de trabalhadores interessados nas mudanças na sociedade, poderá alterar a atual correlação de forças e viabilizar as mudancas necessárias.

Para isso é necessário organizar, massificar, e ampliar a participação popular nas lutas e mobilizações, de forma permanente. As mudanças necessárias somente serão realizáveis com uma ampla participação popular, antes e durante a aplicação do programa.

Esse programa de reforma agrária somente se viabilizará com ampla participação popular, de todos os setores.

Devemos levar esse debate, da necessidade de uma ampla reestruturação da propriedade e da produção agrária, para todas as escolas, meios de comunicação e espaços de debate, para conscientizar a toda sociedade brasileira de sua importância e dos seus benefícios para todo povo.

As conquistas atuais de assentamentos, associações, cooperativas e organizações sociais, fazem parte desse processo de mobilização e acúmulo de forças para realização de uma verdadeira reforma agrária. E, em cada um deles, devemos já desde logo, ir aplicando as nossas

propostas, construindo nossos territórios livres.

2. A ação do estado democrático popular

A implementação dessas mudanças implica necessariamente em que o Estado, com tudo o que representa de poder (executivo, legislativo, judiciário, segurança e poder econômico) seja o instrumento fundamental de implementação das propostas.

Seguramente deverá ser um Estado diferente do atual. Deverá ser gerido democraticamente, com ampla participação das massas e buscando sempre o bem comum.

Por outro lado, deverá haver um novo nível de colaboração e complementariedade, entre os governos federal, estadual e municipal." (Disponível em: http://www.mst.org.br/, 2011).

LUTA PELA INTEGRAÇÃO DAS FAMÍLIAS DO ASSENTAMENTO SÃO MARCOS À SOCIEDADE SÃO-BORJENSE

Em virtude do exposto acima fica fácil compreende quando Barth (1976) assinalava a origem e o processo de formação cultural como definidores da identidade individual e a estes componentes estruturantes podemos acrescentar a identidade de classe. Tratando-se de um coletivo que ideologicamente se define num contexto de *luta de classes*, temos de ler a identidade do assentado dentro de um elemento modelador de caráter globalizante. Esse elemento no caso dos assentados e de todo o MST seria a terra.

Além disso, para entendermos a luta das famílias do assentamento São Marcos para se identificar com a sociedade local, precisamos discutir a migração dos assentados. Em conversas com os assentados percebemos que a maioria deles já trabalhava na terra em outra região do estado do Rio Grande do Sul, mais precisamente na região do município de Erval Seco. Devido a endividamentos com bancos perderam suas terras que serviam de garantia nos financiamentos. Seu Alceu, pai de família e morador do assentamento diz que "O banco veio e tirou nossas terras e ficamos na rua. O único jeito foi se juntar aos Sem-terra." Além disso, seu relato é e que não gostavam do MST até tal momento. Porém ao

conhecer sua política passaram a fazer parte dele e lutar por um "pedaço de terra". Ao chegarem no local sentiram muita dificuldade, pois além de ser uma região de latifúndio, dominada por grandes proprietários, não conseguiam se adaptar à terra, ao clima e ao meio social. "O clima era outro, entre os assentados a convivência é boa, mas os de fora tem certa desconfiança, preconceito, medo, tanto da cidade como do próprio interior." Esse relato mostra uma formação cultural massificada no assentado que se identificava com o local de origem e agora, deve se adaptar ao novo local.

Mas, ao mesmo tempo há uma identificação com a classe Semterra, ou seja, há uma interação com o coletivo que define dentro da luta de classes. Com o passar dos anos as famílias aprenderam lutar por espaço no meio e se organizaram dentro do próprio assentamento.



Foto 1

Nas fotos 1 e 2, temos um resfriador de leite comunitário no qual é depositado o leite de vários agricultores. Isso comprova a identificação das pessoas dentro do grupo, pois são capazes de dividir o mesmo espaço organizadamente e são alegres por isso.



Foto 2

Também, temos relatos do líder do assentamento, senhor Emiliano, (foto 3) que mora em uma casa humilde, mas se sente feliz por ter onde morar.



Foto 3



Foto 4

Seu Emiliano é um exemplo claro de que a migração pode afetar a identidade das famílias com o local do assentamento. "Fui assentado em uma área no município de Santana do Livramento, mas a terra não era boa, não conseguia produzir e fiquei descontente. Daí consegui a permuta com a família que morava aqui e não pensei duas vezes. Hoje sim, estou bem e até aumentei minha casa." Esse assentado é o único com origens do próprio município de São Borja (foto 4). As outras dezesseis famílias buscaram na identidade com a terra a inserção social, pois terra é a identidade do grupo Sem-terra assim como o totem simboliza a identidade do grupo clânico para Durkheim.

Outro exemplo de busca pela inserção na sociedade são-borjense esta inscrito na participação conquistada pelas famílias que no momento já estão fazendo parte de diretorias da comunidade de São Marcos. Seu Alceu diz "quando assumi a tesouraria da comunidade eles ficaram meio desconfiados, mas depois que comecei fazer um trabalho bom eles viram que a gente não é o que eles pensam.

Além disso, muitas crianças frequentam a escola local e os adultos a igreja, ou seja, as pessoas já estão inseridas no meio em que vivem e se

identificam com ele, pois no local também se encontram vizinhos do assentamento. Com o passar do tempo o coração dos migrantes foi se identificando com a comunidade local, sem que se apagassem as lembranças do lugar de origem. Nem sempre se deseja retornar ao lugar de origem para ficar, mas para lembrar e matar a saudade de certas lembranças da infância.

No entanto, as pessoas fizeram questão de salientar que ainda existe muita exclusão por parte da sociedade são-borjense em relação aos assentados. Reclamações ao comércio local que não são bem atendidos e até são ignorados; a administração do município que deixa escapar investimentos do governo federal para o assentamento; Os grandes proprietários locais que não respeitam o assentamento passando veneno nas lavouras próximas às casas; O acesso à sede do município fica praticamente impossível quando chove (foto 5).



Foto 5

Essas são algumas queixas dos assentados em relação à sociedade na qual estão inseridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do MST ter uma boa organização, como vimos, e possuir muitas políticas de reintegração à sociedade e de bem-estar dentro dos

assentamentos para uma melhor identificação das famílias com o movimento, o que encontramos pessoas simples, de vida humilde, trabalhadores da terra, que num primeiro momento de suas vidas se viram sem oportunidades e sem teto.

O ingresso no MST contribuiu na formação da identidade social dos migrados; o movimento cultiva a identidade cultural de classe referida à cultura nacional e à mística em torno de símbolos e princípios que dão coerência à ação, unificando e fortalecendo a vontade coletiva de luta social. Com raríssimas exceções, todos conhecem muito bem a história, os princípios e os valores do Movimento.

BIBLIOGRAFIA

BARTH, Fredrik. *Os grupos étnicos e suas fronteiras*. In: O guru, o iniciador, e outras variações antropológicas. Trad. John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

LAKATOS, A. Maria. Fundamentos de Metodologia Científica. São Paulo: Atlas, 1986;

LÉVI-STRAUS, C. La Identidad. Barcelona: Petrel, 1981;

Site do MST: http://www.mst.org.br/>. Acesso em 22/11/2011;

Artigo MST: MIGRAÇÃO, IDENTIDADE E INSERÇÃO SO-CIAL. Disponível em: http://dialogosantropologicos.blogspot.com/2010/08/fredrik-barth-grupos-etnicos-e-suas.html. Acesso em 22/11/2011.

6 - Evasão Escolar no Município de São Borja

Ellen Escobar Fernanda Vargas Rafaela de Sá¹

RESUMO

Este artigo aborda as causas e conseqüências da evasão escolar, a partir da pesquisa etnográfica em uma escola que possui o maior índice de evasão escolar do município de São Borja. Trata de um estudo sobre as reais causas desse fenômeno que além de desestruturar o ambiente escolar, prejudica também o aluno e a sociedade. A evasão escolar se dá por vários motivos e todos relacionados com a realidade em que se encontram esses alunos. A pesquisa baseia-se nas entrevistas e na observação do cotidiano escolar.

Palavras chave: Evasão escolar. Educação, Escola

ABSTRACT

This article discusses the causes and consequences of truancy, as ethnographic researching a school that has the highest dropout rate in São Borja. It deals with a study on the real causes of this phenomenon that in addition to disrupting the school environment is also detrimental to the student and society. The dropout occurs for many reasons and all related to the reality that these students are. The research is based on interviews and observation of the school routine.

Keywords: School dropouts. Education. School

INTRODUÇÃO

Esse artigo tem por objetivo trazer a problemática das causas e conseqüências da evasão escolar, o termo evasão escolar tem como significado o abandono do aluno durante sua vida escolar, situação problemáti-

¹ Alunas do segundo semestre do curso de Serviço Social

ca, que se produz por uma série de determinantes, a partir dessa pesquisa qualitativa e etnográfica, realizada através de visitas na escola.



A qual possui o maior índice de evasão escolar no município de São Borja sendo está localizada em um bairro com grande vulnerabilidade social, porém possui uma estrutura razoável, e o quadro de professores obtém a qualificação, básica para exercer a profissão embora ainda haja alguns que deixam a desejar no processo de aprendizagem do aluno, pois os mesmos não procuram se aperfeiçoar tendo o seu grau de profissionalização estagnado praticando métodos ultrapassados e não possuindo dinâmicas de estudo que envolvam os alunos ficando apenas no tradicional recurso.

No decorrer do texto iremos abordar aspectos que nos indicam quais os fatores e seus respectivos motivos que levam ao abandono da evolução escolar do aluno tornando-se incapazes de garantir uma vida com perspectivas de realizações. Fatores esses que suas funções estão interligadas cada um possui uma parcela de função sendo que se houver falha

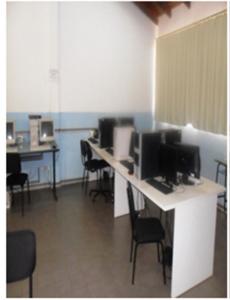
de um dos fatores resultará no processo escolar trazendo como conseqüência a evasão escolar.



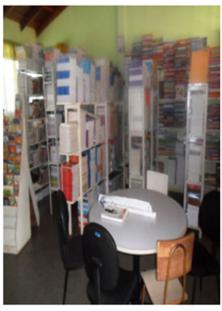
EVASÃO ESCOLAR EM ESCOLA PÚBLICA

A pesquisa foi realizada nos meses de outubro e novembro, sendo cinco visitas na escola Ubaldo Sorrilha da Costa, a pesquisa envolveu a diretora, professoras pedagogas, coordenadoras e auxiliares administrativos a direção nos disponibilizou documentos em que se constatou que a escola possui 560 alunos e 42 professores, e a partir desses dados então a pesquisa teve como objetivo de estudo a relação escola- família, aluno-professor buscando compreender os motivos que se dá a evasão escolar, e observando o espaço físico em que os alunos estão inseridos.



















Conforme o relato da diretora a evasão escolar é vista pelos olhos da sociedade, como única responsável do resultado escolar fracassado do estudante a própria instituição escolar em que o aluno está inserido. A partir desta questão que a diretora nos passou sentimos a necessidade de

analisar o porquê de a sociedade ter esse conceito, estudando a relação família-escola onde observamos que á um déficit nesse relacionamento, pois a família não tem hábito de participar dos eventos da escola e ate mesmo quando a escola impõe a presença familiar do aluno não a resultados positivos. Com essa imposição que a escola faz a família, varias vesses ocasiona violência intrafamiliar, pois opôs o comparecimento do responsável a escola ao saber que o aluno não está comparecendo as aulas a reação do mesmo perante ao aluno não é de dialogo e sim de violência mas o verdadeiro motivo dessa repressão que o responsável faz não é pelo ensino do aluno que está sendo prejudicado mas sim pelo interesse que o aluno permaneça a freqüentar a escola pelo motivo do recebimento do beneficio que o governo disponibiliza chamado "Bolsa Escola".

Vale lembrar que as famílias, beneficiada, com filhos entre zero e 15 anos de idade devem, como contrapartida, matricular e garantir a freqüência de seus filhos na escola, cumprir o calendário de vacinações, fazer o acompanhando pré-natal e participar de ações educativas sobre aleitamento materno e alimentação saudável. (Marques, Mendes, 2007, p.20)

Constatou-se que essa repressão que a família faz ao aluno, através da violência reflete diretamente na relação aluno- professor, pois os alunos passam a comparecer a escola obrigados para não ter motivos de ocorrer novas agressões, fazendo com que o seu relacionamento com os professores sejam conturbados, pois atribuem ao professor a culpa de estarem sobre pressão dos pais em freqüentarem a escola, pelo motivo de que a mesma tomou iniciativas de comunicar aos responsáveis sobre infrequência ocorrida na escola. A partir desse contexto que faz emergir o relacionamento conturbado em que os alunos passam a não prestar atenção, não participando das atividades que são propostas pelo professor, dispersando toda a turma, faz com que o professor não se importe com a sua infrequencia, pois quando esta presente prejudica o rendimento de suas aulas.

Esses profissionais que tem formação para atuar na educação, e não

conseguem contornar a situação de alunos dispersados são os profissionais que não se importam em resgatar o aluno ao ensino e não buscam alternativas para que haja interesse do aluno permanecer em aula, sendo esses os profissionais de formação, mas não de qualificação. Como podemos perceber não é apenas um fator que predomina, e sim o conjunto dos fatores que estão presentes no cotidiano de cada dia, que levam as causas e conseqüências da evasão escolar, cujo objetivo é compreender determinantes que causam a evasão escolar, que se reflete ao trabalho educativo, tomando-se como referência,

Dentro desse quadro de fatores cada um assume um papel de grande importância nesse fenômeno que é a evasão escolar. Sendo que é na escola começa a emergir as consequências, com professores mal qualificados e sem preocupação em buscar os verdadeiros motivos do desinteresse do aluno e até mesmo por muitos não estarem fazendo parte do quadro de professores por competência e sim por indicações partidárias.e também falta de estrutura, onde se tem pouco espaço para uma grande quantidade de alunos, devido à escassez de recursos fornecidos pelo município. Outro fator da evasão escolar é a família, que não acompanha o desempenho escolar do aluno, e quando é acompanhado é por interesse de beneficio próprio em relação aos programas do governo federal.

Apos observação feita no diurno passamos a observar o noturno, a partir desse novo contexto verificamos que o maior índice de evasão esta concentrado no turno da noite pelos motivos que já estão maiores e não ha tanta repressão feita pelos responsáveis em freqüentar a escola, já que os mesmos não possuem, mais a idade de se adequar aos critérios do beneficio governamental. Baseados em documentos analisados em que a coordenada do turno da noite nos disponibilizou, passamos a ter a informação que os motivos que levam aos adolescentes a evadirem são por dificuldades financeiras passam a se inserirem no trabalho, sendo este por muitas vezes precarizados e informal, pois não estão qualificados para trabalhar, não tendo ao menos o ensino fundamental e com isso não conseguem conciliar o trabalho com os estudos, devido o cansaço.

Em relação à educação, a SIS mostra evolução entre 1999 e 2009, com aumento, por exemplo, do percentual de pessoas que frequentam instituições de ensino em todas as faixas etárias e todos os níveis de escolaridade – embora o rendimento familiar per capita ainda seja um fator de desigualdade no acesso à escola, sobretudo nos níveis de ensino não obrigatórios (infantil médio e superior). Apesar da maior democratização no acesso ao sistema escolar, a adequação idade/nível educacional ainda é um desafio, principalmente na faixa de 15 a 17 anos de idade, em que só 50,9% dos estudantes estão no grau adequado (ensino médio). (IBGE, 2009).

O outro motivo que leva a evasão é a gravidez na adolescência, pois não tiveram informações necessárias de prevenção apartir de dados que coletamos do Instituto Brasileiro Geográfico de Estática constatamos que:

Porém, o mesmo não acontece com as adolescentes. Segundo os dados do IBGE, desde 1980 o número de adolescentes entre 15 e 19 anos grávidas aumentou 15%. Só para ter idéia do que isso significa, são cerca de 700 mil meninas se tornando mães a cada ano no Brasil. Desse total, 1,3% são partos realizados em garotas de 14 a 17 anos. (IBGE,2010)

Outro aspecto que resulta na evasão escolar é o uso de drogas licitas e ilícitas por menores pelo fácil acesso, as mesmas devido à falta de programas de prevenção e a problematizarão do tema o que ocasiona um elevado numero de usuários em idade escolar, sendo o crack uma das mais recentes drogas e mais consumida por ter baixo valor.

O número de usuários de *crack* hoje no Brasil está em torno de 1,2 milhão e a idade média para início do uso da droga é 13 anos. Os dados foram apresentados hoje (5) pelo psiquiatra Pablo Roig, durante o lançamento da Frente Parlamentar Mista de Combate ao Crack, na Câmara dos Deputados. Roig é especialista no tratamento de dependentes do *crack*.(IBGE,2010).

Em todos os casos em que foi citado no corpo do texto tanto como crianças e adolescentes são seguidos os mesmos procedimentos sendo

estes: telefonemas, visitas, envio de recados e entrega de listas contendo os nomes de alunos evadidos para a equipe pedagógica, e em ultimo caso as fichas FICAI (Ficha de Comunicação do Aluno Infreqüente) esta é criada para garantir o direito a educação quando a criança ou o adolescente faltar uma semana, primeiramente a escola, depois o Conselho Tutelar e por fim o Ministério Publico serão acionados para que esse direito seja garantido.

Procedimentos que a escola pode desenvolver com os seus profissionais desenvolvendo estudos e debates para promover estratégias para melhoras na qualidade do ensino e sendo capacitados de evitar a evasão utilizando todos os recursos disponíveis e socialização dos conhecimentos adquiridos por meio do diálogo entre alunos e professores.

PROCESSOS DA PESQUISA

Depois de várias tentativas em marcar uma visita, conseguimos o primeiro dia da entrevista no dia cinco de outubro pelo turno da noite, horário disponibilizado pela diretora Nadir Carvalho, no primeiro momento a mesma se mostrou muito disposta a nos passar as devidas informações, propiciando um bom diálogo. Encaminhou-nos aos setores responsáveis pelos casos de alunos evadidos, onde também obtemos êxito em esclarecer algumas duvidas inicias, e com o decorrer das demais visitas iam surgindo mais duvidas que aos poucos foram esclarecidas.

O segundo dia de visita foi pelo turno da tarde onde foram analisadas as condições físicas da escola, onde foram observadas as más condições das classes e cadeiras, pouca ventilação, grande número de aluno em pouco espaço. Na hora do intervalo observou- se que havia pouca proteção solar no pátio. O refeitório bem estruturado e com boas condições de higiene e no momento estava sendo distribuída a merenda, que aparentemente era de boa qualidade.

O terceiro dia foi no turno da manhã e tivemos acesso à biblioteca e ao laboratório de informática, onde ambos possuem professores responsáveis pelo setor, instruindo os alunos a utilizarem os recursos disponíveis. A partir daí foi observado na biblioteca, livros rasurados e rasga-

dos, e muitos não retornaram a biblioteca. E no laboratório de informática há pontos positivos em relação ao desenvolvimento dos alunos junto à evolução da tecnologia, proporcionando aos alunos a capacitação para que os mesmos se insiram no mercado de trabalho com ma boa qualificação.

No quarto dia tivemos contato com a professora do currículo, e alguns alunos, que foi observado que dentro das salas de aula o que se pode observar é que nem todas as atividades são aceitas pelos alunos, fazendo com que ela busque alternativas incentivadoras para que sua aula se torne dinâmica e que os alunos optem em participar. E alguma situação que se percebe que não conseguirá resolver em aula, é repassada pela mesma aos setores competentes. Quanto aos alunos foi observada a falta de concentração, o descomprometimento com a escola, onde nos relataram que muitos freqüentam a escola por obrigação, pela merenda que muitas vezes passa a ser a única refeição do dia.

No quinto e último dia foi feita a visita pelo turno da tarde, onde a orientadora nos passou as fichas Ficais onde foi observado que o maior índice de evasão escolar é pelo turno da noite e na maioria do sexo feminino. Sendo o principal motivo a gravidez precoce e seus respectivos companheiros, que as proíbem de freqüentarem a escola. E do sexo masculino, a necessidade de buscar um emprego, pelo fato de estarem entrando na adolescência e até mesmo ter dificuldades dentro de casa, sentindo a necessidade de optar pelo emprego em vez do estudo. Observou-se que a maioria dos casos os pais desses alunos são autônomos, onde os homens trabalham como pedreiros, catadores de materiais reciclados e as mulheres são domésticas, diaristas e muitas delas donas de casa, ou seja, profissão informal e mal remunerada, onde se vê a necessidade de filhos optarem pelo emprego e não pelo estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos observar na nossa pesquisa que a educação, tanto no Brasil como na cidade de São Borja, deixa muito a desejar, sendo que as instituições de ensino e os educadores nem sempre estão preparados

para trabalhar com varias questões que aparece no dia-dia das escolas, sendo a evasão escolar a principal, mesmo por que os professores são maus remunerados o ambiente de trabalho precário e uma comunidade carente com problemas sociais, com todas essas características a evasão se da de forma crescente. Mesmo que alguns professores procurem fazer com que os alunos permaneçam na escola eles têm uma grande dificuldade, pois as suas limitações são grandes, principalmente em relação aos adolescentes que a pesquisa aponta ser o maior numero de alunos evadidos. Alunos estes que pela condição de vida necessitam abandonar a escola para poder sobreviver, deixando de lado seu progresso escolar e se inserindo no mercado de trabalho precarizado com salário irrisório. Outro aspecto importante que devemos salientar é a gravidez na adolescência sendo um dos motivos da evasão. Conclui-se então que não há um responsável pela evasão e sim um conjunto de fatores composto por Família (falta de acompanhamento escolar), Escola (professores mal remunerados e falta de estruturas escolar), Estado (falta de investimentos no ensino e em programas sociais).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IBGE, Instituto Brasileiro Geográfico de Estatística(2009-2010) Marques, Rosa Marques. Política da pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP)

Mendes, Áquilas, Fundação Armando Penteado (FAAP/SP)

ANEXOS

Ficha de Comunicação do Aluno Infrequente utilizada pelo Ministério Público, Conselho Tutelar e pela escola.



FICHA DE ALUNO INFREQUENTE - NOVA FICAI

1. ESCOLA									
NOME:	ESTADUAL()MUNICIPAL()PRIVADA ()								
	TELEFONE:								
2. ALUNO (A)	IDADE:								
NOME:	DATA DE NASCIMENTO:/_/								
FILIAÇÃO:	E								
ENDEREÇO:	BAIRRO								
MUNICÍPIO:TELEFONE:									
PONTO DE REFERÊNCIA:									
NOME E ENDEREÇO DE OUTRAS	S REFERÊNCIAS (parentes e vizinhos)								
NOME DO PROFESSOR:	DATAS DAS FALTAS:DATA DA COMUNICAÇÃO://								
3.2 Providências da Orientação E	iscolar:								
3.3 Providências da Equipe Diret									
entrevista na escola, outros; respor	data; instrumentos utilizados – recado, telefonema, visita domiciliar, nsável pelos contatos):								

MOTIVOS IDENTIFICAD	OOS PARA AS FALTAS:				
Dific. aprendizagem () Está trabalhando () Envolvimento com drogas () Falta de transporte () Resistência do aluno () Doença () Prob. de relac. escolar () Distorção idade/série () Carência material () Outros:					
PROCEDIMENTOS DA	ESCOLA FRENTE AOS MOTIVOS IDENTIFICADOS (entrevista com os familiares,				
encaminhamentos para	a rede de atendimento, encaminhamento da situação de violação de direitos ao				
Conselho Tutelar, plano	de recuperação de frequência e aproveitamento, dentre outros):				
3.4 RETORNO DO ALU	NO À ESCOLA EM ://ASS. DO DIRETOR(A):				
	DNÃO RETORNAR À ESCOLA:				
	CONHECIMENTO DA ESCOLA E ENCAMINHAMENTO À SECRETARIA DE				
EDUCAÇÃO: ENCAMIN	HADO EM:// ASS. DO DIRETOR(A):				
4.2. ENCAMINHAMENT	O DA FICAI AO CONSELHO TUTELAR EM:/_/ Ass:				
5. NO CONSELHO TUT	ELAR: Recebimento em: / / Ass:				
	EFETUADOS PELO CONSELHO TUTELAR (datas + meios de contato com a				
	domiciliar; medidas protetivas e aos pais – artigos 101 e 129 do ECA - aplicadas):				
5.2 ALUNO RETORNOL	J À ESCOLA: DEVOLUÇÃO DA FICAI EM:/_/_ Ass:				
	annous à manage a				
5.3. ALUNO NÃO RET	ORNOU À ESCOLA:- Encaminhamento ao CREAS/CRAS para elaboração de				
5.3. ALUNO NÃO RET	stratégias de trabalho com as crianças, os adolescentes e suas famílias, constando				
5.3. ALUNO NÃO RET plano de trabalho com e compromissos e recurs	stratégias de trabalho com as crianças, os adolescentes e suas famílias, constando sos disponibilizados para atender às necessidades detectadas e desenvolver				
plano de trabalho com ecompromissos e recurs potencialidades em:/	stratégias de trabalho com as crianças, os adolescentes e suas famílias, constando sos disponibilizados para atender às necessidades detectadas e desenvolver				
5.3. ALUNO NÃO RET plano de trabalho com e compromissos e recur potencialidades em:/ 5.4 ENCAMINHAMEN	stratégias de trabalho com as crianças, os adolescentes e suas famílias, constando cos disponibilizados para atender às necessidades detectadas e desenvolver/ TO AO MINISTÉRIO PÚBLICO EM:// Ass;				
5.3. ALUNO NÃO RETiplano de trabalho com e compromissos e recurs potencialidades em:/, 5.4 ENCAMINHAMEN	stratégias de trabalho com as crianças, os adolescentes e suas famílias, constando sos disponibilizados para atender às necessidades detectadas e desenvolver/ TO AO MINISTÉRIO PÚBLICO EM:/_/ Ass; STÉRIO PÚBLICO (datas + audiência, solicitações de serviços junto à rede de				
5.3. ALUNO NÃO RETiplano de trabalho com e compromissos e recurs potencialidades em:/, 5.4 ENCAMINHAMEN	stratégias de trabalho com as crianças, os adolescentes e suas famílias, constando cos disponibilizados para atender às necessidades detectadas e desenvolver/ TO AO MINISTÉRIO PÚBLICO EM:// Ass;				
5.3. ALUNO NÃO RET plano de trabalho com e compromissos e recur potencialidades em:/ 5.4 ENCAMINHAMEN 6. ATUAÇÃO DO MINE atendimento, ajuizament	stratégias de trabalho com as crianças, os adolescentes e suas famílias, constando los disponibilizados para atender às necessidades detectadas e desenvolver/ ASS;				
5.3. ALUNO NÃO RET plano de trabalho com e compromissos e recur potencialidades em:/, 5.4 ENCAMINHAMEN 6. ATUAÇÃO DO MINIS atendimento, ajuizament 6.1. ALUNO RETORNO	stratégias de trabalho com as crianças, os adolescentes e suas famílias, constando los disponibilizados para atender às necessidades detectadas e desenvolver/ ASS;				

6.2. ALUNO NÃO RET PROVIDÊNCIAS:	ORNOU A ESCOLA	k:			
AJUIZADA AÇÃO (CÍVE					
ASSINATURA DO(A) P	ROMOTOR(A) DE J	USTIÇA:		_	

7 - A União Estável Homossexual Direcionada aos Relacionamentos em São Borja

Daniele Silva dos Santos Jean Morales Raphaela Andrade¹

RESUMO

O trabalho tem como objetivo realizar uma pesquisa em que mostre os relacionamentos homossexuais e ressaltar os novos modelos de famílias que agora reestruturado por estes relacionamentos, assim a população de São Borja fazendo sua critica e se posicionando em relação aos tais assuntos, sendo agora um relacionamento que é legal em âmbitos institucionais.

Estas pesquisas fora desenvolvidas em lugares inusitados como bares universitários, supermercados, praças e lugares públicos.

A atuação e os argumentos dos anseios dos atores do movimento homossexual foram analisados, e contrapondo temos como base os discursos proferidos por políticos e pela população que argumentam a aprovação de propostas legislativas que têm o propósito de ampliar o exercício da cidadania de homossexuais.

Palavras-chave: Relações Homossexuais. Movimentos Homossexuais. São Borja.

RESUMEN

El trabajo tiene como objetivo llevar a cabo una investigación que demuestra quelas relaciones homosexuales y llevar a cabo los nuevos modelos de familias que ahora reestructurado por estas relaciones, por lo que la población de San Borja lo que sus críticos y de pie con respecto a estas cuestiones, y ahora es una relaciónque es legal en los contextos institucionales.

Esta investigación se ha desarrollado en lugares como los bares de la universidad,supermercados, parques y lugares públicos.

El rendimiento de los argumentos y preocupaciones de los actores del movimiento homosexual fueron analizados, y nos basamos en los discursos

¹ Alunas do segundo semestre do curso de Serviço Social.

deoposición de los políticos, estudiantes, trabajadores religiosos y sostienen que laadopción de propuestas legislativas destinadas a ampliar la ciudadanía de los homosexuales

Palabras clave: Homosexuales, Los movimientos homosexuales, San Borja

INTRODUÇÃO

Os movimentos que dão voz aos homossexuais surgiram na Europa, e depois se expandem aos Estados Unidos, mais situados em Nova Yorque. A data de 28 de junho de 1969 fica registrada como dia Internacional do Orgulho Gay/Lésbico, por causa da rebelião que houve no bar Stonewall, um bar onde era constante a freqüência de pessoas gays, mas ainda não era reconhecido como um bar gay, e pelo descontentamentos do tratamentos dos policiais neste este bar houve a tal rebelião, pois os bares precisavam de licença para vender bebida alcoólica e os gays ditos doente eram proibidos de beber, a repressão contra homossexuais começa a partir da década de quarenta com especial ênfase a partir da década de setenta, depois da abertura política.

A repressão tamanha que os Gays começaram a se organizar e fazer movimentos, passeatas, rebeliões formando assim um publico na época pequeno, mas de muita força, também a polícia tento calar as paralisações, porém sem sucesso.

No Brasil os movimentos ganham força na década de oitenta, os movimentos centralizados nos estado do RJ e SP, onde homens e mulheres que, rotineiramente iniciaram as atividades com seus grupos, atribuindo discussões destinadas à exercitar a auto-estima, reconhecer direitos legítimos a qualquer pessoa ou cidadão e até mesmo recuperar o sentido de palavras como "bicha" e "lésbica", dando naturalidade à expressão "ser homossexual", foi de imediata necessidade de lutar contra a violência da sociedade com relação aos homossexuais, partisse dela ou do Estado, da ação da polícia, da esquerda ou da sociedade em geral, expressando-se muitas vezes nas negativas, no escândalo ou no preconceito que estimulava o isolamento das pessoas deste sexo.

Centralizando mais a discussão parte-se para o município de São

Borja no RS, ela que já foi protagonista em âmbitos relacionados à história, política, agropecuária e esporte, acabara de protagonizar mais um fato importante para o Rio Grande do Sul, no Cartório da cidade, às 16 horas desta sexta-feira, dia 1° de julho de 2011, foi feito o primeiro registro de Declaração de União Estável entre duas pessoas do mesmo sexo no Estado, assim a cidade se incluindo mais vez em lutas que entram para ha historia e construção do nosso estado e do país.

OS MOVIMENTOS HOMOSSEXUAIS

O movimento homossexual é uma série de manifestações sóciopolítico-culturais em favor do reconhecimento da diversidade sexual, e pela consolidação dos direitos homossexuais como pessoas normais diante da sociedade brasileira.

Especialmente no eixo Rio - São Paulo concentrava-se os movimentos homossexuais, deve-se destacar o Grupo Somos de São Paulo, o pioneiro nas causas e finalidades prioritariamente políticas, mas também na união de homossexuais onde procuravam encontrar parceiros afirmando assim sua homossexualidade, diz-se que havia 22 movimentos em todo o Brasil no começo dos anos 1980.

Na política os defensores da GLBT (Gays, Lésbicas, Bi sexuais, Travestis, Trans sexuais e Trans gênero), estes que assumidos como homos sexuais, pode-se citar os desempenhos de Clodovil Hernandes (falecido em 2009) como o primeiro deputado federal gay a ser eleito, por uns de seus depoimentos diz que não foi eleito só pela população GLBT, mas sim pela a população de uma maneira geral, também temos o prefeito de Piratini José Claudio de Araujo na qual era referido como o primeiro prefeito gay do Brasil, e não deixando de salientar o desempenho do vencedor do BBB (Reality show da Rede Globo) Jean Wyllys de Matos Santos, o baiano é escritor e político, no âmbito da política ele é deputado federal eleito em 2010 pelo PSOL, ele é um referencial no Brasil lutando pelos direitos do homossexual.

A Parada Gay é um movimento realizado no mundo todo para quebrar o sentimento de vergonha em muitos gays, porque hoje são tratados de formas desiguais por uma sociedade preconceituosa, servindo assim como um movimento para unir e mostrar a força LGBT nos seus países, e nestes eventos conta-se com shows de vários artistas mundialmente conhecido.

OS DIREITOS CIVIS HOMOSSEXUAIS

Devido à evolução dos costumes e a mudança dos valores, dos conceitos de moral e pudor, o tema referente à orientação sexual deixou de ser tratado como um "assunto proibido" e hoje é enfrentado abertamente, sendo retratado no cinema, nas novelas, na mídia como um todo.

Em 5 de maio de 2011, os gays e bissexuais brasileiros conquistaram uma considerável parte de sua cidadania com a esmagadora maioria dos ministros, que lhe garantiram direitos iguais reconhecidos no tribunal do país, direitos esses como o casamento civil, herança, pensão previdenciária e alimentícia em casos de separação, licença medica, comunhão parcial de bens e quem sabe futuramente a facilidade da adoção, entre outros direitos.

Na prática, a união homoafetiva foi reconhecida como um núcleo familiar como qualquer outro. O reconhecimento de direitos de casais gays foi unânime.

A interpretação do Supremo sobre a união homoafetiva reconheceu a quarta família brasileira. A Constituição prevê três enquadramentos de família. A decorrente do casamento, a família formada com a união estável e a entidade familiar monoparental (quando acontece de apenas um dos cônjuges ficarem com os filhos). E, agora, a decorrente da união homoafetiva.

A união homoafetiva já é uma realidade existente em diversos países como na Argentina. Mas, sua principal diferença em relação ao Brasil está na forma o seu reconhecimento foi conquistado, por meio do Poder Legislativo e não pelo Judiciário como ocorreu por aqui. Os países mais evoluídos da Europa já admitem as uniões homossexuais, é intenso o empenho do Parlamento Europeu para a criação de uma lei possibilitando o casamento homossexual na União Européia. Não se podem acusar os homossexuais de serem promíscuos se não lhes é permitido o acesso a uma instituição jurídica que, dentre outras coisas, visa limitar a promiscuidade na sociedade. Entretanto, não se pretende reconhecer o direito ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, mas sim o *status* de união estável e suas garantias, as quais também embasam o instituto do casamento.

A mais tormentosa questão que se coloca, em discussão e que divide muitas opiniões, está relacionada à possibilidade de parceiros homossexuais virem a adotar.

E evidente que a adoção por homossexuais deve ser possível, e também justa. Não se pode negar, principalmente àqueles que são órfãos, o direito de fazer parte de uma família, de receber proteção e amor. E esses atributos são inerentes à qualquer ser humano, seja ele hetero ou homossexual.

No Estatuto da Criança e do Adolescente não há qualquer impedimento na adoção por casais homossexuais, pois a capacidade para a adoção nada tem a ver com a sexualidade do adotante, sendo expresso no Art. 42. "Podem adotar os maiores de 18 (dezoito) anos, independentemente do estado civil".

A inadmissibilidade da adoção de crianças por casais homossexuais, só vem em prejuízo do menor, principalmente quanto o aspecto patrimonial, já que, sendo filho, passa a ter todos os direitos pertinentes à filiação, guarda, alimentos e sucessórios, que ao invés de ter em relação a duas pessoas, terá apenas em relação ao adotante.

A questão das uniões estáveis homossexuais é um fato social que nenhum estado contemporâneo pode ignorar, pois não se trata de um fato isolado, ou a frouxidão dos costumes como querem os moralistas, mas a expressão de uma opção pessoal que o Estado deve respeitar.

PESQUISA REALIZADA NO DIA 24 DE OUTUBRO DE 2011

São Borja e uma cidade do interior do estado na fronteira com a argentina é uma cidade muito cultural e segue todas as tradições ligadas ao nosso estado, aqui varias famílias moram no interior da cidade desen-

volvendo praticas ruralista e criando seus filhos como os antigos, mas em contraponto temos a evolução, com a tecnologia com a implantação de uma universidade federal assim várias opiniões foram se construindo e deixando a cidade um pouco menos tradicional, pois os alunos e professores vem de outros estados em que o preconceito não e tão grande como aqui em cidade de interior, no depoimentos abaixo mostraremos o choque de idéias:

"(...) Se eu estiver bêbado, de cara eu vou bater e sentar o coice. (Passou uma Lésbica e ele se refere a ela como "aquela coisa") (...) " (LM, 19 anos, estudante);

"(...) Se não for muito escandaloso da pra respeitar, depende do dia eu posso bater (...) "(MS, 20 anos, trabalhador informal);

Em contraponto:

"(...) Sou a favor! Pra mim tinha que ser tudo liberal. Tudo com seu limite, mas sou a favor. Contra exposição em lugares públicos, com heterossexuais e gays. A favor da adoção e do casamento, mas não adotaria. É preciso um bom tratamento psicológico. Cada um nasce com aquilo que tem que ser, como se fosse um destino pronto (...)" (J, 27 anos, universitário);

A cidade também tem forte influencia da igreja como em qualquer outro lugar no mundo, pois é notável que ate nos bairros mais carentes tem-se uma igreja, mostrando ainda o olhar de caridade para com os necessitados, assim tornando influenciadora na opinião da população. A igreja tem a visão mais preconceituosa em relação à homossexualidade, a concepção bíblica vem do preceito judaico, na busca de preservação e controle do grupo étnico, defende que a relação sexual deveria dirigir-se à procriação. Daí cria-se a condenação da homossexualidade masculina por haver perda de sêmen, enquanto que o feminino era considerado perversão, e ainda ela alega que também é uma aberração da natureza, e diz que também são antinaturais a masturbação, o casamento de mulheres na menopausa e o casamento de homens que saibam que

são estéreis, a força que ela é incrível, porém hoje um pouco mais enfraquecida como no depoimento abaixo:

"(...) Tem amigos e respeita. Na Bíblia não existe o 3° sexo. Na sociedade de hoje é normal, é mais aceitável. É dever de todos com relação a adotar, mas não é tão correto assim, vai depender do que vai ensinar (...)" (IB, 17 anos, universitária);

A população se diz não ser preconceituosa exclui de uma maneira bem indelicada, pois tudo que é diferente nos incomoda. A melhor maneira de se conhecer as pessoas e dando liberdade e poder a ela, aí se chega ao ponto mais surpreendente da pesquisa, as pessoas ditas não ter preconceito exclui a classe homossexual, pois não acha digno ela construírem um modelos de família diferente, através da adoção para casais gays. Tendo tantas crianças em orfanatos sem carinho e sobrevivendo pelas condições miseráveis paga pelo governo, e os casais gays que são os mais atenciosos, e provado pelo IGE que as famílias têm salários bem elevados em relação a uma parte da população, assim trava-se uma briga para mais uma vez o classe homossexual conseguir seus direitos como cidadão tanto como na união estável que foi a maior conquista, e em dois depoimentos fica provado esta exclusão:

- "(...) Concordo com o casamento, não concordo com adoção.Nada contra, se respeitar. É pra quem quer(...)" (FM, 22 anos, estudante);
- "(...) Nada contra casamento, mas pode influenciar na adoção, no caráter da criança (...)" (G, 30 anos, doméstica);

A população homossexual tem uma utopia não tão distante em viver em uma sociedade despida de preconceito e de qualquer outra forma de exclusão, viver em uma cidade em que possa sair e demonstrar todo seu sentimento e assim constituir uma família, hoje com a intervenção da justiça e cada vez mais garantindo os direitos dos homossexuais e assim fazendo inclusão deles numa sociedade excluídora, não se

tornando tão distante este sonho que fica comprovado que existem pessoas de cabeça aberta e que não ligam para imagens, mas que estão em busca de um país em que todos possam viver em coletividade, fica comprovado nestes dois depoimentos:

"(...) Cada um sabe o que faz da vida, tem que deixar viver livre. É uma coisa que a pessoa traz consigo. Já tem no seu EU (...)" (...);

"(...) Nada contra, acho normal. Tenho amigos. Não acho que a religião influencie, nem os pais com relação à adoção. Ninguém tem o direito de interferir na vida de ninguém (...)" (D, 40 anos, trabalhador);

CONCLUSÃO

Falar na união estável homossexual é primeiramente repensar nos novos paradigmas culturais já que são socialmente repassados valores que acabam por tentar excluir o dito como diferente e manter o padrão moral, pois o próprio ser social não foi educado para conviver abertamente com o que foge ao tradicional.

Essa problemática social a aceitar novas concepções dos indivíduos e respectivos grupos tem se modificado bastante por conseqüência dos movimentos feministas, movimento homossexual que no decorrer da história vem cada vez mais conquistando espaço e mostrando que merecem respeito e direito de se expressarem.

Na atualidade não tem como negar o direito dele construírem suas famílias assim criando o novo modelo familiar composto por duas pessoas de um mesmo sexo. Antigamente, é provável que já se existissem casos assim, mas não haviam alcançado espaço social representativo. A igreja sacralizou o conceito de família, colocando como finalidade procriativa, onde os relacionamentos homossexuais se tornaram alvo de preconceitos e repúdio social.

Para os casais que vivem um relacionamento homo afetivo, ainda é complicado, pois existe muito preconceito, as pessoas olham espantadas

e na maioria das vezes não compreendem como o casal vive e se leva uma vida normal.

Algumas perguntas são feitas freqüentemente como: "Quem é o homem ou mulher, ativo ou passivo, como o filho vê este relacionamento, quem teve a relação heterossexual?" Ao responder tais perguntas muitas pessoas demonstram nojo e repulsa, mas muitas pessoas enxergam como demonstração e troca de afeto.

Ao conversar com um casal de lésbicas, uma delas diz que ao se dispor à viver uma relação homo afetiva é preciso estar preparado para eventualidades, para enfrentar qualquer tipo de pergunta, para ser coagido pela sociedade no ambiente de trabalho e familiar.

Ela se questiona sobre a palavra FELICIDADE e diz: "O ser humano só pode ser feliz se vive uma relação heterossexual? Porque não um casal homossexual com filho legítimo ou adotivo?" Se há honestidade, verdade, comprometimento, amizade e amor, porque não aceitar está família? Porque não abrir os olhos e enfrentar de cabeça aberta esta nova realidade?

.É preciso ainda muito esclarecimento sobre o assunto. Não vai ser da noite para o dia que as pessoas vão se adaptar e realmente respeitar essa condição de alguns seres humanos. Desde cedo valores são passados e aí é que se deve haver uma reforma, na educação, religião, uma forma de conscientizar de forma imparcial para permitir que cada um possa fazer suas escolhas sem sofrer coerção social. Por meio destas reformas poderá se entender e aprender que viver é um direito de todos.

Vivemos em um país democrático e não se devem fechar os olhos para uma questão tão atual e presente em todos os lugares e que floresce mais a cada dia.

É necessário que a sociedade se prepare para essa nova realidade da união e da adoção para com casais homossexuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adoção por casais homossexuais. Disponível em : http://www.pailegal.net/guarda-compartilhada/135 . Acessado em : 9.jan.2012

Dias. Maria Berenice. União homossexual - aspectos sociais e jurídicos. Disponivel em: http://jfgontijo.com.br/2008/artigos_pdf/ Maria_berenice/Uniaohomo.pdf>. Acessado em: 8.jan.2012 .

Direitos fundamentais, homossexualidade e uniões homoafetivas. Disponivel em : http://jus.com.br/revista/texto/5229/direitos-fundamentais-homossexualidade-e-unioes-homoafetivas. Acessado em: 28. dez.2011.

8 - O Grande Número de Homens no Serviço Social: um Fenômeno Particular da Unipampa/ Campus São Borja¹

Cássio Tôndolo² Vera Gruendemann

RESUMO

O presente artigo foi construído através de uma pesquisa antropológica de campo realizada durante o segundo semestre de 2011, no curso de Serviço Social da Universidade Federal do Pampa Campus São Borja. O objetivo deste será abordar em um texto etnográfico todas as observações e escutas feitas durante a pesquisa, no qual trará o "fenômeno da grande número de indivíduos do sexo masculino no Serviço Social da Universidade Federal do Pampa Campus São Borja, no estado do Rio Grande do Sul.

Palavras Chave: Serviço Social, Homens, Campus São Borja

ABSTRACT

This article was built through an anthropological study of fieldwork carried out during the second half of 2011, in the course of Social Service at the Federal University of Pampa Campus São Borja. The objective of this will be addressed in a text ethnographic all the comments and tapping made during the research, which will bring about the "phenomenon of large number of males in Social Service of the Federal University of Pampa Campus São Borja, in the state of Rio Grande do Sul.

Key Words: Social Service, Men, Campus São Borja

A presente produção e resultado do trabalho de campo realizado no segundo semestre na disciplina de Antropologia do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Pampa campus São Borja, ministrada pelo professor Daniel Etcheverry.

² Acadêmicos do segundo semestre do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Pampa campus São Borja.

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Historicamente desde a origem dos primeiros cursos de Serviço Social no Brasil, este se constituiu como uma profissão do sexo feminino, estereotipada pela sua gênese na formação ligada as damas de caridade. Destacou-se nesse processo de formação a relevância de moças e mulheres, porém com o decorrer do tempo a profissão ampliou-se e hoje se caracteriza também pela incidência homens, mas ainda prevalece na sua maioria o grande número de mulheres.

Em nossa pesquisa de campo baseado nos princípios antropológicos da escuta e da observação, tentaremos trazer a tona um fenômeno que ocorre em uma universidade do interior do rio grande do sul³ no qual encontramos um número significativo de indivíduos masculinos cursando Serviço Social. Tal pesquisa nos trouxe diversas visões sobre a escolha desses indivíduos estarem cursando o Serviço Social, sendo analisadas e etnografadas neste texto antropológico.

Para embasar nossos estudos haverá a necessidade de trazer as questões de gênero e transformações na sociedade junto à pesquisa antropológica, pois vivemos nos dias atuais diversas inversões de papéis nas profissões, bem como transformações nas configuração atuais dos profissionais, pois não há mais profissões de homens ou profissões de mulheres. Necessitamos também trazer um pouco da historia do Serviço Social no país, bem como tematizar a gênese das primeiras escolas brasileiras.

Seguindo na pesquisa traremos um pouco do que foi relatado em nossas observações e escutas refletidas em nossos diários de campo, bem como as anotações feitas durante o desenvolvimento do trabalho, que se deram de forma continua durante o processo de interação no campo de pesquisa junto aos indivíduos integrantes das pesquisas.

Foram analisados nesta pesquisa dados desde as primeiras turmas de Serviço Social da Unipampa campus São Borja até os dias atuais⁴.

³ Refere-se a Universidade Federal do Pampa Campus São Borja, campo antropológico da pesquisa.

⁴ Os dados referidos são do ano de 2006 até o ano de 2011(Atual). Foram analisados e extraídos da secretaria acadêmica da universidade.

Conversamos com diversos alunos desde os mais antigos até os alunos novos que entraram no curso esse ano. Podemos afirmar que fomos privilegiados, por estarmos convivendo com esses indivíduos todos os dias, sendo parte também da pesquisa⁵.

ORIGEM DO SERVIÇO SOCIAL NO BRASIL

Sabidamente vemos a história do Serviço Social no Brasil se desenvolver através da igreja católica após seu surgimento no Chile, por meio de Alejandro Del Rio o qual teve forte influência para a inserção de escolas no Brasil. Inicialmente em torno de 1935 a partir da implantação na Confederação Católica incorporando cursos intensivos de formação de jovens, promovidos pelas religiosas de Santo Agostinho para o qual foi convidada Adèle Loneux, da escola de Serviço Social de Bruxelas (Bélgica), que também contava com a colaboração de jovens da Ação Católica e da Ação Social, estas movidas pelo forte desejo de uma melhor formação do seu apostolado social.

O ponto alto destas transformações foi a criação do Centro de Estudos e Ação Social (CEAS), este foi considerado como a incorporação da profissionalização do Serviço social no Brasil, que também começa similar ao chileno com o trabalho e preparação dos leigos, por meio das chamadas "damas de caridade" estas vindas da classe burguesa, com respaldo das assistentes sociais belgas que com suas experiências prestaram grande ajuda e influenciaram para que fosse então fundada a primeira escola de Serviço Social com viés católico.

Neste momento de origem da profissão tem-se através das damas de caridade as primeiras assistentes sociais, sendo assim, havia a massificação de mulheres nos cursos de Serviço Social, justificado pelo fato de que as mulheres eram seres mais próprios para exercer tal função, que na época poder-se-ia dizer que funcionava como uma reguladora das relações sociais.

Depois de conhecermos um pouco da origem do Serviço Social no

⁵ Tal afirmação de sermos privilegiados fica a caráter de que fazemos parte do último semestre de Serviço Social da Unipampa.

Brasil e evidenciarmos que as mulheres foram pioneiras na profissão, podemos afirmar que tais foram atores importantes na construção da profissão. No próximo subitem, vamos abarcar as questões de gênero, para seguirmos nossos estudo e problemáticas.

A QUESTÃO DE GÊNERO NA SOCIEDADE BRASILEIRA: INVERSÕES NO TRABALHO

A questão de gênero nos remete a diversos assuntos, e quando ligamos ao campo do trabalho podemos abordar diversos tópicos. Vivemos nos dias atuais o fenômeno de inversões de profissões, resultantes do processo de globalização, atrelados a necessidade de se reproduzir socialmente no seu universo simbólico. Portanto para melhor compreensão de nossa temática proposta no artigo, haverá a necessidade de discorrer a respeito da temática "homem e mulher" neste processo de inversão no mundo de trabalho para podermos ampliar nossos conhecimentos nessa discussão proposta.

Quando se fala na diferença entre homem e mulher, dois pontos são levantados: intelectualidade e sentimentalidade. Sabemos que pesquisas realizadas e divulgadas atualmente abordam o quesito "inteligência" como peso fundamental para diferenciá-los, porém há estudos que trazem a genética como fator "X" dessas diferenças. A psicologia popular estabeleceu uma diferença crucial entre os sexos: os homens são mais rápidos no raciocínio matemático e espacial, já as mulheres são melhores com as palavras, tais idéias se baseiam em estatísticas, onde a média das mulheres é ligeiramente melhor que a dos homens em raciocínio verbal.

Como vimos acima diversos setores de estudiosos tentam descobrir o fator que diferencia os homens das mulheres, porém todos esbarram nos velhos conceitos, pois há diferença sim, no que condiz a parte física, porém no campo do raciocínio e da inteligência somos geneticamente iguais. Podemos então abarcar que tal fenômeno e de cunho cultural.

A problemática dessa dicotomia pode ser considerada cultural, pois homens sempre exerceram profissões de status e desprendimento de força, havendo a necessidade de despender energia física, enquanto as mulheres ficavam no campo da subalternidade com profissões voltadas a área de humanas e cuidados com a população.

As inversões de papéis gênero que atualmente ocorrem, surtem reflexos no mercado de trabalho, pois como já afirmamos todos nós precisamos nos reproduzir socialmente. Somado a esse aspecto, vivemos atualmente uma desconstrução antigos conceitos. Hoje em países ocidentais encontramos mulheres exercendo funções em setores que no passado eram ocupados pelos homens e homens exercendo funções que historicamente eram desempenhadas por mulheres, é o caso profissão de assistente social. Quando trazemos o exemplo do próprio Serviço Social, estamos fazendo uma ponte com a questão de gênero, mas na verdade o que isso influencia em nossa pesquisa? Tal discussão é de extrema importância e válida, pois tais mudanças nas questões de gênero ocorridas a partir das transformações da conjuntura social junto ao fenômeno da globalização, pode ser considerado um eixo que norteia nosso estudo do fenômeno que acontece no Serviço Social da Unipampa Campus São Borja.

O CAMPO DE PESQUISA: A UNIPAMPA SÃO BORJA

Partiremos então neste momento a conhecer um pouco do nosso campo de pesquisa. Após problematizarmos a origem do Serviço Social junto aos primeiros profissionais assistentes sociais e refletir sobre as questões de gênero com suas fortes influências em nosso estudo, partiremos para relatar as especificidades do nosso campo de pesquisa, ou seja, vamos conhecer as realidades e particularidades do campus São Borja o nosso universo antropológico pesquisa, onde encontramos o nosso objeto pesquisa.

A Unipampa campus São Borja é um dos dez Campi que compõe a Universidade Federal do Pampa. Fundada em 2006 através dos programas de expansão do ensino superior no Brasil, tem como objetivo principal desenvolver a metade sul do estado do Rio Grande Sul, pois tal região traz vários déficits em seu desenvolvimento, sejam eles econômi-

cos, políticos ou sociais, nesse viés a Unipampa funciona também como mediadora na integração com outros países, como Uruguai e argentina, pois tais campus se localizam em áreas de fronteira.

O campus São Borja começou suas atividades com três respectivos cursos, sendo dois contemplados na área de Comunicação Social representados pelas habilitações em "Publicidade e Propaganda" e em "Jornalismo", já o terceiro curso perpassa na área de ciências sociais aplicadas, representado pelo curso de "Serviço Social" um dos conceitos chave em nossa pesquisa.

Hoje a Unipampa conta atualmente com cinco cursos, todos na formação em bacharelado. Ainda se mantém os cursos de Publicidade e Propaganda, Jornalismo e Serviço Social, junto aos novos cursos, Relações Públicas e Ciência Política que passaram a fazer parte da instituição no decorrer de sua construção nesses seis anos de existência. Destacamos também, as especializações de pós-graduação que ocorrem no campus, tendo em vista também o encaminhamento a órgãos de fomentos de projetos para futuros mestrados.

Como vimos, o nosso campus é de forte atuação dentro da Unipampa, o resultado dessa articulação é que em 2012, o campus São Borja ofertara mais um curso que também contemplara a área de ciências sociais aplicadas, representado pelo curso de Licenciatura em Humanidades, sendo esse inédito, pois será o primeiro curso de humanidades do estado do Rio Grande do Sul.

O CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA UNIPAMPA SÃO BORJA

O curso de Serviço Social da Unipampa campus São Borja é o primeiro curso ofertado por uma Instituição Federal de Ensino Superior no estado do Rio Grande do Sul. Foi implantado no ano de 2006, mesmo ano em que iniciou as atividades da Universidade Federal do Pampa no município de São Borja. Sua presença em São Borja justifica-se pelo fato de que tal região a "fronteira oeste" é considerada deficitária em diversos seguimentos, como podemos observar no que tange a política de assistência e a falta de profissionais competentes nessa área.

O curso forma bacharéis em Serviço Social, que após graduarem-se saem habilitados para exercerem a profissão de assistente social. Em seu corpo docente é constituído de vinte e dois professores (22) sendo que desses, dose (12) são assistentes sociais e o restante composto por diversos estudiosos, como: psicólogos, antropólogos, sociólogos, filósofos, historiadores, cientistas políticos dentre outros.

O Serviço Social foi implantado no município de São Borja, pelo fato de que a cidade traz consigo condições históricas particulares, resultantes da singularidade estabelecida por fazer parte da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul. Sendo está uma região pouco desenvolvida, que gera reflexos desiguais na sociedade, sejam eles econômicos ou político, então tem-se que formar profissionais do cunho dos assistentes sócias, que são transformadores da realidade através de um olhar crítico fez-se necessário.

Como já afirmamos, podemos trazer que o curso tem como objetivo, o de formar profissionais preocupados com a realidade, competentes em suas ações, baseados em uma consciência crítica da realidade para que tal faça o enfrentamento da questão social, sendo suas ações pautadas no projeto ético-político da profissão, ou seja. Com essas poucas reflexões podemos afirma que o perfil do curso encaixa-se com as necessidades encontradas na região da Fronteira Oeste do estado.

A partir de conhecermos um pouco do curso de Serviço Social e das suas particularidades, tencionamos que o mesmo possui grande influencia na região e de que tornou-se junto a Unipampa uma oportunidade de que muitas pessoas da região ingressassem em uma Universidade de caráter público patenteado pela esfera federal ou seja, podemos afirmar que a partir de agora a região passaria a ter uma atenção mais clara pelo governo federal.

Tal realidade de conhecer o Serviço Social pressupõe outro eixo que foi necessário ser trabalhado em nossa pesquisa, pois o mesmo funciona como mediador desse processo, ou seja, temos então conhecida a realidade aonde o nosso objeto de pesquisa e estudo, nesse caso os indivíduos homens, se integra e relacionam-se.

HOMENS NO SERVIÇO SOCIAL DA UNIPAMPA SÃO BORJA

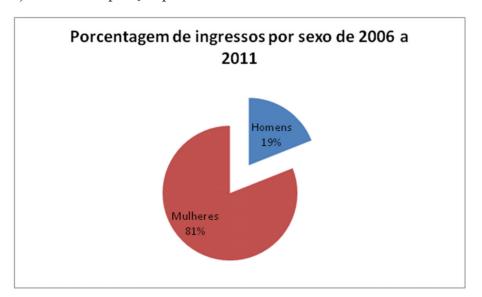
Enfim a seguir partiremos para o que consideramos a parte mais especial e fundante do nosso trabalho de campo, a partir desse momento vamos evidenciar e trazer todos os nossos relatos da pesquisa antropológica, construída nas bases do ouvir, escutar e escrever no pressuposto da alteridade. Já trazidos a tona as ramificações que influenciam diretamente em nossa pesquisa, como a história do Serviço Social, a questão de gênero, já conhecido o nosso campo de pesquisa junto a suas peculiaridades e o mediador do nosso objeto de pesquisa, podemos iniciar o processo de construção e entendimento do fenômeno que trazemos e discutimos nesse artigo.

Quando resolvemos estudar tal fenômeno, tínhamos a concepção de que este seria de extrema dificuldade, pois para entender o mesmo, necessita-se entender o todo pelo qual está ligado, ou seja, o processo que desenvolvemos a cima no texto nos dá o entendimento inicial desse fenômeno, porém não nos responde tais dúvidas. Elas só foram sanadas a partir dos contatos de campos e observações com nosso objeto de pesquisa, por isso o pressuposto antropológico

Tal processo também recebeu a ajuda de análise quantitativa junto a pesquisa, traremos alguns gráficos ilustrativos para melhor facilitar a compreensão do tema, que diga-se de passagem é delineado de um estudo novo e inédito nesse âmbito.

A grande incidência do número de homens no Serviço Social no campus São Borja não está explicita por uma única especificidade como imaginávamos no inicio do trabalho, pois com o decorrer do desenvolvimento desta pesquisa e das observações junto ao do meio a ser estudado, evidenciamos nas conversas diversos fatores pelo qual esses indivíduos chegam ao Serviço Social. São esses fatores que vão proficuamente explicitar a seguir.

Após uma pesquisa fundada em dados empíricos, chegamos à tona da seguinte realidade. Ao que se refere aos homens no Serviço Social, o ícone principal de nossa pesquisa, temos um dado muito significativo no que se refere aos discentes, ou seja, aos graduandos. Desde a instalação do curso de Serviço Social na Unipampa no ano 2006 tivemos um número de 59 homens para 252 mulheres até 2011. Abaixo no gráfico vejamos a composição percentual desse número.

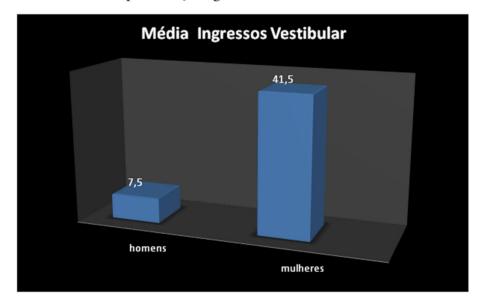


Nesses seis anos houve o ingresso de 59 homens no curso, talvez se compararmos com dados de outros cursos, o número é pífio, mas para o Serviço Social se torna um número honroso, pois como já debatemos um pouco da história o Serviço Social sempre constitui-se de mulheres. Mas qual o motivo que trouxe esses homens para o curso? Não pudemos então ter o contato com os primeiros indivíduos, pois já se formaram se duas turmas. Então partimos para a análise dos dados mais atuais, junto às observações diárias, pois fazemos parte dessa realidade, convivemos com nosso objeto de pesquisa durante todo o ano, porém só nesse semestre partimos para a pesquisa.

Através dos relatos podemos abarcar de que alguns acadêmicos observados através diálogos afirmam que escolheram o curso pela facilidade de acesso, ou seja, os indivíduos da cidade de São Borja por não terem a possibilidade de se dirigirem para outras universidades. Dentre esses, alguns já possuíam algum conhecimento sobre o curso, resultante de contatos estabelecidos com assistentes sociais, outros não tinham o maior contato, porém consideravam a melhor opção dentre os cursos

oferecidos pela Unipampa campus São Borja.

Antes de trazermos alguns novos relatos necessitamos abarcar dois eixos temáticos que tangenciam grades influencias no processo. Inicialmente o processo de seleção da Unipampa funcionava através do Vestibular, porém a partir de 2010 o processo seletivo passou ser a partir do Enem. Nesse momento tem-se uma diferença nos números, pois, agora encontramos mais indivíduos homens no curso e desses novos indivíduos muitos vem de outros municípios além São Borja. Tais números em relação aos alunos ingressados no curso de Serviço Social pelo vestibular são trazidos nas representações gráficas abaixo:



Vejamos acima no gráfico que a média de mulheres ingressas através do Vestibular no curso de Serviço Social campus São Borja, é 43,5 por ano, enquanto os indivíduos homens, a quantidade é quase 3 vezes menor, porém o número é muito substancial no que tange a comparação com outros cursos de Serviço Social em outras faculdades privadas ou mesmo até Universidade de âmbito federal. Cabe frisar que esses dados são de 2006 até 2009 o ultimo ano em que o ingresso na Unipampa funcionava através do vestibular.

A partir de 2010 a Unipampa como muitas Universidade Federais adotou o SISU, como processo seletivo, assim passando o Enem o meio

de como porta de entrada, vejamos alguns números no gráfico abaixo no refere-se a média de ingressos por sexo no curso de Serviço Social da Unipampa Campus São Borja:



Acima vemos os dados médios a partir dos ingressos pelo Sistema de Seleção Unificada (SISU), um sistema que proporciona uma maior rotatividade dos candidatos/alunos. Tal mudança é visivelmente proporcional, pois se compararmos o número de homens ingressos no curso de Serviço Social através do Vestibular com os ingressos através do SISU/ ENEM podemos observar que a média por ano chega a dobrar proporcionalmente, pois a média de alunos homens ingressos pelo vestibular era de 7,3 e a partir do SISU/ENEM passou para 14,5 por ano, um aumento de quase 99% de homens ingressos no curso.

Assim, podemos notar com esse aumento proporcionado pelo SISU/ENEM, o fator que trouxe muitos homens oriundos de outras regiões. Em nossas conversas e observações encontramos alguns indivíduos do sexo masculino da região, como da cidade de Itaqui e Santo Antonio que são cidades próximas, aproximadamente 1 hora de viajem de São Borja, mas, também encontramos homens de outras regiões e incrivelmente de outros estados fora do Rio Grande do Sul. Tudo isso resultante do novo processo seletivo, que é um dos eixos da pesquisa, então fomos

conversar com esses alunos, para relatar quais os motivos que trouxeram eles até São Borja e para o Serviço Social da Unipampa.

Com o diálogo realizado e estabelecido com esses alunos oriundos de outras cidades, podemos tangenciar como fator principal de eles terem escolhido o curso de Serviço Social é o de ser este uma porta de entrada para uma universidade federal, pois afinal a mesma oferece chances de reingressos, trocas de cursos etc. Porém, soma-se ao fator "vaga" o ponto de corte baixo do curso, sendo o curso dentre os da Unipampa mais fácil de acessar no que refere-se a nota de corte.

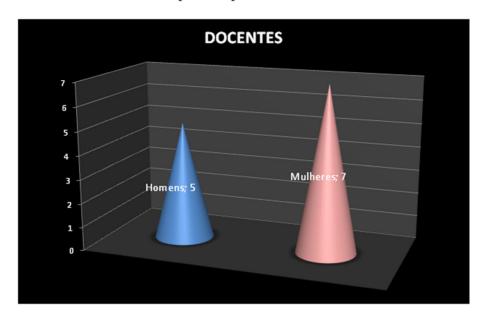
Porém os mesmos indivíduos surpreenderam-se com a carga teórica imposta pela grade curricular do curso, bem como com a cobrança estabelecida pelos professores. Tudo isso poderia levar a uma desistência, porém na maioria dos casos, nossos diálogos nos mostraram que esses indivíduos possuem perspectivas para o futuro, ou seja, não pensam em desistir e até alguns pensam em seguir sua formação profissional, seja em uma carreira na busca por um mestrado ou de uma pós-graduação ou até pela excelência acadêmica de ser contemplado por doutorado. Esses mesmos indivíduos que buscam aprimorar-se academicamente sonham com um futuro promissor, através de uma carreira para decência. Mas para que isso se atinja eles compartilham fazendo parte de diversos projetos do curso, como ensino, pesquisa ou extensão.

Tem-se mais outro fenômeno que podemos trazer a tona. A Unipampa não se particulariza só pelo fato de haver um grande número expressivo de discentes homens, ela conta também com um número grande de docentes assistentes sociais homens. Nos diálogos estabelecidos com esses docentes, também agregou-se diversos motivos pelo qual eles escolheram a Unipampa/Campus São Borja.

O curso de Serviço Social da Universidade Federal do Pampa campus São Borja desça-se em seu quadro funcional de professores. O curso conta atualmente com vinte e dois professores, desses vinte e dois professores, doze possuem graduação em Serviço Social, se novamente compararmos com outras universidades esse número é muito expressivo. Dos doze apresentados, cinco são assistentes sociais, outro fenômeno da Universidade, mas o que fatores levaram eles a decidirem pela Unipampa

campus São Borja?

Iremos abordar esses fatores logo mais. Abaixo trazemos um gráfico ilustrativo do número de professores do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Pampa Campus São:



Então fica entendível a necessidade de discutir também esse fenômeno, pois o fato de haver um número significativo de docentes homens no curso nos remete a pensar diversos fatores. Então vamos trazer alguns desses fatores e motivos, tais relatados pelos mesmos em nossos diálogos junto às observações na pesquisa.

Talvez um dos fatores que pudéssemos concluir precipitadamente, e de que o local ou seja, São Borja, por ser uma cidade interiorana longe da capital, seria umas das últimas opções para esses docentes homens darem aula. Porém esse fator pode ser desconstruído, pois afinal a cidade sim, é do interior mas, em contra-partida encontramos um grande número de homens docentes na Unipampa Campus/São Borja.

Um dos principais fatores que contraria esta a regra geral é de que estar ministrando aulas em uma universidade federal nova, e que está em ascensão, proporciona uma estabilidade econômica, sendo então um sonho a qualquer profissional. Então abarcamos como principal ponto

a estabilidade econômica e de vida que uma universidade federal proporciona a um docente, porém esse não sendo esse o único fator de sua vinda para São Borja.

Outro fator resultante através de nossa observação e das conversas é o de que a localização que antes era considerada como um empecilho agora é vista como uma chance ou oportunidade ou seja já não influencia na escolha, mas, sim é vista por esses profissionais, como um grande patamar impulsionador para que possam colocar em práticas diversos projetos para o desenvolvimento de sua profissão e de seus discentes, na área do Serviço Social facilitando a sua função de criar, executar e avaliar projetos junto à comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos através de nossa pesquisa antropológica de campo que esse fenômeno ocorrente da Unipampa campus São Borja, tanto no que tange o grande número de discentes e também o grande número professores, é produzido por diversos fatores no qual levam esses indivíduos masculinos virem para Unipampa campus São Borja. Tais fatores foram trazidos no texto junto a uma composição de diversos subitens relacionados a esse fenômeno, como a historia da profissão, a questão de gênero e Unipampa campus São Borja.

A partir daí desenvolvemos nossas observações pautadas através de conversas com o objeto de pesquisa podemos através então relatar tudo o que escutamos durante a pesquisa, que sempre tentou ser antropológica possível. Talvez nesse processo, necessitamos de alguns dados empíricos, pois para tentar explicar esse fenômeno, não bastaria só os relatos de campo, mas números que nos desse base para nortear as pesquisa.

Também podemos concluir que algumas das particularidades trazidas em texto, nos induz a uma realidade resultante que tem mais a ver com o caráter de desenvolvimento global, pois essa nova realidade exige dos indivíduos de ambos os sexos que os mesmos tenham capacidade de se inserir em qualquer que seja a profissão, esse fenômeno ocorre no Serviço Social.

Estamos vivendo um momento de grande importância para o Serviço Social onde se destaca as transformações ocorridas na profissão, que hoje que dá visibilidade de transformação enquanto direitos e deveres. A profissão é mais reconhecida, o campo de trabalho é amplo, assim podemos trazer que a profissão está sendo mais conhecida assim reconhecida na sociedade brasileira, sendo isso também influenciável no nosso fenômeno de homens no Serviço Social.

Talvez para o futuro não sabemos a firmar se tal fenômeno continuará ocorrendo, mas pelos premissas que abarcamos em nosso texto através da pesquisa, podemos afirmar que sim, tal fenômeno pode aumentar ainda mais. Tal fenômeno seria passível do Serviço Social, pois abarcaria a equidade e também continuaria as perspectivas de igualdade de gênero na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Manuel Manrique. História do Serviço Social na America Latina. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

BRUSHINI, C.; COSTA, A. de O. (Orgs.). *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro:Ed. Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, 1992.

Comunicação e Mundo do Trabalho: uma Abordagem de Gênero. Disponivel em: http://www.intercom.org.br/sis/regional/resumos/R19-0867-1.pdf. Acesso em: 09 de dez. 2011.

Projeto Político-Pedagógico Do Curso De Serviço Social da Universidade Federal do Pampa. São Borja, 2006.

Projeto Institucional Da Universidade Federal Do Pampa. Bagé, 2009.

Serviço Social da Universidade Federal do Pampa. Disponível em: http://cursos.unipampa.edu.br/cursos/servicosocial/ Acesso em: 6 dez. de 2012.

9 - A Inclusão do Deficiente na Instituição Apae

Ronivelton Oliveira Leonardo Chaves Kelvin Curtis¹

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade mostrar a pesquisa de campo realizada na APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) de São Borja, apresentando também as entrevistas feitas com os profissionais da instituição e com os pais dos deficientes atendidos, assim relatando nossa participação em atividades da ONG e também salientando o trabalho de inclusão desempenhado no contexto da APAE.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo mostrar el trabajo de campo llevado a cabo en APAE (Asociación de Padres y Amigos de Niños Excepcionales) de San Borja, también presenta entrevistas con los profesionales de la institución y los padres de discapacitados se reunieron, por lo que nuestra participación en las actividades relacionadas con la ONG, poniendo de relieve el trabajo realizado para su inclusión en el contexto de la APAE.

ASPECTOS INSTITUCIONAIS

Durante as pesquisas realizadas na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de São Borja ou, abreviadamente, APAE descobrimos que essa instituição é também uma associação civil, filantrópica, de caráter assistencial, educacional, cultural, de saúde, de estudo e pesquisa. Sua sede esta localizada na Rua Riachuelo, 933, Bairro do Centro.

Descobrimos também que APAE de São Borja tem por MISSÃO promover e articular ações de defesa de direitos, prevenção, orientações,

¹ Alunos da disciplina de Antropologia Social, do segundo semestre do curso de Serviço Social.

prestação de serviços, apoio à família, direcionadas à melhoria da qualidade de vida da pessoa com deficiência e à construção de uma sociedade justa e solidária.

Logo na entrada da instituição nos depararmos com um símbolo, que é uma figura da flor margarida com pétalas brancas, centro amarelo-ouro, pedúnculo e duas folhas verdes, uma de cada lado, (a figura desta flor representa força apesar de sua aparência frágil), ladeada por duas mãos em perfil, na cor branca, desniveladas, uma em posição de amparo e a outra, de orientação, tendo embaixo, partindo do centro, dois ramos de louro, contendo vinte e duas folhas que simbolizam vitória. Outro aspecto que nos chamou atenção foi a bandeira da APAE de São Borja, é da cor azul, contendo ao centro o símbolo da Federação, terá as cores oficiais da bandeira do Brasil e suas medidas em conformidade com o Estatuto da Federação Nacional das APAEs, seu Regimento Interno ou Resolução.

Ficamos sabendo também que todos os eventos realizados pela APAE seguem o Protocolo Oficial para cerimônias estabelecido em Resolução expedida pela Federação Nacional das APAEs e que o dia 11 de dezembro é consagrado como Dia Nacional das APAEs. Que deverá, ser obrigatoriamente, comemorado com o hasteamento da bandeira da APAE.

Conversando com a diretora da APAE, constatamos que um entre os objetivos da instituição é promover a melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência, preferencialmente mental, em seus ciclos de vida, crianças, adolescentes, adultos e idosos, buscando assegurarlhes o pleno exercício da cidadania.

Outro aspecto importante com relação à ONG (organização não-governamental) é que ela Considera "Excepcional", "Pessoa Portadora de Deficiência" ou "Pessoa com Deficiência" aquela que apresenta perda ou alteração de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade e/ou necessidades que impliquem em atendimento especial, tendo como referência sua inclusão social.

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DENTRO DA INSTITUIÇÃO

Na Pesquisa antropológica realizada por nosso grupo na ONG é importante ressaltar as determinações e influências que ligam à existência humana, individual e coletiva a uma série de significados, pois lá podemos constatar diferentes formas de relacionamentos.

Ao chegarmos a APAE, numa ensolarada tarde podemos observar que não havia atividades no local, após trinta minutos de espera na sala de recepção fomos atendidos e encaminhados para pedir permissão a diretora da APAE para observar e participar das atividades educativas e recreativas em outro momento. Após uma longa conversa, com a diretora, fomos autorizados a visitar o local em uma outra data, ela ficou muito curiosa e nos fez muitos questionamentos sobre o trabalho que iríamos realizar.

No dia 9 de novembro de 2011, pelo turno da tarde, retornamos a instituição para participarmos das atividades propostas pela direção. Nessa visita a proposta era para que nos apenas observarmos. Então nesse dia foram proporcionadas atividades motoras (desenhar, jogar futebol, dançar e atividades para desenvolvimento da fala) e, para desenvolver a capacidade física e mental dos alunos, podemos perceber que existiam níveis diferentes na capacidade de execução das tarefas, alguns tinham mais facilidade e outras mais dificuldades.

Ao término das atividades, falamos novamente com a direção da escola e marcamos uma nova visita ao local, na qual ela nos autorizou a interagir com os alunos. Então no dia 16 de novembro de 2011, fomos novamente pelo turno da tarde (pois as atividades recreativas e educativas são somente realizadas nesse turno), nesse dia as atividades realizadas eram dinâmicas, entre elas participamos de uma que funcionava da seguinte forma: (fazer um desenho coletivo, a dinâmica funcionava da seguinte maneira, uma pessoa começava um desenho em um determinado momento ela deveria passar o desenho para que outra pessoa dessa continuidade e assim sucessivamente até todos desenharem algo, para formar um único desenho).

Após essa visita, marcamos uma nova data para visitar o local, a

data marcada foi para o dia 23 de novembro, pelo turno da tarde. Por volta das 15 horas e 40 minutos estávamos lá presentes para que pudés-semos participar de mais alguma atividade com os alunos, mas chegando lá percebemos que era o horário de visita dos pais, sendo assim fizemos uma mudança de planos, ou seja, o objetivo agora era conversar com alguns pais que lá estavam presentes. Então fomos consultar a diretora da APAE, para saber se era possível conversar com os pais, ela falou então que não havia nenhum problema desde de que esses pais concordassem em conversar conosco.

Então o pai de um aluno da instituição concordou, em conversar conosco e responder algumas perguntas, entre elas,a primeira realizada foi: Qual foi a reação dele ao descobrir que seu filho era portador de necessidades especiais?

Então ele respondeu: - No começo,fiquei sem reação,pois nunca passou pela minha cabeça que poderia ter um filho com deficiência,mas não demorou muito fui buscar orientações para descobrir o que era melhor para ele.

A segunda pergunta realizada foi: Qual sua opinião em relação a importância de uma instituição como a APAE no desenvolvimento da capacidade de seu filho?

Ele disse: - Acho que o trabalho da APAE é de extrema importância pois sem ela,não saberia o que fazer, sendo que aqui em São Borja não existe nenhuma outra escola especializada para atender necessidades especiais.

A última pergunta realizada pelo nosso grupo ao pai do aluno foi: Você percebeu alguma mudança ou desenvolvimento mostrado por seu filho depois que começou a frequentar a APAE?

Ele,aparentemente com um semblante emocionado, e relatou: Antes de meu filho ingressar na APAE seu relacionamento com outras crianças era raro. Mas, a partir que começou a frequentar a APAE ele passou a ter menos dificuldade em fazer amigos, pelo fato de conviver com crianças que enfrentam essa realidade.

Essa conversa durou cerca de 15 minutos e o pai do aluno foi muito atencioso conosco,então agradecemos a ele pela atenção. Logo

após, voltamos a falar com a diretora para marcarmos uma última visita ao local. Nossa proposta para essa visita era que pudéssemos conversar com profissionais da APAE (Pedagogos, Assistente Social, Psicóloga, Nutricionista, Fisioterapeuta, fonoaudióloga), sobre o trabalho realizado por cada um deles. Infelizmente, não tivemos disponibilidade para conversar com todos os profissionais da instituição.

ENTREVISTA COM OS PROFISSIONAIS DA APAE

Em nossa visita do dia 07 de dezembro que ocorreu mais uma vez pelo turno da tarde conseguimos falar com alguns profissionais. Entre eles uma Pedagoga, a Assistente Social e a Fisioterapeuta.

Cada componente de nosso grupo conversou com um profissional, ou seja, todas as conversas ocorreram no mesmo horário que aconteceu por volta das 14: 10 da tarde. Constatamos que a conversa com a Assistente Social que ocorreu em sua sala de trabalho foi à conversa mais longa durando aproximadamente 25 minutos, já as conversas com a Pedagoga, que aconteceu na sala de recepção e a conversa com a Fisioterapeuta que aconteceu na sala de fisioterapia duraram praticamente o mesmo tempo, 15 minutos. Ao término de todas as conversas, agradecemos a cada profissional por colaborar conosco, e logo após agradecemos também a diretora da instituição por nos permitir realização dessa pesquisa de campo. Ela sorriu, e respondeu de forma simpática que tinha sido muito bom ter conseguido nos ajudar, e ainda disse que se fosse necessário que retornássemos, as portas da instituição estariam abertas para nós. Após isso nos dirigimos para casa de um dos componentes de nosso grupo, com o objetivo de socializarmos as conversas tidas com os profissionais, já que cada um de nós falou com um profissional.

Então o componente do grupo que conversou com Assiste Social contou que: Ela trabalha na ONG desde 2010, que ela trabalha 40 horas semanais e que realiza inúmeras demandas, como acompanhamento das famílias, acompanhamento das relações entre os alunos e também entre alunos e professores, observação do comportamento dos alunos, sendo necessário observar fatores externos e também a trabalhar em con-

junto com o Psicólogo. Já o componente do grupo que conversou com o profissional de fisioterapia, contou que: esse profissional geralmente esta presente na APAE duas vezes por semana, e que normalmente é nas segundas e quartas feiras, falou também que os tratamentos devem ser agendados, pois são muitos os alunos da APAE tem preferência no agendamento para realizar fisioterapia, pois não são apenas alunos que realizam tratamentos de fisioterapia lá, se tiver disponibilidade de horário uma pessoa que não é aluno pode agendar e realizar seu tratamento na APAE.

E por último o componente do grupo que falou com a Pedagoga, contou que: ela esta na instituição já há 8 anos e sete meses, que normalmente esta presente de segunda a sexta, e que seu trabalho consiste basicamente em procurar formas criativas como dinâmicas e brincadeiras para desenvolver a criatividade e o raciocínio dos alunos, promovendo a inclusão entre eles. Outro aspecto que é importante ressaltar com relação a entrevista com a Pedagoga, é quando ela é questionada sobre essa "inclusão", se ela de certa forma não é contraditória pois, de certa forma o aluno da APAE estava sendo incluso em um ambiente onde haviam pessoas com problemas parecidos com os seus, mas estava se excluindo do resto da sociedade. Então ela respondeu que o assunto "inclusão" é bastante complexo, mas que não acreditava que os alunos estavam sendo excluídos do resto da sociedade já que muitos daqueles alunos também estão matriculados em outras escolas.

Com todo o processo realizado em nosso trabalho de campo, ficou claro que as pessoas com deficiência enfrentam enormes dificuldades tanto no que diz respeito à efetivação de seus direitos, quanto em sua inclusão social.

Sendo assim, evidenciamos que cabe a APAE a busca por essa inclusão social possibilitando uma melhor qualidade de vida para esses indivíduos.

10 - A Presença Muçulmana em São Borja¹

Fernanda Mattos de Lima Valença²

RESUMO

O artigo aborda o contexto e as principais implicações do processo de imigração e manutenção do povo árabe muçulmano na cidade de São Borja, fronteira do Rio Grande do Sul. O estudo se embasa na reunião dos resultados produzidos e explorados por meio do método etnográfico no bairro Centro da cidade. Comparando dessa forma cultura, identidade, religião e todas as variantes que decorrem do choque de uma cultura com outra, assim como os progressos do Islã dentro dessa. Ao considerar a visão do povo ou sociedade que está sob análise, se está a favor de um instrumento na a luta contra o etnocentrismo.

Palavras-chave: Muçulmanos. Imigração. São Borja.

ABSTRACT

The article discusses the context and the implications of the immigration process and maintenance of the Muslim Arab people in the town of San Borja, the border of Rio Grande do Sul The study is based upon the results of the meeting produced and exploited by the ethnographic method in the neighborhood city. Centre. Comparing in this way culture, identity, religion and all the variants arising from a clash of culture with another, as well as the progress of Islam in this. When considering the vision of people or society that is under review, if you are in favor of an instrument in the fight against ethnocentrism.

Keywords: Muslims. Immigration. San Borja.

¹ Artigo apresentado à disciplina de Antropologia I do curso de bacharelado em Ciências Sociais – Ciência Política da Universidade Federal do Pampa, com vistas à parte do processo avaliativo, em 2011/2 ao Prof.º Dr. Daniel Etcheverry.

² Aluna de graduação do curso Ciências Sociais - Ciência Política pela Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja. E-mail: fernandasottam@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Tidos como "turcos", os muçulmanos instalados em São Borja, cidade fronteiriça do Rio Grande do Sul, dificilmente têm essa origem. A explicação para o estereótipo é fundamentada na vinda de árabes ao Brasil, no período que antecede a 1ª guerra mundial. Do qual, para viajarem, tinham seus passaportes expedidos pelo extinto Império Otomano, sob comando turco.

Em um dos clássicos antropológicos: Los argonautas del Pacífico occidental (MALINOWSKI, 1972), o etnógrafo é descrito como fator de integração de suas observações junto ao uso da sociologia para criar uma base sólida em defesa de suas colocações. Nesse sentido, o tema de pesquisa A Presença Muçulmana em São Borja objetiva trabalhar por semelhante prisma, a fim de analisar os fatores culturais, econômicos e sociais que influenciaram essas pessoas (partindo do pressuposto que a maior parte não é brasileira) na iniciativa e manutenção de se instalar na cidade.

O objetivo deste artigo é tentar descobrir sobre esses pontos, buscando entender como se deu à adaptação dentro da cidade de São Borja e suas conseqüências, em específico. Dessa maneira, não se pretende um relato minucioso sobre a religião Islã (o que devido à natureza do trabalho nem seria possível) nem sobre o tema geral da presença de imigrantes árabes no Brasil, ainda que ambos os temas tenham a necessidade ser ao menos superficialmente abordados.

INSTALAÇÕES NA CIDADE

Sobre a difusão da religião dentro da cidade, somente a pouco mais de quatro anos foi instalada uma mesquita, por missionários provindos do Oriente Médio. Não permitem que o local seja fotografado internamente, mas acompanhada por um membro da religião me foi possível conhecer suas dependências.

Uma das prerrogativas para entrada por parte de mulheres é o uso do véu (como sinal de respeito), que, emprestado por umas das entrevis-

tadas, aceito usar no trabalho de observação. Em um prédio localizado ao lado da Praça XV, o apartamento cedido por um dos adeptos, possui amplas instalações. Adaptado às necessidades de um templo religioso, seu interior apresenta logo próximo à entrada alguns sofás, que parecem dar um aspecto de recepção. Em uma espécie de sala de grandes proporções, é possível observar um móvel para guardar os sapatos, (para antes de adentrarem no local de orações, identificável mais a frente) e próximo a ele um pequeno púlpito e uma estante com várias edições do *Corão* (livro sagrado para o Islã) e alguns poucos livros religiosos. O acompanhante me explica que estes podem ser emprestados com a autorização do responsável pela mesquita, que não chega a ser um sheik (a cidade ainda não conta com um).



Foto 1- Prédio onde se localiza a mesquita (último andar), ao lado da praça XV, no Bairro Centro- São Borja. Condições urbanas adaptadas às necessidades religiosas. Foto por Jeane Jorge.

Nas paredes observam-se alguns lembretes e vários cartazes e quadros com textos escritos em árabe. Um deles contém gravuras que mostram o procedimento de purificação que os fiéis devem fazer antes das orações. Um espaço separado é reservado para oração das mulheres, já que estas não podem fazer orações no mesmo local que os homens. Adentrando nos ambientes chegamos à cozinha, útil na preparação de comidas em datas comemorativas. No fim do espaço existem ainda banheiros e um local reformado, que atende às necessidades das lavagens feitas no momento anterior à oração.

O horário escolhido foi pertinente a uma das orações diárias, sendo possível observar a entrada de alguns fiéis no horário previsto. Era possível acompanhar a sequência que se seguiam nas orações. Voltam-se para o lado que, posteriormente me explicaram, é direcionado para a cidade de Meca, na Arábia Saudita. É Onde fica o Caaba, pedra considerada sagrada no Islamismo e tida como um local sagrado, onde existiria uma ligação com o trono de Deus. Dentre as prioridades, seria a primeira nos locais que têm como sagrados, a segunda seria Jerusalém e por fim Medina, onde foi fundada a primeira mesquita do mundo.

SER HUMANO COMO FATOR CULTURAL

Adaptação ao meio e unicidade familiar

Nas proximidades da Praça XV, no bairro Centro, concentra-se boa parte do comércio presente em São Borja. Sendo assim, concentram-se também as lojas dos "turcos" e, no contexto, de proprietários muçulmanos.



Foto 2- Trecho da Rua Cândido Falcão que evidencia uma culminância comercial no bairro, todas as lojas do trecho captado possuem proprietários árabes. Foto por: Jeane Jorge.

Em um primeiro contato, ao adentrar em uma das lojas, converso com o jovem Ayub. Indagado sobre suas origens confirmou descendência muçulmana por parte de seus pais, dos quais o pai é originário do Líbano e a mãe da Síria. Vieram ao Brasil buscando melhores oportunidades, tendo o pai chegado à cidade em 1976 e após casar-se no território de origem traz consigo a esposa em 1980.

A mãe do jovem, Salwa, relatou sobre alguns aspectos da religião, como: as mulheres não necessitam ir à mesquita para orar (ou seja, não existe obrigatoriedade). Ela explica que já que a mulher é responsável pela constituição do lar, é compulsório que devam passar lá mais tempo, enquanto que os homens (considerados provedores da família) devem ir obrigatoriamente. As orações são feitas cinco vezes ao dia, sendo encostada a fronte no chão, "em sinal de respeito e humilhação a Deus" (entrevista realizada no dia 02/10/2011), sobre um tapete.

A sonoridade do sotaque estrangeiro misturado às palavras portuguesas me chama atenção. Assim como o fato de que mesmo tendo nacionalidade brasileira, o filho saiba explica todos os costumes e hábitos não só religiosos como também geográficos e culturais dos países árabes. Pareceu-me forte a manutenção das tradições dentro do âmbito educacional da família.

Até mesmo o nome dos filhos, que não compreendi a princípio, também era de origem árabe. Sobre isso o artigo publicado por Denise Jardim e Roberta Peters, em *Os Casamentos Árabes: a recriação de tradições entre imigrantes palestinos no Sul do Brasil*, nos esclarece:

A nominação é o detalhe que nos leva a compreender como se expressam os interesses pela continuidade da família e pela explicitação de uma distinção étnica. Deste ponto de vista, explicita que essas famílias vivem entrelaçadas a outras famílias de origem árabe. Os nomes funcionam como uma apresentação inicial importante entre famílias, pois não se referem unicamente a laços de sangue, mas a aspectos morais que relacionam as qualidades morais do indivíduo a uma parentela mais ampla, conhecida e avaliada por outros imigrantes e comerciantes que atuam no Sul do Brasil. (JARDIM, Denise Fagundes; PETERS, Roberta, 2005, p. 189)

Questões como "de que forma a presença muçulmana modificou o cenário são-borjense?" ou "quais as modificações no estilo de vida dos muçulmanos ao se instalar em São Borja?" se fazem mais claras quando se considera a seguinte colocação: "A cultura permite ao homem não somente adaptar-se ao seu meio, mas também adaptar-se este meio ao

próprio homem, a suas necessidades e seus projetos." (CUCHE, 1999). Observável nos momentos em que mesmo tendo que fazer as cinco orações diárias, os comerciantes islamitas não fecham suas lojas (o que seria o ideal nos países árabes, por parte dos que seguem a religião), dessa forma deixam a cargo dos funcionários o funcionamento dos estabelecimentos.

SOBRE A IDÉIA DE "VEIA COMERCIAL"

Uma das minhas indagações iniciais no início do trabalho de campo: sobre o motivo de tantos árabes muçulmanos terem escolhido São Borja para se instalarem. O que influenciou na imigração dos primeiros que aqui chegaram?

Um dos primeiros pontos que me foi esclarecido, é que esse fenômeno migratório ocorreu em todo o Sul do país (aliás em todo o mundo) existindo várias pesquisas a respeito. Sendo assim, São Borja não se mostra caso singular dentro de semelhante ocorrência.

Os filhos ou netos dos primeiros árabes imigrados (em sua maioria) me justificaram a vinda destes, por basicamente duas causas: fugir dos conflitos que seus respectivos países passavam e a procura por melhores oportunidades de trabalho. Sobre o segundo, uma das famílias me explicou a idéia que se tinha de que as cidades fronteiriças seriam mais vantajosas, que se não tivessem prosperado, teriam tentado na Argentina. Outra resposta foi sobre o título de "Terra dos Presidentes" que leva São Borja, o que também foi justificado como atrativo para os trabalhos na cidade.

Sendo o trabalho a resposta mais recorrente, pergunto aos entrevistados o que eles entendem sobre á tendência árabe de lidar com o comércio. Não souberam explicar exatamente, mas apontaram questões culturais. Uma outra abordagem a esse tema foi de os mais jovens dificilmente optarem por esse ramo. Embora de uma forma generalizada observe-se a presença de toda a família nos negócios, os membros em idade escolar confirmam a aspiração de seguir os estudos superiores.



Foto 3- Referência à Alá (Deus) fixado na parede. Elemento religioso dentro dos negócios de família e jovens muçulmanos que aspiram à faculdade dentro da área de saúde. Foto por: Jeane Jorge.

CULTURA E RELIGIÃO

O papel da mulher

A mulher, nesse sentido, possui uma imagem mais reservada, é comparada à uma "jóia rara" e como tal deve ser resguardada. Semelhante analogia me foi fornecida por praticamente todos os entrevistados. "Você não deixa uma jóia exposta na rua para qualquer um passar e levar, deixa?" (entrevista realizada em 14/11/2011) Com esse argumento justificam a questão das vestimentas mais recatadas e o uso do véu, por exemplo.

A idéia que se passa na mídia de que a mulher é maltratada dentro no Islã, não passa de uma distorção, segundo a jovem Laila. Ela conta que o cuidado que se tem com a mulher, com sua saúde, com o equilíbrio da constituição da família, são aspectos presentes dentro da religião. O que na verdade acontece, como nas demais grandes religiões como o cristianismo e judaísmo, é que esta possui subdivisões. A corrente de maior número de adeptos, que em equilíbrio foi a dos que pude entrevistar: Sunismo. Ela me explica que existem outras vertentes, que ao contrário destes são extremistas e que diferenciam nas formas de interpretação do *Corão*, onde a que mais se houve falar é a do Xiismo.

Perguntando-me sobre o estigma de que se tem que o casamento

muçulmano é arranjado, interpelo a respeito e mais uma vez me esclarecem sobre a diferença entre ser muçulmano e ser árabe, dos aspectos religiosos em contraste com os culturais. O casamento ser arranjado é tido como um hábito cultural do povo árabe em si (que singularmente não constitui em sua população maioria islamita). Enquanto que a religião de forma alguma impõe a controversa obrigatoriedade.

Não se pode, pura e simplesmente confundir as noções de cultura e identidade cultural ainda que as duas tenham uma grande ligação. Em última instância, a cultura pode existir sem a consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente. A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas. (CUCHE, Denys, 1999. p. 178)

Em outro dia de pesquisa de campo, o assunto volta à pauta e Murad Ibraim me confirma as explanações acerca das diferenças culturais e religiosas. Acrescenta que ainda que não haja obrigatoriedade do casamento arranjado, nem do casamento entre primos (outro estigma sobre a religião), o segundo é passível de recomendações. Explica que pela tendência das famílias referidas sempre serem numerosas, as disposições matrimoniais e geográficas já resultaram em casos de irmãos se relacionando sem o saberem. Se o rapaz ou moça casa com um primo, já conhece toda a família, o que impossibilita esse tipo de incidente. Outra facilidade é a despeito do divórcio. Sendo da mesma família as consequências são minimizadas, como no caso de casais que têm, muitas vezes, origens geograficamente díspares.

Imaginando meu pensamento sobre a probabilidade de defeitos genéticos entre filhos de primos, me afirma que pesquisas recentes comprovam que a probabilidade não passa de 1%.

O ambiente em que mantínhamos o diálogo nada de diferente apontava das demais lojas. Exceto por duas fotos de noivas próximas ao local de pagamento. Uma da irmã do interpelado e outra de sua esposa. Apesar de apenas 23 anos, já se casara no ano anterior e inseriu minha curi-

osidade sobre as fotos na abordagem que ministrava. "Isso aqui é cultura, só o véu é religião" (Entrevista realizada em 10/12/2011) apontando primeiro para o vestido e depois para o véu, que cobria todo o cabelo da noiva.

Ele se mostra como exemplo, no assunto de casamento entre primos. Filho de palestinos, conheceu sua noiva (e prima) no território de origem de sua família, para depois casar-se e trazê-la à São Borja. Explica como se dá todo o processo: os familiares intermediam o encontro, perguntando se os pretendentes gostariam de ser conhecer, em caso afirmativo eles iniciam encontros para conversas ("ficar" ou namorar não é permitido dentro dos preceitos religiosos), caso se gostem o noivo toma partido em frente à família da noiva e iniciam-se os trâmites familiares para a consecução do casamento.

CONCLUSÃO

Tem-se que o presente artigo traz a tona um caráter objetivo, todavia em condições de relatividade, já que implica em uma determinada formação de idéias (resultantes de um processo interpretativo). Sendo assim deve-se levar em conta a subjetividade do texto como uma prerrogativa do trabalho etnográfico.

Durante a realização deste, foi possível observar na prática conceitos estudados como de etnocentrismo e alteridade. O primeiro vivenciado pelos primeiros muçulmanos vindos à São Borja, em que muitas mulheres da religião, seguindo o dogma do uso do véu, encontraram se não preconceito, ao menos estranhamento pelos que aqui habitavam. Como em um caso, em que a avó de um dos entrevistados era confundida como cigana e acaba se sentindo inibida no uso do acessório.

A questão de o antropólogo ser capaz de lidar com esses elementos culturais e sintetizá-los de modo a produzir material de qualidade (levando sempre em conta a subjetividade de cada texto), serve não só para contribuir com os estudos nas ciências sociais, como também é etapa necessária no desenvolvimento do pensamento humano acerca das diferenças nas sociedades.

REFERÊNCIAS

Documentos convencionais

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: EDUSC, 1999.

MALINOWSKI, Bronislaw. Los argonautas del Pacífico occidental: Comercio y aventura entre los indígena de la Nueva Guinea melanésica. Barcelona: Edições Península, 1972.

ROCHA, Everardo..**O que é o etnocentrismo?** Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1984.

VELHO, Gilberto. "observando o familiar". In: Oliverira Nunes, Edson; A Aventura sociológica. Objetividade, paixão, improviso e método de pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar.1978.

Documentos consultados "on line"

JARDIM, Denise Fagundes; PETERS, Roberta. Os Casamentos Árabes: a recriação de tradições entre imigrantes palestinos no Sul do Brasil. **Anos 90.** Porto Alegre, dez./jan. 2005. Disponível em: http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31723/000554440.pdf?sequence=1. Acesso em: 10 dez. 2011.

FRANCO, Karine. Sete Dias, Sete Vidas. UNIPAMPA. São Borja, 2010. Disponível em: http://tinyurl.com/2apxuk4 Acesso em: 12 de nov. 2011.

11 - Alcoólicos Anônimos de São Luiz Gonzaga: Uma Perspectiva Antropológica sobre o Assujeitamento¹

Carine Mayer (cari-mayer@hotmail.com)
Igor Araújo (the-veludo@hotmail.com)
Jonivan de Sá (jonivanmartins@yahoo.com.br)
Marcio Ramos (marcio_ramos@hotmail.com)
Suelen Andrade² (suelen_andrade20@hotmail.com)³

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo a apresentação e descrição dos alcoólicos anônimos, tendo como foco central o AA da cidade de São Luiz Gonzaga, no interior do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Dentro de uma perspectiva de análise crítica e de cunho antropológico sobre tal instituição, se propõe uma analítica através das reflexões de Michel Foucault a cerca do assujeitamento, como construção social do indivíduo, buscando, portanto, demonstrar suposta intersecção do AA com os conceitos foucaultianos de biopolítica e dispositivo.

Palavras-Chave: Alcoólicos anônimos; biopolítica; dispositivos;

ABSTRACT

The present work aims at the presentation and description of alcoholics anonymous, focusing on the central AA from São Luiz Gonzaga, in the State of Rio Grande do Sul, Brazil. In the perspective of critical and anthropological analysis of such an institution, proposes an analytical through Michel Foucault's reflections about the subjection, like a social construction of individual, seeking thus to demonstrate the supposed intersection with the AA

¹ Trabalho apresentado inicialmente como avaliação da disciplina de Antropologia Social do curso de Ciências Sociais – Ciência Política da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

² Todos os autores do respectivo trabalho cursam o sexto semestre do curso de Ciências Sociais – Ciência Política da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

³ Alunos da disciplina de Antropologia II, do sexto semestre do curso de Ciências Sociais – ciência Política.

and Foucauldian concepts of biopolitics and device.

Key words: Alcoholic anonymous; biopolitics; devices; OS ALCOÓLICOS ANÔNIMOS E SUA INSTITUIÇÃO

Este trabalho tem por objetivo observar e transcrever a trajetória, organização e finalidade do funcionamento dos Alcoólicos Anônimos de São Luiz Gonzaga, compreendendo seus reflexos no cotidiano daqueles que desta irmandade fazem parte. Dentro desta perspectiva, podese pensar na importância do estudo de tal grupo, tendo em vista seu caráter de transformação de um meio social a partir da mudança (recuperação) no indivíduo, ou seja, teríamos no AA não um grupo de criação de cultura por excelência, mas sim, um grupo que busca auxiliar alguns indivíduos a adentrarem em uma realidade – ambiente cultural – maior, a se socializarem de forma adequada dentro de determinada construção cultural.

Alcoólicos Anônimos se autointitula uma irmandade de homens e mulheres que buscam auxílio para abandonar o vício do álcool, seu propósito é a sobriedade de seus membros.

A formação deste grupo deu início em 1935, com o encontro de um corretor da bolsa de valores de Nova Iorque chamado Bill W. e Dr. Bob, cirurgião de Akron, ambos tinham seus problemas gerados pelo consumo excessivo de álcool. Dr. Bob após conhecer Bill W., observando um companheiro de igual condição em aparente recuperação percebeu que era possível parar de beber. Para Bill, o alcoolismo era uma doença da mente, das emoções e do corpo. Logo, Bill e Bob passaram a trabalhar juntos no Hospital Municipal de Akron, tratando do alcoolismo como uma doença, baseando-se principalmente no pensamento do Dr. William D. Silkwoth, terceiro homem do núcleo fundador do AA.

Em 1939 a irmandade já fortalecida com então três grupos de AA, Akron, Nova Iorque e Cleveland, lançou o primeiro livro de texto básico, intitulado como "Alcoólicos Anônimos" escrito por Bill, o livro tratava da filosofia e dos métodos do AA, este originou a obra que hoje é chamada de os "Doze Passos". Em pouco tempo o AA foi expandindose em grande proporção, em 1940 eram cerca de dois mil membros e na

década de 1950 os Alcoólicos Anônimos tinham presença forte com cem mil membros em todo o mundo. No Brasil, os Alcoólicos Anônimos surgiram em 05 de setembro de 1947, sendo que hoje estima-se que sejam seis mil grupos, totalizando 180 mil membros.⁴

ORGANIZAÇÃO E FILOSOFIA DA IRMANDADE DO AA LOCAL

Atualmente, os AA se estruturam e normatizam sob as idéias contidas nos Doze Passos, Doze Tradições e Doze Conceitos. Através de nossa pesquisa empírica, ou seja, da etnografia nos foi possível conhecer e buscar estabelecer a alteridade com o grupo dos Alcoólicos Anônimos de São Luiz Conzaga, sendo assim destacaremos a seguir pontos rele-



Foto 1-Prédio onde se realizam as reuniões do AA/SLG

Temos o local de encontro do grupo, como uma sala de um prédio antigo da cidade em área central, sala pequena e simples, apenas algumas cadeiras, pôsteres, placas de referência à filosofia do A.A. e um quadro negro. No alto da parede o retrato dos dois fundadores dos Alcoólicos Anônimos, acima citados. No fundo da saleta, utensílios para a preparação do chimarrão, este circula entre os membros no decorrer da reunião. Sobre a mesa, bem à frente, encontram-se livros e revistas de

⁴ Dados colhidos no sitio: http://aa-areasp.org.br/portal/rv/artigos-da-vivencia/51-fundamentos-do-programa-de-recuperacao.html. acessado em 06 de janeiro de 2012.

literatura de apoio, estes se referem aos passos e tradições dos Alcoólicos Anônimos, como por exemplo, a revista intitulada como "Vivência" e o livro "Os Doze Passos e as Doze Tradições", bem como, panfletos informativos sobre a doença.



Foto 2- Porta da sala de reuniões

Em toda reunião é realizada a reflexão acerca de um dos "Doze Passos", onde é feita a leitura e uma consideração a respeito.

Primeiro Passo: "Admitimos que éramos impotentes perante o álcool – que tínhamos perdido o domínio de nossas vidas."

Segundo Passo: "Viemos acreditar que o Poder superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade."

Terceiro Passo: "Decidimos entregar nossa vontade a nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos."

Quarto Passo: "Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos."

Quinto Passo: "Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante o outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas."

Sexto Passo: "Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter."

Sétimo Passo: "Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de

nossas imperfeições."

Oitavo Passo: "Fizemos uma relação de todas as pessoas a quem tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados."

Nono Passo: "Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-las significasse prejudica-las ou a outrem."

Décimo Passo: "Continuamos fazendo o inventário pessoal e, estávamos errados, nós o admitimos prontamente."

Décimo Primeiro Passo: "Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação à nós, e forças para realizar essa vontade."

Décimo Segundo Passo: "Tudo experimentando um despertar espiritual, graças a estes passos, procurando transmitir esta mensagem aos alcoólicos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades." 5

É importante trazer aqui este elemento, já que toda a filosofia dos AA é compreendida frente aos "Doze Passos" e as "Doze Tradições", ou seja, é comum a todos os grupos de Alcoólicos Anônimos no mundo a prática de reflexões e estudo desta literatura. Não sendo uma particularidade do grupo de São Luiz Gonzaga em si.

Primeira Tradição: "Nosso bem-estar comum deve estar em primeiro lugar; a reabilitação individual depende da unidade de A.A."

Segunda Tradição: "Somente uma autoridade preside, em uma análise, ao nosso propósito comum – um Deus amantíssimo que Se manifesta em nossa consciência coletiva. Nossos líderes são apenas servidores de confiança; Não tem poderes para governar"

Terceira Tradição: "Para ser membro do A.A., o único requisito é o desejo de parar de beber."

Quarta Tradição: "Cada grupo deve ser autônomo, salvo assuntos que digam respeito a outros grupos ou a A.A. em seu conjunto."

Quinta Tradição: "Cada grupo é animado de um único propósito primordial – o de transmitir sua mensagem ao alcoólico que ainda sofre."

⁵ JUNAAB, Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil. Os Doze Passos e as Doze Tradições. P.17; P.19; P. 29; P. 36; P. 48; P. 55; P. 62; P. 69; P. 74; P. 78; P.85; P. 94.

Sexta Tradição: "Nenhum grupo de A.A. deverá jamais sancionar, financiar ou emprestar o nome de A.A. a qualquer sociedade parecida ou empreendimento alheio à Irmandade, a fim de que problemas de dinheiro, propriedade e prestígio não nos afastem de nosso objetivo primordial."

Sétima Tradição: "Todos os grupos de A.A. deverão ser absolutamente auto-suficientes, rejeitando quaisquer doações de fora."

Oitava Tradição: "Alcoólicos Anônimos deverá manter-se sempre não-profissional, embora nossos centros de serviços possam contratar funcionários especializados."

Nona Tradição: "A.A. jamais deverá organizar-se como tal; podemos, porém, criar juntas ou comitês de serviço diretamente responsáveis perante aqueles a quem prestam serviços."

Décima Tradição: "Alcoólicos Anônimos não opina sobre questões alheias a Irmandade; portanto o nome de A.A. jamais deverá aparecer em controvérsias públicas."

Décima Primeira Tradição: "Nossas relações com o público baseiam-se na atração em vez da promoção; cabe-nos sempre preservar o anonimato pessoal na imprensa, no rádio e em filmes."

Décima Segunda Tradição: "O anonimato é o alicerce espiritual das nossas tradições, lembrando-nos sempre da necessidade de colocar os princípios acima das personalidades." 6

A reunião é dada ao início pelos membros da mesa organizadora do grupo, a qual é composta por dois integrantes participantes do grupo A.A., sendo que esses dois são escolhidos pelo grupo e prestam esse serviço durante um trimestre. Esses organizadores pedem a cada pessoa que entra na sala, que assine um livro de presença, o qual deve constar, segundo os organizadores, apenas um nome não havendo a necessidade de sobrenome, isso serve pra membros permanentes do grupo e visitantes, sendo o nome dos visitantes transcritos em um quadro, ressalvado pelos organizadores, que em momento que antecede o termino da reunião todos os nomes são apagados. O grupo faz questão de declarar não ser atrelado a nenhuma religião ou crença, mas mesmo assim acreditam em uma "força" ou "poder" supremo, as reuniões são iniciadas com uma prece.

⁶ Ibidem. P.115; P. 118; P. 125; P.131; P.135; P. 139; P. 144; P. 150; P. 156; P. 160; P. 163; P. 167.



Foto 3 - Mesa da sala de reuniões

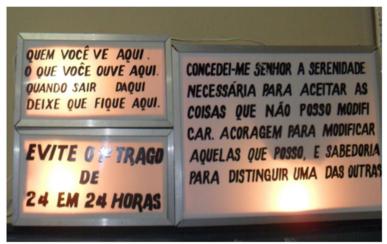


Foto 4 - (à direita) Oração da Serenidade

Os membros da mesa em todas as reuniões fazem uma breve reflexão do que é o A. A., onde pedem a preservação do anonimato, ressaltando que se os membros do grupo vierem a se encontrar em local que não seja a sala de reuniões, não iram manter nenhum tipo de contado se assim for de preferência. Dentre tanto, em uma das reuniões, um integrante do grupo que aqui chamaremos de Júlio, fez uso da cabeceira de mesa para contar a respeito de um rodeio realizado na cidade, onde ele e os demais integrantes estavam confraternizando, para ele e os outros membros, este fato foi motivo de orgulho, já que anteriormente, antes da sobriedade (para Júlio cerca de cinco anos), não se pensava em rodeios e festas sem se pensar no consumo de bebidas alcoólicas, este relato sobre um final de semana, nos mostra juntamente com outros relatos que o grupo sente-se ligado mesmo fora do ambiente o qual as reuniões se realizam.

Após a abertura da reunião, os integrantes do grupo passam a relatar suas experiências passadas com o alcoolismo, percebesse que os integrantes mais antigos já conhecem esses relatos, pois em alguns momentos, até considerados cômicos, os demais integrantes já antecipam uma expressão de riso, pois essas falas são proferidas praticamente em todas as reuniões. Todavia, os membros destacam a importância de falar e ouvir, mesmo que repetidas vezes as mesmas histórias, considerando que é através delas que se faz lembrar o quanto o alcoolismo foi prejudicial em suas vidas, de seus familiares e amigos.

As reuniões são vistas pelos membros como um "remédio" contra o alcoolismo, sendo assim, a freqüência é algo realmente prezado, apesar de muitos abandonarem o grupo assim que se encontram curados, ou melhor, segundo o A.A. não existe cura, estão com a doença sob controle. Então, aos poucos que permanecem motivados pelo sentimento de gratidão que é também trabalhado dentro do grupo, revelam ser este o grande segredo, a abstinência frente ao álcool e a persistência no que compete a freqüência das reuniões, auxiliando aos novos membros e mantendo também e principalmente, a própria sobriedade.

Todo membro ao ingressar deve escolher um padrinho dentro do A.A. a quem de imediato deve servir de apoio direto dentro do grupo, e, a data de ingresso fica registrada em um livro, assim, quando fecham anos de permanência no grupo o indivíduo deve "comprar" simbolicamente sua ficha de membro, contribuindo em dinheiro para manutenção do grupo, o valor não é estipulado, podem ser centavos ou reais. A Irmandade é auto-suficiente, recusa contribuições financeiras ou de qualquer espécie material que não seja oriunda dos membros, nas reuniões

são realizadas coletas, na maioria das vezes apenas se vêem moedas, o dinheiro é unicamente utilizado para encontros regionais dos A.A. e para manutenção de serviços básicos do grupo como a compra da erva mate para o chimarrão.

Em meio aos relatos e impressões a cerca dos personagens, é curioso e instigante ressaltar aqui, o trabalho de um artista plástico que chamaremos de Marcos. Este artista e alcoólatra em recuperação⁷ possui mais de duas mil garrafas de vinho em sua adega, pois além do trabalho de desenhista e pintor, fabrica artesanalmente vinhos, estes são experimentados, segundo ele, por amigos seus, enólogos por excelência. Além de haver pintado uma bela tela que retrata o drama do alcoolismo. Notase que Marcos há 26 anos como membro do AA, sente-se profundamente ligado ao que para ele é mais que um grupo de recuperação, consiste em uma filosofia de vida.

Grande ponto em comum nos discursos é o fato de a credibilidade quanto à cura da doença do alcoolismo mediante a freqüência nas reuniões, dar-se pelo fato de os membros encontrarem-se entre iguais, sem o julgamento estabelecido na cultura geral, observamos que esta subcultura frente ao álcool estabelece a *prima facie* regra geral desta organização.

Existe além dos A.A. grupos de apoio aos alcoólicos que são atrelados aos Alcoólicos Anônimos, são estes o AL-ANON e ALATEEN. O AL-ANON é destinado aos familiares, companheiro ou companheira, irmão ou irmã de quem sofre de alcoolismo, já o ALATEEN é destinado ao trabalho com adolescentes membros de famílias que possuem problemas relacionados ao álcool, um grupo de jovens que busca entender o alcoolismo a fim de ajudar dentro e fora da família e, principalmente não repetir o exemplo que possuem em casa. Em São Luiz, esta em funcionamento o AL-ANON em uma sala ao lado, vez ou outra trocam visitas entre os membros.

Quanto à presença de nosso grupo de pesquisa, desde o primeiro momento percebemos a receptividade dos membros do AA, já no que

⁷ Termo pelo qual os membros do AA se auto-intitulam.

segue, nos foi oferecido um contato maior com a literatura e houve disposição do coordenador, se assim podemos chamá-lo, em apresentar o histórico do AA e em especial do grupo de São Luiz Gonzaga. A presença do nosso grupo de pesquisa foi enaltecida pelos integrantes, sendo eles, de diferentes classes sociais e graus de instrução. Cabe dizer aqui, que o grupo de São Luiz Gonzaga é composto apenas de homens, apesar de ser destinado à homens e mulheres, não houve presença feminina nas reuniões que participamos, que não fosse de integrantes de nosso grupo de pesquisa.

UMA ANÁLISE E SOB O ÂMBITO DO ASSUJEITAMENTO

Dentro de uma perspectiva da construção de uma análise crítica sob o que podemos perceber durante nossos breves encontros com os membros do AA, alguns conceitos apresentados nas reflexões de Michel Foucault nos saltam a mente e se constroem como uma espécie de viés analítico ideal para tal caso e instituição. Como descrito acima, o AA é uma instituição que busca a modificação, a transformação de alguns indivíduos que se encontram em determinada realidade, com o intuito de reconstruí-los como sujeitos dentro de padrões que poderíamos chamar de socialmente aceitos. A biopolítica se apresenta (FOUCAULT 2010) justamente como forma de assujeitamento de indivíduos através de suas realidades físicas (e psicológicas), fazendo uso de métodos de disciplina física e construção de enunciados, discurso, que transmutariam, por conseguinte, os sujeitos em modelos idéias necessários dentro de uma conjuntura específica.

Em *Microfisica do Poder* o autor nos trás os modelos de medicinas responsáveis por importantes modificações no corpo social e individual. Tais práticas médicas, ligadas a um contexto, serviam como forma de organização e legitimação desse próprio contexto particular:

[...] o capitalismo, desenvolvendo-se em fins do século XVIII e início do século XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou

pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolitica. A medicina é uma estratégia biopolitica. (FOUCAULT, 2010: 80)

O autor nos remete à realidade do capitalismo como construtor de uma gênese biopolítica de assujeitamento, tendo por objetivo o assujeitamento do indivíduo, através do corpo, transformando-lhe em mão-de-obra ideal, servindo assim aos interesses de um contexto em específico.

Ainda pensando em formas de assujeitamento, Foucault contribui com a idéia de dispositivos. Os dispositivos seriam um conjunto que envolveria instituições, discursos e diversas formas de disciplinas, tendo como intuito o assujeitamento:

O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que nascem mas que igualmente o condicionam. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por ele. (FOUCAULT 2010: 246)

Os dispositivos, portanto, funcionam em dois níveis, a saber, legitimando um contexto de saber e sendo legitimados por eles. O conceito de disciplina está, de certa forma, intrínseco no de dispositivo, na medida em que estes necessita do elemento espacial, arquitetônico. A disciplina se caracteriza (FOUCAULT, 2010: 106) pela organização e individualização do espaço, como forma de bombardear o indivíduo com determinados discursos, já que constrói-se um simbolismo de pertencimento à determinada posição espacial.

Pesando em uma analítica do AA propriamente dito, percebe-se certa aproximação da instituição como um todo ao conceito do dispositivo de assujeitamento apresentado por Foucault. Dentro dessa perspectiva aparente, os AA funcionariam como forma de assujeitamento biopolítico do indivíduo, através de discursos e meios de disciplina que visam o corpo como forma de modificação de uma conduta social, já que, busca-se pelo meio da não utilização do álcool certo padrão de

comportamento. Tal padrão se define na medida em que são acentuados nas narrativas dos membros do grupo comportamentos ditos como não ideais ao convívio, ou seja, um tipo ideal de comportamento social se enuncia na medida em que se nega outro tipo de comportamento tido como não ideal, ao passo que a organização do ambiente em si nos remete a idéia de que quem fala — enuncia comportamentos negativos — tem algo a mostrar, tem algo a demonstrar, enuncia acima de tudo o que os demais membros, que se encontram dispostos no ambiente de maneira a ouvir com atenção quem fala, não devem fazer.

Os "Doze Passos" representam a construção de enunciados que buscam dar conta de elementos que viriam a afirmar a idéia do funcionamento de um dispositivo. Dentre eles podemos apontar a necessidade do retorno do que se chamou "sanidade", alem da importância que se dá ao reconhecimento dos erros. No decorrer de sua obra o próprio Foucault aponta a importância do ato da confissão (como enunciação do erro) para as táticas de controle e disciplina. Tal elemento retoma as análises foucaultianas da confissão cristã e sua familiaridade com as práticas psicanalíticas e se apresenta no AA sob a forma das narrativas compartilhadas entre os membros. Mais uma vez o espaço em que ocupam no ambiente se faz importante como forma de separação de quem fala e quem ouve, agora no sentido analítico ou de confissão dos erros.

Em outras palavras, na medida em que o indivíduo enuncia as maneiras de não agir, confessa ter agido fora do padrão desejável, confessando de certa forma seus atos, legitimando o contexto desejável e ao mesmo tempo legitimando seus hábitos como negativos, através desta forma ideal de agir. O uso do álcool nesse contexto se mostra como a forma elementar do exercício do biopoder, já que é este o fator que se apresenta como responsável, de certa forma, pelas condutas desejadas, fator esse estritamente ligado a características fisiológicas (bio) e que seria o cerne da construção dos discursos e do AA como dispositivo em funcionamento. Teríamos assim os AA não só como fonte de exercício do poder que busca enquadrar os indivíduos a um padrão através do corpo, mas sim também como um dispositivo complexo, construtor de sentidos e legitimador de uma ordem comportamental tida como ideal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No sentido de uma contribuição para se analisar a instituição dos AA sob uma perspectiva antropológica da construção de sentidos e da importância das instituições na vida dos indivíduos e na organização da sociedade, o que se pretendeu neste foi descrever e recuperar a estruturação dos AA, alem da tentativa da demonstração de hipótese específica, buscando dar novos focos a estudos de organizações como os AA, não levando em conta seus aspectos puramente organizacionais, mas sim, tentando enunciar a importância da construção simbólica que uma tal tipo de instituição supostamente exercer sob seus membros.

REFERÊNCIAS

ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, Revista Brasileira de Alcoólicos Anônimos. Vivência / Ano 26 – número 5/ Setembro-Outubro/2011. Ed.nº133.

ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, **Alcoolicosanonimos.org**. http://www.alcoolicosanonimos.org.br

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010

_______ Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008

JUNAAB, Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil. Os Doze Passos e as Doze Tradições.

TESHAINER, Marcus. Psicanálise e Biopolítica Contribuição Para a Ética e a Política em Michel Foucault. Porto Alegre: Editora Zouk, 2006

12 - Museu de Estância e Grupo Amador de Artes os Angueras

Carine Fraga Sisti Mara Janete Dal Osto Vera Regina dos Santos¹

Ao caminhar pela enorme e externa área verde do Museu da Estância, situado à rua João Palmeiro, 2318, na sede do Grupo Amador de Arte Os Angueras, depara-se com uma linha histórica da evolução das cercas, acompanhada de uma frondosa árvore.

Em meio ao verde está o Museu. Uma fachada em tons bege com as portas e janelas marrons.

Adentrando no recinto, encontra-se um armazém e um acervo de objetos relacionados à lida campeira, repleta de história dos viventes das estâncias gaúchas, representadas e caracterizadas em seu acervo pelos utensílios das atividades do campo.



Figura 1 – Fachada da sede campeira



Figura 2 – Utensílios das lidas

Sobre o patrimônio, Arantes comenta:

Sobre patrimônio cultural designa o conjunto de bens, tangíveis e intangíveis, que participam da construção do pertencimento, das identidades e da continuidade da experiência social no âmbito dos proces-

¹ Alunas do curso de,,,,,

sos de formação e transformação das nações contemporâneas e das relações internacionais (2008, p. 1).

Ao buscar com os olhos os encantos desse patrimônio, o bolicho de campanha, uma pequena área que busca reproduzir o pequeno ponto de comércio das localidades da campanha, quase sempre a beira da estrada.

Algumas peças desse patrimônio foram adquiridas como, a seguir, relata em entrevista a senhora Suzy de Araújo Rillo, esposa de Apparício Silva Rillo, um dos casais fundadores do Museu e do Grupo amador de Arte Os Angueras: "essas peças que compõem o museu foram adquiridas pela troca que o grupo realizava fazendo os shows musicais nas estâncias, nos bolichos de campanha".

Mobiliários antigos ocupam o espaço do Museu: dois armários de vidro guardam relíquias. Dentre elas balanças de precisão, chaves, cadeados, alguns estribos, ferros à brasa para passar roupas, dentre outros objetos.

Segundo o site do grupo http://www.angueras.com.br/museu.htm, o Museu de Estância:

É ou pretende ser um repositório dos móveis, utensílios, veículos e trastes em geral que amparam o curso temporal das estâncias ou fazendas no Rio Grande do sul e genericamente e por extensão, de outros objetos que fizeram florescer esses estabelecimentos pastoris gaúchos.

Nessa perspectiva, reúne sob seu teto todos aqueles elementos da cultura material gauchesca que, direta ou indiretamente, ajudaram o homem da região das Missões e da Fronteira (de que São Borja é uma espécie de divisor de águas), a consolidar de 1801 e esta parte, a sociedade pastoril – modernamente transformada em agropastoril – de que fazemos parte, dinamizada no tempo e no espaço por nossos ancestrais (Consulta em 27 dez 2011).

Na tentativa de registrar a história do Rio Grande do Sul e, em especial de São Borja, relatam Os Angueras sobre os propósitos do Museu:

Com o auxílio do Poder Público de São Borja, a que se aliou mo-

destamente o nosso trabalho pessoal, foi possível construir o prédio que sedia o Museu – com área aproximada de 700 m². Falta somente continuar reunindo o máximo de peças para a composição do acervo, sua razão de ser e de existir.O Museu da Estância não é e não será de Os Angueras unicamente. Bem mais do que nosso, será sempre patrimônio da comunicade. Venha conhecê-lo (Consulta 27 dez 2011).

De acordo com Martins:

Os museus em geral reúnem documentos pertinentes a suas temáticas permitindo a visão contextualizada e abrangente de determinados temas, assuntos e objetos de estudos de interesse patrimonial (2009, p.295).

Essa reunião de documentos, monumentos, pequenos objetos, utensílios, possibilita uma melhor compreensão dos fatos históricos. Permite a arte do ver, que por sua vez:

Não está condicionado ao ler, porque o olho lê sem ver; o olho que lê olha e o olhar aciona experiências anteriores despertando possibilidades de reflexão sem ser reflexivo – não se vê aquilo que não está no olhar (CALDAS (1999) APUD PINHEIRO, 2011, p. 8).

Nesse sentido, prossegue Pinheiro (2011, p. 8), "o olhar precisa ser treinado para ver, para distinguir entre aparência e essência – ver é olhar intensamente".

Ao olhar e desenvolver a pesquisa sobre os objetos pertencentes ao Museu da Estância, o contexto no qual foram produzidos, em essência, é reconhecer a historicidade e suas relações sociais e de trabalho específicas. Produzidos e arrecadados pelo Grupo Amador de Arte Os Angueras, cada objeto assim o quis o grupo que compusesse o acervo.

Na concepção de Le Goff sobre documento/monumento:

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado. É um produto da sociedade que o fabricou, segundo as relações de força que aí detinham o poder.



Figura 3 – Acervo do Museu da Estância Os Angueras

Só a análise do documento enquanto monumento, permite a memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (1999, p. 433).

O Museu Ergológico é o único do Estado do Rio Grande do Sul que, conforme Suzy Rillo, primeiramente "surgiu nesses moldes com uma turma de amigos de futebol de salão, vôlei e basquete, chamado Clube dos Dez" (Entrevista concedida em 04 out 2011). Conta ela, que este clube, inicialmente, funcionava nas proximidades do hospital Ivan Goulart, antigamente chamada Casa da Vaca.

Foi nesse local que, em 10 de março de 1962, começou a forma-se o Grupo Os Angueras. Telmo de Lima Freitas, renomado músico nativista gaúcho, também fazia parte desse grupo.

Apparício Silva Rillo, hoje falecido e esposo da senhora Suzy, eram, então Secretário da Fazenda de São Borja na época. Ele conseguiu da doação do terreno onde se situa o Museu.

Rillo, José Bicca e Carlos Moreno (Pimpim) foram os integrantes que deram início a esse projeto que foi concretizado com a construção da sede do grupo e do Museu. Juntamente com eles, suas esposas forma-



Figura 4 – Telmo de Lima Freitas no Festival da Barranca, promovido pelos Angueras

vam o grupo que não pode, até agora, ultrapassar o número de vinte casais.



Bicca



Rillo



(De pé à esquerda - Pimpim)

FUNDADORES DO GRUPO AMADOR DE ARTE OS ANGUERAS.

Magda Trindade Bicca, viúva de José Bicca, relatou no dia 08 de dezembro de 2011 que a "sede do grupo era uma extensão de sua casa" em palavras literais. "A arte (música, poesia, teatro), a amizade e a cultura (Museu da Estância, festivais) fizeram e fazem parte da minha vida", finaliza ela que atualmente é a diretora do Museu. Ainda em sua entrevista, Magda Bicca enfatiza que Os Angueras com o seu lema de "por São Borja cantando", levaram o nome de São Borja para outros municípios, Estados e até países vizinhos, como Argentina e Uruguai.

Essa vivência tornou-se uma irmandade, compadres e amigos sem fins políticos, partidários, lucrativos. Viviam somente em favor da arte e pela arte.

Desde a sua fundação até hoje, vários casais, sempre são convidados e escolhidos pelos participantes por votação unânime. Salientando, mais uma vez, que o número de casais nunca ultrapassa vinte.

O nome "Anguera" adotado pelo grupo significa espírito e a figura de Generoso, nome de um índio que vivia nas Missões. Esse personagem inspirou a composição do hino do grupo que é cantado sempre que um integrante falece no início e no final do velório.

Neste universo da arte amadora, encontra-se a coesão entre amizade, música e memória da vida do homem do campo simbolizada pelos objetos da lida campeira expostos no interior do Museu. A finalidade desse ato é preservar a memória campeira para as gerações vindouras.

Identificar-se com alguns dos objetos do Museu da Estância é sentir-se parte de uma identidade, de um imaginário concretizados em tudo que vemos ali exposto. É construir "um mundo paralelo de sinais no qual as pessoas vivem" (PESAVENTO, 2008, P. 41).

Complementa a autora:

O real, o concreto de um objeto é sempre o referente da construção imaginária do mundo, mas não é seu reflexo ou cópia. O imaginário é composto de um fio terra que remete as coisas, prosaicas ou não, do cotidiano da vida dos homens, mas comporta também utopias e elaborações mentais que figuram ou pensam sobre as coisas que concretamente não existem (PESAVENTO, 2008, p. 47).

O acervo do museu da Estância está sob a salvaguarda do Grupo Amador de Arte Os Angueras em parceria com a prefeitura municipal de São Borja. Os objetos expostos são peculiares da lida campeira das estâncias gaúchas e de outras áreas da cultura do Rio Grande do Sul. A sede encontra-se aberta para a visitação pública, de instituições educacionais e de turismo.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARANTES, Antônio augusto. Patrimônio cultural, desafios e perspectivas atuais. In: Patrimônio Imaterial: política e instrumentos de identificação, documentação e salvaguarda. Brasília:UNESCO, IHAN, MINC, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão [et al]. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1990.

MARTINS, Ana Luisa. Fontes para o patrimônio cultural: uma construção permanente. In: PINSKY, Carla Bassanezi e DE LUCCA, Tânia Regina (orgs). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009, p. 295.

Entrevistas com Suzy de Araújo Rillo e Magda Trindade Bicca. 04 out 2011.

PINHEIRO, Ana Virgínia. A arte de olhar, ver e tocar: a retórica silenciosa do livro antigo. In: Livro raro: formação e gestão de coleções bibliográficas especiais. Brasília: [s. Ed], 2011, p.8.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

13 - Centro Espirita Dr. Ferreira de Morais e o Grupo de Apoio Familiar "Amor e Vida"

Luciane Gonçalves do Vales
luciane.vales@hotmail.com
Mariliane Silveira Lima
marilianes.lima@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho vai demonstrar a importância da aparticipação familiar na recuperação do "especial" (dependente químico. O momento da internação de um dependente químico, quase sempre, traz não só à própria pessoa, mas, em especial à família, sentimentos de insegurança, medo e incerteza que geram muitos conflitos. Geralmente, este momento foi precedido por diversas tentativas com o intuito de evitar uma internação. Provavelmente, houve a intenção e a expectativa de acertar, mas, sem sucesso! Inicia-se então, intensa e cansativa busca de um tratamento adequado. Nesta fase a família já se encontra, quase sempre, exaurida, desestruturada, sem esperanças, adoecida! Assim sendo, no período de internação do "especial". deve-se ter como principal objetivo, a conscientização da família sobre a gravidade da doença, a dificuldade de vivenciar experiências tão destruidoras sozinhos, e, paralelamente, alertá-la sobre a importância da busca de estruturas adequadas, tais como: profissionais especializados, grupos de apoio (AA, Amor Exigente) etc, que a oriente e contribua no sentido de habilitá-la para conviver adequadamente com este mal. Caso contrário, só se agravará o caos e a disfuncionalidade estabelecida nesta família

PALAVRAS CHAVES: Dependentes químicos, Especial, família.

RESUMEN

En este documento se demuestra la importancia de la familia en la recuperación de "especial" (dependientes de sustancias químicas), la admisión de un dependiente químico casi siempre trae consigo no sólo a sí mismo, pero sobre todo

Alunas do sétimo semestre do curso de Ciências Sociais-Ciência Política.

la familia, sentimientos de inseguridad, el miedo y la incertidumbre que generan muchos conflictos. En general, este momento fue precedido por varios intentos con el fin de evitar una hospitalización. Probablemente, existe la intención y la expectativa de éxito, pero sin éxito! Luego viene, la búsqueda intensa y ardua para un tratamiento adecuado. En esta etapa la familia ya está casi siempre agotado, disfuncional, desesperado, enfermo! Por lo tanto, el período de detención en la "especial". debe tener como objetivo principal, la conciencia familiar de la gravedad de la enfermedad, la dificultad de vivir experiencias tan destructivo para sí mismos y, en paralelo, para advertirle sobre la importancia de la búsqueda de estructuras adecuadas, como los profesionales, los grupos de apoyo (AA, amor exigente) para que el este y contribuir a lo que le permite hacer frente adecuadamente a este mal. De lo contrario, sólo empeoran el caos y la familia disfuncional estableció este.

PALABRAS CLAVE: adictos a las drogas, y especial para familias.

INTODUÇÃO

Explanaremos neste artigo algumas experiência adquiridas ao participarmos de reuniões com familiares de "especiais", no Centro espírita Dr. Ferreira de Morais, na cidade de São Borja ,RS, no período de dez de outubro à sete de novembro de dois mil e onze, onde participamos como ouvintes, em cinco encontros.

Uma palestra, realizada na Sociedade Espírita José Ferreira de Morais, marcou o primeiro ano de atividades da Comunidade Terapêutica Chico Xavier, em São Borja. O administrador da instituição, Pedro Buchet, falou sobre dependência química e o funcionamento do centro de recuperação. Localizada às margens da BR 287, a 10 quilômetros da cidade, em área de 6 hectares, a entidade disponibiliza 40 vagas para homens com idade entre 18 e 65 anos. Dependentes de álcool e de outras drogas têm de 9 a 12 meses de tratamento no local, acompanhados por profissionais especializados, após passarem por desintoxicação, geralmente no Hospital Ivan Goulart, durante um a três meses. A equipe de atendimento da comunidade terapêutica inclui psicólogo, assistentes sociais, pessoal da área administrativa e monitores, que conciliam a recuperação com atividades produtivas. De acordo com a psicóloga Viviane Munhoz, as ações se concentram no tripé trabalho, disciplina e

oração. Atividades como a manutenção de uma horta e de uma pequena granja para a criação de animais fazem parte da ocupação dos internos na instituição. "Recebemos pessoas de todo o Estado, sendo 30 atualmente. Metade delas consegue a recuperação, enquanto em outros centros o índice chega a 20%", diz Pedro Buchet. A comunidade terapêutica foi instalada para atender, prioritariamente, à demanda dos municípios da região e necessita de auxílios e parcerias permanentes, conforme o administrador do centro de recuperação. Ele informa que a Prefeitura de São Borja comprou dez vagas e a de Itaqui, outras quatro. Os demais recursos para manter o local vêm da comunidade. A entidade não recebe auxílio do Estado. Duas empresas de São Borja têm papel determinante na manutenção da instituição, de acordo com Pedro Buchet. Ele garante ainda que o atendimento é de qualidade, mas destaca que é indispensável uma ação coletiva permanente. Um grupo de 14 voluntários auxilia na assistência espiritual, oferecendo palestras diariamente aos internos da comunidade terapêutica. As reuniões de orientação e troca de informações com as famílias atendidas acontecem nas segundas-feiras, às 20h, na Sociedade Espírita José Ferreira de Morais.

O município receberá, a partir deste ano, auxílio federal para manutenção de programas destinados ao atendimento de dependentes químicos. A verba, no valor de R\$ 52 mil por mês, será liberada por meio do Ministério da Saúde. O secretário da Saúde, Jefferson Homrich, ressalta que o repasse reduzirá, de forma significativa, as despesas do município em apoio à Comunidade Terapêutica Chico Xavier. A prefeitura comprou dez vagas no centro de recuperação de dependentes químicos. A instituição oferece 40 vagas e atendimento por equipe multidisciplinar.

Instalada à margem da BR 287, na saída para Santiago, a 7 quilômetros da área central de São Borja, a fazenda abriga os pacientes durante nove meses, pelo menos, após a desintoxicação. O município desenvolve outros projetos com essa finalidade. No complexo do antigo Hospital São Francisco funcionam unidades do Caps e do Caps-AD. A manutenção também conta com auxílio federal e do governo do Estado. Nos dois locais são atendidas 300 pessoas.

Os encontros são presididos pelo Monitor da Casa Terapêutica Chico

Xavier, Mauro Saldanha, pela Assistente Social Cintia Lersch, e pela Psicóloga Viviam Munhos.

Os encontros acontecem às segundas- Feiras, às 20hs, no salão de eventos do Centro Espírita Dr. Ferreira de Morais, local esse cedidos para o mesmo.

Os familiares passam por uma reunião preparatória para que os mesmos sejam recebidos pelos "especiais" com todo o carinho e respeito que os visitantes irão levar para eles, mesmo estes sendo seus familiares, amigos, padrinhos, pais, irmãos ou simplesmente pessoas que adotaram este projeto para auxílio dos mesmos.

As regras são bastante explicitas para com os mesmos, onde os responsáveis somente podem realizar visitas na casa terapêutica depois de terem frequentado quatro reuniões no grupo de apoio, pois, é lá que as famílias encontram orientações, apoio, e aprendizagem para cuidar de seu "especial",

Os "especiais" enviam seus pedidos para seus familiares através de cartas que são entregues para os monitores e os mesmos repassam para as famílias.

O familiar tem que ter participado de quatro reuniões, mas não necessariamente no mesmo grupo de apoio, pois, tem o grupo Amor Exigente, as quartas- feira com reuniões as 20hs, no salão paroquial da Igreja Matriz São Francisco de Borja.

Foi passada os familiares como eles devem vestir-se para ir até a casa terapêutica, pelo fato dos "especiais" estarem em absoluta abstinência, tanto dos tóxicos como sexual, os homens devem ir de calça comprida e as senhoras e meninas não podem usar roupas apertadas, decotadas, também é proibido o uso de percings, brincos e óculos escuros.

Assistente social Cintia Lerks, abordou o tema O QUE É DRO-GA? Onde a mesma esclareceu sobre a dependência química como ilícita ou licita e quanto ao uso do álcool, após seu esclarecimento houve depoimentos por parte de alguns "especiais" que estavam na reunião.

"Encontro-me entre a sociedade e a fazenda³, sai para visitar mi-

²" Especiais" são os dependentes Químicos

³ Fazenda é o como os "especiais" chamam a casa Terapêutica Chico Xavier

nha família, pois o meu tempo de internato e meu bom comportamento contribuíram para isso. Hoje posso dizer que sou um individuo em recuperação e com três objetivos definidos" a vida, a família e Deus", mas para ter claro essa visão foi preciso ter vivido três meses na rua, por causa da minha dependência química. Agradeço os profissionais pelo apoio que me foi dado. JOÃO-28 anos⁴."

Muitos fatores contribuem para o desenvolvimento da dependência química, no entanto, a organização familiar mantém uma posição de saliência no desenvolvimento e prognóstico do quadro de dependência química. Neste sentido, a abordagem familiar deve ser considerada como parte integrante do tratamento e um programa bem sucedido são essenciais para um desfecho favorável. Daí a necessidade de se especificar o tipo de intervenção de acordo com a meta do tratamento e as necessidades e capacidades da família, evitando adiantar-se a prontidão e motivação para a mudança.

O QUE É DROGA?

Droga, segundo a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), é qualquer substância não produzida pelo organismo que tem a propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas, produzindo alterações em seu funcionamento.

Nesta apresentação iremos apontar as principais drogas utilizadas para alterar o funcionamento cerebral, causando modificações no estado mental, no psiquismo. Por essa razão, são chamadas drogas psicotrópicas, conhecidas também como substâncias psicoativas. Classificação das drogas

Há diversas formas de classificar as drogas.

CLASSIFICAÇÃO DAS DROGAS DO PONTO DE VISTA LEGAL

⁴ João-28 anos dependente químico, à seis meses internado na fazenda

Drogas lícitas

São aquelas comercializadas de forma legal, podendo ou não estar submetidas a algum tipo de restrição. Como por exemplo, álcool (venda proibida a menores de 18 anos) e alguns medicamentos que só podem ser adquiridos por meio de prescrição médica especial.

Drogas ilícitas

Proibidas por lei. Existe uma classificação – de interesse didático – que se baseia nas ações aparentes das drogas sobre o Sistema Nervoso Central (SNC), conforme as modificações observáveis na atividade mental ou no comportamento da pessoa que utiliza a substância.

São elas: 1) Drogas DEPRESSORAS da atividade mental:

Álcool

É a substância psicoativa mais antiga da humanidade. Consumo excessivo traz aplicações no sistema digestivo, podendo resultar em câncer na boca, faringe, laringe e esôfago, atrofia do cérebro, demência, icterícia, teleangioma (ruptura dos vasos sanguíneos da superfície), eritema palmar, varizes abdominais, fluído abdominal, atrofia testicular, pancreatite, edema de tornolzelos, tendência a sangramento fácil, tremor, aumento do braço, cirrose, vasos sanguíneos dilatados, coração aumentado e enfraquecido, etc. Afeta a capacidade intelectual, memória e destrói a vida social e afetiva do dependente.

Barbitúricos (seu uso inicial foi para tratamento da insônia, atualmente são utilizados na prática clínica para indução anestésica (tiopental) e como anticonvulsivantes (fenobarbital).

Benzodiazepínicos (vantagem de oferecer uma maior margem de segurança em relação a toxicidade; Alguns são mais bem utilizados clinicamente como indutores do sono, enquanto outros são empregados no controle da ansiedade ou para prevenir a convulsão)

As drogas mais conhecidas desse grupo são a morfina, a heroína e a codeína, além de diversas substâncias totalmente sintetizadas em laboratório, como a metadona e meperidina.

Solventes ou inalantes (a cola de sapateiro, "lança-perfume", "chei-

rinho" ou "loló".)

O que são: depressores do sistema nervoso central (os mais comuns são clorofórmio, éter, e tolueno a cola de sapateiro, "lança-perfume", "cheirinho" ou "loló")

Forma: líquidos que evaporam e são inalados (sprays, panos embebidos, frascos). Estão presentes em esmalte de unha, cola de sapateiro, removedores de tinta, lança-perfume, cheirinho-da-loló, acetona, benzina etc.

Efeitos procurados: euforia, excitação, relaxamento, bem-estar

Efeitos colaterais: tontura, alterações da percepção de tempo e espaço, náusea, vômitos, lapsos de memória, alucinações.

Alterações comportamento: variação do humor, indo de risos imotivados e euforia até medo, tristeza e pânico.

Riscos: convulsões, ataque cardíaco e convulsões. O contato com o líquido pode causar queimaduras na pele e no interior dos órgãos (boca, língua, traquéia)

Uso prolongado: risco de lesões permanentes para o cérebro, com apatia, dificuldade de concentração e déficit de memória Drogas ESTI-MULANTES da atividade mental

São incluídas nesse grupo as drogas capazes de aumentar a atividade de determinados sistemas neuronais, o que traz como conseqüências um estado de alerta exagerado, insônia e aceleração dos processos psíquicos.

Anfetaminas: fenproporex, o metilfenidato, o manzidol, a metanfetamina e a dietilpropiona.

Outras drogas:

As drogas podem ter vários tipos de classificação. Conheça, a seguir, alguns exemplos de drogas cujos efeitos psicoativos não possibilitam sua classificação numa única categoria (depressoras estimulantes ou perturbadoras da atividade mental).

Tabaco

Um dos maiores problemas de saúde pública em diversos países do mundo, o cigarro é uma das mais importantes causas potencialmente evitáveis de doenças e morte.

O QUE LEVA UMA PESSOA A USAR DROGAS?

Pesquisas recentes apontam que os principais motivos que levam um indivíduo a utilizar drogas são: curiosidade, influência de amigos (mais comum), vontade, desejo de fuga (principalmente de problemas familiares), coragem (para tomar uma atitude que sem o uso de tais substâncias não tomaria), dificuldade em enfrentar e/ou agüentar situações difíceis, hábito, dependência (comum), rituais, busca por sensações de prazer, tornar (-se) calmo, servir de estimulantes, facilidades de acesso e obtenção e etc.

Tratamento

Inicialmente a disponibilidade dos membros será um fator relevante para um bom encaminhamento, no entanto nem sempre isso é possível. Por isso algumas intervenções que antecedem este processo são favoráveis, como atendimentos individuais às esposas ou pais e/ou intervenções de orientação e suporte. É através do atendimento familiar que os membros passam a receber atenção não só para suas angústias, como também começam a receber informações fundamentais para a melhor compreensão do quadro de dependência química, e conseqüentemente melhora no relacionamento familiar. Uma avaliação familiar pode ser um grande auxiliar no planejamento do tratamento; fornecem dados que corroboram com o diagnóstico do dependente químico, bem como funciona como forte indicador do tipo de intervenção mais adequado tanto à família quanto ao dependente.

É necessário que os pais saibam dizer NÃO diante de seus filhos para que não tenham surpresas posteriores.

O risco de se tornar dependentes químicos são maiores entre os adolescentes,por eles estarem mais vulneráveis em especial as bebidas alcoólicas, junto com elas vem o cigarro e as drogas

Percentual de dependentes químicos por idade:

Idade	Percentual
De 13 a 14 anos	70%
De 15 a 16 anos	40%
De 17 a 18 anos	20%
De 20 a 26 anos	2%

Esses dados são considerados pela organização mundial de dependentes químicos

O grupo de apoio Amor e vida têm como objetivo preparar as famílias para visitar seus especiais", passando para a mesma como deve se comporta diante de seu visitado, diversos assuntos não devem ser falado para eles, o externo deve ser preservado permitindo que eles dediquemse exclusivamente ao seu tratamento.

O comprometimento da família é muito importante por ser ela que da o suporte necessário para que aja interesse pelos "especiais" em continuarem seus tratamentos, a conscientização de que o seu "especial" esta doente e que esta na fazenda para se tratar, tratamento este que acontece de varias formas: Reuniões, espiritualidades, psicológico, social, com atividades físicas, oficinas, hortas, etc.

A casa terapêutica já estava com o seu 30° grupo de famílias de especiais desde sua criação, a fazenda atualmente oferece 42 leitos, sendo 30 para dependentes pagantes, 10 para o Estado/Município e 2 para casos especiais, como ordem judicial.

CONCLUSÃO

Ao concluirmos o presente artigo esperamos ter conseguido expla-

nar com clareza o que é a droga, como ela age no individuo, quais suas potencialidades, e como deve ser tratado o "especial" e principalmente seus familiares.

Explicar o que é uma casa terapêutica, como é seu funcionamento e seus trabalhos com os internos.

REFERÊNCIAS INICIAIS

CONASEMS- Conselho nacional de secretarias municipais de saúde- Janeiro-Fevereiro- 2011. Ano VIII. Nº 38.

GIL, Antonio Carlos, Como elaborar projetos de pesquisas- 1946-4. Ed. – São **Paulo: Atlas, 2002** Giddens, A. (2003). *Modernidade e identidade* (P. Dentzien, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

RADIS - Comunicação em Saúde -Nº 103. Março de 2011

RADIS – Comunicação em Saúde Nº104. Abril de 2011.

RADIS - Comunicação em Saúde Nº 105. Maio de 2011.

Neliana Buzi Figlie

Psicóloga, Especialista em Dependência Química, Mestre e doutoranda pelo Depto de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo, Coordenadora do Ambulatório de Alcoolismo da UNIAD (Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas), Coordenadora Geral CUIDA (Centro Utilitário de Intervenção e Apoio aos Filhos de Dependentes Químicos).

Site Álcool e Drogas sem Distorção <u>www.einstein.br/alcooledrogas-08-01-2012</u>, às 15hs e 30 min.

Programa Álcool e Drogas (PAD) do Hospital Israelita Albert Einstein

14 - A História da Procissão de São Joãozinho Batista, Sua Influência na Comunidade Onde se Realiza e os Motivos de sua Visível Decadência

Alessandra Guimarães, guimaraesalessandra@hotmail.com Gislaine Martins Moreira, gislaine.sb@bol.com.br Host Kleina, host.kleina@terra.com.br¹

RESUMO

A procissão de São Joãozinho Batista é uma manifestação de fé centenária no município de São Borja, originada a partir de uma promessa de uma mãe para que seu filho retornasse com saúde da Guerra do Paraguai, no final do século XIX.. Tornou-se uma tradição de fé do povo situada entre o sagrado e o profano, sendo legada de mãe para filha ao longo dos anos. Contudo, a tradição vem declinando nas últimas edições. Dessa forma, procurou-se investigar os motivos disso e sua conseqüência para aquele grupo social.

Palavras-chaves: São Joãozinho Batista, procissão, tradição.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo contar a história da procissão de São Joãozinho Batista, uma tradição bastante antiga do município de São Borja, mas que, conforme mostra o trabalho de pesquisa bibliográfica e de testemunhos, encontra-se em franca decadência. Para tanto, tomou-se como base várias histórias narradas oralmente e também es-

¹ Alunas da disciplina de Antropologia II, do quarto semestre do curso de Ciências Socais, - Ciência Política.

critas que formam a memória popular do passado e do presente deste acontecimento.

Ao longo do trabalho percebeu-se uma forte presença de elementos sagrados e profanos dentro da mesma festa, o que conseguiu despertar a curiosidade de analisar com cuidado esses aspectos. Dessa forma abriu-se espaço para essa discussão, uma vez que ela faz parte de reflexões nas aulas de antropologia, ocasionando grandes e valiosos debates a procura de identificar o sagrado e o profano em acontecimentos próximos.

Partindo da teoria, realizou-se uma analogia com fatos concretos e reais visando compreender o sincretismo religioso presente na procissão de São Joãozinho Batista valendo-se das idéias de Émile Durkheime que se dedicou ao estudo da religião em pequenas comunidades. Através do contato direto de seguidores dessa tradição, além de investigar a história escrita e acompanhar *in lócus* o evento em se trajeto na edição de 2012, foi possível detectar a existência de alguns conflitos e interesses que permitiram compreender o atual momento da procissão e entender o motivo principal que está conduzindo a tradicional procissão ao estado de decadência pelo qual passa, foco central deste trabalho.

A PROCISSÃO DE SÃO JOÃOZINHO BATISTA

A origem

Conta a história que, em São Borja, nunca festejou de forma ostensiva as tradições juninas. Somente o dia se São Pedro era comemorado numa residência particular, no Bairro da Várzea, seguindo um ritual próprio no dia do padroeiro do Rio Grande do Sul, dissociado das comemorações da igreja.

Quanto a São João Batista consta em documentos e em histórias orais passadas de geração em geração que na época da Guerra do Paraguai, um jovem são-borjense partiu para o campo de batalha contra a vontade de sua mãe. Filho único da mãe viúva, era o arrimo da família que certamente passaria por sérias privações materiais em caso de sua morte.

Diante da triste perspectiva e da imensa saudade, a mãe, num momento angústia, revestiu-se de grande fé, prometendo a São João Batista que se o moço voltasse com saúde da guerra, realizaria todos os anos uma festa em homenagem ao Santo, reunindo em sua casa vizinhos e conhecidos para rezarem e cantarem em seu louvor e ofereceria às crianças do bairro onde morava uma mesa de doces, conhecida como "a mesa dos inocentes".

Milagre ou não, o filho retornou em pleno vigor e trouxe consigo do campo de batalha uma pequena imagem de São João Batista, talhada em madeira que, segundo ele, encontrara abandonada num rancho que fora incendiado. Dessa maneira, após o fim da guerra, por volta de 1879, a mãe agradecida pela graça alcançada deu início à procissão de São Joãozinho Batista, numa zona pobre da cidade, hoje conhecida como Bairro Paraboi.

A festa tinha início em torno das 19 horas do dia 23 de junho, com a saída do santo da casa da festeira num andor enfeitado carregado nos ombros de participantes. A peregrinação percorria um longo caminho até a conhecida Praça da Lagoa, onde era o santo banhado numa pequena lagoa, retornando ao local de origem para festejos que duravam a noite toda ao som de músicas típicas e danças ao redor da fogueira, além de comidas como pipoca, amendoim, batata-doce assada nas brasas e "quentão", bebida tradicional das festas juninas em todo Brasil.

De acordo com a pesquisa bibliográfica, em seus primeiros tempos, a procissão costumava passar em frente à Igreja Matriz São Francisco de Borja onde o padre, do alto da escadaria, abençoava a imagem e os passantes. Porém, certa feita, um pároco recusou-se a realizar o ritual por considerar que se tratava de uma festa pagã, realizada a revelia da igreja e acompanhada de danças, comidas e bebidas.

Mesmo assim, a festa continuou e era acompanhada por centenas de pessoas, trocado apenas o seu trajeto. Consta, ainda, também que a partir da década de 1950, a imagem deixou de ser banhada na Praça da Lagoa passando esse ato a ser realizado na Fonte de São João, localizada na Rua Bompland.

Procissão de São Joãozinho Batista: ritual profano ou sagrado?

Ao realizar a coleta e análise de dados e histórias de vidas de pessoas que participaram – algumas ainda participam – da procissão de São Joãozinho Batista, em São Borja – RS, torna-se imperioso questionar os motivos que fazem com que uma tradição centenário permaneça viva por tanto tempo, mesmo sendo dissociada da igreja, o grande poder dentro de uma comunidade humilde e sem posses. A esse respeito, entende-se que mesmo sem vínculo com qualquer instituição, a fé é algo fundamental para os indivíduos em qualquer sociedade e sobre isso Bergson (1978) afirma que "encontra-se no passado, e se encontrariam até hoje, sociedades humanas que não possuem ciência, nem arte, nem filosofia, mas nunca existiu sociedade sem religião".

No entanto, outro aspecto vem à tona em se tratando de uma festa que reúne rituais religiosos (rezas, promessas, cantos) e rituais considerados mundanos (danças, comidas, bebidas): A procissão de São Joãozinho Batista é, afinal, uma festa sagrada ou profana?

Para melhor compreensão disso, buscamos ver o sagrado e o profano, dentro da procissão de São Joãozinho Batista, como manifestação popular. Nesse caso, Brandão (1986) afirma que a melhor maneira de se compreender a cultura popular é através do estudo da religião, porque é nesse aspecto que ela se manifesta viva e multiforme procurando sobreviver de maneira autônoma. Analisando sob essa perspectiva é possível dizer que, segundo o mesmo autor, a cultura popular assume o contexto da religião popular.

Marx afirma, em sua obra Uma Contribuição para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel (1844), que a religião é o "ópio do povo" e Weber (apud Bourdie, 2005) diz que a religiosidade popular apenas serve para a domesticação e legitimação dos poderes dominantes. Ainda em relação à religião como forma de manifestação cultural, Maduro (1983) é categórico ao apresentar a religião "como uma forma de produção simbólico-cultural, caracterizado por sua auto-referência a uma realidade transcendente". Nesse sentido, o que é transcendente é o que se conhece como sagrado e tudo que o contraria define-se como profano,

ou seja, as coisas ditas mundanas.

Fundamental, também para o entendimento dessa interrogação é definir o que é o sagrado, o que é o profano e se é possível que eles convivam em harmonia, uma vez que se trata de uma dicotomia. Para tanto, Durkheime oferece esclarecimentos bastantes satisfatórios devido aos seus estudos sobre a religião em sociedades pequenas e por considerála como um fato social.

Para ele:

(...) o sagrado e o profano foram sempre e por toda a parte concebidos pelo espírito humano como gêneros separados, como dois mundos entre os quais não há nada em comum (...) (...) As coisas sagradas são aquelas que os interditos protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas as quais esses interditos se aplicam e devem permanece à distância das primeiras (DURKHEIME, 1989, P. 70).

Buscando sentir e estabelecer alteridade com aquela comunidade participou-se da procissão. Além disso, o objetivo dessa ação foi identificar em que momentos se manifestavam os aspectos profanos e sagrados e o que estaria ocorrendo para provocar a decadência desta festa centenária e tradicional, foco desta investigação.

As manifestações de fé da comunidade durante a festa

Ao entrar em contato com pessoas da comunidade seguidora da procissão de São Joãozinho Batista percebe-se claramente uma convivência entre o sagrado e o profano. Ao mesmo tempo em que os religiosos se apegam à fé no santo para receber graças, nota-se claramente que esta não está dissociada do apego às coisas "mundanas", uma vez que todos apreciavam as danças, cantorias e comidas que faziam parte da festa. Parecia que estes dois aspectos eram vistos como elementos constituintes da manifestação e que um não era concebido sem o outro.

Uma senhora, Maria do Carmo, relatou que sua filha desde muito pequena sentia dores de cabeça. Já na adolescência, a menina, passou a desmaiar e ter convulsões. Exames médicos revelaram que era um caso de hidrocefalia e que uma cirurgia para a implantação de dreno era inevitável, embora trouxesse riscos de lesões definitivas e até de morte. Dona Maria do Carmo que já acompanhava a procissão há anos, prometeu que se o procedimento da filha tivesse sucesso faria o trajeto descalça e enfeitaria o local com muitos balões coloridos e flores na próxima edição da festa. E assim foi feito, após o resultado positivo da cirurgia em quatro de junho de 2010.

Este caso relatado é exemplo claro do sincretismo sagrado/profano. A mãe reza ao santo pela saúde da filha, caminha descalça, mas, ao mesmo tempo realiza uma comemoração mundana com balões e flores para comemorar com os demais a graça alcançada. Aqui, fé e materialidade caminham em harmonia.

Outro caso ilustrativo, é de José Carlos. O rapaz, há dez anos, sofreu grave acidente de carro, ficando em coma por vários dias. Sua irmã mais velha, Antônia, foi aconselhada por uma vizinha seguidora da procissão que apelasse a São Joãozinho Batista pelo irmão. Desse modo, Antônia prometeu que faria o trajeto da procissão com um retrato e uma vela acesa, a maior que encontrasse no comércio local, oferecendo um bolo confeccionado por ela mesma para a "mesa dos inocentes". Conta ela que cinco dias depois, como por milagre, José Carlos começou a recobrar os movimentos e a consciência, recuperando-se totalmente. Também nesse caso verifica-se a existência concomitante do sagrado e do profano.

Enfim, a decadência

Depois de tantos anos de festejos, sendo transferida de mães para filhas, a incumbência da realização do evento, surgem os primeiros conflitos que enfraquecem a tradição e reduzem a procissão a um pequeno grupo de pessoas. De acordo co o relato de uma moradora da próxima da casa da última festeira ocorreu um conflito religioso.

Depois de converter-se a religião evangélica, a herdeira da responsabilidade de organizar a procissão, entregou a imagem de São João Batista à prefeitura. Segundo ela, por motivos particulares e doutrinários não lhe era permitido adorar imagens, nem participar de festejos que com nuances profanas.

Dessa forma, um grupo de jovens lideranças políticas do município encampou a festa e com o apoio logístico da prefeitura passou a promover a procissão. Foi nesse período que depois da caminhada a pé e do banho do santo, deixou de acontecer a festa ao redor da fogueira. Porém a distribuição de doces no dia seguinte se manteve.

A administração pública construiu um pequeno santuário para abrigar a imagem de São João junto à fonte da Rua Bompland. Por ocasião da procissão, a prefeitura faz a limpeza do local, providencia um carro de som para acompanhar o trajeto, cede a banda municipal para abrir e encerrar a procissão e dá alguns fogos de artifícios. Em 2010, a festa passou a integrar o calendário turístico do município.

Diante disso, contam os moradores das redondezas da fonte que nos últimos anos o número de peregrinos vem diminuindo significativamente. Tanto que na edição de 2012, menos de cem pessoas fizeram o trajeto a pé. O percurso também foi reduzido, limitando-se a pequena caravana a seguir um pequeno carro de som, em cima do qual cantavam de forma desanimada e desarmoniosa, uma senhora e uma menina, alguns poucos hinos religiosos. Em determinados momentos, orações eram recitadas, não empolgando os que seguiam na procissão.

No final do trajeto, poucas pessoas e a banda municipal esperavam os caminhantes. Logo todos se dispersaram e estava encerrada a Procissão de São Joãozinho Batista deste ano, notoriamente em franca decadência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa procurou conhecer e compreender uma festa que faz parte da cultura popular, buscando fazer uma análise dos aspectos sagrados e profanos que envolvem um ritual religioso tradicional realizado há décadas na cidade de São Borja/RS. Além disso, um dos objetivos que estimulou este exame foi entender o por que de sua decadência percebida nos últimos anos. Através de entrevistas, pesquisas históricas bibliográficas e reflexões buscou-se identificar os aspectos sagrados e profanos do evento, bem como os fatos que estão reduzindo a participação dos peregrinos antes fervorosos frequentadores da festa.

Ao final, dos levantamentos tornou-se possível verificar a existência de alguns conflitos que estão promovendo a decadência da procissão. Entre eles, está a ausência da festa acontecia após a caminhada. Ficou evidente em muitas entrevistas realizadas que as pessoas se sentiam desestimuladas a realizar a caminhada a pé e depois irem para suas casas sem participar das danças, sem as cantorias e as comidas típicas. Compreende-se, assim, que o sagrado e o profano neste caso em especial se complementavam e mantinham acessa a expectativa de um ano de espera pela próxima procissão.

Ainda, detectou-se que o fato da festeira ter se retirado da organização da procissão foi bastante decisivo para desmobilizar a comunidade. Diante disso, percebe-se o quando é importante o carisma e o crédito depositado em um líder no sentido de manter acessa a chama da confiança e da fé numa tradição popular.

Apesar do poder logístico da administração pública, nada se compara aos laços afetivos e sociais que somente são mantidos através da dedicação e mobilização de alguém procedente da própria comunidade. Desse modo, a continuar dentro desses moldes, acredita-se que, futuramente, a tradicional e centenária Procissão de São Joãozinho Batista encaminha-se está com seus dias contados.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BERGSON, Henri. As duas fontes da moral e da religião. Trad. Nathanael C. Teixeira. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BOURDIEU, P. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Ed B. Brasil, 2005. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular. São Paulo/SP: Brasiliense, 1986.

DURKHEIME, Émile. As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo/SP: Paulinas, 1989.

MADURO, Otto. **Religião e luta de classe**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1983. RILLO, Apparício Silva; O'DONNELL, Fernando O. M. **Populário São-Borjense**. Martins Livreiro Editor: Porto Alegre/RS, 1991.

15 - Qual a Dificuldade do Índio no Mercado de Trabalho em São Borja?

Gabriela de Sá Bejar Deglane¹

RESUMO

Este tem artigo tem por finalidade mostrar etnograficamente como se dá a inserção do índio no mercado de trabalho em São Borja, mostrado a realidade e condições de oportunidades para essa etnia que devido seu contexto histórico ficou e é excluso de diversas maneiras na sociedade. Ao longo do artigo abordarei assuntos relevantes a temático aqui proposto. A metodologia a ser usada será diário de campo, onde contém perguntas relevantes, que possua algum entendimento mais amplo, com aptidão de relacionar o interesse que se tem essa pesquisa.

Palavras - Chaves: Mercado de trabalho; Exclusão; Identidade; Cultura

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo que mostrar etnográficamente cómo la inclusión del mercado de mano de obra indígena en San Borja, las oportunidades demostrar la realidad y las condiciones para esta carrera debido a su contexto históricoha sido y es único en varios sentidos en la sociedad. A lo largo del artículo se tratarán temas relacionados con el tema que aquí se propone. La metodología a utilizar será un diario de campo, que contiene las preguntas pertinentes, que tienen unacomprensión más amplia, capacidad para relacionarse con el interés que tiene esta investigación.

Palabras - claves: el lugar de trabajo, la exclusión, identidad, cultura

APRESENTAÇÃO

Qual a dificuldade do índio no mercado de trabalho em São Borja

¹ Aluna da disciplina de Antropologia I, do segundo semestre do curso de Ciências sociais – Ciência Política.

é um tema interessante. Pois, lança luzes sobre uma temática que não é muito fomentada na Universidade Federal do Pampa. A relação do índio com o mercado de trabalho e algo curioso na sua adaptação na cidade, onde muitas vezes terá que se sujeitar aos moldes diferenciado da sua cultura, possivelmente agregando alguns costumes da cultura urbana para se inserir. O que leva o índio sai da sua aldeia tentar a vida urbana, que contradiz sua cultura em diversos momentos da sua inserção. É curioso abordar esse tema.

Porém, podemos dizer que tem aqueles que se arriscam com curiosidade em viver na vida urbana, isso não quer dizer que eles perderam suas características culturais, isso leva a crer o modo de vivência continua diferenciada pelo fato das relações pessoais que o índio acaba se adaptando para ter espaço.

Essa pesquisa teve apenas um entrevistado indígena, que nos releva a outros questionamentos, de que a vida urbana e uma escolha, porém a porta do mercado de trabalho sempre estará restrito para essa etnia, pelo fato de muitos não terem os requisitos necessários, para uma determinada empresa, podendo aferir sua cultura.

Ao longo do artigo será tratada a contextualização do assunto abordado. Esta pesquisa talvez esclareça um pouco da dúvida em relação do índio na convivência urbana, que será de inteira importância acadêmica e para futuras pesquisas.

INTRODUÇÃO

Sabemos que os índios possuem maneiras naturais de sobrevivência, tendo em vista os seus rituais, hierarquias, linguagens que apesar de serem considerados apenas como índios cada tribo possui uma hierarquia, uma língua e os seus rituais, que não podem ser confundidos, pois, cada um se manifesta diferente.

Neste momento não podemos falar amplamente de todos os tipos de índios, mas no concerne nesta pesquisa será mais ampliado os indígenas Tupari que foi devidamente entrevistado.

Procurou – se entender o que leva o índio sair de sua aldeia para

tentar a vida na cidade em São Borja, que consistiu em diversos questionamentos, como: como foi a adaptação na cidade? Entre outros que questionamentos que serão abordados amplamente.

Seria tácito dizer que não se ver muitos índios na cidade de São Borja, pelo fato de sua cultura se totalmente diferente de sua realidade, mas também os que têm contato com a cidade, já não querem mais voltar, ou vem de vez em quando, isso fica um vestígio de que o que é diferente é surpreendente, pode se dizer que, no entendimento do autor Gaspar os Tuparis atribuírem maior importância à agricultura, sem dúvida consideravam a atividade de caça como mais prazerosa. Os tuparis não eram todos igualmente hábeis nessa atividade. Ao longo do livro de Caspar se percebe que os animais abatidos com mais freqüência eram macacos. Animais de porte maior eram raros; os grandes bandos de porco-queixadas tinham desaparecido.

Mas era frequente o consumo de larvas, torradas, mal assadas, ou até cruas, hábito que os tuparis partilhavam com outros indígenas e até com não-índios da região. Consumiam também os favos e larvas das colméias silvestres, e o mel misturado com água. Das cinzas da palmeira aricuri (ouricuri, butiá) obtinham um sal, que, além de tempero, servia como remédio. Para a pesca nos ribeirões, durante o estio, usava de um cipó venenoso, certamente o timbó. Caspar conta de uma cobra, uma cascavel que lhe foi servida, alimento proibido aos pajés e aos adultos com filhos, mas que, por outro lado, não parecia proibida aos garotos, que partilharam da refeição.

Os Tuparis evitavam beber água pura. O normal era tomar bebida feita de milho, aipim, ou inhame, fresca ou fermentada, tanto nas festas freqüentes como nos dias comuns. A bebida era feita pelas mulheres, colocada em grandes potes. O homem que fornecia o milho ou tubérculo para a elaboração da bebida punha à disposição de cada companheiro um pote da mesma. Cada qual tirava a bebida de seu pote com uma cuia e oferecia aos demais. Bebia-se muito, aceitavam-se todas as cuias que se ofereciam. Era preciso vomitar para poder continuar a beber. As mulheres também faziam suas festas, onde a bebida era oferecida entre elas, em primeiro lugar. As meninas imitavam essas festas, com pequenos potes

de vinho fresco de palmeira, oferecendo-o umas às outras.

E surpreendente saber que existem índios que se arriscam para tentar uma vida na cidade. Sem relevar certas dificuldades que irão estranhar quando houver o contato com uma cidade.

Segundo dados recentes do IBGE, mais da metade dos índios brasileiros vive atualmente em território urbano. No entanto, eles permanecem invisíveis ao poder público, e lutam para ter acesso aos direitos básicos garantidos aos indígenas pela Constituição brasileira. (CAMPOS, ANDRÉ, 2006, Repórter Brasil).

Segundo o André Campos, "Cada vez mais, comunidades de índios nas cidades buscam meios para serem reconhecidas como populações diferenciadas e terem, conseqüentemente, acesso a políticas atentas às suas especificidades em áreas como saúde, cultura, trabalho e educação. Tal situação vem atraindo a atenção de outros segmentos sociais, e aumentando a pressão para que os índios urbanizados passem a integrar a pauta das políticas indigenistas do país. Um desafio para gestores e também para a sociedade, que, em face desta recém-descoberta realidade, se vê obrigada a repensar seus conceitos sobre o que significa ser índio e sobre como estas populações devem ser tratadas.

NA CIDADE

A vida dos índios e bem distinta, por mais que sua vivência seja na cidade, onde ele encontra maneiras diferentes para se adaptar ao cotidiano, contudo para não deixar em hipótese alguma sua cultura enraizada, não podemos também generalizar esses fatos que são bem particulares de cada tribo que concerne em diversos modos de sobreviver na vida urbana. Não podemos deixar de considerar o preconceito que se faz presentes quando os índios migram para a cidade, isso é um vestígio da nossa história que não será aprofundado.

Isso se passa do pressuposto que essa migração da aldeia para cidade e bem difícil, podemos considerar que a curiosidade seja o maior dos motivos que levam o índio vim para cidade, tirando hipóteses de condições financeiras ou qualquer motivo socioeconômico que possa impedir

essa deslocação. A cidade oferece maneiras distintas de sobrevivência para ele, mas sem deixar sua cultura.

Não se tem muito trabalho sobre essas dificuldades encontradas na cidade, que poderia ser uma maneira de pressionar as políticas publicas que caberiam valorizar esses trabalhadores como qualquer um outro, a diferença está apenas na cultura.

Tentativas populares de argumentar que o índio na cidade "deixa de ser índio" são fruto de um preconceito altamente pejorativo quanto ao índio, que o congela no tempo e no espaço, colocando-o em oposição à vida urbana e relegando-o ao atraso, à pobreza e à ignorância. Preconceito que muitos índios têm internalizado em relação a si mesmos, como revela, por exemplo, o fenômeno do caboclismo na Amazônia. (BAINES, STEPHEN G., 2001, Revista Brasil Indígena)

Essa mudança de habitat tem muitas vezes recebe olhar negativo da sociedade, que por falta de informação do que os índios realmente são fazem pré- julgamentos sem conhecer sua realidade na aldeia, onde eles sofrem muito para conseguir suas terras diante dos grandes fazendeiros que não aceitam ceder terras para o índio que busca apenas sua sobrevivência.

Convivência na vida urbana

A convivência na vida urbana para os índios requer uma visão bem interpretada, pois sabemos que quando o índio vem para a cidade, pensamos de maneira grosseira e nem sempre a população está devidamente informada, preparada, entre os mais negativos são o preconceito, por serem vistos como selvagens, nativos, pois ele exerce suas funções diferentes de uma pessoa da cidade que contempla mais amplitidão a sua cultura.

A convivência pode ser positiva e negativa, no sentido de dificuldade encontras, tanto pela língua quanto pela cultura e modo de sobreviver totalmente distintos, isso não quer dizer que, quando eles vêem para a cidade percam suas características de indígena.

Pelo que foi pesquisado, não há muito índios na cidade, pelo fato

de termos esse tipo de rejeição da população, interesse do próprio aldeado entre outros fatores que consiste nessa adaptação.

Podemos dizer que a comunicação que deveria ser algo normal entre as pessoas da cidade e os índios por sermos todos iguais para nos comunicar, percebe - se que o índio encontra dificuldade, pela questão da tecnologia e a língua, mas na questão da tecnologia, podemos dizer que houve algumas mudanças, mas não tanto assim, já a questão da língua pode dizer que o indígena não aprende a língua portuguesa. Atualmente essa barreira está sendo quebrada, por pessoas anônimas que vão oferecer esse tipo de aprendizado para que eles se sintam familiarizado com a língua portuguesa. E com isso ele vai ser inserindo de maneira que vão surgindo as oportunidades.

Busca por trabalho, por melhores condições de acesso à saúde e educação, perda de terras tradicionais e conflitos internos nas aldeias — estimulados, muitas vezes, pelo crescimento populacional — são apenas alguns exemplos. Também são diversas as formas de inserção dessas populações em território urbano; há desde indivíduos que migram isoladamente até grupos familiares que se deslocam inteiros para bairros específicos, seguindo uma ampla rede de parentescos. Nesse mar de diversidade, existem inclusive os casos de terras indígenas que foram "engolidas" pelo crescimento urbano, tendo seu cotidiano relegado a uma série de peculiaridades. (CAMPOS, ANDRÉ, 2006, Repórter Brasil).

Outra questão da adaptação seria a questão dos costumes, já que o índio produz seus próprios meios de sobrevivência natural no que diz respeito a comida, bebida, modo de vestir.

A convivência pode se tornar algo diferente para o índio que nunca teve contato com homem branco, ou seja, seu estranhamento será previsto pelo fato de conviver de maneira totalmente diferente ao qual ele vem buscar na cidade.

O comportamento do índio não muda quando ele vem para a cidade, pois, não ele não deixar de fazer seus rituais, costumes, comportamentos mesmo diante de um local que não seja seu habitat natural, isso e bem interessante na questão de que ele valoriza demais sua cultura e todo seu aprendizado, até seu modo de vestir pode ser o mesmo do da

aldeia dependendo do trabalho e local ao que se encontra, mas tendo sim suas mudanças, não podemos generalizar em nenhuma dessas hipóteses, pois cada índio terá sua maneira de receber tais informações que lhe cabem para se inserir na cidade.

Como citado acima essa problemática muitas vezes e equivocada pela parte da população da cidade, dificultando assim a inserção do índio, com essas séries de humilhações, falta de conhecimento do que é um índio, com isso podemos dizer que de alguma forma as políticas públicas deveriam se responsabilizar para tratar da imagem que o índio tem para a sociedade, facilitando a compreensão e aceitação isso requer iniciativa e preparo para distinguir as maneiras que serão tratadas esses assuntos tão pertinentes, mas nem tanto preocupante por parte dos governos e da própria FUNAI que deveria resguardar e valorizar a imagem do índio, tendo algum tipo de incentivo em escolas publicas, instituições publicas entre órgãos competentes.

INTERESSES NA VIDA URBANA

Esse tema e bem amplo, pois temos diversas hipóteses para o índio optar pela cidade, de uma forma critica tentarei abordar este assunto, pois, a saída do indígena da sua aldeia pode ser vista de melhores condições de vida, saúde, educação, e sua sobrevivência e bem conflituosa no Brasil, pois entra a questão das terras que casa vez mais os horizontes das cidades estão se ampliando, fazendo com que as áreas da aldeia sofra com o crescimento da população das cidades, tendo o Estado papel primordial de fiscalizar e propor novos caminhos para que não prejudique a população indígena.

A consideração da cultura do indígena é a premissa básica na proposição de relação de trabalho isonômico; necessidade de qualificação da mão-de-obra dos indígenas de forma efetiva. Vale destacar que o parâmetro é o estudo não do direito indígena, mas do direito estabelecido pela sociedade envolvente para regular suas relações de trabalho com os diferentes povos indígenas, e a possibilidade de sua inserção no mercado de trabalho. (SIL-VA, WILSON MATOS, 2012, Progresso).



Nesta imagem vemos a maneira a qual os índios tiram sua sobrevivência seja ela qual for, o índio é capaz de se moldar as alternativas de trabalho a qual ele não está acostumado, isso é bem interessante, pois podemos ver que ali tem instrumentos ou seja, tecnologia que pode de alguma forma chegar até as aldeias.

A cidade atrai mais os índios por questões de sobrevivência, melhores condições de vida ou até mesmo para conhecer o desconhecido, pois muitos são expostos a situações de maneiras cruéis onde seus direitos não são respeitos por mais que exista a legislação, na prática não se funciona como deveria. O aldeado vem com o intuito de melhorar sua estrutura e da família, isso não quer dizer que perderá sua cultura.

Realmente esses interesses são bem valorizados, pois não há tanto incentivo para que os indígenas permaneçam na aldeia, pelo simples fato de que, o seu espaço é facilmente interrompido por interesses que não sejam das aldeias onde quer que se encontre.

POLÍTICAS PÚBLICAS

A política publica atualmente não é suficiente para inserir um índio no mercado de trabalho pelo seguinte fato, esse tipo de política não está bem estrutura e organizada, porém a constituição de 1988 dá o direito ao índio de ser representante jurídico, isso faz com que eles próprios comandem as necessidades de cada aldeia, mas isso não pode ficar só nas mãos deles, porque a o índio não e estudado e não têm muito o interesse de se especializar, pois a sua cultura e totalmente diferente.

Para poder ampliar os projetos necessários dentro de uma aldeia é

necessário que se haja adaptação e informação para os índios, evitando que eles sejam mal recepcionados na cidade, mas e certo de que ele verá situações em que não alcançaram soluções, sendo sós as políticas públicas competentes haja a favor das aldeias, isso podemos ver na nossa realidade onde, muitos índios sofrem por falta de alguma política competente, pois o Estado embora soberano deixe só que a FUNAI cuide dessa administração deixando de zelar pela tranqüilidade e qualidade de vida natural dos índios.

A Constituição de 1988, ao reconhecer o direito dos índios de se representarem juridicamente, resultou na criação de dezenas de organizações indígenas e numa mobilização política indígena sem precedentes. Como conseqüência da sua própria mobilização política, um número crescente de líderes indígenas está migrando para as cidades para participar do movimento indígena, e muitos jovens indígenas estão migrando para estudarem e se prepararem para enfrentar a sociedade nacional. Apesar de algumas conquistas em nível local para aliviar as condições difíceis que a maioria das populações indígenas enfrenta e tentativas por parte de muitas sociedades indígenas de se organizarem dentro das suas terras, as tendência atuais de governo impor políticas neoliberais apontam para um crescente desafio para as sociedades indígenas frente ao agravamento das desigualdades econômicas e sociais. (BAINES, STEPHEN G., 2001, Revista Brasil Indígena).

Parte no planejamento, com isso estabelecer maneira eficazes de atender essa diversidade de etnias indígenas que tem no Brasil o Artigo 122 do Projeto de Lei do deputado Luciano Pizzatto, nº 2057/91, dispõe a respeito dos princípios que devem nortear as ações de saúde voltadas para os índios e suas comunidades:

- I. O respeito e a valorização das diferentes práticas de medicina indígena;
- II. O tratamento diferenciado para cada comunidade indígena, considerados o perfil

epidemiológico, a situação sanitária, as condições de bem-estar físico, mental e social e

as formas de interação dessas comunidades com a sociedade envolvente;

III. A participação da comunidade indígena, através de seus representantes, na formulação da política de saúde, e em todas as fases das ações de saúde;

Esses parágrafos do Artigo 122 são de inteira importância para se colocado de maneira mais exigente, mas pelas noticias não vemos isso acontecer como deveria, pois e de grande ganho para cada aldeia que isso se faço presente, tanto no âmbito nacional, municipal e estadual, fazendo com que as políticas publicas sejam mais diversificada e ampliada para preservar a cultura indígena.

No Brasil, o censo do IBGE aponta para o percentual de 0,4% da população. "Mas é o Brasil tem, também, o maior número de povos indígenas isolados. Ainda ocorrem grandes matanças que não são notícias, porque ocorrem sem que ninguém veja", diz o especialista. "Há relatos de assassinatos de tribos inteiras envenenadas, para ocupação de terras." A questão indígena passou por três fases históricas de maior destaque. "Na primeira, os índios eram considerados seres sem alma, objetos", explica. Na segunda, buscou-se uma suposta igualdade, por meio da aculturação. O terceiro marco histórico foi a Convenção 169 da OIT, de 1989, sobre povos indígenas e tribais em países independentes, que veda o uso de qualquer tipo de força ou coerção que viole os direitos humanos e as liberdades fundamentais desses povos e garante a proteção de seus valores e práticas culturais, sociais, religiosas e espirituais. "O indígena tem uma cosmovisão diferente do mundo do trabalho, de sua relação com a terra", assinala Christian. "É uma relação coletiva, e isso precisa ser respeitado mesmo no mundo capitalista, que se baseia na propriedade privada." (Feijó, Carmem, 2008, Direito do Estado).

Uma preocupação vista também como pertinente e que muitos índios se encontram a mercê de patrões exploradores, colocando consequências ainda mais difíceis de resolver como condições desumanas de trabalho que deveria receber uma atenção especial pela qual ele e tratado, e muitos são explorados e não e bem noticiado pelas redes de televisão que fica um impedimento de se expor a verdadeira realidade que ele se encontra, tanto na sua aldeia com nas grandes cidades. A falta de informação e orientação quando eles saem da aldeia seria primordial para

que muitos dos acontecimentos não ocorram com frequência como se e visto atualmente.

Outra questão relevante e que as aldeias estão sumindo de alguns lugares do Brasil por causa das terras que são destinas para o convívio e sobrevivência do índio por causa de interesses pessoais que acabam deixando de valorizar a cultura indígena para se ter mais riqueza isso o Estado tem total poder para exercer os direitos dos indígenas para que não haja essa exclusão e falta de proteção a qual eles estão necessitando cada vez mais.

Pelas pesquisas feitas pude perceber que em São Borja não existe políticas publicas capaz de preservar

SAÚDE E EDUCAÇÃO

Um dos motivos pelo qual o índio sai de sua aldeia e por muitas vezes a precariedade da saúde e da educação que dificulta sua formação, apesar de eles terem seus remédios medicinais próprios isso não quer dizer que as doenças não possam atacar, podendo agravar mais a situação, como o sistema de saúde já não é bem estruturado para atender a demanda, existe a dificuldade de muitos índios não serem atendidos pela SUS (Sistema Único de Saúde), fazendo com que tenha falta de dialogo com a FUNASA que tem como política oficial não atender os índios da cidade.

O sistema de saúde urbano, porém, nem sempre é acolhedor a essas pessoas. Num verdadeiro jogo de empurra-empurra, são comuns histórias de índios não atendidos em postos do Sistema Único de Saúde (SUS) sob a alegação de que responsabilidade seria da Funasa — entidade que, por sua vez, tem como política oficial não atender os índios da cidade. (CAMPOS, ANDRÉ, 2011, Repórter Brasil).

Essa problemática poderia ser resolvida através de projetos de leis que necessitam atitudes mais serias do poder publico para fazer valer essas reivindicações que existe há muito tempo, segundo o índio a qual não posso revelar o nome, chamarei ele de Tupari que e o grupo étnico a qual ele pertence, segundo seus relatos a sua mãe saiu da aldeia para

garantir melhores condições de vida para sua família, pois os mesmos eram perseguidos por causa das terras, o sofrimento que eles passam na cidade não e tanto quanto na aldeia diz ele. Pude perceber que cada vez mais os índios estão vindo para a cidade em busca de melhor educação e saúde que pode ser uma questão relevante de ser questionado, como estão sendo exercidos a proteção do índio pelos órgãos competentes, fica a dúvida já que não eles não recebem a devida atenção na sua aldeia e procura alternativa na cidade.

Não há educação especifica para os indígenas segundo o repórter André Campos as comunidades de índios urbanizados também reivindicam políticas educacionais diferenciadas. A Constituição de 1988 garantiu aos povos indígenas o direito a uma política de educação específica, regulamentada hoje em torno de atributos como o uso da língua materna e a construção de currículos adaptados à tradição dos povos. A rigor, não existe no Brasil nenhum tipo de escola urbana que se enquadre nos critérios do Ministério da Educação (MEC) para a questão.

A perspectiva desses índios é de inteira importância, pois aos poucos muitas aldeias são desfeitas por causa do interesse do homem que não coopera para interagir com essa cultura tão rica que temos no Brasil, esses tipos de exclusão são de mera características culturais e desinformação da população em reconhecer o índio com o ser cidadão apesar da sua cultura particular e esplêndida.

CONDIÇÕES DE TRABALHO E OPORTUNIDADES

As condições de trabalho do indígena muitas vezes não são assistidos pelos direitos que lhe cabem, com isso fazendo com que grandes empresários se aproveitem da situação de desconhecimento das leis do trabalho, sendo assim muitos ficando subalternos.

As condições a qual eles se encontram em determinada área do mercado de trabalho são de irregularidade, condições desumanas de trabalho, jornada excessiva, pois ele não tem noção dos seus direitos, já que cada aldeia tem suas leis, hierarquias, e outros meios de se organizarem, sendo assim quando se depara com um trabalho informal ou formal

muitos não sabem ligar, o Tupari que eu entrevistei ele trabalha em diversas coisas como motorista, palestrante entre outros bicos que ele faz, sendo sua jornada autônoma, irregular na condição de taxista.

A falta de lei especifica para regularizar o índio no mercado de trabalho ainda não está sendo encaminhado e pelo visto não há nenhuma discussão de um provável projeto de lei que defenda os interesses culturais, costumes para eles se inserirem com dignidade como qualquer outro trabalhador, isso abre espaço para uma discussão mais ampla.

As oportunidades na cidade de São Borja existem só que são exigido requisitos igual a das pessoas da cidade como experiência na área de atuação, ensino médio completo entre outras formações, segundo os gerentes entrevistados da loja Santa Ignes, Universidade Federal do Pampa, Pompéia, eles não se recusam a contratar um indígena desde que tenham alguma profissionalização e grau de estudo, ou seja, para na concepção da dificuldade deles se inserirem na cidade em relação ao mercado de trabalho isso pode ser um impedimento, pois eles não possui as mesmas características de quem vive em uma cidade, podemos ver que o mercado de trabalho não tem diferenciação em relação a etnia ou culturalmente falando, isso pode ser só na teoria, pois sabemos que muitos se aproveita dessa falta de conhecimento para escravizar — los.

Ao decorrer do tempo vemos que a legislação atual não tem sido atenciosa com esses assuntos tão importante para a comunidade indígena, para solucionar e evitar tais abusos que não podem ser tolerados ao decorrer de tanto tempo. Em relação aos concurso públicos a UNIPAMPA disse que qualquer um pode entrar desde que obedeça a exigências e que não há nenhuma tipo de cota especifico para os índios, que todos entraram por forma democrática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, vimos que as questões da cultura indígena deva receber uma atenção mais especifica através de projetos de leis que visem o melhoramento e aprimoramento de cada política pública voltada para o indígenas, isso não basta também se cada um não fizer sua parte.

O apoio à inserção dos indígenas no mercado de trabalho, o fomento à atividade autônoma e o estímulo a atividades empreendedoras individuais dos índios e das comunidades Indígenas no meio urbano e rural buscando suas vocações, aliados à promoção do trabalho decente, deve se constituir em referências básicas das diversas funções do Sistema Público de Emprego, Trabalho e Renda, com o objetivo. principal de promover a inclusão social de nossas comunidades, principalmente no âmbito Municipal e estadual. (SIL-VA, WILSON MATOS, 2012, Progresso).

O apoio primordial para essas questões são para preservar a cultura indígena que aos poucos está sumindo para novas construções de prédios, usinas, entre outros meios de urbanização, onde muitos vêem a alternativa para vinda a cidade procurando um espaço digno, pois , os mesmo não tem nenhuma alternativa quando são tiradas do seu habitat natural, para isso se concretizar precisamos observar que os tempos mudaram, tanto na questão cultural, quanto na socioeconômica que está sempre mudando, sendo assim visto poucas mudanças na questão de assistência e melhores políticas publicas estabelecidos em lei por instituições responsáveis pelos indígenas.

16 - Enart 2011: Minha Incursão no Tradicionalismo Gaúcho

Tiago G. Lopes*

RESUMO

O presente trabalho relata minha experiência de três dias dentro de um parque de exposições que recebeu milhares e milhares de pessoas para festejarem o 26º Encontro de Artes e Tradição Gaúcha. Trata-se de um festival-encontro que reúne a nata da dança tradicionalista gaúcha, tal como outras modalidades de arte, para escolher a melhor e, mais do que isso, para congregar cidadãos de todas as localidades do estado do Rio Grande do Sul. Num primeiro momento, eu apresento brevemente minha primeira participação numa noite da Semana Farroupilha (celebrada a cada setembro). A segunda parte, descrevo alguns detalhes da minha viagem ao Enart, o acampamento e as relações estabelecidas. Então, em um terceiro momento, eu explico o que é o Enart e específico uma das apresentações que assisti.

Palavras-chave: tradicionalismo, etnografia, antropologia, dança, Rio Grande do Sul, folclore

ABSTRACT

The present work relates my three days experience in a exposition park that receives thousands and thousands of people to celebrate the #26 Gaúcha Tradition and Arts Encounter. It is a festival-encounter that joins the greats of the gaúcha traditionalist dance, as other arts' modalities, to choose the best and, above this, to congrate citizens of all the localities of the Rio Grande do Sul state. At first moment, I present my first participation at night during Farroupilha Week (celebrated every September). Second, I provide some details of the trip to Enart, the camping and the stablished relations. So, at third moment, I describe what is the Enart and the presentation of a dancer's company.

Keywords: traditionalism, etnography, anthropology, dance, Southern Great River, folk

^{*}Estudante. Acadêmico do III semestre do curso de Ciência Política da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus São Borja. Contato: eagletglsimpsons@bol.com.br

INTRODUÇÃO

Quando iniciei a disciplina de Antropologia I, tive a sensação de apreciar o tal trabalho etnográfico, que consiste em se inserir numa comunidade de pessoas (em especial, pessoas com as quais não se convive diariamente), observar atentamente os detalhes do local, o comportamento das pessoas, as normas (muitas vezes, implícitas), os valores e seus costumes para, depois, anotar tudo isso num diário de campo. É um trabalho minucioso que possibilita a produção de artigos sobre os mais variados agrupamentos da sociedade e, mais ainda, dá a oportunidade de outras pessoas distantes dali conhecerem como vivem aqueles semelhantes.

Logo de partida, fomos orientados a escolher um objeto de pesquisa e, nele, se dedicar durante todo o semestre para, ao seu fim, produzir um artigo tal como o que agora tem à sua vista o prezado leitor.

No princípio, queria algo mais cotidiano, como um supermercado. Minha idéia era entender como se dá o comportamento das pessoas numa loja deste tipo, quais as normas seguidas pela maioria, o que está fora do padrão e se o supermercado também é visto como um espaço para o convívio social. Mas como fazer isto? Um trabalho etnográfico não é só uma coletânea de questionários, nem retirar um grupo de pessoas de seu habitat natural para dialogar sobre suas preferências.

Foi quando, sob a orientação do professor Etcheverry, concluí que o melhor seria pensar num outro objeto, que fosse mais adequado ao trabalho etnográfico. E uma pesquisa que uniria o útil ao agradável era o tradicionalismo gaúcho.

Pode parecer esquisito uma pessoa nascida na Terra de Valor (São Borja), bem na fronteira deste peculiar estado da federação considerar estranho uma coisa que deveria estar impregnada ao seu dia a dia. Mas a verdade é que nunca me interessei de verdade pelo movimento tradicionalista. A idéia de súper-valorização de uma cultura (como eu observava as ações do Movimento Tradicionalista Gaúcho, fundado em 1966) sempre me pareceu perigoso, especialmente quando passa a considerá-la superior às demais. E o ideal de separatismo que sempre ronda seus

seguidores me afastava definitivamente de todas suas atividades. Só em pensar em deixar de ser brasileiro ou de que ser gaúcho era maior do que ser brasileiro extinguia qualquer cogitação de apoio¹.

Todavia, o mundo dá voltas e conheci minha namorada A. em março de 2011. A. sempre participou com grande entusiasmo das atividades tradicionalistas do Centro Nativista Tricolor². Fora convidada por seu amigo a entrar na invernada desta instituição, quando tinha 12 anos (hoje, ela tem 21). Invernada é o nome que se dá aos grupos de dançarinos que ensaiam durante todo o ano para apresentações especiais, como na Semana Farroupilha³ e, principalmente, no Enart. Em véspera de concursos regionais, eles chegam a ensaiar todos dias, duas horas por dia. Cada passo é exaustivamente repetido até que todos alcancem uma semelhança de movimento.

Entusiasmada, disse que eu tinha de participar de uma noite na Semana Farroupilha. Aceitei seu convite e fui a juntar no dia 17/set/2011. Logo na entrada, fomos recepcionados pelos patrões da entidade (assim se denominam os presidentes eleitos destas casas). Ninguém entra ali se não estiver devidamente pilchado ou de traje social. Mini-saias, calça jeans ou camiseta nem pensar. Esta norma contribui para criar todo um clima de elegância e respeito ali dentro. E os tradicionalistas prezam por estes elementos.

Antes do baile, há apresentações das invernadas (como já comentado antes) e um jantar campeiro. Provei uma delícia de prato chamado pirão, um composto de farinha de mandioca, carne de ovelha e temperos (muita pimenta, por sinal). Logo, começava o baile com a banda Os Serranos. Infelizmente, não sei dançar, mas acompanhar aqueles jovens

¹Leia mais sobre as idéias separatistas de radicais gaúchos no seguinte endereço http://tglsimpsons.wordpress.com/2008/07/07/farsa-de-bombacha/ Acesso em 11/jan/2012.

²Nome fictício, mas com informações reais.

³Semana Farroupilha antecede o dia 20/set, data a qual foi proclamada a separação do Rio Grande do Sul do resto do Brasil, em 1835, durante a Revolução Farroupilha. Nos sete dias, todos os Centros de Tradições Gaúchas fazem festa em memória a este período. Cada noite no Boitatá tem uma banda diferente, e um cardápio idem. O cume das comemorações é o desfile de Vinte de Setembro, quando cavaleiros desfilam trajando roupas típicas da época e encenando momentos desta guerra que durou dez anos no século XIX.

e velhos numa grande confraternização foi de grande proveito.

Com a minha resposta afirmativa sobre se tinha ou não gostado de participar, o processo passo de A. era me convencer a ir ao Enart de Santa Cruz do Sul. Pois bem, mais dois meses e o relato que se segue nas próximas páginas dá conta desta vivência.

MINHA INCURSÃO NO TRADICIONALISMO GAÚCHO

Após a aula de quinta-feira (17/nov/2011), fiz minha corrida tradicional, tomei um banho, arrumei a mala e a tal barraca improvisada. Improvisada por que é a parte interna de uma barraca maior e constatei ser inútil ao tentar montá-la no dia seguinte. Cheguei às 23:45 na casa de A., minha namorada. Estava cheia de mochilas e colchões na sala e na calçada da frente; e ainda disseram que faltava muita gente para chegar.

O horário previsto de embarque era à 0:00 de sexta-feira, porém, avisaram-me que sempre atrasava a partida. Dito isto, optei por dormir no quarto naquele momento oportuno, pois o sono é uma das minhas maiores preocupações nesta viagem. Explico: preciso dormir dez horas diárias e o Enart nunca permite tudo isto de descanso porque a programação é repleta de atividade no fim de semana.

Pois bem, o ônibus chegou aos 0:40. Antes, recolhera o pessoal que o esperava no Centro Nativista Tricolor. Trata-se de um veículo bem conservado, com capacidade de 56 lugares e ar condicionado. Dois são os funcionários da empresa Pirapoense, que ajudaram no carregamento de malas, barracas, mesas, cadeiras, arroz, refrigerantes, cerveja, pilchas e vestidos de prenda.

Houve conflito de lugares porque faltou bancos juntos, de maneira que restaram lugares únicos e tinha um casal que almejava sentar lado-a-lado. Este casal é formado por L., o guri, e M., a guria. O problema é que o lugar que sobrava no fundo era justamente ao lado do ex-namorado de M. Após um período de discussão, conseguiram realocar algumas pessoas e o casal pôde viajar juntinho. de São Borja a Santa Cruz do Sul.

Os casais adultos sentam majoritariamente a frente. Atrás, o espaço é para os casais jovens (longe dos pais) e solteiros prontos para a azaração,

inclusive aqueles e aquelas que deixaram seus cônjuges na cidade de partida. Ouvi uma proposta de um guri para uma guria, mais ou menos assim: "Vamos ficar? Só até domingo. Depois, cada um segue com sua vida". Outra guria que tinha namorado, provocava, dizendo que tinham que ir para a prova real. Ou seja, que tinham de parar de só provocar com palavras e partirem logo para o beijo.

Ônibus seguiu com a luz acesa até pouco depois do trevo são-borjense. Também ao fundo, prendas e peões jogavam o conhecido jogo de truco espanhol. Quando as luzes se apagaram, estávamos além do trevo e os jovens se recolheram aos seus devidos lugares. Não que a conversa e o flerte tenham se encerrado. Contudo, como os solteiros não obtiveram êxito com suas colegas de dança, 30 minutos, o silêncio imperou e a maioria já estava a dormir. Pelo menos, não tenho informação do que rolou sob os edredons dos casais.

A viagem foi tranquila até Santa Cruz do Sul, sendo o único contra-tempo uma goteira no ar-condicionado localizado aos fundos, que fez o passageiro "sortudo" viajar sentado num banco de madeira no corredor do ônibus (e escorado numa das prendas, diga-se de passagem).

Acordei quando entramos na cidade de colonização alemã e minha primeira impressão foi de uma localidade limpa e bem-conservada. Chegamos por volta das 7:25 no parque da Oktoberfest. Após uma confusão para estacionar e descobrir onde estava o local reservado para o acampamento do Tricolor, finalmente o motorista encontrou um acesso que deixaria o veículo próximo a este espaço.

Ainda no ônibus, as meninas retocavam a maquiagem para disfarçar o cansaço de um sono de viagem que nunca é suficientemente reparador como na própria casa.

Todos desceram pouco a pouco as coisas do bagageiro e passaram a montar as barracas. De repente, detectamos que a suposta barraca que eu trouxe seria inútil, pois não tinha cobertura nem sustentação. Ficou decidido que dormiríamos, eu e minha namorada A., com o irmão dela, na mesma barraca, sobre um colchão de casal. Ficou apertado, mas nada insuportável para duas noites.

Na sequência, fomos fazer o reconhecimento do parque, passea-

mos por ruas ainda vazias, estandes recém sendo montados pelos comerciantes que almejavam lucrar com a chegada dos visitantes, enquanto outros já estavam em pleno funcionamento. Por exemplo, um que vendia produtos coloniais como a tradicional cuca alemã. Neste, paramos, fizemos um lanche e tomamos um suco natural de laranja.

O parque da Oktoberfest é parecido com o parque de exposições Serafim Dornelles Vargas, de São Borja, só que multiplicado por dois. Imagine um espaço cheio de grama e árvores, barracas e lonas estendidas ao lado de ônibus e camionete de todas as matizes, e não esqueça da música gaúcha que não pára nem na madrugada. Inclusive houve um aviso nos auto-falantes do parque durante toda tarde e noite do sábado de que era proibido ouvir música alta que não fosse a gaúcha. Também pedia que se reduzisse o volume na parte da madrugada para o descanso dos presentes. Para se ter uma idéia da estrutura, veja o mapa no Anexo A deste trabalho.

A qualquer momento, um cantor pode pegar o violão e toar um dos milhares de temas disponíveis no cancioneiro gaúcho, indiferente ao som ambiente já bem suprido de música. Neste exato momento (são 9:30 do sábado), por exemplo, J.M. do Tricolor está ao meu lado, dedilhando um violão de cor amarela, mais fino que o tradicional e de seis cordas, acompanhando com sua voz num ritmo suave a música que eu desconheço o título. Estamos sentados em cadeiras altas de abrir sob uma lona amarela que formou uma espécia de área no nosso acampamento. É sábado de manhã, alguns já foram para o palco A assistir às apresentações no bloco dois dos grupos; outros ainda tomam café da manhã e uns terceiros estão sentados em volta, conversando.

Pergunto a J.M. sobre a recusa da prefeitura de Farroupilha em sediar a 12ª edição do então Festival Gaúcho de Arte e Tradição (Fegart):

O parque deles não comportava mais tanta gente, portanto, se tornara pequeno para o evento que mudou de nome e gestão na sua cidade. Neste, de Santa Cruz do Sul, a estrutura é melhor, talvez não tanto pelo tamanho físico que difere tanto do nosso [de São Borja], mas pela estrutura de ginásios para eventos. O parque foi construído para a Oktoberfest, mas recebeu incrementações e se adaptou bem ao

que o Enart exige. Não há espaço mais adequado no estado para algo do tipo.

A seguir, uma pessoa de outro centro de tradições aparece pedindo um prego emprestado. Ele (J.M.) se levanta e vai catar o material em sua barraca. Aí está um ingrediente bastante comum neste meio: a solidariedade. Todos se unem por um mesmo ideal (cultivar as tradições) e, apesar de concorrerem entre si nas diversas modalidades, solidarizam-se uns com os outros num clima de harmonia. "Eu quero a paz dentro de mim". Nenhum lema seria o mais adequado que este, tal como se ilustra na faixa que recepciona os espectadores no no palco principal.

Porém, como tudo que é feito por seres humanos, também dentro de um centro de tradições gaúchas pode haver desentendimentos. Vou narrar um acontecimento que marcou esta edição por sair do que havia programado. No domingo à tarde, M., a guria citada no início, e sua mãe entravam no ônibus para deixar as coisas que levariam consigo durante a viagem nos seus respectivos lugares.

Dentro, estava uma menina, aqui chamada de R., acompanha de uma amiga. Há muito tempo, que ocorrem desavenças (às vezes, veladas) entre R. e as duas componentes da outra família. Pois bem, M. e sua mãe entraram, deixaram as coisas, só que quando já se dirigiam à saída, R. fez uma careta e soltou: "Que nojo!"

A mãe de M. se virou e disse: "Escuta aqui, R., já está ficando insuportável esta situação. Vamos parar com estas provocações infantis". Cuja resposta de R. foi: "Nem te provoquei, sua ridícula". Era o estopim que faltava para partirem para as vias de fato. M. pulou na frente da sua mãe, agarrou-se aos cabelos de de R. e começou a dar-lhe uns tapas na cabeça. Sua mãe e a amiga de R. intercederam e afastaram as duas. M. e sua mãe descem do ônibus nervosas e só aqui passamos a ter conhecimento do que se passara dentro do ônibus.

M. sentou na barraca, chorando e gritando de raiva. "Aquela guria pode falar o que quiser de mim, mas da minha mãe ela não abre a boca", dizia. Todos se perguntavam o que tinha acontecido, e a mãe de M., que nesta hora estava a se sentir mal, com as mãos tremendo e querendo

acender um cigarro para se acalmar, dava a sua versão dos fatos (que é a versão contada aqui, já que não tive contato com R. para que ela contasse a sua visão do ocorrido).

Nesse momento, chega do banho, L., namorado de M., que não tinha a mínima noção do que se passava. Quando contaram-lhe, a única idéia que passou por sua cabeça foi: "Então era por isso que a M. queria assistir UFC na Globo!". Ultimate Fighting Championship é um torneio de múltiplas artes marciais (MMA, na sigla em inglês), agora também transmitido pela Rede Globo de Televisão e a piada é de que M. queria aprender como dar o melhor golpe na futura adversária. O octógono foi o ônibus da Pirapoense e os juízes foram a mãe de M. e a amiga de R. Minha namorada A. conta um ditado pitoresco que corre no Tricolor, o qual afirma: "De cada dez confusões aqui dentro, R. está em 11".

Cabe aqui uma apresentação do que é, enfim, o Enart e traçar um pouco da sua história. Durante o regime militar, foi criado na década de 1970 o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral). Além de reduzir os altos índices de analfabetismo em todo o território nacional, no Rio Grande do Sul, em particular, foi feita uma parceria com o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) para difundir esta cultura, com o intuito também de elevar a auto-estima da população local.

Criava-se, então, o Festival Estadual de Arte Popular e Folclore, conhecido popularmente por Festival Estadual do Mobral, de caráter itinerante.

A primeira edição deste festival foi no ano 1977, cuja fase final foi realizada na cidade de Bento Gonçalves. A segunda em 1978, em Porto Alegre; a terceira em 1979, em Lajeado, a quarta em 1980, em Cachoeira do Sul, a quinta em 1981, em Lagoa Vermelha, a sexta em 1982, em Canguçu, a sétima em 1983, em Soledade e a oitava em 1984, em Farroupilha. Em 1985, a nona edição seria em Rio Pardo. Como as autoridades do município desistiram, Farroupilha passou a sediar novamente Decidiu-se, então, não mais alternar o local, uma vez que Farroupilha se propunha em continuar realizando anualmente a final⁴.

⁴ Jornal Enart 2011. p. 2

No ano seguinte ao fim do regime militar brasileiro, portanto, em 1986, o evento passa a ser organizado e promovido exclusivamente pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho e adquire novo nome: Festival Gaúcho de Arte e Tradição (Fegart). Ficou definido que o evento aconteceria sempre no último fim de semana de outubro, na cidade de Farroupilha, e assim se sucedeu da agora primeira⁵ até a 11ª edição (1996).

A prefeitura de Farroupilha manifestou a vontade de não mais sediar o evento e a 12ª edição foi transferida para Santa Cruz do Sul, também em virtude do crescimento do festival e das necessidades de infra-estrutura. Tudo aconteceu normalmente nas duas edições seguintes. Acontece que a cidade de Farroupilha alegou deter os direitos do nome Fegart e, mais uma vez, teve-se que mudar o título.

Portanto, em 1999, passou-se a denominar Encontro de Artes e Tradição Gaúcha (Enart). Como outubro é o mês da Oktoberfest, a data do Enart passou a ser no terceiro fim de semana de novembro, o que dava tempo para a prefeitura da cidade e toda a organização adaptarem a estrutura para outro evento. "No ano de 2011, será realizada [foi] a 26ª edição e 35ª edição desde o festival originário".

Um dos meus receios sempre foi a idéia de separatismo que transparece para quem é de fora do movimento. Parece que todos os tradicionalistas pregam a separação do estado do Rio Grande do Sul do resto do Brasil, como se isto fosse solucionar todos os problemas enfrentados. Para minha grata surpresa, todos cantaram e fizeram reverência respeitosa aos dois maiores símbolos nacionais brasileiros: o hino e a bandeira.

Quando da abertura oficial do Enart, todos se levantaram, homens retiraram o chapéu e bradaram forte a letra de Joaquim Osório Duque Estrada. Da mesma forma, quando se passa em frente ao estandarte nacional nos desfiles de Vinte de Setembro, os cavaleiros retiram seus chapéus e fazem reverência à bandeira nacional que tremula.

Dentro do Enart, espalhados pelo parque, existem espaços para outras apresentações que não a dança, como a mostra de artesanato rio-

⁵ Com a troca de nome e de organização, iniciou-se uma nova contagem das edições do festival.

⁶ Jornal Enart 2011. p. 2

grandense, competição de causo, pajada e trovas, dança de salão, declamação, violão...

Uma das coisas que vi foi a etapa final de trova, que consiste em dois homens devidamente trajados, sobre um palco, acompanhado de um gaiteiro (chamado sanfoneiro em outras partes do país) disputando em versos improvisados quem sairá o vencedor. No início, as frases são gentis, mas o clima começa a pegar fogo (e a alegrar a platéia, diga-se de passagem), quando um começa a criticar e a inventar histórias do outro. É uma agressão fingida e bem-humorada, cujo resultado final são os cordiais cumprimentos e risos.

Mas a grande estrela do Enart, o momento mais esperado por todos, o local mais prestigiado pelo público, sem dúvida alguma é o palco A. É nele que acontecem a disputa das danças tradicionais. Para chegar ao palco A, a entidade tradicionalista deve disputar eliminatórias regionais e vencer no palco B. Somente uma entidade sobe por ano e o crivo dos juízes é forte.

O palco A fica dentro do ginásio poliesportivo, que é todo modificado para receber os competidores, comissão organizadora e um público de 10.000 pessoas. Nele, aconteceu a abertura oficial, quando a imagem de Nossa Senhora Medianeira (padroeira do Rio Grande do Sul) foi entronizada solenemente num estandarte e posta numa posição em destaque, separada das bandeiras cívicas. Como afirmara o mestre de cerimônia, "não se pode separar a tradição do povo gaúcho da sua profunda religiosidade".

O tablado é colocado no meio da quadra do ginásio, medindo 10m x 30m. Faixas coloridas são atadas no teto, como objeto de decoração. Também no teto, estavam pendurados cartazes com o brasão do Movimento Tradicionalista Gaúcho, da edição 26 do Enart e dos patrocinadores principais, operadora de telefonia TIM e rede de hipermercados Big. Numa das laterais do tablado, perfilavam as 30 bandeiras das regiões tradicionalistas que compõem o MTG⁷.

⁷ O estado é dividido em 30 regiões, cada qual abrangendo um grupo de cidades. Exemplificando, São Borja pertence à 3ª região tradicionalista (RT), junto com outros municípios próximos. Dentro de cada RT, há inúmeros CTGs, entidades que reúnem sócios para manutenção da cultura gaúcha e funcionam também como ambiente para confraternizações.

Um espaço é reservado ao fundo do ginásio para convidados (e só se pode entrar ali se estiver com a pilcha de acordo com as normas do MTG, segundo o aviso colado na grade separadora), na seqüência vêm as autoridades e, por último, dez dos 30 jurados. É para esta direção que se considera a frente da apresentação. Os demais juízes se espalham por uma fila de mesas elevadas colocadas ao redor do tablado. Cada grupo de juízes tem uma especialidade, por exemplo, alguns usavam fone de ouvido para captar toda a música e a letra da apresentação. E avaliá-la.

Na entrada, são distribuídos leques com a marca do patrocinador Big e talvez este tenha sido o brinde mais utilizado pelo público. Não obstante, estávamos na primavera brasileira, dentro de um ginásio, cheio de gente e o que não faltava era calor. O movimento dos leques era um espetáculo à parte.

Tem também as pessoas experientes, as quais levam almofadas para ficarem mais confortáveis durante as apresentações. Recordo que todos os demais estavam sentados em uma arquibancada de cimento, o que não é lá o lugar mais confortável do mundo...

Ao redor do tablado, profissionais da imprensa fazem a cobertura. Emissoras de rádio transmitem ao vivo todas as apresentações, entrevistam os dançarinos, os presidentes de CTGs de suas localidades, o público espectador etc. Fora do ginásio, encontrei um carro da rádio Planalto 105,9 FM de Passo Fundo/RS estacionado numa das vias do parque, com um repórter dentro a comentar sobre os resultados finais que estavam por se anunciar. No momento em que por ele passei, comentava sobre o calor que se fazia naquele domingo à noite, sem deixar de mencionar, *per supuesto*, a beleza da apresentação feita pelo CTG Lalau Miranda, de sua cidade.

No acampamento, pelo sábado de manhã, o presidente do Centro Nativista Tricolor falou ao vivo com os ouvintes da rádio são-borjense Cultura AM, dentro do programa mantido pela entidade. Eis o que falou:

Um espetáculo o Enart deste ano. Está um clima muito agradável sob a sombra das árvores, tudo muito organizado e as apresentações continuam até amanhã [domingo] à tarde. Inclusive, daqui a pouco, teremos os nossos co-irmãos do CTG Tropilha Crioula [de São Borja/

RS] no palco A, a quem desejamos boa sorte. Não posso deixar de comentar a vitória da 3ª Região Tradicionalista na 12ª Exposição de Arte e Tradição Gaúcha, que contou com uma bela exposição sobre a arte missioneira, montada pelo nosso Tricolor.

Além das rádios, a TV Tradição⁸ transmitiu por internet a íntegra das apresentações do palco A e das demais competições. Segundo o mestre de cerimônias comentou ao fim do Enart 2011, um total de 350.000 acessos foram feitos ao longo dos três dias de festival, contando com a audiência de gaúchos no Japão, em Portugal, Estados Unidos da América, Filipinas, entre outros.

Somando todos palcos (chula, dança de salão, palco B etcétera), neste Enart o número de dançarinos foi de 3.285. Número expressivo que fez com que o mestre de cerimônia comentasse: "Estamos a acompanhar a 26ª edição do Enart, o maior festival de danças do Brasil... Não, do mundo, porque até onde me consta, nenhum outro evento consegue reunir 3.285 dançarinos em apenas três dias, num mesmo local".

Para ilustrar o espetáculo que presenciei, descreverei agora um pouco do que foi a apresentação do CTG Os Teatinos, da cidade de Rio Grande (6^a RT). Antes de entrarem no palco, notei três crianças na arquibancada vestindo camisetas que, juntas, formavam a palavra Teatinos, como na propaganda da Brahma, na qual os homens pintam o corpo com a marca da cerveja.

A banda começa a tocar (todas as apresentações são feitas com música ao vivo e há dois espaços reservados para as bandas se alocarem, de tal sorte que um CTG não atrapalha o outro durante a troca de som) e adentram ao palco os dançarinos. Ao ouvir as esporas⁹ ao ritmo da mú-

⁸ http://www.tvtradicao.com.br Acesso em 11/jan/2012. Não obstante, a conta no Twitter (http://www.twitter.com/tvtradicao) publicava a ordem das apresentações e o conteúdo transmitido ao vivo. Sugiro entusiasticamente que o leitor assista ao convite número três do Enart 2011, produzido por TWM Produções e visualizado no You Tube: http://www.youtube.com/watch?v=rdw10YfFxS0 Acesso em 11/jan/2012.

⁹ Esporas são também chamadas de rosetas feitas de metal que ficam prendidas na bota de couro e serviam para cutucar o cavalo, porém, é proibido que machuque o animal, sendo apenas decorativas para apresentações artísticas. Como ela se mexe, faz barulho e quando todos movimentam-la ao mesmo tempo, percebe-se a sincronia da dança.

sica foi possível entender como elas explicitam a harmonia da dança.

Eles vestem o traje braga, considerado de gala pelo tradicionalismo gaúcho: esporas grandes (do tamanho de uma laranja), um tipo de polaina com fios que balançam embaixo na cor branca, calça (uma bombacha mais justa que a comum) e paletó em veludo vermelho escuro, uma faca branca na cintura, uma faixa (denominada pala dobrado) transpassando o tórax, colete amarelo, camisa branca, chapéu preto menor que o tradicional e mais arrendondado na parte superior, mais o lenço vermelho enrolado na cabeça e as pontas devidamente caídas nas costas.

No momento que escrevo esta descrição, passam trinta minutos da zero hora de sábado e estou a 20 metros do tablado. Na introdução, um homem e uma mulher representam o amor "gerado por um encontro de dois olhares singelos, que ao bailarem formam laços fortes, impossíveis de se quebrar", como apresenta a descrição de Os Teatinos inserida no jornal Enart 2011.

A seguir, fazem a apresentação de três danças tradicionais sorteadas minutos antes de adentrarem no palco. Carece ressaltar que eles devem treinar todas as danças inúmeras vezes para saber exatamente como se portar no dia da decisão (neste caso, este o qual estou narrando). Estas danças tradicionais têm regras e devem ser feitas exatamente de acordo com elas, ou seja, são rígidas e têm grande peso na nota final.

Encerram-se com a coreografia de retirada (tal como a de introdução, livre para criações), onde Os Teatinos mostram outra forma de amor, não mais de um homem pela sua mulher (e vice-versa), mas do homem pela sua pátria. Enaltecem os pontos positivos desta terra. As dançarinas ganham um leque vermelho, dançam, pegam um guarda-sol que estava em um dos quatro bancos de praça adicionados por eles, fazem uma coreografia de muitos floreios, giros, cantos... e encerram o número com uma grande salva de palmas.

No domingo à noite, saímos um pouco do parque para visitar o shopping local. Quando retornamos, tentamos entrar no ginásio, mas tinham fechado a entrada, porque já chegara ao limite o número de espectadores. O que se pedia no microfone era para que acontecesse um rodízio de pessoas, ou seja, que saíssem alguns para que outros pudes-

sem acompanhar os resultados finais.

Entramos na fila e aguardamos uns 20 minutos até conseguir entrar no ginásio. Ali dentro, arquibancadas lotadas e todas as equipes competidoras que passaram para a decisão (20 de 37 no total) estavam alinhadas no tablado. Estava muito apertado para eles, sem falar que tinham a obrigação de vestirem os pesados trajes. Mas não era só ficar no meio, tocavam-se as músicas tradicionais para eles dançarem.

Foi um espetáculo inédito para meus olhos! Centenas de pessoas, todas dançando o mesmo ritmo e a mesma coreografia, sincronizadamente.

Um detalhe bonito na hora da divulgação dos resultados foi quando o decacampeão do Enart, o CTG Aldeia dos Anjos, de Gravataí, recebeu um dos troféus e parte do público começou a vaiá-lo. Imediatamente, um CTG competidor começou a bater palmas e todas as vaias que surgiam foram sufocadas por uma enorme salva de palmas. O fato é de arrepiar, pois mostrou como um dos valores defendidos pelo MTG – o respeito – deve estar presente em todos os atos de uma pessoa que se julga de bom caráter.

Quando já escurecia, embarcamos as últimas bagagens e seguimos rumo ao ponto de partida, São Borja. Mais uma noite na estrada, e estava terminada a minha experiência de viver o Enart e descobrir o que era este festival que tanto encanto causava dos amigos que dele participavam. "Eu quero a paz dentro de mim", era o lema desta edição. Definitivamente, o Enart me encantou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando chega ao fim este trabalho, penso ter cumprido com as exigências da disciplina de Antropologia I e ter feito, mesmo que seja de uma maneira incipiente a pesquisa etnográfica proposta durante o semestre

Consegui quebrar alguns paradigmas que tinha a respeito do tradicionalismo, em especial sobre o separatismo que pensava haver muito forte neste meio. O que encontrei no Enart 2011 foi um grande respeito

à pátria Brasil, tal como às tradições locais do Rio Grande. Talvez estas tradições não sejam tão originais como pensam alguns membros do movimento, mas, afinal, qual cultura não é influenciada por outra? Seja este contemporânea à sua, seja predecessora de tempos idos.

Junto com a ostentação de símbolos que os identificam, os tradicionalistas defendem uma ideologia e um conjunto de valores. Relembram a história de formação de seu povo e cultivam-na por inúmeros meios, como a dança, a música e a literatura.

Vi, ainda, que os dançarinos amam o que fazem e dão o melhor de si nas apresentações. Suportar um calor de 35°, vestido com longas e pesadas roupas para poder se apresentar não é só uma questão de orgulho, mas de amor pelas tradições que lhe foram ensinadas. Sem falar em todo o nervosismo que marca os instantes que precedem a entrada no palco. Vi várias vezes os dançarinos pulando e mexendo os braços para aliviá-lo.

Enfim, foi um trabalho agradável de se fazer, rico em novas experiências e reforço a esperança de que o leitor tenha conseguido perceber como aconteceu o Enart 2011, através do meu relato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ENCONTRO de Artes e Tradição Gaúcha. Disponível em http://www.enart.org Acesso em 11/jan/2012.

JORNAL do Enart 2011. [Distribuído no parque da Oktoberfest] MOVIMENTO Tradicionalista Gaúcho. Disponível em http://www.mtg.org.br Acesso em 11/jan/2012.

TV TRADIÇÃO. Disponível em http://www.tvtradicao.com.br Acesso em 11/jan/2012.

VARGAS, Rosely. Uma utopia contra a Constituição. In: Revista Veja. Edição 1.259. Ano 25. Número 44. 28/out/1992. Disponível em http://tglsimpsons.wordpress.com/2008/07/07/farsa-de-bombacha/ Acesso em 11/jan/2012.

17 - Enart 2012: Acampando com o Tradicionalismo

Tiago G. Lopes¹

RESUMO

Este artigo relata a experiência de participar de um acampamento durante o 27º Encontro de Arte e Tradição Gaúcha (Enart), junto a uma entidade tradicionalista são-borjense no Parque da Oktoberfest, em Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul. Objetiva-se contar detalhes deste acontecimento, captar depoimentos dos participantes, acompanhar a ansiedade de quem se apresenta e trazer um pouco da vivência no maior encontro da cultura gaúcha. O presente é requisito avaliativo para a conclusão da disciplina de Anthropologia II.

Palavras-chave: tradicionalismo, etnografia, MTG, gaúcha, Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

This article relates the particular experience of a camping during the Gaúcha Art and Tradition Encounter #27 (Enart), together to são-borjense tradicionalist entity in the Oktoberfest Park, in Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul. It intends relates details, catch participant's testimonials, to accompany the anxiety of who shows and bring a little of the gaúcha culture major encounter atmosphere. This paper is a requirement to conclude Anthropology II discipline.

Keywords: traditionalism, etnography, MTG, gaúcha, Rio Grande do Sul state.

MINHA RELAÇÃO COM A CULTURA TRADICIONALISTA

Apesar de ter nascido na cidade de São Borja, fronteira do Brasil

¹ Estudante. Acadêmico do III semestre do curso de Ciência Política da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus São Borja. Contato: eagletglsimpsons@bol.com.br

com Argentina, e rica em tradições, nunca freqüentei um Centro de Tradições Gaúchas (CTG) ou participei de qualquer atividade ligada ao Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). Era comum no tempo da escola meus colegas dançarem nas chamadas invernadas, estudarem a história rio-grandense e participarem de festivais nativistas. Mas eu não me incluía no contingente.

Esclarecendo alguns termos, o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) foi criado na segunda metade do século XX. Seu objetivo foi construir uma história gaúcha, com base em pesquisas e tradições orais. Ele é baseado em uma iniciativa que se deu em 1947, capitaneada por Paixão Côrtes, Luiz Carlos Barbosa Lessa e Glaucus Saraiva. Estes três homens conseguiram "roubar" uma centelha da chama da pátria que ardia em 8/set/1947 no centro de Porto Alegre e carregaram o fogo até um candeeiro crioulo, colocado no Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Ali, mantiveram-na acesa durante 12 dias, extingüindo-a em 20/set/1947, data que marcava o início da Revolução Farroupilha (1835-1845). Naquele momento, começava o que se pode chamar de cultura tradicionalista gaúcha.

Desde então, anualmente, gaúchos e gaúchas se reúnem em entidades para comemorar a data da revolução, aprender sobre a história e costumes, valorizar aquilo que se chama de sua própria cultura, com a música, a comida e a dança. É chamada Semana Farroupilha, estendendo-se de 13 a 20/set, e toda noite tem festa em CTGs e Piquetes de Tradições Gaúchas (PTG).

Sobre o Encontro de Arte e Tradição Gaúcha (Enart), muito já foi explicado no trabalho anterior ("Enart 2011: minha incursão no tradicionalismo gaúcho"), mas cabe um pequeno resumo. Começou como um evento itinerante em 1977, para alfabetização dos gaúchos por meio de sua história. Passou por diversas alterações e hoje se realiza todo novembro na cidade de Santa Cruz do Sul. São diversas modalidades (como dança força A, dança força B, dança de salão, chula, mostra de cultura, trovadores, gaita...) cujos competidores são definidos em disputas regionais em cada uma das 30 Regiões Tradicionalistas (Rts).

Pois eu estive de fora de tudo isso até ano passado (2011), quando

minha namorada Aliane Fagundes Genro me convidou para participar da Semana Farroupilha. Um dos motivos que me afastavam do movimento era a idéia de separatismo, defendida por alguns mais radicais, e a idéia de superioridade de cultura. Contudo, vi que o respeito para com a Pátria Brasileira e seus símbolos se está presente nos eventos organizados pelo MTG.

Prevalece a frase da música "Peleia", da banda Ultramen, que diz: "Somos todos brasileiro do Rio Grande do Sul". Ou seja, acima de tudo, nossa identidade nos define como brasileiros e temos a peculiaridade de termos nascido num estado que valoriza sua história e sua cultura, muito devido às ações que o MTG faz nesta unidade da federação.

Por isso, repeti minha viagem do ano passado e decidi que iria ao Enart 2012, além do mais, dali sairia um novo trabalho etnográfico, cuja história começa agora.

EMBARCANDO E CHEGANDO EM SANTA CRUZ DO SUL

Neste ano de 2012, mudou a patronagem do Centro Nativista Tricolor² e, com isso, as pessoas que organizam a viagem. Dois meses antes, foram distribuídas duas fontes de arrecadação a quem colocara seu nome na lista do ônibus: uma rifa e 12 cautelas para um almoço a ser servido uma semana antes do evento. Além disso, para as pessoas que vão concorrer, a preparação vem de muitos meses antes, já que têm de estarem afiados no conhecimento e treinados na dança para competir dentro da 3ª Região Tradicionalista (RT).

No dia 15/nov/2012, por volta das 21h, muitas coisas já se concentravam na casa da Aliane. É o ponto de referência no centro de São Borja para deixarem as coisas que seriam embarcadas na madrugada de sexta-feira. E esta foi a primeira mudança. Ao contrário do que sempre aconteceu, o ônibus contratado não partiria à 0h de sexta-feira, mas às 4h. Isso porque ele sempre se atrasava, já que é o mesmo carro que faz o transporte de estudantes universitários daqui para Santo Ângelo.

²Nome fictício, usado para a entidade, já que este trabalho não fala em seu nome. Doravante, alguns nomes das pessoas citadas também são fictícios, para preservar suas identidades.

Em torno do horário combinado, chega o ônibus da empresa Pirapoense em frente à casa supra citada. Como ele parte do bairro do Passo (onde se localiza o CN Tricoloro). já vem repleto de malas, barracas, um freezer, fogareiro, colchões e tudo o que se possa imaginar necessário para um acampamento. Parecia que não caberiam os pertences do pessoal do centro, muito menos uma mesa para o almoço, nem os engradados de refrigerante, sacos de batata e tomate. "É que nem coração de mãe, sempre cabe mais um", foi a frase de um dos integrantes quando o bagageiro foi fechado com tudo dentro. Incrível como conseguiram acomodar toda a bagagem de 48 pessoas.

Logo no começo da viagem, foi feita uma oração, único momento de silêncio nesta barulhenta viagem. Foi combinado que não seriam apagadas as luzes, o que facilitou o jogo de truco e conversas da gurizada que fica nos fundos do ônibus. No corredor, tinha um cooler com muito gelo e bebidas alcoólicas ou não, para deleite dos viajantes.

Foi constatado que o ar condicionado não dava conta do calor que fazia ali dentro e a única alternativa foi abrir a escotilha superior. O problema é que para a galera dos fundos entrava ar em grande quantidade, mas o pessoal que ficou na frente, sofria com o abafamento. Faltou ventilação e muita gente reclamou. Quem conseguiu, preferiu dormir para enfrentar oito horas de viagem.

Chegando no Parque da Oktoberfest, a primeira constatação do pessoal foi de que tinha mais gente que nas edições passadas. E outro problema se lançava: cadê o local demarcado para o CN Tricolor?

Houve um conflito sobre o local onde deveria ser instalado o acampamento são-borjense. Como muitas pessoas estão no parque desde a quarta-feira anterior ao Enart, muitos grupos tomam os lugares reservados para si e, quem chega mais tarde, fica nas piores alternativas. E realmente era uma alternativa muito ruim a que nos restava. Um local sem a proteção das árvores, portanto, barracas ficaram insuportáveis durante o dia. Mas foi o que podemos fazer, porque tirar os demais CTGs que lá estavam estava fora de cogitação.

Depois de montar as barracas, é hora de fazer um reconhecimento do local. Pouca coisa mudou desde o ano passado. Banheiros seriam os coletivos de sempre e os locais das atrações estavam idênticos aos relatados no trabalho anterior.

HISTÓRIAS DO ENART 2012

Algumas histórias pitorescas fazem parte desta edição. Como a de Leko que, durante o banho, resolveu trocar a chave do chuveiro com ele ligado. De repente, um estouro e o chuveiro quebra o cano d'água e fica pendurado pelos fios elétricos. Muitas pessoas correram dali no exato momento, assustadas. "Calma, gente, é que o Leko não é acostumado com banho no chuveiro. Nós viemos de São Borja e ele só toma banho de açude. E quando toma...", explicou Bruno. Muitas gargalhadas no local. Fizeram tanta piada do pobre Leko, que este ficou constrangido e se retirou dos chuveiros, completando seu banho um tempo depois.

Quando a "tia da cozinha" fazia a primeira refeição do dia e eu estava próximo da mesa, ouço um estou atrás de mim e uma labareda de fogo. Era a mangueira que tinha escapado do fogareiro improvisado. Que susto! Dizem que em menos de dois segundos, já estava uns cinco metros do local do incidente. Após uma tentativa de conserto mal-sucedida, foi atado um arame para prender a mangueira. Pelo menos, não escapou mais nem vazou gás, que era o meu medo.

Dentro do parque, existe umas casas comerciais e numa delas, funciona o estúdio da Rádio Santa Cruz AM. Sou apaixonado pelo veículo rádio e fui até para ver se conseguia um adesivo. Não obtive sucesso, mas ganhei horas de conversa agradável com o radialista Vanildo Oliveira. Contou-me do seu motor-casa (motor-room), de suas viagens pelo Rio Grande, de como é manter um programa diário sobre música gaúcha e questionou o que eu achava do Enart. Foi uma boa troca de experiência.

Nesse estúdio, conheci o senhor Antônio, tocador de gaita de boca que estava indignado com o resultado de sua modalidade e com os quesitos desclassificatórios. Reclamou que o júri descontou notas de sua apresentação porque ele usou uma canção típica da Alemanha, algo que iria contra a proposta. Argumentava que sendo os alemães um dos povos que compõem a diversificada geografia gaúcha, não poderiam proi-

bi-lo de homenageá-los com a gaita. Enfim, são critérios estipulados no regulamento.

Um grupo de jovens que estava próximo de nós, tinha uma tática para elogiar as gurias que passeavam ali perto. Quando passava uma menina bonita, eles aplaudiam, cantavam em sua homenagem e até mostravam plaquinhas com suas notas para a beleza da moça. Como no Enart, tem muita gente bonita, havia muitas seções de aplausos durante o dia e a noite. E a todo momento, via-os bebendo cerveja e comendo.

Muitos dos vão ao Enart, pelo que sinto, não estão tão preocupados com a valorização da cultura gaúcha, mas com a festa que rola à noite, com a aventurar de acampar em si. Enart é muita diversão também. Não vejo isso com um olhar de reprovação. Acontece que ele é tão grande que comporta os dois tipos de pessoas: aquelas que querem ver as apresentações e aprender sobre o Rio Grande do Sul e outras que estão lá só pelo agito mesmo.

ANSIEDADE PARA A APRESENTAÇÃO

Acompanhei de perto a apresentação de Patrícia, representante do CN Tricolor no Enart. Patrícia participaria do concurso de declamação feminina. Estava nervosa antes de sua apresentação. Seu namorado e amigos tentavam acalmá-la, antes de subir ao palco.

"Isso aqui faz parte da minha vida. Treinei horas com as poesias sobre a cultura rio-grandense. Tenho não só que decorá-las, mas saber em que ponto colocar uma entonação e como interpretá-la perante o público. Estou muito nervosa", relatou Patrícia.

Também estava nervosa porque enfrentaria Camila, uma negra que detinha diversas vitórias nesta modalidade. Camila tinha uma voz possante e estava aparentemente tranqüila. Deveria ter seus 35 anos e enfrentava garotas mais novas, como Patrícia que tem 21, sem falar em prendas ainda mais novas.

O duelo se deu num salão tipicamente alemão, inclusive com as placas todas escritas na língua germânica. Ele é todo decorado, com imagens nas paredes de figuras típicas daquele país. Assim como todo o

parque, é usado nas comemorações da Oktoberfest, famosa e alegre festa da cerveja alemã.

As regras da declamação são de que as prendas devem estar devidamente vestidas, seus cabelos bem alinhados, trazerem três poesias para o sorteio e, somente um minuto antes de se apresentarem é que saberão qual dos textos deverão apresentar ao juri. "O problema é quando se sorteia justamente aquele com o qual não estamos tão identificados", conta Patrícia. E acrescenta: "Por isso, tenho que estar plenamente preparada".

Após cinco apresentações, chegava a vez dela subir ao palco. Fora sorteada a poesia número três e, acompanha de uma gaita de botão e um violino, deu início à sua interpretação. Pelo que se viu, nenhuma esquecida e tudo dentro do esperado. Ao fim, uma salva de palmas e Patrícia respira aliviada.

Soubemos que ficara em 8º dentre as 20 participantes. Questioneia como se sentia: "Bem. Fui bem na apresentação, apesar do nervosismo que tu percebeste. Mas omiti uma das palavras de um dos versos, o que descontou alguns pontinhos. Mas as colegas que representavam as outras RTs também estavam muito bem preparadas. Estou feliz e quero participar ano que vem", concluiu. Como se todos esperassem, a vencedora da categoria declamação feminina foi Camila.

MELHOR DANÇA DA FORÇA "A"

O principal palco do Enart, sem a mínima sombra de dúvida é o da Força A. São os melhores da dança tradicionalista e, neste ano, o destaque foi a apresentação do Centro de Pesquisas Folclóricas Piá do Sul, de Santa Maria. O tema era a Base Aérea de Santa Maria e eles fizeram um espetáculo aos nossos olhos. Primeiro, que todos estavam trajados de oficiais da Aeronáutica e tinha ensaiado até o agradecimento à platéia. Quando esta desejou "boa sorte", todos ficaram em posição de sentido, prestaram continência e gritaram: "Obrigado!". Foi muito bonito de ver.

Segundo o texto do Jornal do Enart, a Base Aérea foi fundada du-

rante o governo do são-borjense de Getúlio Vargas e "tem sua localização estratégica, possibilitando garantir a segurança de nosso estado e nação" (p. 13).

Em dado ponto da apresentação, um avião de madeira, traçava todo o tablado, com faíscas de fogo, simbolizando a esquadrilha da fumaça. Todo o ginásio aplaudiu e gritou em pé a apresentação do Piá do Sul.

Depois da entrada, todos os dançarinos trocaram seus uniformes pela vestimenta gaúcha e apresentação das três danças tradicionais.

Mesmo sendo a melhor apresentação na opinião do público, o Piá do Sul ficou em 4º na colocação geral, vencendo o CTG Rancho da Saudade, de Cachoeirinha.

Vale acrescentar que esta edição do Enart foi a primeira a ser transmitida ao vivo em TV aberta, pela TVCom do Grupo RBS. Além desta emissora, a TV Tradição transmitiu de forma ininterrupta na internet todas as apresentações, desde a sexta-feira à noite até o resultado final no domingo às 21h. Segundo o mestre de cerimônias informou, no total, foram 400.000 acessos, sendo que tinha gente acompanhando em Cingapura, Estados Unidos e outros países.

Dado o resultado, era hora de organizar tudo e embarcar no ônibus para mais uma viagem de oito horas e muito calor. E assim foi meu segundo acampamento com o tradicionalismo gaúcho.

18 - Maria do Carmo: Crença e Devoção na Fronteira Oeste Riograndense

Carine Medeiros Sperandei

carinesperandei@hotmail.com

Joanir Eliezer Roballo Corrêa

cjoanir@hotmail.com

Ricardo Cássio Dias

Sandro Ben Hur do Nascimento

sandrix999@yahoo.com.br¹

RESUMO

O presente estudo visa buscar no seu aprofundamento, o resgate de uma significativa história de crença e devoção, na cidade de São Borja. Com relatos da tradição oral, que há mais de um século se propaga dentro da comunidade local e extrapola suas fronteiras, atribuindo-se a uma mulher, a fama de milagreira, após sua morte.

Com uma crescente aceitação popular, que usando da crença para atender seus pedidos particulares muitas pessoas procuram o túmulo de "Maria do Carmo", e chegando ao local rezam e deixam seus pedidos, e tendo-os atendidos por ela retornam para agradecer a graça alcançada, e com isso fortalecem a crença e devoção em torno do mito criado.

Esse movimento individual feito de forma voluntária, até os dias de hoje, não despertou o interesse da Igreja Católica, pois não houve também por parte da comunidade que cultua uma devoção a milagreira, uma disposição real de lutar por um processo de sua beatificação, e uma posterior canonização por parte da Igreja Católica no Vaticano.

Palavras-chave: Crença. Milagreira. Maria do Carmo. São Borja.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade, discorrer sobre a vida de uma

¹ Alunos da disciplina de Antropologia II, do curso de Ciências Sociais – Ciência Política

personagem que viveu na cidade de São Borja-RS até 1890, a qual tinha como naturalidade a cidade de Bagé-RS, e como nome, Maria do Carmo Fagundes, tendo assim um período de existência na cidade onde se tornaria um mito, uma linda mulher como por muitos da sua época lhe atribuíam sobre a sua forma física, uma maneira de viver airada, e como perpassa os relatos orais de gerações após gerações, viveu de forma a deixar-se levar pelos vícios da bebida e do cigarro. Era uma mulher da qual soubesse ter na vida íntima mais de um companheiro, e por ter uma beleza atrativa e de bom coração provocava ciúmes por parte de quem a acompanhava, sabendo-se que dessa maneira fora vítima de um homem ciumento que a tinha como mulher e tirou-lhe a vida.

MARIA DO CARMO UMA SIMPLES MULHER DE UMA BELEZA ADMIRÁVEL

A Bajeense Maria do Carmo era tida como uma das mais belas mulheres que freqüentavam as festas noturnas na cidade de São Borja, a qual residia, tinha hábitos distintos das demais damas da sociedade, o que era considerado fora dos padrões da moral e dos bons costumes, para a época em que viva.

Maria do Carmo tinha relações amorosas com vários homens, não possuía apenas um parceiro, por isso era considerada uma prostituta, e despertava paixões entre seus amantes que a queriam bem, pois segundo relatos de populares, eles sempre a presenteavam com perfumes, batons, jóias e outros objetos, tentavam garantir com isso outros encontros.

Segundo parentes de moradores que ainda nos dias de hoje moram nas proximidades do Segundo Regimento de Cavalaria Mecanizada (2º R. C. Mec.), local onde era constantemente frequentado por Maria, devido à habitual relação com os militares, ela tinha uma personalidade diferenciada em relação a outras mulheres, as atitudes e espontaneidade a tornavam muito cobiçada pelos homens, e despertava o ciúme entre as mulheres.

A morte de Maria do Carmo, consequência da alegria de se considerar livre?

A história de Maria do Carmo vai sempre ficar na lembrança dos São – Borjenses, pois ficou eternizada mediante um terrível fato trágico, que ocorreu no ano de 1890, onde um homem tirou brutalmente a vida da bela mulher, segundo relatos, o motivo teria sido passional. O autor do crime era um de seus amantes, militar do exército.

Esse homem a esquartejou espalhando os pedaços do corpo perto de uma fonte, como relata Apparício Silva Rillo:

Teria sido morta em fins do século retrasado pelo último de seus amantes permanentes, tendo seus membros esquartejados e espalhados próximo ao local onde se situa a "FONTE DE SÃO JOÃO". Mãos piedosas deram sepultura a seus restos, cerca do local onde foram encontrados, assinalada a sepultura com uma simples cruz de madeiras (RILLO, 1982, p.43).

A mulher que outrora tinha uma vida admirada pelos homens que a cobiçavam, agora só era lembrança entre os boêmios da cidade, que se lamentavam pela perda da vida da jovem mulher, o que ocorreu no dia 27 de agosto de 1890, fato o qual, trouxe amargura e tristeza entre os amantes que ela tinha.

A história retrata a bondade de um homem que mandou construir uma sepultura para Maria do Carmo, essa se encontra no local de sua morte, segundo Apparicio Silva Rillo:

Foi-lhe levantado, segundo se sabe, pelo Cel. Serafim Vargas, um túmulo de alvenaria, alvo, até hoje, de constantes romarias de seus devotos e fiéis. O Historiador Moacir Sempé, em exaustivo trabalho de pesquisa, levantou-lhe a história completa, culminando por encontrar até mesmo o registro de óbito de Maria do Carmo, por sobrenome Fagundes, natural de Bagé-RS, assassinada em 27 de agosto de 1890 (RILLO, 1982, p.43).

Os populares conhecedores da história de Maria do Carmo perguntam-se, o que levou o assassino a matá-la brutalmente, será que sua morte é resultado da sua beleza?

MARIA DO CARMO: DE PROSTITUTA A MILAGREIRA

Após a morte de Maria do Carmo, não demorou a espalhar-se entre o povo a fama de milagreira, sabe-se que em vida era considerada uma prostituta, no entanto após sua morte, começaram a aparecer indícios de milagres supostamente realizados por ela.

As peregrinações começaram com as pessoas da região que passaram a espalhar entre o povo, e assim elevando a fama da mulher, que desde então passou a ser chamada de "santa milagreira", entre os devotos.

O mito Maria do Carmo

Começa-se a partir de então, muitas estórias referentes à Maria, a mais conhecida dessas é devido a ela não atender pedidos de homens, e também de romance, todavia o primeiro citado entra em contradição, uma vez que foi encontrada uma placa de metal gravada com dizeres de agradecimentos e foi assinada por um homem, leva-nos a crer que ela atende sim a pedidos de homens.

O movimento de pessoas em torno dos acontecimentos tidos como milagres pelos populares foi intenso na época das primeiras manifestações de curas e atendimento de pedidos, e vem se estendendo até os dias de hoje.

Até os dias de hoje a população divide-se em opiniões, para alguns Maria é uma santa, para outros foi apenas uma prostituta de fim trágico, já a Igreja, não a reconhece como santa, devido a sua conduta, e a falta de provas suficientes para começar um processo que poderia levá-la a ser considerada uma santidade.

A história dessa milagreira por muitos é considerada um mito, uma lenda que atravessa os anos e permanece viva, contudo para outros é algo sobrenatural que envolve fé e devoção.

Religião x Crença

O poder eclesiástico não procurou reconhecê-la, pois a conduta de

vida de Maria do Carmo não era condizente com os preceitos religiosos. Todavia durante nossa pesquisa encontramos sob seu jazigo uma Bíblia Sagrada símbolo pertencente a diversas religiões, isso demonstra a irrelevância do comportamento de Maria do Carmo para os seus devotos, o simples fato dela ser canonizada ou não pela Igreja Católica de nada impede a crença das pessoas que atribuem realizações de milagres por ela. O processo de canonização carece de um estudo aprofundado por pesquisadores vinculados a Igreja Católica sobre a vida e os milagres atribuídos a esta pessoa.

Para o antropólogo Clifor Geertz a religião é um sistema cultural imerso em símbolos que modelam a realidade e ao mesmo tempo modelam-se a ela, com base nisso argumenta:

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (Geertz, 1926, p.67).

Mesmo que Maria do Carmo não esteja vinculada a uma religião, podemos entendê-la como um símbolo da cultura popular, pois perpassa as verdades da lógica humana, esta sempre sendo alimentada e relembrada pelos devotos, com isso tornou-se legitima perante seus seguidores.

DESCRIÇÃO DO LOCAL NO QUAL SE ENCONTRA O TÚMULO DE MARIA DO CARMO FAGUNDES

Considerado um solo sagrado pelos devotos e populares da região, o jazigo de Maria do Carmo recebe muitas visitas, de pessoas de diversas idades e como conseqüência, tem se tornado um ponto turístico da cidade de São Borja.

Os peregrinos vêm de muitos lugares para fazerem suas preces, pedidos e agradecimentos, com isso percebe-se o quanto é importante para o município essa estória trágica, mas ao mesmo tempo uma história de

fé que vem tornando conhecida a cidade ao redor e derredor.

O endereço no qual se encontra os restos mortais de Maria do Carmo, é na Rua Arthur Oscar, não possuindo número, entretanto de fácil localização devido ao fato de encontrar-se aos fundos do Segundo Regimento de Cavalaria Mecanizada (2º R. C. Mec.) e ao lado do Residencial Maria Cristina.

A manutenção do local é realizada pela prefeitura do município, a qual periodicamente vai ao local fazer a limpeza geral, como cortar a grama, tirar o lixo que alguns deixam após as visitações, pintar, cuidar para que não seja depredado, enfim, propiciando todos os cuidados necessários para sua conservação.

A pintura do túmulo também é realizada por algum devoto, em forma de agradecimento, depois da graça alcançada, porém para isso deve-se pedir uma autorização junto à prefeitura, sendo que essa ao liberar, da amparo para que seja alterada a cor.

O jazigo encontra-se em uma área sossegada, é delimitado por uma cerca de tela, possui um ambiente agradável devido à mata de árvores nativas, que é conservada ao redor, possibilitando assim aos fiéis de Maria do Carmo, ter seus momentos de intimidades para fazerem suas preces, isentos de serem incomodados pelo barulho ou algo indesejado.

Logo ao entrar no local, nota-se um pequeno portal, junto ao portão, e segue uma calçada com plantas e árvores pelas laterais tornando-se um trajeto objetivo, o qual leva apenas ao túmulo.

Para chegar até o túmulo passa-se por uma catraca que faz a contagem de pessoas que cruzaram pelo local, mas observa-se que a contagem pode estar incorreta, tendo em vista que existe um vão ao lado que possibilita a passagem das pessoas, e assim não ficam incluídas ao registro de visitantes.

O portão possui um arco na parte superior onde consta o nome "Maria do Carmo", em ferro batido, um serviço rudimentar, porque se nota pela qualidade do material, as laterais da calçada e os postes da cerca são pintados de branco, e têm flores artificiais pelo chão e também penduradas na cerca.

Ao entrar na delimitação maior, na qual se encontra o jazigo, há

uma pedra grande à esquerda, que diz em uma placa fixada a ela: "AQUI FOI MORTA EM 27 DE AGOSTO DE 1890 MARIA DO CARMO FAGUNDES", Administrador, Arneldo Matter 1984.

O mausoléu é de cor azul, porta duas torres altas, cada uma com uma cruz no topo, onde se encontram diversos materiais que foram deixados como agradecimento, muitos bilhetes e também mensagens escritas no próprio túmulo.

As mensagens e os bilhetes são dos mais variados possíveis, como por exemplo, pedido para passar de ano escolar, cura de câncer, destacando que essa graça tem indícios de que foi alcançada, pois possui no local, uma placa de agradecimento a qual descreve a cura de um câncer no fígado de um jovem.

No local, também possui um suporte com capacidade de acendimento de trinta velas, que é deixado em forma de agradecimento, quadros de madeira, placas de metal, fumo, bebidas das mais variadas marcas, brincos, cigarros, batons, esmaltes, perfumes, muitos arranjos de flores em forma de coroa, bíblias, e até uma cueca vermelha, a qual a companheira deixou para agradecer o pedido alcançado que fizera pelo marido.

O público que visitou o túmulo de Maria do Carmo vem de muitos lugares, têm agradecimento e pedidos de pessoas de outras cidades como Porto Alegre, Cachoeirinha, Capão do Leão, e até de outros estados, São Paulo, Santa Catarina, Paraná. A fama de Maria do Carmo é reconhecida até por devotos de outros países, tendo como exemplos, a Argentina e o Uruguai, pois pessoas deixaram os agradecimentos em forma de placas.

No local foram entrevistadas algumas pessoas devotas, pois disseram ser contentes com os feitos de Maria do Carmo, e relataram como uma "Santa Milagreira", que têm atendido as causas de quem a procura.

No momento do estudo de campo, um homem que trabalhava em uma construção nas proximidades, mostrou-se incomodado com a presença de pessoas a visitar o local, e passou a evangelizar todos os que estavam ali, e discordou frisando que Maria do Carmo não era Santa Milagreira, porque se tratava de um fiel da Igreja Adventista do 7º dia,

mostrou-se despreparado e sem argumentação para lidar com situações que diferem da sua opção religiosa.

Procurou desfazer o mito com suas argumentações, falou que não fazia parte de sua cultura adorar outras pessoas ou coisas que não fosse o seu Deus, com suas palavras mostrou a diferença entre a sua cultura religiosa e as demais crenças existentes e com essa situação pode-se reportar a ideia do autor, Edward Burnett Tylor:

Cultura ou Civilização, tomada em seu mais amplo sentido etnográfico, é aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidade e hábitos adquiridos pelo homem na condição de membro da sociedade. A situação da cultura entre as várias sociedades da humanidade, na medida em que possa ser investigada segundo princípios gerais, é um tema adequado para o estudo de leis do pensamento e da ação humana (TYLOR, 2009, p.69).

O supracitado deixa claro que, a cultura religiosa do cidadão é expressa através de seus pensamentos e ações sendo referente ao seu credo religioso ao tentar convencer os demais quanto a sua doutrina, mas Tylor com isso esclarece que esse tipo de fato também é motivo de estudo, pois existe distinção entre uma cultura e outra na sociedade.

PARECER ECLESIÁSTICO MEDIANTE ENTREVISTA: PAROCO CHEFE DA IGREJA SÃO FRANCISCO DE BORJA, MATRIZ DE SÃO BORJA

Pergunta:

Qual a visão da Igreja Católica referente aos ditos milagres atribuídos a pessoas que morreram?

Resposta:

Em princípio todos nós somos chamados a ser santos. Precisamos dos valores que nos identifiquem com a mensagem cristã. Há pessoas que marcam sua vida com uma postura diferenciada pelo "amor", e o amor é que faz a diferença.

Existem pessoas que se identificam com o cristianismo e o assu-

mem, podemos dizer que essas pessoas vivem santamente, pelas suas posturas e atos reconhecidos pela comunidade onde atuam. Há outras pessoas que mesmo não tendo uma clareza sobre o cristianismo e sua proposta, expressam gestos de generosidade, de fraternidade, e amor ao próximo, tendo assim o reconhecimento público. Estando essas na presença de Deus cremos na sua intercessão na concessão de benefícios aos quais chamamos de milagre (PE. IRINEU MACHADO).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na procura de um entendimento, deste cenário multifacetado, encontramos duas esferas deste universo que se entrelaçam: uma institucional identificada pela igreja e outra popular que são as crenças individuais. Da polêmica inicial, entre a mulher de moral duvidosa que o tempo se encarregou de transformá-la em santa milagreira através dos relatos de graças alcançadas na intenção de justificar os milagres recebidos, os devotos buscam em Maria do Carmo, estabelecer um elo entre a fé e o considerado por eles sagrado.

Podemos nos perguntar então porque na busca do Sagrado as pessoas recorrem a uma santa profana, como Maria do Carmo? A resposta talvez fosse a construção simbólica criada em torno dela e que se mostra em constante movimento, de geração em geração, as manifestações dos devotos propicia uma recriação de práticas, ou seja, mediante o pagamento de promessas, oferta de flores, batons, velas, esmaltes etc. acabam por si só evidenciar uma possível graça alcançada e desta forma os devotos involuntariamente propagam o mito que se reproduz com as mesmas características em diversos lugares do Brasil e de outros países.

Encontramos no local os mais variados rituais onde os indivíduos manifestam os seus pedidos e agradecimentos com criatividade através de bilhetes deixados sob o túmulo, até escritos com batom sob o mesmo, as garrafas de bebidas deixadas no local, cigarros são formas de interação. Através desses rituais a comunicação com o sagrado se intensifica na busca de graças e milagres transcendendo o abstrato.

A realidade social em que vivemos é marcada até os dias de hoje

pelo etnocentrismo, algumas das vezes pela violência física a seguidores e também simbólica diante do "estranho", percebe-se isso no decorrer do trabalho quando fomos interpelados por um Sr. que sentiu-se incomodado com a presença de pessoas no entorno do túmulo, no entanto não obteve êxito em seus pronunciamentos. Colocar sua religião acima de qualquer outra é afirmar que sua cultura é a melhor dentro de uma sociedade.

Quando o ser humano foi criado, lhe concederam o direito mais importante que existe o livre arbítrio, ou seja, cada pessoa dentro de uma sociedade complexa tem suas particularidades e estas refletirão no momento de tomar cada decisão, seja política, social ou religiosa.

REFERÊNCIAS

Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer/textos selecionados, apresentação e revisão: Celso Castro; tradução: Maria Lúcia de Oliveira. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1978.

MORGENTAL, Lenise. Maria do Carmo - Da Luxúria ao milagre. – São Borja, RS: Ed. do Autor, 2011.

RILLO. Apparicio Silva. **São Borja em perguntas e respostas**, 3º edição junho 2012, reedição em comemoração aos 330 anos de São Borja – distribuição durante a SEMANA CULTURAL APPARICIO SILVA RILLO, de acordo com a Lei nº2.415/96. – 23 de junho, aniversário de morte do poeta. – Ed. Dualcom.

19 - Asilo São-Borjense: uma Análise Funcionalista

JOVINO, Danilo. TEZZA, Thiara¹

RESUMO:

O presente artigo tem como finalidade expor os acontecimentos onde se aplicou a pesquisa de campo: o asilo São Vicente de Paula, localizado na cidade de São Borja, Rio Grande do Sul. A análise antropológica consistiu em visitas diversas, bem como a promoção de festas para interação direta com os moradores e seus administradores.

Palavras chaves: Asilo, funcionalista, São Borja, idosos

INTRODUÇÃO

Estima-se que no mundo de 2050 haverão cerca de dois bilhões de idosos ao redor do globo. Uma população de 11% poderá chegar a 19%, no mesmo ano em que se considera seu alastre² e grande parte desta faixa etária estará concentrada no Brasil. É o que afirmam as estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – segundo o censo do ano de 2010. A conclusão foi tirada pelo levantamento de número de filhos por mulher, sendo que tal fator está abaixo da considerada 'taxa de reposição' da população brasileira. Desde 1970 (por diversos fatores que incluem desde a emancipação social da mulher até a taxa de fecundidade) o Brasil é um país jovem e, de acordo com a numeração

¹ Graduandos em Ciências Sociais – Ciência Política, pela Universidade Federal do Pampa, campus São Borja, RS e membros do grupo de pesquisa "Relações de Fronteira: história, política e cultura na tríplice fronteira Brasil, Argentina e Uruguai".

² Disponível em http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/n2vol1ano1_artigo3.pdf.

³ Dados em http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/idoso/politica_do_idoso_no_brasil.html.

cada vez mais baixa de filhos, tende a caminhar para o envelhecimento em massa. Este pressuposto deixa estar que a nação será o sexto país do mundo, até 2025, com o maior número de pessoas idosas.³ Para tanto, políticas de assistência são imprescindíveis ao convívio saudável em que disparam nossas metas sociais.

Em termos gramaticais, um idoso é, em suma, alguém de idade avançada. Porém juridicamente é possível estabelecer uma unidade a essa medida. Segundo o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741), já no seu artigo primeiro, o idoso é o indivíduo "com idade superior ou igual à 60 anos." Fatores para a seguridade de bem estar podem ser encontrados também ao longo do documento, sancionado pela unidade federativa em 2003: atendimento preferencial, referencial primeiro das formulações de políticas sociais, formas alternativas de participação (inclusa a interação com diversas outras faixas etárias), acesso específico à saúde bem como, em termos financeiros, a prioridade no recebimento da restituição do Imposto de Renda. Na vigência desta lei, no entanto, há um capítulo específico ao que reitera a moradia cedida a esta classe de pesso-as. Inciso terceiro, capítulo IX, da disposição à habitação, certifica-se:

§ 3º As instituições que abrigarem idosos são obrigadas a manter padrões de habitação compatíveis com as necessidades deles, bem como provê-los com alimentação regular e higiene indispensáveis às normas sanitárias e com estas condizentes, sob as penas da lei.

No dicionário, este refúgio refere-se à "lugar onde se está em segurança: achar asilo em casa de amigos; Refúgio, abrigo; Estabelecimento ou instituição de caridade que abriga crianças desvalidas ou velhos desamparados"⁴. Para tanto, uma abordagem histórica é necessária pra complementar o raciocínio sobre habitação disposta acima. A palavra 'asilo' deriva do grego *àsylos*, através do latim *asylo*⁵, que pela ordem de sua

⁴ Em http://www.significadodepalavras.com.br/Asilo

⁵ JOFFRE M. DE REZENDE, Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás. Institucionalização do Idoso. Linguagem Médica, 3a. ed., Goiânia, AB Editora e Distribuidora de Livros Ltda, 2004. Disponível em: http://usuarios.cultura.com.br/jmrezende/idoso.htm>.

função designa lugares de assistência social para acolhimento de abandonados e desamparados dos mais diversos tipos. Seu amplo significado, no entanto, foi tomando formas específicas de aplicação enquanto o termo asilo, propriamente dito, é automaticamente referido à instituições de permanência de idosos. Aos poucos, esta definição também tomaria proporções de identificação própria, derivando-se, por exemplo, para "ancionato".

Historicamente, o cristianismo tomou à frente das causas dos mais velhos. Existem menções de que o Papa Pelágio II, por volta de 520-590, tenha mudado sua residência para um hospital a esses de idade avançada.⁶ Mais à frente no tempo, o Brasil colonial defendeu a digna velhice de seus soldados por intermédio do Conde de Resende. Segue a data, então, de 1974 com o marco da chamada 'Casa dos Inválidos', como reconhecimento aos que prestaram serviços à sua nacionalidade presenteados com a descansada velhice.⁷ Como descendência deste modelo, a extensão em que se aplica um asilo será, de praxe, uma instituição total: aglomerado de pessoas que, em situação semelhante, estão subjugadas à violação de sua individualidade. No capítulo "Asilos, hospícios e manicômios" do livro "O século dos manicômios", o autor Isaías Pessoti traça um parâmetro ainda muito geral de internação (ou isolamento) que podemos, porém, acrescentar como uma das metas intrínsecas de um abrigo para idosos:

Já no século XII, como se mencionou, apareceu uma afirmação doutrinária de Bartolomeu de Salerno sobre a importância de colocar o paciente insano de mente em um espaço especial, imune às influências eventualmente nocivas do ambiente cotidiano, da vida normal. A intenção, evidente, é a de proteger o alienado, além de revigorá-lo. 8

Esteja salientado que, se tratando da idade avançada, naturalmente

⁶ ALCÂNTRA, Adriana de Oliveira. "Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos". Campinas: Alínea; 2004. Pág.149.

⁶ Idem.

⁸ PESSOTI, Isaias. "O século dos manicômios". 1ª ed. São Paulo, SP: Editora 34, 2001. Pág. 151.

o 'paciente insano' pode ser visto como alguém com limitações ao raciocínio ou desmotivações físicas que o corroborem como interno dessa instituição. Por intermédio desta função, apresenta-se o Funcionalismo como a intersecção plausível para entendimento da estrutura social fomentando sua prática.

A proposta Funcionalista consistia no funcionamento orgânico da sociedade, tal como seriam engrenagens: todas se complementam e necessitam, em suma, das demais para sobrevivência de sua efetividade. Em termos práticos, as instituições de formação do indivíduo (tal como a família, a escola, entre outras) ajudam para que o homem, no Renascentismo do século XVI e XVII, seja objeto de estudo. Pelo conceito natural de Emile Durkheim, a corrente ideológica advogava um paralelo entre as sociedades humanas e os organismos biológicos (pela evolução e pela conservação) uma vez que a harmonia dependeria da interdependência funcional das partes. As funções eram, portanto, obrigações nas relações sociais sustentando a estrutura e permitindo a coesão fundamental no que se insere dentro de um sistema de relações.

Nesse esqueleto, o asilo entra como parte estruturante de uma ordem de classificação. Ao passo que os idosos ali são internados o problema social da falta de assistência coletiva, para esta parcela, estará resolvido na medida em que as aglomerações estiverem seletas e devidamente assistidas. Logo, saímos da representação do bem estar de minoria à gradativa ascensão do controle da maioria. Este problema como mencionado no início do artigo deverá ser invertido, uma vez que, pelos traços estatísticos a noção de maior quantidade estará solidificada na classe de critério presente. "A decisão pelo asilamento configura um drama social" (TURNER, 1982), e neste aspecto, a formulação dos diários de campo para o presente trabalho pede um adendo de ordem psicológica. Lucas Graeff, no artigo "Instituições totais e a questão asilar: uma abordagem compreensiva" vem nos dizer sobre sua interpretação antropológica, também no intermédio da pesquisa de campo, num asilo. Considera que:

Independente dos motivos da decisão, os primeiros tempos de institucionalização são marcados por um processo de ajustamento,

durante o qual as ambiguidades e o estigma da nova condição são vividos junto a uma experiência de aprendizado de novos padrões culturais. Tomar parte na cultura asilar, de uma maneira geral, significa compreender e incorporar esse conjunto complexo e hierarquizado de maneiras de pensar e agir, que são dados no próprio ritmo das relações estabelecidas em cada espaço social habitado (...)No Asilo, o núcleo organizador desses códigos era a preocupação com o controle das faculdades fisiológicas e mentais: escapar da senilidade, mantendo uma condição digna, parecia ser um grande projeto compartilhado por todos, o qual corria riscos a cada queda, a cada adoecimento e a cada morte. Desde esse núcleo organizador, os códigos poderiam ser apropriados ou reinventados contextualmente, conforme as trajetórias sociais, os espaços habitados e os ritmos de envelhecer no Asilo. Pensando com Marshall Sahlins (2004), os códigos de distinção/identificação podem ser definidos como uma série de repertórios que os velhos praticavam em seu cotidiano - recombinações das categorias culturais disponíveis, que produziam inovações a cada uso e, simultaneamente, eram transmitidas enquanto estruturas de significação. 9

O ASILO: COMPREENSÃO DA PESQUISA DE CAMPO.

O Asilo São Vicente de Paula de São Borja foi fundado em 12 de dezembro de 1944, por Glasfira Corrêa Vargas. Alguns dos sócios fundadores do asilo foi Getúlio Dornelles Vargas (1930-1945), presidente da República na época, juntamente com seus irmãos Dr. Protásio Dornelles Vargas, Dr. Spartaco Dornelles Vargas, Dr. Benjamin Dornelles Vargas, Dr. Viriato Dornelles Vargas¹⁰. Dentre a menção a outros apoios, o nome do asilo é em homenagem ao santo São Vicente de Paulo (1581-1660) é o padroeiro das Obras de Caridade.

Os eventos ocorridos durante o tempo que pudemos analisar trouxeram perspectivas de importância para os idosos de todo tipo de evento e recreação, pois isto influencia diretamente em seu humor e saúde: o idoso, por estar na instituição asilo, sente necessidade de atenção do visitante. E investir na comunicação da sociedade com os asilados é uma

⁹ Disponível em http://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4810

¹⁰ ASILO de São Borja. Disponível em: <u>www.asilodesaoborja.com.br/frame.htm</u>. Acesso em: 05 jul.2012.

forma extremamente eficiente de curar esta falta de cautela cotidiana que eles carregam.

Os idosos quando se ausentam da instituição se sentem bem: "o turismo para esta faixa etária, acaba sendo algo extremamente agradável, não apenas pela oportunidade de conhecer novos lugares, mas também por poderem vivenciar novas experiências"¹¹. Ou simplesmente ao se relacionar verbalmente com um estranho (ou funcionário), pode trazer certo contentamento gerando confiança em si, assim acarretando por melhorar seu humor. Fazer recreações onde a possam se reintegrar ao parâmetro social geral é fundamental para o bem estar de vivencia na área de convívio cotidiano. Assim observado, buscamos compreender as relações dos idosos ao estarem inseridos nos principais passeios e recreações ocasionadas nos meses de Abril a Agosto na instituição Asilo São Vicente de Paula que, respectivamente, foram a Páscoa, Dia das Mães, II Memória em Foco e Festa Junina.

DIA OITO DE ABRIL DE 2012 (DIA DA PÁSCOA).

Comemorou-se uma festa tipicamente Cristã, onde é marcada a ressureição do maior representante desta religião, Jesus Cristo. O dia é lembrado pela figura do coelho da Páscoa, cujo animal supostamente levaria ovos de chocolate a todos os que creem na importância da data.

Este dia pudemos ter um contato muito intenso e presente com os idosos. Como 'coelhos voluntários', foram entregues ovos de páscoa a todos os asilados, notadamente assinalada a alegria em receber este singelo presente. Como data importante à cultura do local (pois uma parcela de idosos são cristãos, e lembravam perfeitamente o significado do dia), a relação foi estreitada pela similaridade entre 'estranhos' e internos desfrutando de uma data especial em comum.

Interessante salientarmos, ao decorrer da entrega, o quão competente é a equipe que cuida da alimentação: em todos os momentos da distribuição a equipe avisava-nos sobre quem não poderia entrar em

¹¹ Corazza, Maria Alice. Terceira Idade & Atividade Física. 3ª ed. São Paulo : Phorte, 2009. P. 60.

contato com as propriedades alimentícias que distribuíamos (por doença que se agrava com o alto teor de açúcar na corrente sanguínea). Além do ovo de pascoa, teve o típico café da tarde, regado a chás, leite e neste dia especial outras comidas típicas. Ao serem servidos, conversamos com as senhoras e senhores dali quando, predominantemente, a análise do gostam de conversar pairou sobre assuntos pequenos: como nós estávamos, o que fazíamos fazendo lá, como achavam diferente o sotaque de alguns e, na maioria das vezes, diziam o quão satisfeitos estavam com o evento. Neste ponto, os funcionários formavam um grupo de voluntários que animavam os asilados, algumas mulheres ajudavam as cozinheiras enquanto alguns dos homens acudiam aos senhores em seus respectivos lugares¹². Deste modo, se estabeleceu o cenário dos ajudantes também prestigiando o dia no asilo.

SEGUNDO DOMINGO DE MAIO (DIA DAS MÃES)

Data tipicamente dicotômica¹³. Os homens, em maioria, estavam indiferentes ao acontecimento. Porém, em conversa com um interno, foi dito que não se lembrava mais da aparência de sua mãe: somente sabia se tratar de 'uma bela mulher'. As mães do asilo que tinham filhos, agraciadas pela comemoração apresentavam certa reserva pelo abandono a que se submetiam.

A mesma dicotomia presente no coletivo social, entretanto, deu uma cor solidária ao evento: com grande participação popular, as pessoas deixaram suas famílias para visitar as mães idosas (conscientes deste desejo) ao mesmo passo em que, a sociedade que não mais tinha seu

¹² Cada idoso tem seu lugar exato no salão de festas. As mesas e cadeiras são demarcadas com os respectivos nomes de cada ancião, assim tornando mais fácil a comunicação do visitante, bem como a inter

¹³ "Dicotomia é a divisão de um elemento em duas partes, em geral contrárias, como a noite e o dia, o bem e o mal, o preto e o branco, o céu e o inferno e etc. A dicotomia corpo/alma pela religião não faz a divisão, porque diz que os dois fazem parte do corpo humano. Os filósofos gregos acreditavam que o corpo estava a serviço da alma que era submissa aos interesses divinos." Fonte: http://www.significados.com.br/dicotomia/ Acessado em 25/11/2012.

representante materno encontrava ali uma oportunidade de se engajar. Este dia foi marcado por fortes emoções de todos: naturalmente a tristeza dava espaço às presenças dos visitantes. Alguns outros universitários da Universidade do Pampa (UNIPAMPA), compareceram em solidariedade às mães. Outra curiosidade apresentou-se na por grande parte um fato curioso é que dos universitários que foram a instituição, 60% eram de outros estados do Brasil como São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará, entre outros. Mostrando a solidariedade e prestigio dos alunos oriundos de outras localidades com a instituição da cidade.

Continuando o ciclo de eventos, chegamos ao evento II Memória em Foco desenvolvido pelo Instituto Federal Farroupilha – IFFarroupilha – nos dias 18, 19 e 20 de Junho de 2012. Este evento teve o intuito de mostrar a cultura dos países árabes que esta presente na cidade de São Borja-RS por causa de imigrantes que vieram se instalar na cidade no começo do século XX. No dia 20 nós prestigiamos o evento junto com alguns idosos que estavam dispostos a ir, pois era uma manhã fria de inverno, apenas alguns idosos foram. Ao chegar no evento foi notório a alegria e entusiasmo que os alunos do IFFarroupilha tiveram ao receber os idosos, e cumprimentavam-nos, oferecia algo e levavam para ver as exposições de fotos do recinto. A alegria e bem estar que os idosos passavam ao ver aqueles alunos era contagiante, eles automaticamente abriam um sorriso e começavam a conversar com os adolescentes.

E mais uma vez a comunidade tornou-se presente nos eventos realizado pela instituição, desde a empresa de transporte até a comunidade do instituto, e sempre disponível aos idosos sem medir esforços aos mesmos.

FESTA JUNINA

Evento é realizado nacionalmente durante os meses de junho e julho e tem os maiores símbolos os três santos católicos, São João, São Pedro e o mais popular Santo Antônio, conhecido como "santo casamenteiro". Esta festa é lembrada por pessoas trajarem roupas 'caipiras', a famosa fogueira e as comidas típicas, que são oriundos dos grãos

que são colhidos na mesma época como amendoim, gengibre e milho, e deles se fazem a paçoca, quentão, pipoca, canjica, bolo, entre outros.

A Festa Junina do Asilo ocorreu na tarde do dia 29 de Junho de 2012, organizado por uma aluna do IFFarroupilha, juntamente com os funcionários do asilo. Foi uma festa típica com quentão, pipoca, fogueira, bandeirinhas, balão, etc. Os asilados esperavam esta festa, pois, eles viam no decorrer da semana anterior a festa a movimentação dos organizadores ao colocarem as bandeirinhas, os balões e a confecção dos espantalhos, assim criando uma expectativa de como seria a festa, e os mesmos perguntavam quando ocorreria a festa.

O dia 29 foi regado de muita alegria, pois foi convidada a comunidade que ajuda o asilo com alimentos, favores e assistência, também prestigiaram o evento fotógrafos de sites locais, inclusive alunos da Universidade Federal do Pampa. Assim a instituição estava repleta de pessoas, e os idosos adoram a presença dos mesmos, pois sentem alegria em compartilhar a sua história com os visitantes. A sonoridade estava por conta de dois gaiteiros, que tocavam e cantavam, assim alegravam a tarde com as belas canções gaúchas que os idosos a cada termino saudavam com palmas e queriam sempre mais. E tinham os casais que estavam sempre a dançar as músicas.

Ao cair da noite para surpresa dos realizados idosos houve a esperada fogueira e queima de fogos. A emoção estava contida em seus rostos ao ver a fogueira queimar, era nítido de ver a alegria deles, e pediam mais músicas ao gaiteiro enquanto não apagava a fogueira. Ao fim da queima, os idosos aplaudiram e voltaram para dentro da instituição.

CONCLUSÃO

Assim podemos constatar através da análise funcionalista, que o asilo funciona como um enorme organismo onde se torna necessária a integração entre os setores com os asilados. Os eventos analisados trouxeram perspectivas de importância para os idosos de todo tipo, como eventos e recreações, pois isto influencia diretamente em seu humor e saúde. O idoso, por estar na instituição asilo, sente necessidade de atenção do visitante. E investir na comunicação da sociedade com os asila-

dos é uma forma extremamente eficiente de sanar este 'vazio' que está dentro deles.

BIBLIOGRAFIA

PESSOTI, Isaias. "O século dos manicômios". 1ª ed. São Paulo, SP: Editora 34, 1996. Disponível online em

http://books.google.com.br/book s?id = 8 u P s Y K P V fi 4 C & p g = P A 1 5 1 & l p g = P A 1 5 1 & d q = a s i l o s + r e n a s c e n t i s m o & s o u r c e = b l & o t s = 0 o 9 T N 4 9 V Q K & s i g = W K V r v g x d H p 9 U n F J l e 3 G J s G N l A g M & h l = p t - B R & s a = X & e i = 8 j q - U I G 3 B Y K 6 9 Q S 1 z o C A A Q & v e d = 0 C D w Q 6 A E w A g # v = o n e p a g e & q = a s i l o s % 2 0 r e n a s c e n t i s m o & f = f al s e

ALCÂNTRA, Adriana de Oliveira. "Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos". Campinas: Alínea; 2004.

CORAZZA, Maria Alice. "Terceira Idade & Atividade Física". 3ª ed. São Paulo, SP: Phorte, 2009.

ARAÚJO, Claudia Lysia de Oliveira. SOUZA, Luciana Aparecida. FARO, Ana Cristina Mancussi e. **Trajetória das instituições de longa permanência para idosos no Brasil**. P. 250-262. Disponível online em

http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/n2vol1ano1_artigo3.pdf

GRAEFF, Lucas. **Instituições totais e a questão asilar: uma abordagem compreensiva**. Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento, v.11, 2007. Disponível online em http://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4810

Acessos:

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. www.ibge.gov.br

Estatuto Do Idoso – Lei ° 10.741, de 1° de outubro de 2003. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm

20 - Música: uma Construção Social

Franciele Machado Wagner Martins Moreira¹

RESUMO

Este artigo tem por objeto de pesquisa o universo musical, dando enfoque para o gênero rock n'roll, bem como sua influência social na política, cultura e economia, articulando com as condições históricas de seu surgimento e a notada expressividade de suas composições. Busca-se, desta maneira, compreender como acontece a configuração constitutiva das relações sociais dentro desse sistema, baseado no ambiente de pesquisa da rotina de ensaios de uma banda e os encontros realizados todas as quartas-feiras, intitulado QuartaStock. Destaca-se ainda, a questão de identidade das tribos urbanas, seus símbolos e seus significados, reapresentados pela sua forma de vestir, de comunicar-se, de comportar-se publicamente e de pensar, tentando desconstruir a ideia de desordem e marginalização, a qual é muitas vezes atribuída aos adeptos do rock. Assim, conclui-se que, o som está estreitamente ligado a várias atividades sociais e de expressão cultural.

Palavras-chave: Musica, Rock n' roll, Expressão social.

ABSTRACT

This article focuses on the of the musical world research, focusing on the genre to rock n 'roll, as well as their social influence in politics, economy and culture, articulating with the historical conditions of its appearance and the apparent expressivity of his compositions, seeking this way to understand configuration as it is the constitutive of social relations within this system, relying on research environments used, composed respectively by routine testing of a band and all the meetings held on Wednesdays, entitled QuartaStock. Note also the question of identity of the urban tribes, their symbols and their meanings, restated by its way of dressing, communicate, behave in public and think, trying to deconstruct the idea of disorder and marginalization, which is often attributed to rock fans. Thus, it is concluded that the sound is closely linked to various social activities and cultural expression.

Key-words: Music, Rock n' roll. Social expression.

¹Acadêmicos do Curso de Serviço Social, UNIPAMPA/São Borja, 5º semestre/2013.

INTRODUÇÃO

A música começou como uma forma de louvar a Deus. Os principias instrumentos usados eram os de percussão e os gritos e sons da natureza. Durante muito tempo a msica foi transmitida de forma oral. Já as notas musicais têm sua origem na Itália e foram inventadas pelo monge Guido D'Arezzo que era regente do coro da catedral de Arezzo, que as retirou de um poema.

A igreja Católica foi quem criou as figuras para representar as notas musicais, para que assim às musicas fossem tocadas e cantadas no rítmo correto. Como bem destaca Pinto (2001), na concepção ocidental, o som sempre teve algo de misterioso, onipresente e, ao mesmo tempo, evanescente. O som não se rende facilmente a um raciocínio acostumado com coisas, locais e configurações estáveis.

É nesse sentido que a pesquisa etnográfica realizada com base no universo musical, focaliza o gênero rock n'roll e busca construir um conhecido que possa entendê-la como uma configuração social constitutiva das relações sociais. Sendo um elemento intercessor que cria e perpassa o contexto histórico, agrega-se a realidade, interfere diretamente na esfera política, social, econômica e cultural, assim como é afetado por ela.

Segundo Pinto (2001), a inserção da música nas várias atividades sociais e os significados múltiplos que decorrem desta interação constitui importante plano de análise na antropologia da música. Neste sentido trabalha-se a história do rock, tendo em vista, a permeação existente em diversos momentos da vida dos sujeitos, bem como de organizar calendários festivos, de inserir-se nas manifestações sociais, representando, simultaneamente, um produto de altíssimo valor comercial, quando difundida pelas mídias, consequentemente globalizando o mundo no nível sonoro.

Pretende-se com este artigo englobar o ambiente musical em toda sua complexidade e riquezas de possibilidades de investigação, discutindo a música como um fenômeno cultural em transformação constante. Contextualizando desde o surgimento, o rock tem sua origem após a Segunda Guerra Mundial, em 1950 com chamada "geração"

silenciosa". Aí deu-se início a um ritmo até então desconhecido que derivava da sonoridade de um povo marginalizado.

À medida que o negro se inseria na cultura local, de acordo com MUGGIAT, (1973, p. 8), o primeiro grito negro cortou os céus americanos como uma espécie de sonar. Talvez essa fosse a única maneira de trazer conhecimento do ambiente novo e hostil que o cercava. À medida que o escravo se inseria na cultura local – representada, no palco musical, pela tradição europeia – o grito ia se alterando e assumia novas formas.

PESQUISA DE CAMPO

Tem-se como universo de pesquisa a rotina de uma banda, compreendendo os ensaios, encontros e a relação entre os seus integrantes, procurando perceber a expressividade de um caráter crítico tanto nas composições e como nas músicas elaboradas por outros grupos que eles reproduzem, manifestando sua identidade, refletindo assim a sua inquietação com o que ocorre na esfera social na qual estão inseridos.

O local onde são realizados os ensaios era bem longe do centro da cidade, próximo das farmácias REX, no bairro do Passo, ao lado da mesma numa casa laranja. Chegando lá observamos que era não era um espaço muito grande, com duas janelas, uma que da visão para fora da casa e outra que dava visão para dentro da casa. Após uma breve conversa com os integrantes da banda, eles nos descreveram todos os equipamento que haviam lá dentro: uma mesa de som, dois microfones, cinco caixas de som, seis pedais para as guitarras, duas guitarras, um contrabaixo, uma bateria e vários cabos para os mesmos.

Dando continuidade, perguntamos sobre os instrumentos musicais utilizados por eles. Começaram nos falando sobre a bateria que serve para ritmo e cadência da música. Depois comentaram sobre o contrabaixo que tem um som mais grave e serve, principalmente, para marcar o tempo da música e quase não se sobressai sobre os outros instrumentos. Essa descrição gerou alguns risos e também algumas piadas

com o baixista da banda. Após falaram sobre as guitarras que servem para determinar o gênero da msica que se quer tocar e dar o timbre final.

Lembramos, a propósito, que a organológica considera como instrumento musical qualquer corpo ou objeto feito pelo ser humano para produzir um som, ou sons. Os instrumentos foram inventados para realizar sonoridades diferentes, de extrema duração de volume alto, ou então com capacidade para produzir em sequencias rápidas e virtuosas, expandindo assim o universo sonoro do corpo humano. A questão básica para classificação é como esses corpos produzem o seu som, ou seja, se o som é produzido por uma corda que entra em vibração, por uma pele de tambor que é percutida numa coluna de ar que vibra ao soprarmos uma flauta, etc.

Depois desses esclarecimentos, eles se propuseram a tocar algumas canções e como eram músicas recentemente elaboradas aconteceram alguns erros e por consequência algumas cenas engraçadas onde pudemos perceber que além de todos serem amigos eles também se tratam como uma família onde há respeito e compreensão.

DA PARTICIPAÇÃO MUSICAL

Para ambientar a participação musical utilizamos o QuartaStock que é um evento da UNIPAMPA e que ocorre todas as quartas-feiras no Bull, um local com paredes verdes com e algumas colunas de ferro à vista. Lá há um bar há, uma escada que dá acesso para o segundo andar onde estão algumas cadeiras. O palco onde as bandas se apresentam não é muito grande existem várias caixas de cerveja, sendo que algumas delas serviam de apoio para as caixas de som. Também estavam situados no local os retornos e todos os instrumentos da banda como guitarras, contrabaixo e a bateria.

Nessa ambiente simples percebemos como as pessoas que frequentam o local se vestem. A maioria delas usavam roupas de escuras, calças jeans, camisetas de bandas e tênis All Stars ou coturnos.

Desta forma destaca CASTRO (1998):

(...) os sentimentos de identidade e de pertencimento social se apoiam cada vez mais na materialidade dos objetos externos, e o sujeito fica cada vez mais remetido ao objetivo da cultura da materialidade. Assim, há a tendência, a se colar a identificação da imagem corpórea, ao assegura mento narcísico do ego, que busca através de uma completude ilusória seus objetivos de fetiches através do reconhecimento das tribos (...)

Através do que foi trazido pelo autor nota-se que há uma necessidade do indivíduo de pertencer a uma esfera social. Dessa maneira eles buscam por meio de objetos externos demonstrarem a visão política, cultural e econômica da tribo a qual pertence. Podemos observar a forma como eles se comportam dentro do seu grupo e com os outros grupos existentes. Notamos que entre eles também há uma relação de respeito onde um respeita o subgênero musical dentro do rock de cada um sem haver preconceito de ambas as partes.

DESCONSTRUINDO CONCEITOS

Também é foco da pesquisa mostrar que o respeito é algo presente entre os adeptos do rock n' roll. Suas vestimentas, suas danças e seu universo representativo de cores e signos não pretendem incentivar a violência e marginalização, mas sim servem como uma manifestação de identidade frente às configurações da sociedade moderna.

Percebe-se, inclusive, através das letras que compõem as canções que o objetivo é mostrar-se, enquanto organismo com representatividade social, frente as várias questões presentes na realidade, tentando conquistar um espaço que vai além do cultural, mas demonstrando um sigificado enquanto atuação como cidadão dentro de uma sociedade que muitas vezes negligencia esse direito.

Palavras que podem ser comprovadas através da música Até Quando Esperar, Plebe Rude, álbum: O Concreto Já Rachou (1985):

"Não é nossa culpa Nascemos já com uma bênção

Mas isso não é desculpa Pela má distribuição Com tanta riqueza por aí, onde é que está Cadê sua fração Com tanta riqueza por aí, onde é que está Cadê sua fração Até quando esperar E cadê a esmola que nós damos Sem perceber que aquele abençoado Poderia ter sido você Com tanta riqueza por aí, onde é que está (...) Até quando esperar a plebe ajoelhar Esperando a ajuda de Deus (...) Posso Vigiar teu carro Te pedir trocados Engraxar seus sapatos (...) Sei Não é nossa culpa Nascemos já com uma bênção Mas isso não é desculpa Pela má distribuição (...)"

Letra completa disponível em http://letras.terra.com.br/plebe-rude/48161/

Palavras estas que explicitam uma realidade ignorada pelas pessoas "abençoadas", as quais, ao estarem beneficiadas, esquecem-se da outra parcela da sociedade que não obteve a sua "fração", causada pela má distribuição monetária no Brasil. O que é causador do abismo social em que vivemos, hoje em dia, onde de um lado encontram-se os abastados, ignorando completamente a existência das outras classes sociais menos privilegiadas.

A partir deste exemplo, concluímos que o rock n'roll, como estilo musical, e identidade social, busca, não a marginalidade, o crime, ou o desvio comportamental, mas a conscientização para a realidade em que vivemos, e instigar uma mudança na visão crítica das pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do exposto conclui-se que a convivência com os grupos de indivíduos que compõe o universo de pesquisa, foi de suma importância para desmistificar a idéia errônea de que as tribos e o rock n'roll é algo violento e marginal. Afinal uma pesquisa etnográfica faz-se por meio de uma observação participante, na busca por um conhecimento do universo simbólico do outro.

Quando se fala em música, é preciso considerar o contexto amplo no qual ela esta inserida, sem deixar de lado sua estreita conexão com outras formas de expressões culturais, destacando-se no plano da análise realizada a inserção do som nas várias atividades sociais e os significados múltiplos que derivam desta interação.

Desta maneira, após o término das observações e do registro da própria pesquisa, lembra-se que a música não foi entendida apenas por seus elementos estéticos, mas, em primeiro lugar, como uma importante forma de comunicação, fato que a caracteriza, tendo seus próprios códigos, e representando identidades. É universal quanto a sua existência e importância em qualquer que seja a sociedade.

Ao mesmo tempo, compreende-se a dificuldade encontrada por alguns grupos com preferências musicais distintas do gênero rock, em conviver com os sujeitos que trazem em seus modos, hábitos e costumes a representação deste estilo, isto porque construir uma relação de respeito e torna-se difícil sem o conhecimento de seu contexto ou de seu meio cultural.

Nesse sentido, trabalhou-se para desconstruir a imagem marginalizada que o roqueiro possui, demonstrando o respeito praticado entre os sujeitos adeptos das mais diversas variações de gênero dentro do estilo musical rock, postura essa que se estendem aos demais ritmos musicais.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CARDOZA, Isabela Fonseca. A Sociedade Pós-Moderna e o Fenômeno das Tribos Urbanas. Disponível em http://www.nead.unama.br. Acesso em: 11 dez. 2011.

CASTRO, L. R. att all. Estetização do corpo: identificação e pertencimento na contemporaneidade. In: CASTRO, L. R. (Org). Infância na Cultura do Consumo. Rio de Janeiro, Nau, 1998.

MUGGIATI, Roberto. Rock, o grito e o mito: a música pop como forma de comunicação e contracultura. Petrópolis: Vozes, 1973.

PINTO, Tiago de Oliveira. **Som e Música. Questões de uma antropologia sonora.** In: Revista de Antropologia, São Paulo, USP, vol. 44, n.1, 2001

21 - Adolescentes que cumprem medidas sócio educativas do município de São Borja

Clenair Poll¹ Sandrine Garcia

RESUMO

Esta pesquisa de campo, nasceu da vontade em conhecer a realidade vivenciada pelos adolescentes que cumprem medidas sócio educativas, e a observação dos espaços como: o CRAS, CREAS e FASE que propiciam um atendimento as famílias em situação de vulnerabilidade social, onde são prestados os serviços de proteção e recuperação desses adolescentes do município de São Borja. Tendo como prioridade apresentar o perfil dos adolescentes e os ambientes de proteção onde eles cumprem as medidas sócio educativas. , evidênciando as leis que amparam estes jovens e a questão social frente a necessidade de proteção aos adolescentes infratores e suas famílias

Palavras-chaves: medida sócio educativa : ECA: CREAS

RESUMEN

Esta investigación de campo, nacida del deseo de conocer la realidad que viven los adolescentes que se encuentran, y espacios de observación socioeducativas como los CRAS, CREAS y FASE que favorecen la atención a las familias en situación de vulnerabilidad social, donde se prestan los servicios protección y recuperación de estos adolescentes en São Borja. Dar prioridad al presentar el perfil de los adolescentes y los entornos de protección donde se encuentran la educación socio. Mostrando las leyes que apoyan a estos jóvenes y los problemas sociales que enfrenta la necesidad de protección de los menores delincuentes y sus familias.

INTRODUÇÃO

Em detrimento da aprendizagem da antropologia e a sua relação social, a partir do contexto dinâmico em diálogo constante com as es-

¹ Academicas do IV semestre do curso de Serviço Social - Unipampa

truturas sociais e a relação com os processos gerados na sociedade, que propicia e condiciona tanto o desenvolvimento de subjetividades, como a emergência de processos sociais. Observa-se que são vários os universos sociais para levar o entendedimento aos adolescentes em situação de irregularidade com a lei, altamente presente nos dias atuais.

A partir de leituras e a observação no trabalho de campo, busca-se descobrir: Qual o caminho percorrido pelo adolescente em situação de conflito com a lei, quais as relações familiares, e como são cumpridas as medidas sócio educativas no município.

Analisaremos o tema o perfil dos adolescentes infratores que cumprem medidas sócio educativas no município de São Borja, discorrendo a cerca da necessidade do cumprimento das referentes medidas e trazer a tona a discussão polêmica sobre a eficácia das medidas vigentes na recuperação do adolescente e os índices de reincidência. Trazendo como principal objetivo apresentar e traçar o perfil desses jovens, e a importância dos profissionais, que trabalham com a função de garantir os direitos, e a suma importância das instituições onde são prestados os atendimentos aos adolescentes infratores e sua famílias, que estão sob o amparo legal, visando a prioridade absoluta e a necessidade de proteção as famílias e indivíduos que estão em vulnerabilidade social.

No trabalho de campo entramos em contato com as autoridades responsáveis no município pelo referente trabalho de proteção social aos adolescentes e a visão que tivemos nos motivou a continuar com a referida pesquisa.

1 - O ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI

Na constituinte federal de 1988, em seu artigo 5°, parágrafos I,II e III, está expresso que:

"Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer forma de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito á vida, a igualdade, á segurança, e á propriedade, nos seguintes termos:

homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos ter-

mos desta Constituição:

- I homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;
- II ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei;
- III ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante"

E só por isso e não por outra que o adolescente que estiver fazendo algo que for contra a lei, tem lhe sido assegurado direito de cumprir sua pena, que é diferenciada, de um adulto, visto que embasado no Estatuto da Criança e do adolescente, criado no ano de 1990, com o fim de dar proteção a toda criança e adolescente em situação de risco. Por estes estarem muitas vezes, fora ou em descumprimento da lei, é que foram criados, lei e lugares específicos para priorizar o atendimento a esses jovens e as crianças em situações conflituosas e em contrapartida ao mesmo tempo as proteger de qualquer tipo de violência ou má conduta que por ventura possa ocorrer devido essa forte ação desempenhada por elas. De acordo com o pensamento de Sales, pode-se dizer:

O Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA, regulamentou conquistas presentes na Constituição [...] A primeira delas está na mudança da concepção de infância e adolescência, anteriormente compreendidas como fases da vida destituídas de direitos e que, portanto, precisavam simplesmente de tutela. "Pela nova concepção, instituída pelo ECA, crianças e adolescentes passam a ser vistos como sujeitos em situação peculiar de desenvolvimento e pessoas portadoras de direitos." (Sales, Matos, Leal (2006) p. 148)

De acordo com o exposto na citação acima, pode-se constatar a importância da efetivação do ECA, na vida das crianças e adolescentes, pois estes, principalmente os adolescentes, passam por diversificadas mudanças além das físicas, na transformação da personalidade. É quando começam os primeiros contatos com as responsabilidades de busca própria pela sobrevivência, ou seja, quando chega a hora de ingressar de maneira autônoma no sistema capitalista, ao qual vivemos. É evidente chegarmos à conclusão de que a maioria dos adolescentes que cometem

atos infracionais e de alguma forma por serem atingidos pela exclusão de sistema capitalista com alto grau seletivo explorador da força do trabalhador. No entanto mesmo a violência, vive e exprimida pelo adolescente infrator ser uma forma de expresso que aniquila cada vez mais os excluídos, a sua família e o seu futuro. Essa expressão de conflito e revolta vivenciada a cada dia nas família acabam por oprimir uma maior forma de exclusão a estes jovens e suas famílias, pois os atos cometidos devem ser corrigidos, incluindo advertência e obrigação do jovem reparar o dano, tudo previsto pelo ECA.

Os adolescentes gostam de ser vistos – numa atitude cultural bastante em sintonia com a geração da indústria cultural, isto é, a geração midiática; - Os adolescentes querem ser vistos associados à beleza, à irreverência e ao reconhecimento e prestígio social que são ícones do mundo da cultura (música, teatro, cinema, etc.) e do esporte que desfrutam. -Na impossibilidade de gratificação imediata, em termos de consumo, prazer, lazer, reconhecimento social (estimulados pela cultura de massas), devido às dificuldades de acesso e oportunidades sociais (escola, trabalho, remuneração digna, etc.), muitos jovens aderem aos apelos da criminalidade em seus diversos matizes: furtos,assaltos, tráfico, etc. Salles 2007.p.30

2 - RELAÇÕES COM A FAMÍLIA

Devemos desconstruir conceitos relativos ao comportamento de adolescentes infratores e seus familiares. Buscamos pesquisar e trazer as interpretações das vivencias diárias em relação ao comportamento desses adolescentes que cumprem medidas sócio educativas e a relação que esses jovens tem com seus familiares, na região de fronteira, especificamente na cidade de São Borja. Sabe-se que em tempos atuais queremos, discriminar, tratar tudo como igual, entender os conceitos formados como verdades absolutas, e é de relevada importância uma pesquisa acerca das questões que envolvem a relação desses jovens e suas famílias.

Apesar das leis de proteção que cercam o referido individuo, fizemos várias tentativas de acompanhar alguns adolescentes e ou seus fa-

miliares, em seus respectivos ambientes de convivência, seus lares, ou o ambiente onde cumprem suas medidas sócio educativas, as tentativas foram frutíferas na medida em que nos trouxeram informações, a cerca do perfil sócio educativo desses adolescentes. Informações obtidas pelos profissionais que trabalham e atendem os adolescentes que prestam medidas sócio educativas do município. A primeira observação do trabalho de campo nos levou a enxergar pequenos obstáculos para pesquisar, as leis de proteção ao adolescente, principalmente o ECA (Estatuto da Criança e do adolescente), foi um dos aliados para ir ao campo de pesquisa e conhecer o perfil dos adolescentes infratores, portanto a pesquisa que temos em mão são impressões prestadas por profissionais que atendem os mesmos.

As tentativas iniciais nos surpreenderam a cerca de cuidados que se tem em relação à proteção da criança e o adolescente, essas primeiras incursões nesse mundo nos revelaram alguns conceitos tendenciosos que tínhamos em relação a proteção das pessoas envolvidas nesse contexto. Fomos em geral bem recebidos e nos surpreendeu o atendimento a nós dispensados pelas pessoas responsáveis pelas instituições e o interesse em ajudar e colaborar na referida pesquisa de extensão universitária, porém necessitamos documentação da Instituição, para realizar a pesquisa de campo, em uma instituição ou uma família. Como a abordagem foi apenas a nivel acadêmica, sem ter uma documentação completa, para uma pesquisa de abordagem do comitê de ética, o nosso perfil, foi mais a nivel de impressão técnica de trabalhadores do setor.

Segundo Clifford Geertz, "...o comportamento é uma ação simbólica, e sua interpretação analítica é o significado, a cultura é dinâmica..." Que devemos indagar a importância do evento que está sendo transmitindo com a sua coerência. A escrita fixa o que foi dito, portanto estamos utilizando o caderno e o lápis para fazer as anotações pertinentes a visitas e nos caberá aprofundar a busca pelas particularidades e pelas condições de entendimento das culturas das famílias visitadas. Nossa certeza de fazer um trabalho minucioso não depende apenas de nós e do que foi proposto, e sim das pessoas que serão pesquisadas. Segundo ele, olhar as dimensões simbólicas da ação social é mergulhar no meio delas, portan-

to essas incursões nos trarão maior conhecimento acerca das sociedades que atenderemos em nosso futuro profissional.

3 - AS MEDIDAS SÓCIO EDUCATIVAS E O ECA

A partir da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069, de 13 de julho de 1990), e de sua função para garantir o direito e proteção às crianças e adolescentes, o adolescente que estiver fazendo algo contrário à lei, no caso de se tornar infrator, tem lhe sido assegurado direito de cumprir sua pena diferenciado de um adulto infrator, visto que embasado no ECA, com o fim de dar proteção a todas crianças e adolescentes em situação de risco, inclusive estes que estejam em descumprimento da lei, é que foram criadas instituições específicas com espaço de proteção, de convivência comunitária, que priorizam o atendimento a esses adolescente, e as crianças em situações conflituosas com a lei; ao mesmo tempo de protegê-las de qualquer tipo de violência ou que por ventura venham sofrer.

No texto busca-se analisar basicamente as infraestruturas e as medidas propostas como solução para minimizar a situação conflitante e a consequente qualidade de vida quanto a adaptação do adolescente na sociedade, se tais medidas estão alcançando seus objetivos na relação jovem-família e sociedade. Para isso buscou-se na pesquisa, diretamente, in loco e nas fontes bibliográficas, basicamente, a realidade vigente dentro dessas instituições; com a justiça e nas famílias e principalmente diante desses jovens em vulnerabilidade social do município de São Borja-RS.

Visitando a instituição CREAS para onde são encaminhados os jovens em cumprimento de medidas, pudemos verificar que o desenvolvimento das mesmas, é todos expressamente de acordo com o ECA, e direcionados pelos seguintes profissionais: Assistente social e Psicóloga, onde cada uma com sua função interagem com cada adolescente e sua família. Como está exposto na constituição não é de forma forçada que são cumpridas a medidas, são realizadas conversas, tanto com o jovem quanto com a família, é esclarecido o ato infracional e seu respectivo ajuste. De acordo com a constituição estes podem ser:

I-advertência;

II- obrigação de reparar o dano,

III- prestação de serviços a comunidade;

IV- liberdade assistida;

V- inserção em regime de semi-liberdade; internação em estabelecimento educacional. (ECA, cap.IV, artg. 112).

Cada uma destas práticas citadas acima tem suas particularidades, a primeira se trata de reparar atos infracionais com reflexos patrimoniais, onde o adolescente deverá restituir a coisa ou por outra forma compensar o prejuízo da vítima. Em outros atos os adolescentes são orientados a prestar serviços a comunidade, estes não podem ser em tempos maiores do que seis meses, geralmente são realizados em escolas, hospitais e outras instituições do governo ou comunitárias. Porém em São Borja, as atividades foram todas direcionadas ao CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistencia Social), como foi exposto pela coordenadora da instituição, Walleska. Assim como em todo o Brasil busca-se cada vez mais chegar-se a um consenso de proteção a Criança e o adolescente em situação de risco, em relação a instituições credenciadas legalmente e com critérios exigidos em lei para dar amplo atendimento as crianças e adolescentes em situação de risco, de toda e qualquer forma, e principalmente aos jovens infratores de nosso município. O CREAS de São Borja foi reorganizado no município em função de priorizar atendimento aos jovens e crianças infratoras, assumindo então a responsabilidade social proposta pelo judiciario, trabalhando conjuntamente a Juiza da Infância e da Juventude, com ministério público, Conselho da Criança e adolescencia, todos orgão legais e responsáveis em prestar atendimento em defesa da criança e do adolescente, com fim específico de não apenas dar proteção a esses jovens, mas também trabalhar com a reinserção do adolescente em seu meio social, sociedade, família, escola. A instituição é responsável pela determinação Judicial.Então esse Centro de referência de Assistencia Social, que constitui-se numa unidade publica estatal onde se ofertam serviços especializados e constituidos de apoio, orientação e acompanhamento ao indivíduos e família, com um ou mais de seus membros em situação de ameaça ou violação de direitos. E até ficar pronto o prédio do CRAS, onde será instalado o atendimento especializado a esses jovens o trabalho está sendo executado no CREAS, e os jovens que recebem punição e ficam prestando pena, são mandados para a FASE, que é regional e está localizado em Uruguaiana. Quando se fala em liberdade assistida refere-se a uma supervisão que um orientador faz pelo tempo mínimo de seis meses com o adolescente, este orientador verifica frequência do jovem na escola, sua reinserção social e familiar, tudo registrado através de relatórios. Os adolescentes de São Borja ao receberem a medida de semi-liberdade são encaminhados para FASE (Fundação de Atendimento Socio Educativo) que localiza-se em Uruguaiana-RS, onde devem permanecer em processo de educação e são inseridos em uma formação profissionalizante, esta medida não possui tempo mínimo ou máximo determinado na constituinte, os prazos das penas ficam sob decisão da Juiza da Infância e adolescência.

Consta no ECA uma ultima alternativa de medida, a internação em estabelecimento educacional, (FASE) como foi citado acima, esta é designada quando há uma grave infração como violência ou ameaça pessoal, ou por descumprimento continuo de outras medidas, o tempo máximo que o adolescente permanece nesta medida são três anos, porém atualizados se necessário a cada seis meses, também tem direitos de estarem em processo educacional, de receberem visitas semanais, estarem por dentro do processo em decorrência e serem tratado com dignidade e respeito.

A Fundação de Atendimento Sócio-Educativo (FASE-RS) é o órgão responsável pela execução das medidas sócio-educativas de internação e de semiliberdade, aplicadas judicialmente aos adolescentes que cometem ato infracional. Foi criada a partir da da Lei Estadual nº 11.800, de 28 de maio de 2002, em substituição à Lei nº 5.747 de 17 de janeiro de 1969.

Todo o atendimento que é prestado pela Fundação é regido pelo Programa de Execução de Medidas Sócio-educativas de Internação e Semiliberdade - PEMSEIS, e embasa-se no Plano Individual de Atendimento. A garantia aos direitos individuais e coletivos é o ponto básico da intervenção técnica e administrativa, e visa os aspectos pedagógicos e terapêuticos no atendimento aos adolescentes.(site FASE-rs)

CONCLUSÃO

Com base neste estudo e observação etnográfica, é possível tecer algumas considerações em relação às medidas sócias educativas, que são aplicadas aos adolescentes que cometem algum ato infracional, seja ele grave ou não. Nesta direção, constata-se que toda a direção seguida pelos profissionais, específicos para o desenvolvimento das medidas, são pautadas pelo ECA, tal como as instituições de apoio a criança e ao adolescente.

Referindo-se aos adolescentes em cumprimento as medidas, através das informações coletadas é possível dizer que são diversos os fatores que o levam a descumprirem as leis. A adolescência é uma etapa da vida em que o mesmo, esta em transformação, há uma grande dificuldade de enquadrar-se no padrão exigido pelo sistema consumista, muitas vezes falta também o subsídio do poder familiar, existem as fragilizações nos vínculos familiares,a família que não está presente, o que ocasiona muitas vezes um individuo sem maturidade, e que usa de qualquer meio para conseguir seus objetivos, e que faz uso de meios não lícitos para conseguir tudo o que quer, na hora que quer, como forma de inserção na sociedade de consumo.

Diante de tudo, é que se realizam a efetivação das medidas, o trabalho conjunto entre instituição, família, e adolescente, tendo como finalidade apoiar o adolescente, e a prevenção, antes da punição. Onde na maioria das vezes acarreta a reincidência dos jovens, que em algum que momento entraram em conflito com a lei, no contexto de criminalidade. Porém não maior que no meio de punição do cárcere. Pois a forma de reinserção do adolescente na sociedade de recuperação é de investir e apoiar no sistema sócio-educativo e auxiliar a sociedade a ser um lugar melhor para se viver, com menor criminalidade e maior inclusão social.

REFERÊNCIA

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: MEC, 2005. p.71.

BRASIL. Constituição Federal.Brasília: Senado da República, 1988.p.08

SALES, Mione Apolinario. (In)visibilidade perversa: adolescente infratores como metáfora da violência. São Paulo: Cortez, 2007.

GEERTZ, Clifford. La Ynterpretacion de las Culturas, Editorial Gedisa

Godoy, Mariana Molina e Oliveira, Juliene Anglio de. Artigo: adolescentes que cumprem medida sócio educativa no projeto alerta: vitimas de violências. Acessado: http://www.fase.rs.gov.br

Corpo Editorial

Prof. Dr. ALFREDO ALEJANDRO GUGLIANO - UFRGS

Prof. Dr. DEJALMA CREMONESE - UFRGS

Prof. Dr. CESAR BERAS - UNIPAMPA

Profa. Dra. ELISÂNGELA MAIA PESSÔA - UNIPAMPA

Prof. Dr. FERNANDO DA SILVA CAMARGO - UFPEL

Prof. Dr. GABRIEL SAUSEN FEIL - UNIPAMPA

Profa. Dra. PATRÍCIA KRIEGER GROSSI - PUC

Prof. Dr. RONALDO B. COLVERO - UNIPAMPA

Profa. Dra. SIMONE BARROS OLIVEIRA - UNIPAMPA

Profa. Dra. SHEILA KOCOUREK - UFSM

Prof. Me. EDSON PANIAGUA - UNIPAMPA